



CEC 2021

Anais do VIII Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL



PR
Pró-Reitoria de
EC
Extensão e Cultura



7ª SIIPE
SEMANA INTEGRADA
UFPEL 2021

➤ INOVAÇÃO ➤ ENSINO ➤ PESQUISA ➤ EXTENSÃO



CEC 2021

VIII CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA - CEC

Comissão Organizadora

Ana Carolina Oliveira Nogueira
Betina Dummer Uczak
Eleonora Campos da Motta Santos
Eraldo dos Santos Pinheiro
Gustavo Dias Ferreira
Mateus Schmeckel Mota
Mirian Rosa Fava
Rafaela Mello Blödorn

Mediadores

Ana Carolina Oliveira Nogueira
Eleonora Campos da Motta Santos
Gustavo Dias Ferreira

Organizadores dos anais

Eraldo dos Santos Pinheiro
Mateus Schmeckel Mota
Paula Garcia Lima

Design Editorial

Júlia de Lima Valadão

Debatedores

Adriana Schuler Cavalli
Aline Joana R. W. Alves dos Santos
Ana Clara Correa Henning
Ana da Rosa Bandeira
Andréa Lacerda Bachettini
Antonia Espindola Longoni Klee
Aristeu Elisandro Machado Lopes
Chris de Azevedo Ramil
Cláudia Fernanda Lemons e Silva
Diego Eugênio Roquette Godoy Almeida
Ezilmara Leonor Rolim de Sousa
Forlan La Rosa Almeida
Giana de Paula Cognato
Giovana Duzzo Gamaro
Giselda Maria Pereira
Giselle Molon Cecchini
Helenice Gonzalez de Lima
Josias Pereira
Leandro Ernesto Maia
Leonardo da Silva Oliveira
Lorena Almeida Gill
Lucia Rota Borges
Manoel Gildo Alves Neto
Márcia de Oliveira Nobre
Marina de Oliveira
Marislei da Silveira Ribeiro
Michele Negrini
Noris Mara Pacheco Martins Leal
Paula Garcia Lima
Renata Heidtmann Bemvenuti
Rodrigo Casquero Cunha
Stefanie Griebeler Oliveira



CEC 2021

Expediente Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel 2021-2024

Pró-Reitor

Eraldo dos Santos Pinheiro

Assessoria / Secretaria

Nádia Najara Kruger Alves - assessora

Coordenação de Arte, Cultura e Patrimônio

Eleonora Campos da Motta Santos - coordenadora

Coordenação de Extensão e Desenvolvimento Social

Ana Carolina Oliveira Nogueira - coordenadora

Silvia Carla Bauer Barcellos

Coordenação de Saúde e Educação

Gustavo Dias Ferreira - coordenador

Núcleo de Apoio a Projetos de Extensão

Mateus Schmeckel Mota - chefe

Seção de Divulgação da Extensão

Paula Garcia Lima - chefe

Seção de Mapeamento e Inventário

Andrea Lacerda Bachettini - chefe

Daniela da Silva Pieper

Seção de Registro e Acompanhamento

Cátia Aparecida Leite da Silva – chefe

Leticia Silva Dutra Zimmermann

Raquel Silveira Rita Dias

Terena Souza da Silva

Colaboradores

Cátia Fernandes de Carvalho

Jerri Teixeira Zanusso

VIII CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA - CEC

O papel político, social e científico da Universidade na sociedade atual

O tema da 7ª Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão (SIIEPE), no título deste ensaio, nos remete a refletir sobre o atual momento das Universidades públicas brasileiras e os reflexos na sociedade. O cenário desafiador que surge com a pandemia COVID-19, somado aos pensamentos retrógrados das atuais lideranças formais do nosso país, expuseram as fragilidades e as fortalezas das nossas Universidades. Neste sentido, as buscas por novas respostas para reagir a este momento de crise na Universidade Federal de Pelotas, envolveram esforços de técnicos administrativos em educação dedicados, de professores abnegados e de estudantes auspiciosos.

De tal modo, realizar um evento que responda aos anseios da comunidade acadêmica, que está afastada de suas atividades “normais” há mais de um ano, não foi tarefa fácil.

A nossa SIIEPE é uma das fortalezas da nossa comunidade acadêmica. É um dos momentos em que nossos(as) estudantes são os(as) protagonistas em um evento que conseguimos apresentar para sociedade o que estamos produzindo e de que forma estamos impactando nas diferentes comunidades.

Além disso, a SIIEPE é o local em que se concretiza a lógica da diversidade acadêmica: mostramos como e onde estamos aplicando os conhecimentos difundidos e debatidos na universidade, como geramos novos conhecimentos, como aprendemos (ainda de forma incipiente) com os saberes populares tradicionais e como nos relacionamos com as comunidades. Ademais, preservamos a nossa pluralidade cultural através do estímulo às diversas áreas de conhecimento em um ambiente acadêmico profícuo.

O Congresso de Extensão e Cultura de 2021, assim como o de 2020, foi totalmente virtual e gratuito. Este formato possibilitou a participação de estudantes de todas as regiões do país. Este ano tivemos 470 trabalhos aprovados, sendo 94 externos. Ainda, tivemos 233 avaliadores, 100 trabalhos apresentados de forma oral (vídeo), em 20 salas com 32 debatedores. Além dos trabalhos orais apresentados tivemos 3 exposições da nossa Revista Cultura e 5 palestras com temas inerentes ao tema da SIIEPE.

VIII CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA - CEC

O papel político, social e científico da Universidade na sociedade atual

Esperamos que em 2022 o evento se torne ainda mais robusto, com a esperança de que esta crise sanitária, política e social seja estancada e possamos ter um recomeço em um país que pense em todas as pessoas.

Desfrutem dos registros dos anais do Congresso de Extensão e Cultura do SIIPE 2021!

Prof. Dr. Eraldo Pinheiro
Pró-Reitor de Extensão e Cultura
Universidade Federal de Pelotas

Dados de catalogação na fonte:
Ubirajara Buddin Cruz – CRB 10/901
Biblioteca de Ciência & Tecnologia - UFPel

C749a Congresso de Extensão e Cultura da UFPel (8. : 2020 : Pelotas)
Anais do... [recurso eletrônico] / 8. Congresso de Extensão e Cultura ; org. Eraldo dos Santos Pinheiro, Matheus Schmeckel Mota, Paula Garcia Lima. – Pelotas : Ed. da UFPel, 2021. – 1906 p. : il.

ISSN: 2359-6686

Modo de acesso: <http://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/anais/anais-2021>

1. Extensão. 2. Cultura. 3. Educação. I. Pinheiro, Eraldo dos Santos. II. Mota, Mateus Schmeckel. III. Lima, Paula Garcia. IV. Título.

CDD: 378.1554

SUMÁRIO

CORAL UFPEL 2021: PROCESSO DE PRODUÇÃO MUSICAL DE EL TUNGUELÉ (EDUARDO MATEO ; ARRANJO CORAL DE LEANDRO MAIA)

ALEX GOMES FERREIRA; LEANDRO MAIA.

18

CORPOS LGBTQIA+ NAS ARTES DA CENA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA 'SUI GENERIS' DA CIA FUNDO MUNDO

ALÊXANDER CHRISTOPHER PEREIRA GARCIA; ALEXANDRA DIAS.

22

LADRA, LABORATÓRIO DE DRAMATURGIA NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO DO PROCESSO DE EXERCÍCIOS DO ENSINO PARA A EXTENSÃO.

ALICE PEREIRA BUCHWEITZ; MARINA DE OLIVEIRA.

26

CINE UFPEL PARA ESCOLAS E ASILOS DURANTE A PANDEMIA: OFICINAS DE MONTAGEM PARA A COMUNIDADE

ALICE SOARES DE MOURA AVELLAR CORSINI E GASTALDON CYRINO; CÍNTIA LANGIE ARAÚJO.

30

MEMORIAL DO ANGLO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA A CONSOLIDAÇÃO DE UM ESPAÇO INCLUSIVO

AMANDA CORREA BOTELHO; ANDRÉA LACERDA BACHETTINI; ELEONORA CAMPOS DA MOTTA SANTOS; ROGÉRIA APARECIDA CRUZ GUTTIER; CATIA FERNANDES DE CARVALHO.

34

INFLUÊNCIA DA PANDEMIA DO COVID-19 NA CASUÍSTICA DO SERVIÇO DE ATENDIMENTO ESPECIALIZADO EM ENDOCRINOLOGIA DE PEQUENOS ANIMAIS – ENDOCRINOPEQ UFPEL

ANA JÚLIA RODRIGUES TEIXEIRA RAMOS; ADELINE BOGO MADRIL; BRENDA MADRUGA ROSA; NATÁLIA DIAS PRESTES; CAMILA MOURA DE LIMA; MARIANA CRISTINA HOEPPNER RONDELLI.

38

SUMÁRIO

ISOLAMENTO DIGITAL: UMA CAPACITAÇÃO EM REDES SOCIAIS PARA A POPULAÇÃO IDOSA

ANA PAULA CHIARELLI; LORENA ALMEIDA GILL.

42

A HQ SOBREVIVENDO: PROCESSO CRIATIVO E INCLUSIVO

ANDRÉ GUSTAVO DE CAMPOS; JACKELINE SANTOS NUNES; NÁDIA DA CRUZ SENNA.

46

O PAPEL POLÍTICO, SOCIAL E CIENTÍFICO DE UM MUSEU HISTÓRICO NA SERRA DOS TAPES: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

ANDRÉA CUNHA MESSIAS; CARLISTON LIMA RIBEIRO; CARLOS EDUARDO ÁVILA BAUER; NAIR CARRIL FONSECA; MARCOS ROBERTO SILVA SOUZA; DIEGO LEMOS RIBEIRO.

50

NÚCLEO DE TREINAMENTO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO: PREPARANDO TERRENO PARA PLANTIO E COLHEITA NA CENA POÉTICA

BÁRBARA SCOLA LOPES DA CUNHA; MANUELA TATIANA GARCIA; GISELLE MOLON CECCHINI.

54

ESPAÇO E TEMPORALIDADES DA ARTE EM GIF – UMA AULA ABERTA COM ADRIAN LOPEZ CREGO

BERNARDO CALDAS DE SOUZA; NATHANIELE PEREIRA SILVEIRA; EMANUELA DI FELICE.

58

MEMÓRIA E IDENTIDADE: O TERRITÓRIO QUILOMBOLA EM PIRATINI/RS A PARTIR DO ACERVO DA ALM

BETHÂNIA LUISA LESSA WERNER; NATHALIA LIMA ESTEVAM; GEORGE MARINO SOARES GONÇALVES; LUKAS DOS SANTOS BOEIRA; GILBERTO LOGUERCIO COLLARES.

62

SUMÁRIO

PROTAGONISMOS NEGROS NA CIDADE DE PELOTAS

BIANCA LEOCADIO DUARTE; GABRIELLE GARCIA GOTUZZO; LORENA ALMEIDA GILL.

66

MULHERADA: Uma ação sociocultural do Tatá Núcleo de Dança-Teatro na comunidade de Pelotas

BIANCA MENDES ASCARI; MARIA FONSECA FALKEMBACH.

70

O SEMINÁRIO DE DANÇAS NEGRAS DO RIO GRANDE DO SUL: CARTA CONVITE A MOVIMENTOS DE SOLIDARIEDADE

*BRUNO FERREIRA FREITAS; GABRIELA SOUZA DA ROSA; RAQUEL SILVEIRA RITA DIAS;
MANOEL GILDO ALVES NETO.*

74

MULHERES, CIÊNCIAS E MUSEUS: O CASO DAS IRMÃS FIGUEIREDO

CAMILA DE MACEDO SOARES SILVEIRA; DANIEL MAURÍCIO VIANA DE SOUZA.

78

LEITURA E CULTRA – PROJETO DE FÉRIAS

DAIANA DE MOURA ETCHEERRIA; SIMONE GRACIELA TEIXEIRA DINIZ.

82

MEMÓRIA E TRADIÇÕES DOCEIRAS DE PELOTAS EM AÇÕES JUNTO AO MUSEU DO DOCE, PELOTAS-RS, SOB A PERSPECTIVA DO DESIGN EMOCIONAL

DANIELLA MANO MARQUES; ROBERTO HEIDEN.

85

SUMÁRIO

O ENSINO COLETIVO DE MÚSICA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DO ENSINO REMOTO.

*DIANARA DE ALMEIDA RAMOS; ALISSON OLIVEIRA DA SILVA; JAMILE LIMA
DOS SANTOS; TAIS DANTAS.*

89

CENTENÁRIO DO ÁLBUM DE PELOTAS DE 1922: FOTOGRAFIAS, MEMÓRIA E HISTÓRIA

DOUGLAS DE LIMA JARDIM; ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES

93

SEMANA DO FOLCLORE (2012-2021): UMA DÉCADA DE HISTÓRIA

EDERSON ZANETI VERGARA; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS; CARMEN ANITA HOFFMANN.

97

DIVULGAÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE SAÚDE MENTAL POR MEIO DE SÉRIE ANIMADA PARA A REDE SOCIAL

*ELIAS DE MORAES JÚNIOR; GUILHERME CARVALHO DA ROSA; VANESSA DE ARAÚJO
MARQUES; MATEUS LUZ LEVANDOWSKI; TIAGO NEUENFELD MUNHOZ.*

101

AÇÕES DO LABORATÓRIO ABERTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS A PARTIR DA PANDEMIA DE COVID-19

*FILIFE CASTRO ALVES WESSELY; BRUNA DE OLIVEIRA AVILA; CLARA RIBEIRO DO VALE TEIXEIRA;
OLGA GENI PINTO JECK CABRAL; KELI CRISTINA SCOLARI; ANDREA LACERDA BACHETTINI.*

105

ORGANIZAÇÃO DO MUSEU DO GRÊMIO ESPORTIVO BRASIL

GABRIEL IVAN SOEIRO BICHO; NORIS MARA PACHECO MARTINS LEAL

108

SUMÁRIO

SEXUALIDADE EM REDE: A PROSTITUIÇÃO VIRTUAL E SEU CONSUMO NA PANDEMIA

GABRIELA PECANTET SIQUEIRA; RAFAELA GARCIA GIMENES; MARTHA RODRIGUES FERREIRA; HELOISA HELENA DA SILVA DUARTE PEREIRA; LOUISE PRADO ALFONSO.

112

URBANISMO POPULAR: PROTAGONISMO COLETIVO E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO COMUNITÁRIO

GABRIELA WREGE PARRA; THIFANI GOMES ORTIZ MACHADO; JULIANA AIDÉ BORTOLOTTI; FELIPE AIRES THOFEHRN; LUCIANA CAVALHEIRO DE FREITAS; EMANUELA DI FELICE.

116

(RE)CONHECENDO AS MULHERES DA LITERATURA BRASILEIRA: REFLEXÕES SOBRE O CONTO “A ESCRAVA”, DE MARIA FIRMINA DOS REIS.

GABRIELE OLIVEIRA DA CUNHA; ANGÉLICA GONÇALVES; RÔMULO SCHWANZ DIEL; PAULA CICILIATO; TALITA SANTOS PANTALEÃO DA SILVA; GABRIELA SEMENSATO FERREIRA.

120

RAMPA – A ESTRUTURAÇÃO DO ESCRITÓRIO MODELO DE ARQUITETURA E URBANISMO

GABRIELLY POPIU; LUCILENE DE LIMA ROCHA; MICHELE CRISTINA VONS; TAIS MARINI BRANDELLI.

124

UNATI: ADAPTAÇÃO AO ENSINO REMOTO

GIOVANNA ALFE; GEOVANA COELHO FERREIRA; ALEXANDRE BARCELLOS DALRI.

128

O MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO (MuDI) COMO FERRAMENTA DE MANUTENÇÃO DA MEMÓRIA VÍVIDA NO CONTEXTO PANDÊMICO.

GIULIANNA PICOLO BERTINETTI; GUILHERME SUSIN SIRTOLI; CAROLINA FOGAÇA TENOTTI; DANIEL MAURICIO VIANNA DE SOUZA; NORIS MARA PACHECO MARTINS LEAL.

132

SUMÁRIO

O PODCAST COMO UMA FORMA DE DIVULGAR O PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO DA UFPEL

HELLEN DA SILVA BITENCOURT; PAOLA CAROLINA ECKERT; DALILA MÜLLER.

136

EU SEI QUE VOU TE AMAR: UMA CARTA ABERTA DAS VOZES FEMININAS DO CORAL UFPEL 2021

IZABELLA CAMILA DOMINGOS SANTOS; LEANDRO MAIA.

140

“COLAPSO VISUAL”: REFLEXÕES SOBRE UM PROJETO DE EXTENSÃO CRIADO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

JÚLIA VARGAS ABREU; OSCAR PEREIRA GOULART NETO; CHRIS DE AZEVEDO RAMIL.

144

FORMAÇÃO = PROFISSIONALIZAÇÃO: UM RELATO SOBRE A 3ª SEMANA ACADÊMICA INTEGRADA DAS ARTES

*KARINA DO NASCIMENTO SOUSA LIMA; DANIEL YUTA HIGA;
GABRIELA DA COSTA GOMES; NÁDIA DA CRUZ SENNA.*

148

OS MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS NA LUTA PELO DIREITO À CIDADE

*KAROL ROSA DE ALMEIDA; ROBERTA FERNANDA DOS SANTOS CUBAS;
MELINA MONKS DA SILVEIRA, LOUISE PRADO ALFONSO.*

152

Um Museu Virtual para o Patrimônio Imaterial: o caso do Museu Polo Morro Redondo

LAILA DA SILVA OLIVEIRA; FRANCISCA FERREIRA MICHELON; JOÃO FERNANDO IGANSI.

156

SUMÁRIO

AÇÕES DE REVITALIZAÇÃO NO PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA DA ALFÂNDEGA EM 2021

LIZANDRO CARDOSO LOPES; BRUNO ALEXANDER; JOÃO PEDRO LOPES; ALENCAR IBEIRO de OLIVEIRA; HEBERT ROSSETTO; CLÁUDIA LEMONS e SILVA.

160

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA CONSTRUINDO PONTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UM PROJETO COM PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE VECHTA - ALEMANHA

LUCAS RAPHAEL DA COSTA QUEIROZ; GABRIELA DIEL DE ARRUDA; JULIANA DIEL DE ARRUDA; ÍRIS PAHMEIER; MICHAEL BRAKSIEK; MATEUS DAVID FINCO.

164

NÚCLEO DE ESTUDO SOBRE O TRABALHO DO ATOR EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

MANUELA TATIANA GARCIA; BÁRBARA SCOLA LOPES DA CUNHA; GISELLE MOLON CECCHINI.

167

RUAS DE LAZER E O PROCESSO DE PACTUAÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS E A PREFEITURA DO MUNICÍPIO: UM ESTUDO DESCRITIVO

MARCOS PAULO DE OLIVEIRA DA SILVA; ITALO FONTOURA GUIMARÃES; VIVIAN HERNANDEZ BOTELHO; GUSTAVO DIAS FERREIRA; INÁCIO CROCHEMORE SILVA.

171

PROJETO ÓPERA NA ESCOLA: O PAPEL POLÍTICO E SOCIAL NA CULTURA

MARIA CLARA VIEIRA; MAGALI LETÍCIA SPIAZZI RICHTER.

175

DESAFIO GRÁFICO: PATRIMÔNIO EDIFICADO DE PELOTAS

MATEUS SCHAEFER BATISTA; DANIELE BEHLING LUCKOW; ANA PAULA DE ANDREA DAMETO; FERNANDA TOMIELLO.

179

SUMÁRIO

PATRIMÔNIO RURAL: UM ESTUDO DE CASO NO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS

MAURÍCIO ANDRÉ MASCHKE PINHEIRO; JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM; DIEGO LEMOS RIBEIRO.

182

A INTERDISCIPLINARIDADE NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: AÇÕES PARA ACESSIBILIDADE PARA O PROJETO LABORATÓRIO ABERTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS DA UFPEL

MAURÍCIO COSTA MONTONE; EDEMAR DIAS XAVIER JUNIOR; ANDRÉA LACERDA BACHETTINI.

186

ATRAVÉS DO ESPELHO: OS SENTIDOS NA VIRTUALIZAÇÃO DE COROS NO PROJETO GRUPO VOX

MERCIA CATIUSSA SILVA SOUSA; CARLOS ALBERTO OLIVEIRA DA SILVA.

190

A POSTAGEM DE TRABALHOS DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS NA PLATAFORMA DA REDE PHI: UMA REFLEXÃO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DECORRENTES DA PANDEMIA DE COVID-19

MORGANA DIAS MESQUITA; ALINE MONTAGNA DA SILVEIRA.

194

SARAU DANÇANTE: VERSOS E PROSAS NUMA POÉTICA TEÓRICOPRÁTICA DE CORPOS MADUROS EM CENA

NATALIA CRISTINA DE CAMARGO; CLAUDILENE CASTRO DE LIMA; DANIELA LLOPART CASTRO.

198

SUMÁRIO

BARRAGEM-ECLUSA DO CANAL SÃO GONÇALO: PERSPECTIVAS A PARTIR DO ACERVO HISTÓRICO DA AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA LAGOA MIRIM.

NATHALIA LIMA ESTEVAM; BETHÂNIA LUISA LESSA WERNER; GEORGE MARINO SOARES GONÇALVES; LUKAS DOS SANTOS BOEIRA; GILBERTO LOGUERCIO COLLARES.

202

EXTROVERSÃO DAS ATIVIDADES DO PROJETO DOCUMENTAÇÃO, RESTAURAÇÃO E EXPOSIÇÃO DA OBRA “SENHORAS TOMANDO CHÁ”

OLGA GENI PINTO JECK CABRAL; BRUNA DE OLIVEIRA AVILA; FILIPE CASTRO ALVES WESSELY; KELI CRISTINA SCOLARI; ANDRÉA LACERDA BACHETTINI.

206

“ACERVOS VIRTUAIS DA REDE DE MUSEUS DA UFPEL”: O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA IDENTIDADE VISUAL

*OSCAR PEREIRA GOULART NETO; CHRIS DE AZEVEDO RAMIL;
ANDRÉA LACERDA BACHETTINI.*

210

SUBVERSÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO: O POETA E A MUSA EM LÉSBIA, DE MARIA BENEDITA BORMANN

PAULA SIGRIST CICILIATO; ANGÉLICA GONÇALVES; RÔMULO SCHWANZ DIEL, JÚLIA MELO DOS SANTOS, TALITA SANTOS PANTALEÃO DA SILVA, GABRIELE OLIVEIRA DA CUNHA; GABRIELA SEMENSATO FERREIRA.

214

REFLEXÕES SOBRE ANTROPOLOGIA COMPARTILHADA A PARTIR DA “MOSTRA ARTÍSTICA DO PROJETO TERRA DE SANTO”

PEDRO HENRIQUE GUATURA DARLAN; LOUISE PRADO ALFONSO.

218

CINE UFPEL NA PANDEMIA: MOSTRA CINEMA COLETIVO

REBECA FRANCO FONSECA DE FREITAS; CÍNTIA LANGIE ARAÚJO.

222

SUMÁRIO

EXPOSIÇÃO VIRTUAL “VIVA A NOSSA (RE)EXISTÊNCIA” NA GIM DIGITAL: FORTALECIMENTO E AMPLIAÇÃO DAS VOZES NO CONTEXTO DE PESSOAS LGBTQIAP+

RENATO VIEIRA DE LIMA; PAMELA CRISTINA SANTANA PINTO; PATRICIA SCHNEIDER SEVERO.

226

O DESAFIO DE INTERVIR NOS CENTROS HISTÓRICOS

RICARDO PAVÉGLIO SOMMER; MELINA MONKS DA SILVEIRA; LOUISE PRADO ALFONSO.

230

PROJETO “CONVERSAS SOBRE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL”: O USO DE AMBIENTES DIGITAIS PARA A PROMOÇÃO DE ATIVIDADES EXTENSIONISTAS

ROGER FELIPE ROCHA VILELA; ANDRÉA LACERDA BACHETTINI.

234

(RE)CONHECENDO AS MULHERES NA LITERATURA BRASILEIRA: UM PROJETO DE ESTUDO SOBRE AS ESCRITORAS APAGADAS DO CÂNONE.

RÔMULO SCHWANZ DIEL; ANGÉLICA GONÇALVES; PAULA SIGRIST CICILIATO; JÚLIA MELO DOS SANTOS; TALITA SANTOS PANTALEÃO DA SILVA; GABRIELE OLIVEIRA DA CUNHA; GABRIELA SEMENSATO FERREIRA.

238

TEMPORADA 2021 DO ZERO4 CINECLUBE: PROGRAMAÇÃO CINEMATOGRAFICA DURANTE A PANDEMIA

*RUBENS FABRICIO ANZOLIN; ANDRÉ DE LIMA BERZAGUI; LAUREN MATTIAZZI DILLI;
ROBERTO RIBEIRO MIRANDA COTTA.*

241

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E PLATAFORMAS DIGITAIS: ALIADAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

TAMIE SOFIA FRONZA CRONST; VITORIA RABELO D'AVILA; LUCIANA BOOSE PINHEIRO.

245

SUMÁRIO

ESTUDO SOBRE OS CÓDIGOS CULTURAIS POMERANOS: EXPERIENCIANDO A PESQUISA NO LABORATÓRIO DE ESTUDOS AGRÁRIOS E AMBIENTAIS-LEAA

TIEISSA FONSECA DA SILVA; GIANCARLA SALAMONI.

249

A DEMOCRATIZAÇÃO DO CINEMA NO EXTREMO SUL DO BRASIL

*VICTOR PINHEIRO RIBEIRO DA SILVA; GABRIELLE RODRIGUES PERES; TAÍS DOS
SANTOS MIGUEL; GIANLUCCA COELHO COZZA; RAQUEL ANDRADE FERREIRA.*

253

FORCULTSUL: O SITE COMO FERRAMENTA DE FORTALECIMENTO DAS AÇÕES DE INCENTIVO À CULTURA

*YASMIN DE OLIVEIRA GUIDOTTI; ADRIANA FELIX DA SILVA; ANA CAROLINA OLIVEIRA
NOGUEIRA; ELEONORA CAMPOS DA MOTTA SANTOS.*

257

CORAL UFPEL 2021: PROCESSO DE PRODUÇÃO MUSICAL DE EL TUNGUE LÉ (EDUARDO MATEO ; ARRANJO CORAL DE LEANDRO MAIA)

ALEX GOMES FERREIRA¹; LEANDRO MAIA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – alex.gferreira@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – leandromaia.clpd@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata o processo de produção musical e a experiência vivida pelo Coral UFPEl durante o estudo, arranjo e gravação da música *El Tungue Lé* (1984), do cantautor uruguaio Eduardo Mateo (1940-1990). A transposição da canção popular para formação coral tem sido objeto de pesquisa junto ao Coral UFPEL junto à linha de pesquisa "Poética da Canção: processos criativos da canção popular", coordenado por Leandro Maia, regente do Coral UFPEL.

O Coral UFPEl nunca interrompeu suas atividades ao longo de sua história de projeto de extensão mais longo em atividade (MAIA, 2019) e, em função da Pandemia SARS-Covid 19, o grupo precisou se reinventar, utilizando ferramentas virtuais para ensaio e aprendizado (FERREIRA, SANTOS e MAIA, 2020). Esta nova forma de estudo, em modalidade EAD, vem sendo desenvolvida pela equipe de professores e bolsistas, criando espaços virtuais e metodologias de estudo que desenvolvem habilidades musicais que hoje são essenciais à prática coral como gravação, edição, mixagem, produção de vídeo e distribuição do conteúdo.

2. METODOLOGIA

O percurso do trabalho realizado pelo Coral UFPEl na Gravação de *El Tungue Lé* pode ser observado e todo o processo de estudos, ensaios e gravações descrito em 7 períodos compostos de atividades específicas:

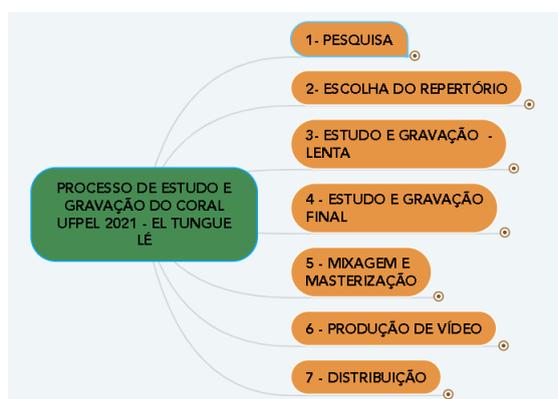


Figura 1: Etapas de Produção Musical de "El Tungue Lé", pelo Coral UFPEL.

As etapas de trabalho foram definidas de forma a associar Pesquisa Artística, em sua abordagem Autoetnográfica (LOPEZ-CANO e OPAZO, 2014), Análise Cancional (MAIA, 2019) e Sistematização de Experiências (JARA, 2006). Cabe salientar que o trabalho coral, em tempos de pandemia, teve de agregar novos elementos em sua produção musical, ao substituir o ensaio e a gravação síncrona pela produção audiovisual assíncrona.

A partir destas formulações, auxiliando planejamento e observação, foi possível identificar sete etapas básicas de trabalho descritas na Figura 1, iniciando-se com 1º) a Pesquisa de habilidades gerais dos coralistas (sondagem); 2º período - Escolha do repertório e criação do arranjo coral; 3º período - Estudos e ensaios para realizar gravação da canção em andamento lento (preparação dos coralistas); 4º período - Estudos e ensaios para gravação da faixa final; 5º período - Tópicos de produção musical: edição, mixagem e masterização; 6º período - Produção de Vídeo; 7º período - Distribuição de conteúdo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

1º período - Pesquisa de habilidades gerais dos coralistas. Foi realizada uma pesquisa e atualização de dados com todos os integrantes do Coral através de formulário criado na ferramenta *Google Docs*. As perguntas sondavam informações tais como "espaço para ensaio", "grau de privacidade para ensaiar", "equipamentos e tecnologias disponíveis", "velocidade de conexão de internet", "conhecimento e fluência na leitura de partituras", dentre outras questões relacionadas ao cadastro e documentação dos cantores. Essa pesquisa trouxe informações importantes e possibilitou conhecer mais sobre as características gerais do Coral UFPel 2021 para a tomada de decisões necessárias.

2º período - Escolha do repertório e criação do arranjo coral. Amparado pelas respostas relacionadas a conexão e capacidade de ensaio, foi escolhida a canção "El Tungue Lé", de Eduardo MATEO (Montevideo, 1940-1990), canção emblemática deste que é um dos expoentes maiores da música popular uruguaia (CABANNE, 2008). Dentre as motivações para escolha de repertório podem ser descritas a proximidade cultural Pelotas-Uruguaia, a investigação sobre processos relacionados à adaptação da canção popular urbana para a criação de arranjos corais (ver MACHADO e MAIA, 2020) e a intenção de desenvolver abordagem que explorasse a polirrítmica característica da música de MATEO, que possibilita explorar os aspectos musicais, cênicos e corporais do candombe uruguaio em sua versão de toque-afro.

A partir do delineamento do perfil das cantoras e cantores, passou-se à elaboração do arranjo coral. CAMARGO (2010, p. 21) aponta Villa-Lobos como um dos introdutores do arranjo coral no Brasil, em 1930, ainda que visasse o projeto modernista, em detrimento do uso da canção popular ligada à indústria fonográfica. Partituras, arquivos e guias de ensaio podem ser acessadas em [https://sites.google.com/view/coralufpel/el-tungue-lé](https://sites.google.com/view/coralufpel/el-tungue-le).

3º período - Estudos e ensaios para realizar gravação da canção lenta (preparação dos coralistas). Para viabilizar o estudo assíncrono, arquivos foram disponibilizados no portal de estudos online do Coral UFPel, desenvolvido com base na pesquisa e na observação da dinâmica de ensaio, atendendo à demanda por um local para compartilhamento e armazenamento na nuvem de maneira prática e de fácil acesso. A ferramenta gratuita *Google Sites* foi essencial para a criação do portal que é utilizado durante todo o processo para armazenar os arquivos e receber as gravações dos coralistas através de formulários integrados <https://sites.google.com/view/coralufpel>. A ferramenta complementa a metodologia

desenvolvida em 2020, descrita por (SANTOS, FERREIRA e MAIA, 2020). De posse dos materiais, os ensaios virtuais seguintes foram realizados para aprimorar a técnica de respiração, pronúncia, ritmo e afinação dos coralistas, com o objetivo de realizar a primeira gravação lenta. A gravação lenta é importante para o estudo técnico da música e gerar material audível para que os professores e bolsistas realizem seus retornos com vistas ao aprimoramento antes da gravação final.

El Tungue Lé Eduardo Mateo (1940-1990)
Arr. Leandro Maia

Figura 5. El Tungue Lé. Trecho do Arranjo.

4º período - Estudos e ensaios para gravação da faixa final. Os ensaios virtuais no 4º período foram realizados para aprimorar a técnica de acordo com o feedback da equipe perante a análise dos áudios enviados referentes a gravação lenta. Novos 4 arquivos de áudio guia são criados (piano e voz) para as 4 vozes. Dessa vez, os arquivos de áudio estão no tempo real para a gravação final. Os arquivos são disponibilizados no portal de estudos para ouvir, na mesma página do formulário de envio da gravação do coralista. Cabe salientar a fundamental preparação vocal realizada em todo o processo pela Prof. Dra Cristine Bello Guse, coordenadora adjunta do Coral UFPEL, e a realização de ensaios de naipe pela bolsista Izabela Camilla Domingos Santos.

5º período - Produção musical: Introdução a mixagem. Após realizar mixagem final e masterização da música, oficina de introdução a mixagem para os bolsistas foi realizada pelo coordenador do projeto, abordando os conceitos básicos e a introdução de plataformas de produção, edição e tratamento sonoro através do uso de plugins. A mixagem foi realizada na plataforma Logic. As oficinas, no entanto, primaram pela utilização do Reaper, tendo em vista seu acesso livre e gratuito. Cabe salientar a contribuição de Cristine Guse e Giselle Cecchini também no âmbito do arranjo, ao experienciarem as primeiras versões mixadas, ao propor o uso de sons improvisativos e efeitos sonoros de forma a evidenciar o caráter de festa e "loucura" proposta por Eduardo Mateo e pelo arranjador.

6º período - Produção de Vídeo. O roteiro do vídeo proposto para a canção foi idealizado por Alex Ferreira, com orientação de Giselle Cecchini, preparadora Cênica do Coral UFPEL e Coordenadora do Núcleo de Teatro da Universidade. A concepção cênica foi adaptada às possibilidades técnicas de armazenamento e tratamento de imagens, priorizando inserts de vídeos em coreografias manuais e imagens de rostos em interação com a temática de "loucura", expressas pela letra da canção. A produção de vídeo ocorreu após o término da gravação de áudio. Neste momento os coralistas são instruídos a boas práticas de filmagem, preparação corporal, cenografia e configuração de equipamento.

Devido a variedade de aparelhos de filmagem e suas configurações, todo material de vídeo que recebemos dos coralistas passaram por um tratamento inicial de cor, brilho, contraste e proporção (16:9).

7º período - Distribuição de conteúdo.

Após a produção do vídeo realizamos a distribuição do conteúdo. O vídeo foi renderizado de acordo com os parâmetros da plataforma Youtube onde está disponibilizado para acesso pelo link (<https://youtu.be/Lc3orhlpGA>). *El tungue Lé - Coral UFPEL*, em sua versão preliminar, compôs o repertório de Músicas lançadas na Mostra Virtual de Música Popular da UFPEL. Além disso, através de artigos, acadêmicos, publicação de partituras e outras produções, prevê-se a ampliação do acesso e a difusão do conteúdo produzido.

4. CONCLUSÕES

O Coral UFPEL, consolida-se em seu segundo ano consecutivo de trabalho remoto como um espaço de criação, sociabilidade e extensão universitária, resistindo em sua missão de promover a interação da universidade com a comunidade através do aprimoramento artístico. Assim, o Coral UFPEL 2021, apesar dos desafios atuais, continua a contribuir para a troca de experiências entre a universidade e a comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABANNE, Josseline I. Liberdade, identidade e criatividade na Música Popular Uruguia. **Comunicação & Educação**, v. 13, n. 3, p. 61-79, 2008.
- CAMARGO, Cristina Moura Emboaba da Costa. **Criação e arranjo: modelos para o repertório de canto coral no Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2010.
- JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. Oscar Jara Holliday; tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006. 128 p. ; 24 cm. (Série Monitoramento e Avaliação, 2)
- LÓPEZ-CANO, Rubén; SAN CRISTÓBAL, Úrsula. **Investigación artística en música. Problemas, métodos, experiencias y modelos**, v. 1, 2014.
- MAIA, Leandro Ernesto. QUERERES DE CAETANO: A CANÇÃO COMO LITERATURA EXPANDIDA. **Revista Organon**, v. 34, n. 67, p. 1-29, 2019.
- SANTOS, Izabella Camilla Domingos; FERREIRA, Alex Gomes, MAIA, Leandro Ernesto. CORAL DA UFPEL 2020: VOZES EM REDE. **Anais do VII Congresso de Extensão e Cultura**. Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Pelotas, 2020. Disponível em http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2020/XF_02144.pdf?ver=1601401694 acesso em 08/08/2021.
- MACHADO JUNIOR, Valmiro; MAIA, Leandro Ernesto. Se Eu Fosse Alguém: Arranjo Coral Colaborativo Como Ferramenta De Ensaio Virtual Do Coral Ufpel. **Anais do VI Congresso de Ensino de Graduação**. Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Pelotas, 2020.

CORPOS LGBTQIA+ NAS ARTES DA CENA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA 'SUI GENERIS' DA CIA FUNDO MUNDO

ALÊXANDER CHRISTOPHER PEREIRA GARCIA¹; ALEXANDRA DIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – alexanderlvforce@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – xandadias@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo expandido traz uma análise crítica da obra cênica '*Sui Generis*'¹ da Cia Fundo Mundo, apresentado no Festival de Circo *on-line* 2020 que faz parte do programa #JuntosPelaCultura2020². Em paralelo a isso, trago reflexões acerca dos corpos LGBTQIA+³ nas artes contemporâneas, construídas dentro do Projeto Unificado CoreoLab - Laboratório de Estudos Coreográficos, do qual sou bolsista. O CoreoLab está vinculado ao curso de Dança - Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), e é coordenado pela Profa. Dra. Alexandra Dias. O projeto está inserido no campo da arte-educação e visa problematizar conceitos da dança contemporânea. Buscando preencher lacunas existentes acerca do entendimento sobre dança contemporânea e suas possibilidades.

Durante o ano de 2021, o CoreoLab terá como base de pesquisa questões emergentes dos corpos LGBTQIA+ nas artes, ampliando as ações propostas como residências artísticas, debates e oficinas para o público, buscando aproximar a comunidade LGBTQIA+ das artes contemporâneas. Neste sentido, este texto tem como foco fazer uma reflexão crítica sobre a ocupação dos corpos Trans Masculinos e não-binário nas artes da cena, a partir da análise de uma das cenas da obra do grupo circense Cia Fundo Mundo formado por pessoas transexuais⁴, travestis⁵ e não-binárias⁶.

A obra circense '*Sui Generis*' aborda a temática do universo da transgeneridade, de forma ácida e provocativa. Seu elenco é composto por intérpretes-criadores transgêneros, travestis e não-binários. De uma forma cômica, o espetáculo mostra corpos potentes que se TRANSformam em cena. Buscando

¹  FESTIVAL DE CIRCO ONLINE DE SÃO PAULO | Cia. Fundo Mundo

² Programa de fomento e difusão cultural que une estados, prefeituras e segmentos artísticos para desenvolver a cultura e a economia criativa em todas as regiões de São Paulo, com gestão e produção da Amigos da Arte.

³ A sigla LGBTQIA+ representa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais e as demais orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.

⁴ Relativo à ou pessoa que se identifica com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído em consonância com seu sexo ao nascer, quer tenha ou não se submetido a um tratamento hormonal ou cirúrgico para adequar suas características físicas ao gênero com o qual se identifica.

⁵ Travesti é uma forma popular de chamar as mulheres transexuais, usada por anos para ofendê-las.

⁶ O termo não-binário refere-se às pessoas que não se percebem como pertencentes a um gênero exclusivamente. Isso significa que sua identidade de gênero e expressão de gênero não são limitadas ao masculino e feminino.

mostrar como a CIsgeridade⁷ está presente no comportamento imposto pela sociedade cisnormativa, e como isso afeta o nosso modo de sentar, de vestir e de se comportar perante a sociedade. Além disso, traz uma crítica a definição da identidade de gênero a partir da genitália biológica.

2. METODOLOGIA

A obra cênica escolhida é produzida e interpretada por pessoas LGBTQIA+, ‘*Sui Generis*’ tem duração de 58m:33s. Analiso a cena que se inicia em 23m:00s e termina em 39m:40s. A partir desta análise, problematizo a cisgeridade na arte contemporânea, bem como o lugar que os corpos LGBTQIA+ ocupam neste espaço.

A cena analisada acontece em um cenário que representa uma parada de ônibus, um homem chega olhando ao redor e senta no banco. Em seguida chega outro homem conversando ao celular, explicando para quem estava do outro lado da ligação como fazer uma chuca⁸. Logo que eles se vêem os dois tomam outra atitude ao organizar sua postura corporal, TRANSformando-a em uma postura dita certa para um homem hétero e cisnormativo, sendo rude, grosseiro, desleixado, etc.

Logo após, chega um terceiro homem na cena arrumando as genitais dentro da bermuda, este homem em questão tem um diferencial por aparentar ser um homem rude, tendo um porte grande, roqueiro com piercing no rosto e cara de brabo. O mesmo senta no banco no meio dos outros dois, e a partir disso começa a desencadear uma sequência de repetições de ações. Um deles pega dentro de uma bolsa uma lata de cerveja e bebe em um gole, e o segundo homem faz o mesmo. Já o terceiro homem, o com cara de brabo, pega um mini *cooler* na mochila e tira de dentro dela uma lata de fanta, fazendo um trocadilho com uma ‘piada’ extremamente homofóbica e transfóbica: Essa coca é fanta.

A cena continua com um imitando o outro, quando um dos homens tinha um comportamento dito como “ másculo” o outro reproduzia, como um arrotado, uma arrumada na genitália, uma mijada no poste na rua. Esse último comportamento em específico resulta em um deles arrumando o que seria sua genitália, porém ao se levantar o *packer*⁹ do mesmo cai no chão, todos se levantam e o olham, o homem instintivamente grita: É isso aí mesmo eu não sou cis!

A partir disso, os outros dois homens na cena também dizem a frase “eu não sou cis, eu não sou cis!”. A cena termina com o ônibus chegando na parada e todos embarcando. Identifico na cena a obrigação imposta pela sociedade

⁷Relativo a ou que tem uma identidade de gênero idêntica ao sexo que foi atribuído à nascença, por oposição a transgênero (ex.: pessoas cisgênero). Grafia no Brasil: cisgênero.

⁸ Enema ou chuca. Prática da medicina também chamada de hidrocolonterapia que consiste em introduzir uma mangueira no ânus da pessoa, injetar água e depois retirar. O objetivo principal é lavar o intestino.

⁹ Apesar de ser uma palavra oriunda do inglês, nesse contexto é um nome dado a uma prótese peniana realista feita de silicone de alta qualidade que imita a pele humana.

cisnormativa de que um homem tem que se comportar de maneira hostil, falar grosso, sentar com as pernas abertas e coçar a genitália.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É nítido no meu dia-a-dia como homem trans artista-pesquisador que o sistema cisnormativo imposto pela sociedade interfere nos nossos corpos em cena e no querer estar em cena, por medo e receio de sofrer homofobia ou transfobia¹⁰. No meu processo acadêmico pesquiso a relação dos homens trans nas artes da cena e encontro poucos trabalhos científicos sobre o assunto. A escassez de produções acadêmicas é reflexo da expulsão e exclusão de pessoas trans de espaços formais de ensino desde muito cedo (RODRIGUES, 2016, p.10)

Apesar disso, tenho encontrado diversos artistas trans masculinos pela América Latina que buscam, através de seus corpos, respeito e visibilidade. É de fundamental importância que esses artistas se empoderem do seu lugar de fala nas artes da cena. De acordo com Ferreira,

A performance se apresenta como uma potente linguagem provocadora de questionamentos e reflexões, uma vez que corpos dissidentes assumem seu local de fala. [...] a população transexual nunca ganhou espaço para falar de si e por si e essas vozes, quando conquistam uma posição de prestígio e, nesse caso o acesso ao circuito de artes, obtém certa “visibilidade” (FERREIRA, 2019, p.23).

Traço essa reflexão acima com a cena analisada, em que os artistas usam seus corpos trans para problematizar e criticar as imposições da sociedade que oprimem corpos que fogem dos padrões cisnormativos. Tendo em vista que o Brasil é o país que mais mata travestis, transexuais e transgêneros no mundo, é compreensível o receio de expor seus corpos. De acordo com o Boletim nº 002/2021 da ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais, o Brasil tem 89 pessoas trans mortas no 1º semestre de 2021. Sendo 80 assassinatos, 9 suicídios. Houveram ainda 33 tentativas de assassinatos e 2 violações de direitos humanos.

4. CONCLUSÕES

A partir disso, entendo que conceber uma obra cênica composta por pessoas LGBTQIA+ nos dias atuais é sinônimo de muita luta, de um enfrentamento à imposição do ideal de corpo que tem que estar em cena. De um corpo que tem medo de existir em uma sociedade que não nos quer ocupando

¹⁰ Tanto homotransfobia quanto LGBTfobia designam, de forma generalizada, o conjunto de crimes de ódio cometidos contra as minorias sexuais em virtude de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero.

espaços ditos comuns. A fala “Eu não sou cis!”, tem significado incomparável para quem vive essa opressão diariamente, nos empoderando e dando força para continuar a ocupar esse lugar de criação e pesquisa, como corpos LGBTQIA+, nas artes contemporâneas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVIDE, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. BOLETIM TRANS - 002 - 2021 p.01. Disponível em:

<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/07/boletim-trans-002-2021-1sem2021-1.pdf> . Acesso em 1 ago.2021

CAVALCANTI, Céu; SANDER, Vanessa. Contágios, fronteiras e encontros: articulando analíticas da cisgeneridade por entre tramas etnográficas em investigações sobre prisão. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/gN4ZdVsJwfnYkxyc7VQhtjj/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em 1 ago. 2021

FERREIRA, Débora Armelin. A arte como arma em território hostil. Enfrentamentos nas produções de Lyz Parayzo [Online], 39 | 2019 . Disponível em: <https://journals.openedition.org/cidades/1399> . Acesso em 4 ago. 2021

RODRIGUEZ, Claudia. Las travestis debemos tener derecho a leer sobre lo que escriban otras travestis. 2016. Disponível em: <http://www.claudiarodriguez.cl/lastravestis-debemos-derecho-leer-lo-escriban-otra-s-travestis/>. Acesso em 1 ago. 2021.

SANTOS, Éverton de Jesus; SILVA, Carlos André Lima. QUEM A HOMOTRANSFOBIA MATOU HOJE? UMA LEITURA COMPARADA DOS RELATÓRIOS DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTQ+ (2011-2019) v.6 n 1 p.1222. Disponível em: https://periodicos.ifal.edu.br/diversitas_journal/article/view/1725 . Acesso em 3 ago. 2021

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar. UFMG, 2010. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1662> . Acesso em 3 ago. 2021

LADRA, LABORATÓRIO DE DRAMATURGIA NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO DO PROCESSO DE EXERCÍCIOS DO ENSINO PARA A EXTENSÃO.

ALICE PEREIRA BUCHWEITZ¹; MARINA DE OLIVEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – buchweitz@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marinadolufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O LADRA – Laboratório de Dramaturgia da UFPel é um projeto unificado, coordenado pela professora do curso de teatro, Marina de Oliveira. Ele surgiu no âmbito de ensino da Universidade, com o intuito de guardar as produções acadêmicas produzidas pelos alunos da cadeira de dramaturgia, da qual fui monitora, em 2020. A princípio o interesse era que registrássemos nossas produções criativas para que no decorrer do curso pudéssemos acessar e observar nossa evolução criativa e dramaturgica, mas vimos nesse período a oportunidade de aprofundarmos os nossos estudos surgindo assim o desdobramento do Laboratório na pesquisa e na extensão.

No ensino o projeto abriga o trabalho desenvolvido pelos alunos da cadeira de dramaturgia, nessa cadeira estão presentes os alunos do teatro e também de outras graduações. Na pesquisa trabalhamos com a análise das criações que são produzidas pelo LADRA num todo e entrelaçamos com os aportes teóricos vinculados ao tema e na extensão surgiu a ação: “Ladra – Laboratório de dramaturgia na escola”.

Neste texto, vou falar da minha experiência enquanto bolsista do projeto de extensão, na ação que consistiu em uma oficina destinada aos alunos do ensino médio da rede pública. O objetivo da oficina foi investigar as diferentes possibilidades de criação no campo da dramaturgia. Durante o período de dez semanas os alunos tiveram a possibilidade de criar, discutir temas que são relevantes para eles e para o mundo, se observaram como criadores de conteúdos e iniciaram seus estudos de maneira divertida no mundo do teatro.

2. METODOLOGIA

Durante o período de dez semanas, seis alunos do Colégio Municipal Pelotense do 1º e 2º ano do ensino médio e seu professor, imergiram dentro do mundo do teatro e da dramaturgia, trabalhando conteúdos de maneira que pudessem instigar e labutar a sua criatividade. O discente do curso de teatro, Caio Tavares Porciúncula, participou com ouvinte da oficina, pois também compõe o projeto de extensão. Essas semanas foram conduzidas pela minha vontade de trabalhar o conteúdo de Patrice Pavis e o seu “Dicionário de Teatro”, que aborda os elementos da linguagem teatral. Desse material peguei alguns conceitos importantes como: cenário, figurino, platéia, público, ator, personagem, sonoplastia, iluminação e figurino, componentes esses que acredito serem necessários na dramaturgia e por aí demos partida as nossas criações.

No decorrer das semanas pôpus quatro atividades, juntamente da teoria, que os fizessem exercitar o que estava sendo abordado. As tarefas foram:

Criação de uma pequena cena, releitura, fotonovela/rádionovela e escrita livre. Esses exercícios eram programados para serem feitos de maneira assíncrona, tendo como tempo de criação 7 dias para realizá-las, onde no encontro síncrono víamos o resultado final, compartilhando das facilidades e dificuldades, o quê os instigou, o quê reverberou, e diversas vezes as conversas iam para questionamentos como “o quê poderia ter sido feito diferente?”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Finalizamos a nossa primeira turma desse projeto de extensão no dia 29 de junho de 2021, como mencionado anteriormente foram realizados quatro tipos de exercícios e os seus resultados foram satisfatórios.

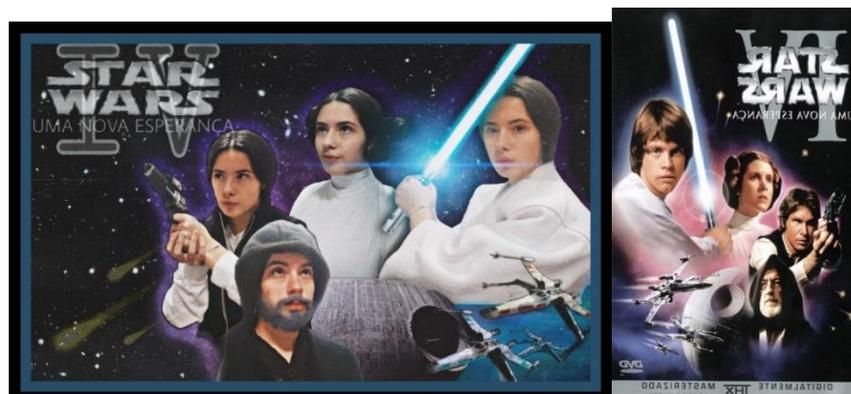
Além de ter encontrado uma turma engajada com a arte e disciplinada tanto nos seus horários quanto na vontade de querer conhecer mais, os resultados produtivos foram de 90% de aproveitamento, tendo somente uma aluna que não realizou três das quatro tarefas, mas se fez presente nas oficinas e nas trocas e debates.

A seguir você verá alguns resultados dos exercícios mencionados. Todas essas imagens foram autorizadas pelos alunos e seus responsáveis.



Professor Joaquim Dias – 1º exercício (pequena cena)

Nesse primeiro exercício a ideia era que se fizesse um vídeo trazendo qualquer situação do dia-a-dia ou algo que os instigasse para seu primeiro contato com a relação entre a teoria dos elementos da linguagem teatral e a dramaturgia. A proposta eram cenas pequenas, em torno de 30 segundos. Na imagem retirada do vídeo, o professor Joaquim traz a ideia de ‘cobrança’ de dívidas.



Aluna Karolaine Peres – 2º exercício (releitura)

A ideia de Karolaine para a segunda atividade veio com a sua percepção de uma releitura do pôster de Star Wars. Na discussão após a apresentação do processo, ela relatou que além de ser um dos seus filmes favoritos, se divertiu fazendo todos os personagens desde a maquiagem ao figurino e se desafiou nos programas de edição para trazer a maior semelhança possível com o cartaz.



Aluno José Adriano Vasconcellos – 3º exercício (fotonovela)

A história trazida pelo aluno José Adriano é uma fotonovela de cerca de 5 minutos que retrata um assassinato em um grupo de amigos. Adriano montou toda a sua fotonovela interpretando os quatro personagens que aparecem durante a ficção proposta, além de relatar ter se divertido fazendo as diferenciações de personagens. Além disso, ele falou sobre a sua vontade em fazer teatro após o término do ensino médio, desejo esse que eu não sabia que existia.

O quarto exercício proposto por mim foi que fizessem uma escrita livre sobre as suas percepções e expectativas com a sequência dessas oficinas e seus aprendizados durante as semanas que estivemos trabalhando juntos.

Parte dos resultados desses quatro exercícios pode ser acessado no campo do site do LADRA que contém informações sobre a ação do projeto nas escolas, no seguinte link: <https://wp.ufpel.edu.br/ladrateatro/ladra-na-escola>. Quem quiser conhecer o projeto unificado, nos campos do ensino, pesquisa e extensão, pode acessar o link <https://wp.ufpel.edu.br/ladrateatro>.

4. CONCLUSÕES

Entrar em contato com uma turma tão jovem e engajada só me trouxe bonitos e curiosos resultados. O primeiro deles é que a cultura e a arte são necessárias para o aprimoramento da nossa personalidade, das nossas conquistas e, não menos importante, para vermos um mundo com mais prosperidade e esperança na luta por dias melhores.

Nossa oficina ocorreu de modo tranquilo e apesar das adversidades que ocorreram durante esse período EAD, como por exemplo, a falta de alguns alunos durante esse processo acarretando a não realização de algumas atividades, os registros e aprendizados dosicineiros nos induziu a continuar o projeto com um 2º módulo. Esses mesmos alunos que querem continuar trabalhando com a gente observaram um crescimento em si em relação à sua

perspectiva do que é dramaturgia e do que é teatro manifestando o desejo de seguir construindo conhecimento na área.

Não existe fórmula para ensinar, e esse foi um dos meus maiores receios, ao ministrar pela primeira vez sozinha uma turma com alunos do ensino médio, incluindo o seu professor com anos na área da educação, registrando todos os encontros. É impossível dizer que não fiquei ansiosa durante os primeiros encontros, pois queria ter boas devolutivas sobre esse processo. Naturalmente as situações se desenvolveram de modo diferente do que eu esperava, mas considero que o resultado foi satisfatório, pois fiz dessas dez semanas um momento de aprendizado para me aperfeiçoar.

Ainda está em processo o nosso cronograma e o quê será realizado e trabalhado, mas a ideia é que se continue trabalhando diferentes meios de dramaturgias e novas percepções do que pode ser feito e produzido mesmo que EAD. A procura pela oficina do LADRA continua e iniciaremos uma nova turma com 15 vagas no período de setembro e trabalharemos até o início de novembro, finalizando assim a ação que começou em abril de 2021, com o mesmo carinho e vontade de quando fui monitora da disciplina de “dramaturgia”, no segundo semestre de 2020. Vale ressaltar que essas novas oficinas se darão para os alunos do ensino médio da rede pública, sendo assim, não somente para o Colégio Pelotense, mas para outros que tenham interesse em participar do projeto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PAVIS, Patrice. **Dicionário do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- DORNELLES, Thairone. O que é teatro? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N0c8eM1xSiM>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- LADRA – Laboratório de dramaturgia da UFPel. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ladrateatro/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

CINE UFPEL PARA ESCOLAS E ASILOS DURANTE A PANDEMIA: OFICINAS DE MONTAGEM PARA A COMUNIDADE

ALICE SOARES DE MOURA AVELLAR CORSINI E GASTALDON CYRINO¹;
CÍNTIA LANGIE ARAÚJO²

¹Universidade Federal de Pelotas– alicemouracorsini@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cintialangie@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto busca apresentar o projeto de extensão intitulado *Cine UFPel para Escolas e Asilos*, cujo objetivo é acolher, divulgar e levar o cinema para as comunidades escolares e casas de repouso de Pelotas. Trata-se de um braço social do projeto estratégico Cine UFPel, a sala de cinema digital com capacidade de 82 lugares, localizada na Lagoa Mirim. O Cine UFPel programa sessões gratuitas com curadoria voltada especialmente para o cinema brasileiro e latino-americano, com acesso livre não só para a comunidade universitária, como também para todo o município de Pelotas e região. Sua programação visa dar espaço para filmes brasileiros em fase de lançamento, com as mais variadas temáticas. Tais filmes são, geralmente, de caráter independente e/ou com menor distribuição no circuito de cinemas comerciais. Além de incentivar a apreciação de um cinema cuja linguagem se diferencia daquela apresentada pelos grandes lançamentos, a intenção é também de promover o acesso do público a filmes que dificilmente chegam aos cinemas do interior.

Da experiência deste projeto, surgiu em 2016 o *Cine UFPel para escolas e asilos*, uma iniciativa que visa a inclusão de comunidades escolares e leva estudantes e idosos da rede pública para assistirem e debaterem filmes brasileiros. O objetivo principal do projeto é o de formar público para o nosso cinema. No projeto, professores e os espectadores elegem filmes a serem exibidos e criam pautas de discussão com os mesmos, levando em consideração principalmente a faixa etária e as temáticas apropriadas para cada grupo de espectadores.

Contudo, de súbito, o Cine Ufpel teve sua programação interrompida provocado pelo momento atual de Pandemia provocado pelo vírus Sars-CoV-2. Por conseguinte, com a impossibilidade de realizar as sessões presenciais de cinemas voltadas para escolas e asilos, o projeto optou por realizar oficinas online de montagem de vídeos para coletivos e comunidades periféricas, eventualmente de forma adaptada para as condições online de cada aluno. Estas oficinas visam levar o audiovisual para dentro da casa dos mesmos, trazendo oportunidade de instruir-se sobre abordagens de roteiros, edição de vídeo, melhor focalização de vídeos e visto que, devido o momento de isolamento social este projeto visa trazer a também a interação em grupo de forma online. Os encontros desse projeto vem ocorrendo com o Coletivo CDD - CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO DUNAS - , junto com a USINA FEMINISTA, um coletivo de mulheres que promove a sustentabilidade feminina em Pelotas. As oficinas ocorrem às terças-feiras via *google meet*, onde os integrantes do projeto – uma bolsista e uma voluntária - e a professora

orientadora ministram encontros para apresentar as questões básicas de edição de cinema para o grupo. Tal grupo é misto, formado por meninos e meninas, de diferentes idades, que tem interesse em fazer documentários em suas devidas áreas, já tendo até um possível tópico escolhido pelos mesmos, que consiste em um documentário sobre uma horta comunitária.

2. METODOLOGIA

Como neste resumo vamos nos centrar nas atividades do projeto Cine UFPel para escolas e asilos em 2021, a partir de agora nos dedicaremos a relatar de forma breve a metodologia da única ação relacionada ao projeto neste ano, que iniciou em junho, por conta do período de resultado da seleção de bolsas. A ação refere-se à Oficina online de montagem para comunidades e coletivos.

A ação teve quatro encontros online até o momento. Os bate-papos foram transmitidos simultaneamente pela ferramenta do Google: Google Meet. O projeto iniciou com a ideia de que os diálogos contassem com a presença virtual de grupos sociais de comunidades periféricas para entender quais as necessidades enfrentadas dentro do âmbito tecnológico e metodológico em relação ao audiovisual. A programação desta mostra online foi escolhida de maneira democrática entre a equipe de bolsistas do Cine UFPel e a professora orientadora do projeto e os grupos sociais escolhidos para o mesmo.

O primeiro encontro teve como objetivo conhecer os colegas e expor o objetivo proposto, com possibilidade de propostas dos alunos para ter-se total imersão e foco nas próximas aulas. Decidiu-se de maneira unânime que abordar-se-iam procedimentos de edição de vídeo através do software da Adobe: Adobe Premiere e introdução a narrativa. Assim, a equipe organizou um cronograma com mais 3 aulas, com os temas, respectivamente, INTRODUÇÃO AO PREMEIERE – entendendo as ferramentas básicas, importação de imagem, criação de sequências e fazendo os primeiros cortes. MONTAGEM AVANÇADA – finalização básica de vídeos, correção de cor, edição de áudio. INTRODUÇÃO A NARRATIVA – O roteiro na montagem do vídeo, roteiro de documentários e roteiro de videoclipe. Em cada aula foi-se dividido entre os responsáveis do projeto para abordar o tema proposto. As aulas acontecem todas terças-feiras, as 18h00 e tem em torno de 1h e 45min de duração em média. Todo o conteúdo é gravado e divulgado em um drive compartilhado, uma pasta que pode ser acessada por todos os envolvidos no projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observando o cenário imposto recentemente diante da pandemia e do pouco tempo de projeto, obteve-se ainda uma pequena mudança, porém de maneira significativa dentro destes resultados. Neste princípio das oficinas já se teve resultados positivos, mostrando interesse por parte da comunidade do CDD, que já está captando imagens para que neste segundo semestre seja dado continuidade na agenda proposta das oficinas e aos encontros semanais, e possivelmente, com a ajuda das “oficineiras” já irá sair um filme documentado. Isso

tudo foi muito motivado e inspirado pelos encontros as terças feiras do projeto. Até então foram-se feitos 4 encontros síncronos com a presença de em médias 10 alunos por aula.

De outra maneira vemos também outro grande resultado deste experimento; uma grande importância de estudantes do cinema – uma voluntária e uma bolsista – de estarem tendo a rara oportunidade de atuarem como ministrantes de oficina, mesmo que de forma online, trazendo um grande resultado para aqueles que querem se tornar cineastas e artistas no Brasil, onde se pode ter o contato com a comunidade externa, e juntamente levar os seus conhecimentos para a mesma, onde a troca de ideias mútua e feitos com essa comunidade trazem uma experiência incabível, se abrindo para novas perspectivas e nos fazendo aprender com a dificuldade do outro, e o desafio de se reinventar e se descobrir enquanto “pseudo professoras” ou “oficineiras” para as estudantes da UFPEL.

Conjuntamente com este assunto outra discussão enfatizada é a questão de gênero, onde pode-se ver que a equipe coordenadora do projeto é formada só por mulheres, pela professora e duas estudantes mulheres, trazendo um novo patamar num assunto tão delicado como a faceta machista imposta no meio audiovisual, onde em maioria, homens são vistos como cineastas, diretores, documentaristas e apresentadores, e as mulheres ficam silenciadas nos bastidores. Neste mesmo âmbito é maximizada a importância deste grupo pois no projeto existe a presença de um grupo feminista – vulgo a Usina feminista - que é composto só de mulheres, que trabalham na sua própria sustentabilidade, e prezam pela luta das mulheres; e assim mostra-se de suma importância de união entre professoras e alunas, formando uma fraternidade.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se, que tendo em vista o momento em que passamos de pandemia em que uma série de atividades culturais, e até mesmo educacionais estão impossíveis de ocorrerem de forma presencial, o audiovisual tem tomado uma importância social acrescida, pois nunca se viu tanta produção de vídeos como se há neste momento, como amostras de danças, documentários, stand up's, unboxing, divulgação, teatro filmado, e muito mais, onde a tendência momentânea viral do século se focaliza em uma coisa: Telas; e tudo mais que a internet e empresas de streaming podem abusar. Neste sentido que o projeto Cine UFPEL para escolas e asilos optou por virar o foco da realização de sessões de cinema para, neste período de pandemia, realizar oficinas de montagem de vídeo e assim instrumentalizar a comunidade externa da universidade para a realização de suas próprias produções audiovisuais e trazê-las mais perto para o mundo moderno.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola Tradução: Mônica Costa Netto, Sílvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE/FE/UFRJ, 2008.

BERNARDET, Jean-Claude. **Historiografia clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia**. São Paulo: Annablume, 1995.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LANGIE, Cíntia. As potencialidades estéticas e políticas do Cine UFPel. In: **Revista Expressa Extensão**. Pelotas, v.20, n.2, p. 117-129, 2015.

_____. Cinema brasileiro para além do espetáculo: pistas para uma curadoria criativa em cinemas universitários. In: **Orson Revista dos Cursos de Cinema do Cearte UFPEL**. Pelotas, nº12, p. 151-167, 2017.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

MEMORIAL DO ANGLO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA A CONSOLIDAÇÃO DE UM ESPAÇO INCLUSIVO

AMANDA CORREA BOTELHO¹; ANDRÉA LACERDA BACHETTINI²;
ELEONORA CAMPOS DA MOTTA SANTOS³ ROGÉRIA APARECIDA CRUZ
GUTTIER⁴ CATIA FERNANDES DE CARVALHO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – amandabotelhoag@outlook.com

² Universidade Federal de Pelotas – andreabachettini@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – eleonoracamposdamottasantos2@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – roguttier@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – catiacarvalho.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo trata-se de um relato de experiência que tem por finalidade apresentar a adaptação do Memorial do Anglo no contexto de pandemia, às dificuldades, possibilidades e desafios de torná-lo inclusivo, tanto no espaço físico quanto no virtual. O relato também apresenta as ações desenvolvidas e as perspectivas de novas ações.

O Memorial do Anglo da da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), inaugurado no ano de 2014, é um local dentro do prédio onde hoje é o Campus Porto desta Instituição que foi, no passado, o Frigorífico Anglo de Pelotas. Como projeto de extensão da UFPEL, o Memorial busca desenvolver, por meio de ações continuadas, a exposição acessível e a divulgação de conteúdos que retomam a trajetória e significados do complexo industrial e tecnológico que constitui a cultura patrimonial, social, técnica, arquitetônica e estética do extinto Frigorífico, bem como fomentar a visitação, pesquisa e divulgação sobre o acervo de patrimônio industrial que ainda se mantém no complexo. De tal modo, a gestão deste espaço assume o desafio de promover novas ações para atender públicos diversos, tanto o acadêmico como a comunidade em geral, estabelecendo um diálogo mais próximo com o público do entorno do Campus Porto. Cabe ainda destacar o enfoque desta proposta em implementar ações que fomentem a acessibilidade para as pessoas com deficiência.

Atualmente, o memorial constitui-se enquanto espaço físico e virtual. O espaço físico trata-se de uma exposição que contém elementos fixos e móveis em um espaço expositivo que incorporou ruínas da câmara fria, isoladas em vitrines. Já o espaço virtual é um site que contribui com as ações de localização, documentação e, sobretudo, disponibilização ao público de informações sobre acervos materiais e imateriais referentes à trajetória do Frigorífico. Assim, desde a sua implementação, através do programa de extensão intitulado “O Museu do Conhecimento para Todos: a inclusão cultural da pessoa com deficiência nos museus universitários”, as ações desenvolvidas no Memorial do Anglo são pautadas com base no conceito de acessibilidade cultural:

Entendida como um Direito Emergente das Minorias, a Acessibilidade Cultural para pessoas com deficiência caracteriza-se como um movimento contra-hegemônico da desigualdade social e cultural. Admitindo as diferenças e em busca de um diálogo entre realidade e utopia, a área se consolida através de enfrentamentos de valores coletivos que perpassam gerações desencadeando um papel

preponderante de que a pessoa com deficiência é que deve se adequar aos espaços e não o contrário. (SALASAR, 2020, p. 26)

O Memorial do Anglo é considerado um espaço inclusivo. Ou seja: “Para que um espaço seja inclusivo, ele deve proporcionar que o maior número de pessoas (com e sem deficiência) possa desfrutar das experiências ali colocadas.” (SALASAR, 2019, p 13). Desta forma, empregou-se o conceito do Desenho Universal como o eixo de uma metodologia transversal e interdisciplinar para propor soluções de recepção, comunicação, mediação e pesquisa passíveis de qualificar o espaço como inclusivo.

A ideia do Desenho Universal é, justamente, evitar a necessidade de ambientes e produtos especiais para pessoas com deficiências, assegurando que todos possam utilizar com segurança e autonomia os diversos espaços construídos e objetos. (CARLETTO; CAMBIAGHI, 2008, p. 10)

Em 2020, o Memorial passou a ter um programa de acessibilidade¹ pautado no Desenho Universal, desenvolvido com a finalidade de estabelecer uma política institucional de acessibilidade no contexto do Memorial. Neste, há inúmeras metas a serem cumpridas em curto, médio e longo prazo, tanto no espaço físico quanto no espaço virtual. Levando em consideração o isolamento social causado pela pandemia do COVID-19, as ações até então focaram-se no espaço virtual e na perspectiva de um futuro pós pandêmico.

2. METODOLOGIA

O projeto do Memorial do Anglo, firma-se na interdisciplinaridade e na relação dialógica com agentes extensionistas de outros projetos de extensão da UFPel, e sua equipe é integrada por docentes, técnicos e uma discente da UFPel. O projeto compreendeu algumas etapas: a primeira realizada através da parceria com o projeto “Um Museu Para Todos: Programas de acessibilidade”² com a capacitação da equipe do Memorial sobre diversos assuntos relacionados à acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência. Concomitante a esta etapa, a recriação do site do Memorial deu-se início, através de atualizações das informações do local, a qual complementa a exposição existente, mostrando documentos históricos, publicações, vídeos e fotos sobre a trajetória do Frigorífico Anglo de Pelotas até os dias atuais, além da implementação de recursos de acessibilidade postos no Programa de Acessibilidade.

A equipe do Memorial em conjunto com a equipe do projeto “Vizinhança no campus Anglo - interação com a comunidade pelotense”³ contou com a orientação da Professora Desirée Nobre Salasar para a realização de um Guia de Visitação no qual traz formas de realizar as mediações guiadas para pessoas com ou sem deficiência em um futuro pós pandêmico na reabertura do local. Por fim, para a

¹ Programa de Acessibilidade é um documento que consiste em um conjunto de políticas institucionais que buscam promover o acesso universal aos museus. (SALASAR, 2019)

² Coordenado pela Desirée Nobre Salasar, o projeto ficou ativo durante 2019 a 2020, tinha por objetivo a atualização/realização dos Programas de Acessibilidade dos museus universitários da UFPel e o Museu Municipal Parque da Baronesa.

³ Coordenado pela Rogéria Aparecida Cruz Guttier, tem por objetivo apresentar a Universidade Federal de Pelotas - UFPel à comunidade pelotense e região.

programação do Dia do Patrimônio 2021 da Rede de Museus da UFPel está sendo elaborado um vídeo de apresentação do Memorial do Anglo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados que ora se apresentam são parciais, tendo em vista que o projeto ainda está em andamento. Sabe-se o potencial da integração dos recursos de acessibilidade na geração de um ambiente facilitador do acesso ao conhecimento e à cultura. Desta forma, o programa de acessibilidade foi de suma importância para guiar as ações até então desenvolvidas. É possível afirmar que a inclusão em um ambiente museal é um grande desafio a ser feito, segundo SALASAR (2019): Para que isso aconteça, é necessário que o ambiente possua alguns recursos de tecnologia assistiva⁴, para que pessoas com deficiência possam ter a mesma possibilidade de acesso dos demais visitantes. Desta forma, a meta atual da equipe é a atualização de recursos que já foram implementados⁵ e encontram-se desativados e a construção de novos recursos.

Nesta perspectiva, o espaço virtual mostra-se um ambiente importante a se investir dentro da perspectiva inclusiva. O site do Memorial apesar de já estar funcionando, necessita de algumas atualizações em relação a Acessibilidade Web⁶. Este é um grande potencial de disseminação dos conhecimentos do Memorial enquanto a exposição física não pode ser visitada, além de ser um facilitador para quando houver a volta das visitas presenciais, visto que pode ser usado para divulgação e agendamento destas.

Tendo em vista que o memorial visa ser um espaço plural, de acesso integral e de interação com pessoas (com e sem deficiência) a capacitação da equipe é necessária para receber tais visitantes. Sendo assim, as perspectivas de novas ações durante o ano corrente são focadas em novos conhecimentos e aprendizados para as futuras mediações que a equipe realizará.

Levando em consideração que esta escrita é um relato de experiência a partir do olhar da aluna envolvida no projeto Memorial do Anglo, estudante de Terapia Ocupacional, esta experimenta de modo concreto a extensão como um território de grande aprendizado e de suma importância na qualidade de sua formação acadêmica e pessoal. De acordo com o Guia do Extensionista da UFPel (2019):

Um profissional, de qualquer área, com qualidade social é aquele que tem consciência social, que se importa com a comunidade na qual vive e que deseja o progresso social que, em síntese, é a melhoria da qualidade de vida da população. (p. 6)

Segundo o Plano Nacional de Extensão Universitária (2001), o conceito de extensão universitária aparece como dimensão “capaz de imprimir um novo rumo à universidade brasileira e de contribuir significativamente para a mudança da

⁴ São os produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2015).

⁵ Tais como: expositores acessíveis, audiodescrição, legenda em braile, maquete e esquemas táteis e a mediação acessível.

⁶ A acessibilidade web prevê a fruição de navegação e acesso à informação nos sites eletrônicos. SASSAKI (2009).

sociedade" (BRASIL, 2001, p. 02). Para tanto, a universidade precisa formar profissionais com qualidade técnica, científica e social. De tal modo, a aluna busca o enfrentamento de um dos grandes problemas sociais: a exclusão ou a falsa inclusão de pessoas com deficiência em grande parte dos ambientes, dentro destes, os culturais através dos saberes da Terapia Ocupacional. Desta forma, a estudante visa a transformação social por meio do objeto de estudo: acessibilidade cultural.

4. CONCLUSÕES

É possível relatar que o Memorial do Anglo se faz relevante para a disseminação dos conhecimentos históricos e culturais do antigo Frigorífico Anglo de Pelotas e do atual Campus Porto da UFPEL. Assim, ressalta-se a importância da consolidação de uma equipe interdisciplinar e participativa, pois cada área do conhecimento com a sua expertise fortalece os processos de ações. Com isso, destaca-se a participação da terapia ocupacional na equipe, que por ser uma profissão da área da acessibilidade, possui conhecimento específico acerca do assunto e potencializa o desenvolvimento das ações inclusivas. Destaca-se ainda, o valor deste na formação acadêmica da aluna envolvida, a prática extensionista no Memorial possibilitou um conhecimento diverso e plural significativa para sua futura atuação profissional. Por fim, pretende-se em um cenário pós pandêmico, a reativação do espaço físico e maior divulgação da exposição ali instalada e assim a fomentação das visitas com mediações acessíveis

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei 13.146. Lei Brasileira de Inclusão – Estatuto da Pessoa com Deficiência. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Referenciais de acessibilidade na educação superior e a avaliação in loco do sistema nacional de avaliação da educação superior (SINAES). Brasília, DF: Ministério da Educação, 2013.

CARLETTO, A.; CAMBIAGHI, S. **DESENHO UNIVERSAL**: um conceito para todos. 2008. 38 p.

Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC. **Plano Nacional de Extensão Universitária**, Edição Atualizada. 2001.

Guia do Extensionista da UFPEL. Pelotas: Ed da Ufpel, 2019. 24 p.

SALASAR, D.N. **UM MUSEU PARA TODOS**: manual para programas de acessibilidade. Pelotas: Ed da Ufpel, 2019.

SALASAR, D. N. **Patrimônio para todos e as políticas culturais no Brasil**: os museus federais sob os princípios do desenho universal. 2020. Dissertação (Mestrado) - Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, v. 12, 2009

INFLUÊNCIA DA PANDEMIA DO COVID-19 NA CASUÍSTICA DO SERVIÇO DE ATENDIMENTO ESPECIALIZADO EM ENDOCRINOLOGIA DE PEQUENOS ANIMAIS – ENDOCRINOPEQ UFPEL

ANA JÚLIA RODRIGUES TEIXEIRA RAMOS¹; ADELINE BOGO MADRIL²;
BRENDA MADRUGA ROSA³; NATÁLIA DIAS PRESTES⁴; CAMILA MOURA DE LIMA⁵; MARIANA CRISTINA HOEPPNER RONDELLI⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – anajulia.aj@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – adeline_madril@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – brenda.rosa@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – diasp.natalia@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – camila.moura.lima@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – marianarondelli@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pandemia do COVID-19, instaurada no ano de 2020, trouxe consigo diversas mudanças no cenário nacional, assim como efeitos negativos nas atividades humanas (MARQUES, 2020). Em função do distanciamento físico, recomendado e indicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), muitos setores da sociedade foram estagnados, como comércios, escolas e atividades culturais (COUTO et al., 2020). Apesar de o atendimento médico-veterinário ser considerado uma atividade essencial, houve inevitável redução do número de consultas realizadas no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFPEL (HCV-UFPEL), no qual o Serviço de atendimento especializado em Endocrinologia de pequenos animais (EndocrinoPeq – UFPEL) está inserido.

O grupo de ensino, pesquisa e extensão EndocrinoPeq UFPEL (n. 1482) iniciou suas atividades no HCV-UFPEL em junho de 2018 por meio da prestação de serviço em atendimento de cães e gatos com doenças endócrinas. Por ano, são atendidos aproximadamente cerca de 100 animais, que são acompanhados por docentes, discentes da graduação, residentes, mestrandos e doutorandos, que atuam na formação do serviço.

Devido ao fato da pandemia do COVID-19 ter afetado o funcionamento da Universidade, resultando em suspensão das aulas e da maioria das atividades, o HCV-UFPEL permaneceu fechado ao público entre 28/03/2020 a 31/05/2021. O funcionamento do serviço de endocrinologia, por sua vez, ficou reduzido, com retorno aos atendimentos em setembro de 2020. Nesse momento, o número de consultas reduziu 50%, aproximadamente, para que houvesse tempo entre os atendimentos para limpeza dos consultórios e para que o fluxo de pessoas nas dependências do HCV-UFPEL fosse menor, seguindo as instruções sanitárias vigentes.

Assim, o objetivo deste trabalho foi analisar o impacto da pandemia do COVID-19 no atendimento clínico do Serviço de atendimento especializado em Endocrinologia de pequenos animais (EndocrinoPeq UFPEL), de forma a comparar o ano pré-pandêmico (2019) com o pandêmico (2020) em relação aos atendimentos realizados e a casuística das enfermidades.

2. METODOLOGIA

As informações para elaboração e estruturação do trabalho foram adquiridas através da consulta ao banco de dados do Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas (HCV – UFPel), no setor de clínica médica de pequenos animais e especialidade de endocrinologia. Os dados obtidos foram tabulados em planilhas do Excel, que continham informações referentes aos atendimentos nos anos de 2019 e 2020. Com base nestes elementos, foi possível realizar uma comparação entre os anos avaliados com relação ao número total de atendimentos, médias mensais, médias anuais e principais enfermidades diagnosticadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2019, que antecedeu o período pandêmico, foram registrados 144 atendimentos, de fevereiro a dezembro, o que gerou a média mensal de 13 casos. Os meses de maio, agosto e novembro foram os mais movimentados, com 20, 22 e 39 consultas, respectivamente, totalizando 81 casos.

Em relação ao ano de 2020, 104 atendimentos foram realizados. Porém, em razão da pandemia, houve uma pausa nos atendimentos do serviço de endocrinologia de 171 dias consecutivos, portanto, a contabilização dos casos ocorreu nos meses de janeiro a março e de setembro a dezembro. Apesar disto, a média de 15 atendimentos por mês foi obtida, semelhante ao ano anterior. Os meses com mais atendimentos em 2020 foram fevereiro, março e dezembro, com 24, 17 e 19 consultas, respectivamente, números inferiores se comparados ao ano anterior.

Ao analisar a frequência do atendimento dos anos de 2019 e 2020, as principais casuísticas mantiveram-se as mesmas, salientando a percentagem de 42,36% casos de obesidade em 2020, comparado com 42,3% casos em 2019. Quanto às espécies, em 2019 foram atendidos 37 felinos e 107 caninos, enquanto que, em 2020, foram recebidos 34 felinos e 70 caninos para atendimento.

As principais enfermidades diagnosticadas/suspeitas nos anos de 2019 e 2020 foram obesidade, hipercortisolismo canino e diabetes mellitus. Além disso, outras condições endócrinas também foram contabilizadas, como hipertireoidismo felino, neoplasias em glândula tireoide, hipotireoidismo canino, hipoadrenocorticismismo canino, dislipidemias, entre outras (Tabela 1).

Tabela 1 – Número de casos das endocrinopatias frequentes no Serviço de atendimento especializado em Endocrinologia de pequenos animais (EndocrinoPeq – UFPel) em 2019 e 2020.

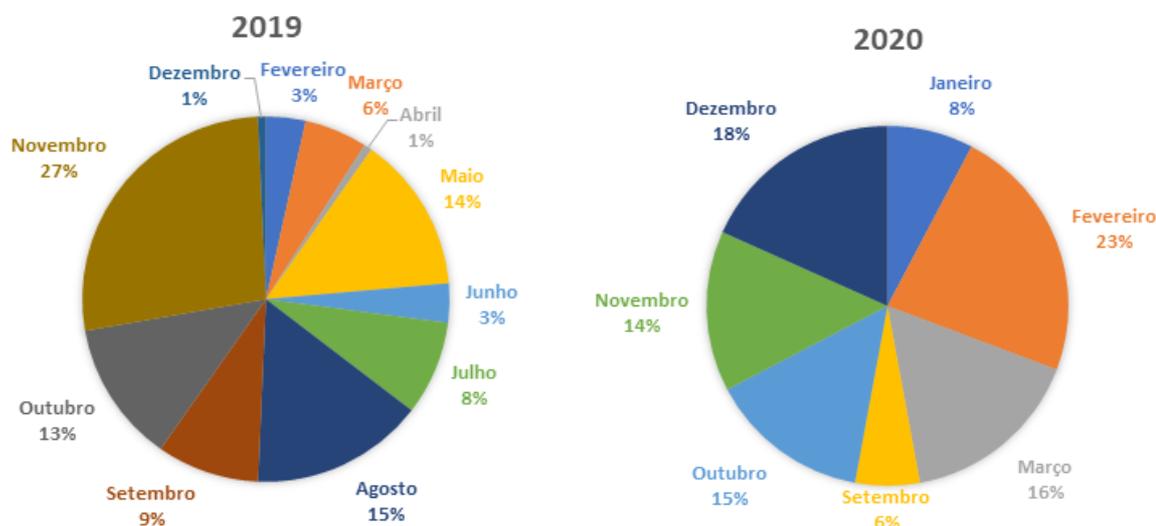
ENFERMIDADES	Nº DE ATENDIMENTOS/ANO	
	2019	2020
Obesidade	61	44
Hipercortisolismo	40	29
Diabetes mellitus	24	12
Hipotireoidismo	4	4
Dislipidemia	4	3
Hipoadrenocorticismismo	2	1

Hipertireoidismo	2	4
Neoplasia na tireoide	2	0
Neoplasia na adrenal	4	2
TOTAL	144	104

*Fonte: banco de dados – HCV UFPel

Conforme consulta às planilhas extraídas do banco de dados do HCV – UFPel, foi constatado que em 2019, os atendimentos ocorreram no período de onze meses. Em contrapartida, em 2020, estes foram realizados em apenas sete meses, em decorrência da pandemia de COVID-19. Portanto, é possível inferir que, apesar do período de suspensão das atividades acadêmicas e do serviço especializado em endocrinologia, a casuística no ano pandêmico continuou em um ritmo semelhante, com uma diferença de 27,7% de casos entre os anos analisados, conforme gráfico demonstrado a seguir. Isto se deve ao fato de que mais dias de atendimento foram disponibilizados (dois dias por semana, em contrapartida ao ano anterior, quando o atendimento era realizado uma vez por semana), apesar da redução do número de casos agendados por dia.

Gráfico 1 – Percentual de atendimentos mensais realizados pelo Serviço de atendimento especializado em Endocrinologia de pequenos animais (EndocrinoPeq – UFPel) nos anos de 2019 e 2020



*Fonte: banco de dados – HCV UFPel

Em se tratando da casuística encontrada nos anos avaliados, considera-se como esperada, uma vez que obesidade, hipercortisolismo e diabetes mellitus são doenças frequentemente diagnosticadas na rotina clínica, com ou sem associação entre elas, principalmente na espécie canina. Segundo COSTA (2013), a obesidade e o sobrepeso acometem a maior parte da população canina mundial, afetando, diretamente, a saúde do animal, e também predispondo a outras doenças endócrinas, como o diabetes mellitus.

O hipercortisolismo, por sua vez, também pode predispor à obesidade e outras alterações sistêmicas, sendo cada vez mais frequente na casuística veterinária. Em um estudo realizado por Pöppl et al. (2016), tal enfermidade foi a mais prevalente no serviço de endocrinologia do hospital veterinário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (HCV – UFRGS); condizendo, assim,

com os dados obtidos neste presente trabalho. Desta forma, pode-se assumir que existe relação direta entre o aumento da expectativa de vida de cães e gatos com o aparecimento de doenças, incluindo doenças oncológicas e endócrinas (FELDMAN et al., 2015).

Ademais, é importante ressaltar que em 2019, os atendimentos em endocrinologia eram realizados pela coordenadora do projeto, com acompanhamento dos discentes da graduação e da pós-graduação. Já em 2020, as consultas foram acompanhadas até o mês de março e, após a parada e retomada do serviço (em setembro), apenas a coordenadora permececeu na condução dos atendimentos, em detrimento das regras sanitárias que norteavam o distanciamento físico no HCV-UFPeL.

4. CONCLUSÕES

Apesar das dificuldades vividas no ano de 2020 em razão da pandemia do COVID-19 e do período de suspensão das atividades acadêmicas, que refletiram na interrupção temporária do atendimento do HCV-UFPeL e também do Serviço de atendimento especializado em Endocrinologia de pequenos animais (EndocrinoPeq – UFPeL), foi possível manter a média de atendimentos de cães e gatos com suspeitas ou com endocrinopatias confirmadas por meio deste projeto de extensão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA E. C., COSTA S., SOUZA K. M. S., COSTA T. N., BANDEIRA J. M., LIMA R. C. M., SILVA M. H. SILVA. **Influência do Proprietário no Comportamento de Cães Atendidos no Hospital Veterinário da UFRPE**. 2013. XIII Jornada de ensino, pesquisa e extensão. Recife, 2013.

COUTO, E. S.; COUTO, E. S.; CRUZ, I. de M. P. #FIQUEEMCASA: Educação na pandemia da covid-19. **EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 200–217, 2020.

FELDMAN E.C., NELSON R.W., REUSCH C., SCOTT-MONCRIEFF J.C. *Canine and Feline Endocrinology*. 4th edn. Saint Louis: Saunders, 688p. 2015.

MARQUES, R. A resignificação da educação e o processo de ensino e aprendizagem no contexto de pandemia da covid-19. **Boletim da Conjuntura**. Boa Vista, v. 3, ed. 7, 2020.

PÖPPL, A. G.; COELHO, I. C.; SILVEIRA, C. A.; MORESCO, M. B.; CARVALHO, G. L. C. Frequency of Endocrinopathies and Characteristics of Affected Dogs and Cats in Southern Brazil (2004-2014). **Acta Scientiae Veterinariae**, Porto Alegre. v. 44:1379, 2016.

ISOLAMENTO DIGITAL: UMA CAPACITAÇÃO EM REDES SOCIAIS PARA A POPULAÇÃO IDOSA

ANA PAULA CHIARELLI¹;
LORENA ALMEIDA GILL²

¹Universidade Federal de Pelotas – paulachiarelli@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pandemia do vírus da Covid-19, que tomou conta do mundo fez com que muitas medidas de tentativas de contenção de contágio fossem tomadas. Entre as principais delas está o distanciamento social, que se fez ainda mais presente na vida de idosos e idosas, devido ao fato de eles fazerem parte do grupo de risco (BITTENCOURT, 2020). Neste contexto, a população idosa ficou sem o contato com a família e com as atividades que normamente realizavam. Essa rotina solitária gerou impactos na saúde mental, que se tornou debilitada por conta do aumento dos sintomas de depressão e ansiedade (PEREIRA-ÁVILA et al., 2021).

Devido a não recomendação de visitas, o contato com a família se tornou restrito apenas às ligações e conversas virtuais. Esta situação, na maior parte das vezes, é um problema para os idosos, pois muitos deles não estavam habituados com a tecnologia dos celulares e computadores. Muitos indivíduos nessa faixa etária apresentam queixas sobre a linguagem digital, assim como também se sentem deslocados diante de tantos avanços tecnológicos nos aparelhos eletrônicos, o que os impede de estarem presentes nessa nova forma de interação social (NOGUEIRA et al., 2008). Desse modo, muitos deles tiveram dificuldades no período de distanciamento, pois afirmam não conseguirem manusear as ferramentas digitais, ainda mais sem a ajuda dos familiares (VELHO e HERÉDIA, 2020).

As necessidades especiais de educação tecnológica podem ser explicadas, conforme VYGOTSKY (1998), pelo contexto histórico e social, uma vez que os avanços na tecnologia se deram de forma acelerada nos últimos anos. Diante disso, as pessoas com mais idade viveram muito tempo em uma realidade com diferentes suportes de comunicação. Dessa forma, a capacidade de assimilar todas as mudanças pode acontecer de forma mais gradativa.

Pensando neste problema, o Programa de Educação Tutorial de Diversidade e Tolerância (PET DT) participa de uma iniciativa, junto à Universidade Aberta para Pessoas Idosas (UNAPI/UFPeI)¹, visando ministrar uma jornada de formação para o melhor uso dos aportes da internet, bem como do manuseio das redes sociais. De acordo com ROLDÃO (2009), aprender de forma constante é importante para a qualidade de vida de pessoas em idade avançada, pois o exercício do cérebro contribui para uma maior preservação cognitiva. Além disso, as atividades grupais e o contato com outras pessoas corrobora para o desenvolvimento de condutas resilientes. Esses pilares intrínsecos à qualidade de vida dos idosos e idosas serão estimulados com a inserção das mídias digitais.

Este projeto busca a aproximação da Universidade com a comunidade externa, ao atuar com as famílias que encontram dificuldade na comunicação por

¹O projeto foi criado no ano de 2017 na UFPeI, com o nome de Universidade Aberta à Terceira Idade e hoje mudou seu nome para UNAPI, se constitui em um programa e está relacionada à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC/UFPeI), conforme CAVALLI et al (2020).

conta da barreira tecnologia. Com o aprendizado dessas ferramentas a população idosa poderá usar as redes sociais para conversar com os amigos e parentes, assistir a filmes e séries, aprender uma nova atividade com cursos on-line e vídeos no Youtube, dentre muitas outras possibilidades que o digital oferece.

2. METODOLOGIA

As alunas responsáveis pelo projeto entraram em contato com uma jornalista especialista em tecnologia com o convite de ministrar um mini curso de redes sociais. Com a finalidade de alcançar o público, uma divulgação do evento será feita por meio do Facebook e Instagram convidando pessoas que queiram aprender mais sobre essas ferramentas. Além disso, a rede de contatos dos participantes da UNAPI será informada sobre a atividade. Para o evento, será criado um encontro através da plataforma de vídeo-conferência Google Meet, a partir do qual ocorrerá a jornada de formação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intenção do encontro é a capacitação de pessoas com dificuldades no manuseio nas ferramentas de redes sociais. O intuito é expandir as oportunidades de comunicação, entretenimento e educação que a internet pode proporcionar.

Dessa forma, os idosos terão a possibilidade de manter um contato mais próximo por meio de chamadas de vídeo com a família, interações nos grupos de amigos e familiares através de fotos, mensagens, vídeos e áudios. O acesso a filmes, novelas e séries será facilitado com a instrução de sites que disponibilizam este conteúdo. Além disso, eles conseguirão realizar buscas no google sobre qualquer assunto que queiram aprender. De outra forma, caso queiram, poderão ser direcionados a vídeos no Youtube, sites de notícias e diversos outros links que proporcionem o que eles tiverem vontade de assistir, ler e aprender.

Segundo KACHAR (2001), o perfil do idosos sofreu alterações no século XXI, pois ao invés de um comportamento nostálgico de um indivíduo preso às lembranças do passado, a nova realidade é permeada por pessoas ativas, que querem produzir, consumir e que buscam mudanças sociais e políticas. A tecnologia trouxe, inclusive, a possibilidade de consultas psicológicas de forma remota, assim como grupos de apoio terapêutico. Por meio de chamadas de vídeo, é possível que o idoso faça um acompanhamento com um psicoterapeuta, o que é saudável para a saúde mental, que costuma se encontrar debilitada em tempos pandêmicos.

4. CONCLUSÕES

Um dos pilares das Universidades é a extensão, a qual se faz, especialmente, com a devolução do que é produzido, em termos de conhecimentos, para a comunidade externa. Dentre os projetos de extensão existentes na UFPEl um dos mais importantes é a UNAPI, tendo em vista sua forte marca de responsabilidade social.

Assim, o projeto abordado no texto é relevante, pois poderá gerar uma melhor qualidade de vida para os idosos, que se encontram em isolamento social. A internet possui uma gama de possibilidades que devem ser exploradas, pois pode se constituir em uma forma de aprendizado e de lazer, que torna esse período de solidão um pouco menos sofrido.

Com vários recursos disponíveis on-line o isolamento social pode se tornar menos dificultoso à população, o que faz a acessibilidade a essas ferramentas ainda mais necessária. Desse modo, com pessoas instruídas a utilizarem seus celulares e computadores, o mundo digital se torna mais inclusivo aos idosos, fazendo com que possam passar por esse momento de uma forma mais tranquila.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, R. N. Pandemia, isolamento social e colapso global. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 19, n. 221, p. 168-178, 2020. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/52827>
Acesso em 14 de julho de 2021.

CAVALLI, A.; NOGUEIRA, A. C.; GILL, L. A.; LINDOSO, Z. A formação permanente de idosos através da Universidade Aberta. In: MICHELON, F.F.; BANDEIRA, A.R. (Org.). **A extensão universitária nos 50 anos da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2020, v. 1, p. 117-126. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2020/06/A-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-nos-50-Anos-da-UFPel-02-06.pdf>.
Acesso em 6 de julho de 2021.

KACHAR, V. **A Terceira Idade e o Computador: Interação e Produção no Ambiente Educacional Interdisciplinar**. Tese de Doutorado em Educação. São Paulo: PUC/SP, 2001. 206p

NOGUEIRA, N. P. et al. Inclusão Digital do Idoso. In: **XIX SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO**, 20, 2008, Fortaleza. Anais. Fortaleza: Núcleo de projeto em tecnologia da informação/Universidade Estadual do Ceará, 2008. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/37559147/inclusao-digital-idoso> Acesso em 15 de julho de 2021.

PEREIRA-ÁVILA, F. M. V. et al. Fatores Associados aos sintomas de depressão entre idosos durante a pandemia da Covid-19. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 30, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/4y7pZxLbhnwk5sDnczhxrMf/abstract/?lang=pt> Acesso em 10 de julho de 2021.

ROLDÃO, F. D. Aprendizagem Contínua de Adulto-Idosos e Qualidade de Vida: Refletindo sobre Possibilidades em Atividades de Extensão nas Universidades. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p.6 1-73, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/147> Acesso em 15 de julho de 2021.

DA SILVEIRA, Michele Marinho et al. Educação e inclusão digital para idosos. **RENOTE**, v. 8, n. 2, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/15210> Acesso em 15 de julho de 2021.

VELHO, F. D.; HERÉDIA, V. B. M. O Idoso em Quarentena e o Impacto da Tecnologia em sua Vida/Quarantined Senior Citizens and the Impact of Technology onTheir Life. **Rosa Dos Ventos-Turismo E Hospitalidade**, v. 12, n. 3, 2020. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8903> Acesso em 15 de julho de 2021.

VYGOTSKY, L. S. A. **Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 191 p.

A HQ SOBREVIVENDO: PROCESSO CRIATIVO E INCLUSIVO

ANDRÉ GUSTAVO DE CAMPOS¹; JACKELINE SANTOS NUNES²; NÁDIA DA
CRUZ SENNA³

¹ Universidade Federal de Pelotas – andreg601@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – jackelinenunes@live.com

³ Universidade Federal de Pelotas – alecrins@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O relato contempla o processo criativo para desenvolver uma História em Quadrinhos que reuniu integrantes do Grupo PET Artes Visuais e do Projeto de Extensão LAPSO da UFPel, com interesse nos processos de construção e valoração das identidades e da cultura, contando com a capacidade da arte para promover o diálogo e a empatia entre diferentes. A história em quadrinhos “Sobrevivendo: entre a lei do cão e as medidas socioeducativas” é um recorte ficcional de um dia na vida de Silva, adolescente negro da periferia pelotense que está indo a sua última reunião de acompanhamento no CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social. Durante o caminho para concluir essa medida socioeducativa o jovem escuta algumas de suas músicas favoritas e reflete sobre si enquanto observa o trajeto entre sua vila e o centro da cidade. Ele expressa algumas das suas impressões sobre o mundo enquanto o rap se apresenta como um irmão mais velho que lhe entende.

O roteiro proposto por Kizzy Vitória Coutinho evoca obras marcantes da música hip-hop, sobrepondo camadas de significado à subjetividade do personagem que se mostra atento à observação do lugar que está e às palavras em seus fones de ouvido. Conforme Silva atravessa a cidade e é atravessado por sutis violências provenientes do racismo, o rapaz divide seus sentimentos com o público, ele ainda está incerto sobre como vai agir daquele dia em diante e questiona veemente as suas razões de ser. A narrativa visual criada por André Gustavo e Jackeline Nunes compõe com leveza algumas características territoriais e identitárias da cidade e a tensão vivida por Silva neste espaço.

Em Pelotas as pessoas negras buscaram se organizar e se ressocializar através da arte, no início do século XX momento em que a organização negra está em seu período de maior expansão, “eles possuíam clubes recreativos, teatrais, carnavalescos, futebolísticos, entidades mutualistas, de assistência às crianças e de representação étnica (LONER, 1999)” efeito disso é a forte cultura do carnaval e a tamborada na cidade. Mais tarde, nos anos 80 o hip-hop reinventaria as organizações coletivas afro através da popularização da dança, dos bailes e dos grupos de rap que produziram novas ferramentas de autoestima e saúde mental em favor da resistência à segregação.

A construção colaborativa entre o Projeto de extensão LAPSO: Laboratório de Arte e Psicologia Social e o PET Artes, Programa de Educação Tutorial “Sobrevivendo: entre a lei do cão e as medidas socioeducativas” é uma mídia física e virtual que pode auxiliar ações educativas e comunicativas infanto-juvenis. O acesso à arte e ao hip-hop associado a uma reflexão crítica é um diferencial na vida de crianças e adolescentes periféricos, que inspirados pela identificação com as músicas buscam novas alternativas de sobrevivência.

Artistas como Zudzilla natural do bairro Guabiroba e Gás NG5 morador do Dunas são exemplos de rappers pelotenses de origem periférica que desde muito jovens acessaram o rap, e hoje através de rimas autorais descrevem o desejo de orgulhar e dar algum retorno à sua comunidade. Ambos artistas se formaram em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas e são parte da playlist que Silva escuta em sua trajetória da vila pro centro. Também do bairro Dunas e graduado pela UFPEL, o rapper e produtor musical independente Mano Rick analisa a relação entre a periferia e o hip-hop na cidade, reflete como a construção de sua identidade e seu interesse pelas ciências humanas se manifestou sob influência das letras e referências presentes nos raps que escutava desde criança.(DUARTE, 2019).

2. METODOLOGIA

O trabalho tem início através de uma reunião entre os integrantes do PET Artes coordenado pela Prof.Dra. Nádia da Cruz Senna, e do Projeto de extensão LAPSO coordenado pelo Prof.Dr. Édio Ranieri da Silva. Nesse primeiro momento de apresentações os integrantes do PET foram convidados para realizar a HQ com roteiro idealizado pela aluna da psicologia Kizzy Coutinho Vitória.

A primeira etapa de todo o processo consistiu na realização do cronograma de trabalho com encontros periódicos e a criação de um Google Drive para o compartilhamento de dados e principais referências visuais, além da determinação do formato, tamanho e número de páginas. A partir disso iniciamos a discussão sobre o roteiro da história de Silva, o personagem principal. O uso de referências musicais se fez necessária para tecer uma reflexão crítica da estrutura em que se contextualiza Silva, um forte exemplo é a letra da música Faça a Coisa Certa de Zudzilla, lançada em 2017: “Eu sou sagaz e confio na minha percepção do mundo. *Pra* evitar decepção pros *vagabundo*. Pensar confunde e eu sou confuso .Sei que querer muito é perigoso.Mas sem perigo é deprimente”.

Uma vez tecida a realidade em que se insere Silva, o passo seguinte foi a criação da identidade visual do personagem, seus traços físicos e feições. Também foi importante decidir inicialmente a paleta de cores da história, algo que a tornasse mais atrativa aos olhos do leitor, nesse sentido uma inspiração advém do livro infantil Amoras (2018) do Rapper Emicida, com tons pastéis, linhas e sombras marcadas.

A Construção da estrutura visual da narrativa (lugares, outros personagens, quantidade de quadros, caixas de diálogo e etc...) foi esboçada com papel e lápis, digitalizada e depois vetorizada através do Photoshop, para que a partir disso pudessemos iniciar a coloração quadro a quadro. Já com todas as páginas coloridas e quadros determinados iniciou-se então a diagramação dos textos narrativos, das letras musicais e da visão de Silva sobre si mesmo.

O processo de finalização consistiu na revisão final dos textos e nos últimos ajustes solicitados pela roteirista. Após o feedback final conseguimos concluir a História em Quadrinhos "SOBREVIVENDO: Entre a Lei do Cão e as Medidas Socioeducativas" podendo assim imprimir e disponibilizar de forma online.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos principais resultados gerados é a disponibilização da versão impressa da história de Silva na biblioteca do CREAS II Pelotas, Rua Cassiano, 152 e na biblioteca do Projeto Arte na Escola, localizada no primeiro andar do Centro de Artes UFPel. Além da versão digital disponibilizada online através do site do Pet Artes <https://wp.ufpel.edu.br/petartesvisuais/>, gerando um alcance maior de leitores.

A parceria entre projetos como o LAPSO e o PET Artes proporciona primeiramente para nós, bolsistas e pesquisadores, um intercâmbio de máxima riqueza entre saberes do curso de Psicologia e Artes da UFPel, conhecimento esse que rompe as fronteiras da universidade, gerando um fortalecimento da cena cultural e dos artistas da cidade de Pelotas, conseqüentemente, gerando mais conexões entre comunidade e universidade.

A HQ Sobrevivendo e as questões que envolvem o personagem Silva, tenta abarcar discussões como a identidade, visibilização da população preta jovem e os aparatos usados pelo estado no processo de marginalização e criminalização. Contudo, aqueles que são chamados marginalizados não estão "à margem" ou "à beira" da sociedade, e sim dentro dessa estrutura que os transforma em "seres para outro" (FREIRE, 2017). A história de Silva contribui para a possibilidade dos jovens assistidos pelo CREAS, enxergarem um futuro diferente aos que lhe são impostos, além de servir como um veículo condutor de reflexões críticas sobre medidas socioeducativas e políticas de reparação histórica. Em seu livro Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire ainda diz: "Sua solução, pois, não está em "integrar-se", em incorporar-se a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se "seres para si" (página 84).



Figura 1. Página 3 da HQ Sobrevivendo, 1ª Edição 2021. Fonte: o autor.

As pontes geradas ao decorrer do desenvolvimento da HQ possibilitam novos trabalhos interdisciplinares que somem junto a comunidade conhecimentos de todos para todos. A playlist de Silva foi disponibilizada no Youtube e pode ser

escutada como uma experiência sonora estendida da HQ. Outras produções como “Sobrevivendo 2” já estão sendo decalcadas para lançamento no segundo semestre de 2021.

4. CONCLUSÕES

A história em quadrinhos que produzimos está longe de ser a solução para a violência cotidiana vivida pelos jovens assistidos do CREAS ou qualquer outra instituição nacional de assistência social. Contudo, está nítida a importância de tal ação, pelo alcance e identificação que promove. Quando falamos em Políticas Públicas de assistência, sabemos que o descaso governamental com a educação e saúde é um dos grandes fatores que contribuem para instituições sucateadas, com métodos de intervenção arcaicos, violentarem ainda mais aqueles que deveriam ser protegidos. O Laboratório de Arte e Psicologia Social vem traçando um trabalho de cura através da arte na constituição de uma assistência que de fato seja acolhedora. É uma grande honra para os bolsistas do PET Artes Visuais poderem somar forças e construir novas formas de pensamento com projetos como esse proposto pelo LAPSO. A interdisciplinaridade em prol da extensão nos mostra que o uso da arte como ferramenta educativa e de cura é algo que nos permite alcançar espaços e assim modificá-los, para um lugar melhor para todos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, L. H. B. **Identidade Territorial e o Rap no Município de Pelotas: Vozes da Periferia Amplificadas pela Cultura Hip Hop**. Orientador: Tiaraju Salini Duarte. 2019. 51 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2017. Cap. 2, p. 84-85.

LONER, B. **Classe operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937**. Porto Alegre, tese (Doutorado Sociologia UFRGS) 1999a, 2 vols.

ZUDIZILLA. **Faça a Coisa Certa. Faça a Coisa Certa**. Pelotas: Hardcore Pride Records, 2017.

O PAPEL POLÍTICO, SOCIAL E CIENTÍFICO DE UM MUSEU HISTÓRICO NA SERRA DOS TAPES: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

ANDRÉA CUNHA MESSIAS¹; CARLISTON LIMA RIBEIRO²; CARLOS EDUARDO ÁVILA BAUER³; NAIR CARRIL FONSECA⁴; MARCOS ROBERTO SILVA SOUZA⁵; DIEGO LEMOS RIBEIRO⁶

¹ Universidade Federal de Pelotas – andreacmessias@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – estrellavideofilmagens@yahoo.com.br

³ Universidade Federal de Pelotas – edubauereyeshua@yahoo.com.br

⁴ Universidade Federal de Pelotas – naircarrilfonseca@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – marcosroberto02012@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas – dirmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O senso comum costuma imaginar os museus históricos enquanto locais que salvaguardam e expõem, em suas vitrines, coleções sistematicamente catalogadas com o objetivo de criar narrativas principalmente em relação aos personagens ilustres cujas biografias são relacionadas ao território no qual tais instituições estão inseridas. Esse cenário contendo uma diversidade de acervos, muitas vezes majestosos, pode ser um ambiente frio e desprovido de vida, tal como descreveu o escritor Paul Valéry, em 1931, após uma visita ao Louvre. Com sua poética e sensibilidade aguçada, Valéry declarou: "não gosto tanto dos museus, muitos são admiráveis, nenhum é delicioso. As ideias de classificação, conservação e utilidade pública – que são justas e claras – guardam pouca relação com as delícias" (VALÉRY, 2008, p. 31).

Para além das ações técnicas e científicas, todas as tipologias de museus, dentre elas, os museus históricos, podem e devem explorar a potencialidade de criar discursos, considerando sempre o desenvolvimento da sociedade. Para isso, além da função de conservação e preservação do acervo, a dimensão educativa e política da instituição deve prevalecer (MESA REDONDA DE SANTIAGO, 1972).

Ao buscar a integração com a sociedade, um museu histórico pode lançar mão da escuta das comunidades locais, tal como uma experiência antropológica. O conhecimento das expressões culturais dessas comunidades, os problemas enfrentados cotidianamente, os anseios em relação à patrimonialização de seus modos de vida e/ou "lugares de memória"¹ (NORA, 1993) corroboram para o conhecimento do "*Spiritu loci*" (QUÉBEC, 2008) – aspectos essenciais para que a instituição possa promover a atuação desses grupos como protagonistas na criação dos discursos a serem comunicados nas exposições museológicas (QUÉBEC, 1984; 2008; CURY, 2006).

Nosso trabalho tem por objetivo descrever as ações educativas realizadas pelo Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR) situado no município homônimo. Morro Redondo/RS, com população estimada de 6.589 habitantes (IBGE, 2010), localiza-se na Serra dos Tapes, sul do Estado do Rio Grande do Sul.

A região geográfica na qual o MHMR está inserido, a Serra dos Tapes, de acordo com investigações arqueológicas já realizadas, possui diversos extratos que possibilitaram a identificação de sítios Guaranis,

¹ Pierre Nora entende "lugares de memória" como sendo locais de negociação de lembranças, que fundamentam identidades, funcionando como gatilhos de evocação de memórias que se fazem necessários para evitar o apagamento delas mesmas.

(...) bem como a sua sucessão colonial por área de ocupação portuguesa e no terceiro momento investigado a presença de colonização moderna de grupos germânicos (...) A chegada dos europeus a área foi detectada pela criação de sesmarias e redução drástica da presença indígena na área (NEVES, 2014).

A presença portuguesa e a implantação das charqueadas promoveram modificações na ocupação humana na Serra dos Tapes, tendo em vista que, “(...) com seu relevo escarpado e ainda pouco desbravada, servia também de esconderijo para escravos fugitivos, oferecendo a estes a oportunidade de liberdade e ruptura com a realidade de maus tratos a que eram submetidos” (CERQUEIRA, 2010).

Conforme aponta Neves (2014), a instalação de levas de imigrantes advindos em decorrência de projetos privados e governamentais, a partir do Séc. XIX, promoveu a criação de colônias no território da Serra dos Tapes. Como consequência desse processo, há, por parte do senso comum, um esquecimento das contribuições culturais ameríndias e quilombolas que já se encontravam fixados na localidade. Em contrapartida, há um enaltecimento das contribuições culturais dos imigrantes, inclusive enquanto atrativo turístico nos dias atuais.

Dessa forma, nosso trabalho destina-se a demonstrar as atividades de “ativação do olhar patrimonial” (PRATS, 2005) realizadas pelo Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR) em conjunto com as escolas da rede pública do município no tocante às contribuições ameríndias tão comumente esquecidas. Nessas ações, o Kit Educativo do LEPAARQ-UFPEL² foi utilizado para demonstrar acervos arqueológicos ameríndios e, também, para estimular o imaginário dos alunos durante a oficina realizada no Museu.

2. METODOLOGIA

Para a realização do trabalho “Educação Para o Patrimônio”, o Museu Histórico de Morro Redondo busca firmar parcerias com as comunidades locais. Em relação ao estudo de caso, objeto deste trabalho, alunos das escolas públicas do município de Morro Redondo foram convidados a participar de uma oficina de confecção de cerâmica.

Antes dessa oficina ser realizada, os alunos foram instigados, em sala de aula, a pensarem sobre a presença e sobre as contribuições culturais ameríndias na Serra dos Tapes. Em um segundo momento, os alunos visitaram o Museu, observaram o acervo exposto no “Nicho Indígena” – que continha elementos do Kit Educativo do LEPAARQ-UFPEL, além de coleções da Instituição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a visita ao Museu Histórico de Morro Redondo, os alunos questionaram sobre a utilização dos artefatos ameríndios em exposição. Além disso, demonstraram curiosidade em relação à ausência do elemento masculino em um painel que representa uma família ameríndia e a arte da cestaria.

² Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas.

Figura 1: EXPERIMENTAÇÃO DO KIT EDUCATIVO DO LEPAARQ



Fonte: ACERVO DO MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO, 2015.

Ao participarem da oficina de produção de cerâmica, utilizando a técnica do rolete, os alunos demonstraram interesse e entusiasmo. Após a produção, técnicas decorativas ameríndias foram utilizadas nos artefatos³.

Através dos questionamentos realizados pelos alunos, durante o decorrer das ações, pudemos observar a importância da ativação do olhar patrimonial (PRATS, 2005). Alunos que afirmaram desconhecerem a presença ameríndia na Serra dos Tapes, por terem um estereótipo indígena ainda presente no imaginário, perceberam a presença desses grupos étnicos e, principalmente, das contribuições culturais no cotidiano deles, como é o caso das cestarias, das cerâmicas, do hábito de sorver o chimarrão e de comer churrasco.

4. CONCLUSÕES

As ações de “Educação para o Patrimônio”, realizadas com alunos da Rede Pública do município de Morro Redondo/RS, têm contribuído para demonstrar o potencial político, social e científico do Museu, como também para ressaltar a importância da realização de parcerias com as comunidades. A oficina, aqui discutida, por exemplo, configura-se como ferramenta ético-política privilegiada por propiciar espaço dialógico de trocas simbólicas e de co-construções acerca da temática.

Neste momento de isolamento, em decorrência da pandemia causada pelo Coronavírus, as ações de ativação do olhar patrimonial referentes às contribuições ameríndias acontecerão de forma virtual, nas redes sociais do Museu Histórico de Morro Redondo, a partir de agosto deste ano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERQUEIRA, F. V. Serra dos Tapes: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais. **Anais do IV SIMP: Memória, patrimônio e tradição**. Disponível em:

³ Importa ressaltar que as atividades descritas foram realizadas antes da pandemia causada pelo Coronavírus.

<http://simpufpel.files.wordpress.com/2010/09/mesa-serra-dos-tapes.pdf>. Acesso em: julho de 2021.

CURY, M. X. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. [S.l: s.n.], 2006. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001506197> Acesso em: julho de 2021.

DECLARAÇÃO DE QUÉBEC (1984). **Princípios de Base de uma Nova Museologia**. Disponível em: <http://www.ibermuseos.org/wp-content/uploads/2020/05/declaracao-de-quebec-1984-por.pdf>. Acesso em: julho de 2021.

DECLARAÇÃO DE QUÉBEC (2008). **Sobre a preservação do “Spiritu loci”**. Disponível em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf. Acesso em: julho de 2021.

Mesa Redonda de Santiago de Chile (1972). **Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporâneo**. José do Nascimento Junior, Alan Trampe, Paula Assunção dos Santos (Organización). – Brasília: Ibram/MinC; Programa IberoMuseos, 2012. Disponível em: http://www.ibermuseos.org/wp-content/uploads/2014/09/Publicacion_Mesa_Redonda_VOL_I.pdf . Acesso em: julho de 2021.

NEVES, C. C. das. **A ocupação humana no espaço da Serra dos Tapes, o caso dos distritos de Cerrito Alegre e Quilombo/Pelotas – RS**. 2014. 145f. Dissertação (Mestrado Antropologia – Área de Concentração em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014. Disponível em: <http://quaiaca.ufpel.edu.br/handle/ri/2673>. Acesso em: julho de 2021.

NORA, P. *Entre Memória e História: A problemática dos lugares*. Tradução: Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**. v.10. São Paulo, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: julho de 2018.

PRATS, L. Concepto y gestión del patrimonio local. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 21, p.17-35, 2005.

VALÉRY, P. **Le problème des musées**. Paris: Éditions Gallimard, 2008.

NÚCLEO DE TREINAMENTO E PROCESSOS DE CRIAÇÃO: PREPARANDO TERRENO PARA PLANTIO E COLHEITA NA CENA POÉTICA

BÁRBARA SCOLA LOPES DA CUNHA¹; MANUELA TATIANA GARCIA²;
GISELLE MOLON CECCHINI³.

¹Universidade Federal de Pelotas - barbarascunha@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - manu.artescenicass@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - giselle.cecchini@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a relação entre a extensão e a pesquisa, enfocando mais precisamente o *Núcleo de Treinamento e Processos de Criação* como ação de pesquisa, complementar ao *Núcleo de Estudo Sobre o Trabalho do Ator/da Atriz*, dentro do projeto de extensão *Núcleo de Teatro UFPEL*, tendo como coordenadora a profa. Dra. Giselle Cecchini e como bolsistas as acadêmicas do Curso de Licenciatura em Teatro Bárbara Cunha e Manuela Garcia, no ano de 2021. A pesquisa do *Núcleo de Treinamento e Processos de Criação* contempla a área do teatro e é uma ação decorrente do *Núcleo de Teatro e Poesia* desenvolvido ao longo de 2020, visto a necessidade observada de investigar caminhos para o treinamento psicofísico do ator durante as criações, em meio ao isolamento social. O *Núcleo de Teatro UFPEL* é um projeto estratégico da Universidade Federal de Pelotas, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) que visa desdobrar suas ações de extensão tanto no âmbito da pesquisa quanto no ensino, afirmando a indissociabilidade das três instâncias da universidade.

Se em 2020, em meio ao contexto pandêmico, investimos na possibilidade de explorar memórias a partir de experimentações em videoperformance desde a *Ação Núcleo de Teatro e Poesia*, em 2021, sentimos a necessidade de passar por diferentes experiências artísticas e criar novas memórias. Com as criações realizadas em 2020, observamos grupalmente a vontade de explorar e pesquisar sobre o treinamento psicofísico do ator, tanto pela questão da necessidade do aprofundamento do estudo sobre a atuação, quanto pelo crescente desejo de encontrar caminhos para manter os corpos e mentes em movimento e disponíveis para o trabalho e criação cênica. Fundamentamos nossa pesquisa a partir dos estudos dos livros de Constantin Stanislávski, *A preparação do ator e A construção da personagem* (STANISLÁVSKI, 2013). Outra fundamentação teórica dá-se em torno da obra de Jerzy Grotowski, *Em busca de um teatro pobre* (GROTOWSKI, 1987).

Queremos passar pela experiência. Segundo Jorge Larossa, “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2014). Ao longo do processo de trabalho que estamos realizando no *Núcleo de Treinamento e Processos de Criação*, reconhecemos a problematização que especifica esta modalidade e estes escritos. Em tempos de isolamento social, em que não estamos atuando presencialmente na sala de ensaio e no teatro, de que modo nós, atores e atrizes, experienciamos o processo que visa a tomada de uma consciência corporal e vocal, de forma a iluminar e fisicalizar ações para a cena teatral/virtual? Levando em consideração que as vias interiores e exteriores da personagem e/ou das figuras poéticas se sustentam mutuamente, de que maneira

abolimos a distância entre elementos internos e formas externas na criação de uma cena teatral/virtual?

Nosso objetivo neste estudo é apresentar a ação *Núcleo de Treinamento e Processos de Criação*, com ênfase na pesquisa, desenvolvida pelo projeto de extensão *Núcleo de Teatro UFPEL*. Nesta ação, buscamos investigar o treinamento do ator/da atriz a partir da criação de um tempo-espaco de escuta, de percepção corporal e disponibilidade física e psíquica para reagir aos estímulos de criação, explorando de que forma o ator/a atriz libera a si mesma a partir de uma prática psicofísica, mesmo em tempos de isolamento social.

Com o corpo e a mente desembaraçados de bloqueios e tensões, o ator vê-se disponível para acessar memórias e explorar temas e matérias poéticas para a criação. São essas “matérias – palavras” que nos passam, nos acontecem, nos tocam. Somos atravessados pelas palavras, pelos verbos, pela poesia, vivenciamos, permitimos este cruzamento em nosso próprio corpo e exploramos nossas capacidades expressivas a fim de extrapolar a experimentação e alcançar uma realização cênica. Nesse momento, quando apresentamos um trabalho para o público, é quando o teatro se revela também em sua função social e política. Tendo em vista os aspectos teóricos e práticos da formação do ator/ da atriz e sua inserção na sociedade, fomos ao encontro do diálogo entre as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão.

2.METODOLOGIA

O *Núcleo de Treinamento e Processos de Criação* se realiza em encontros virtuais semanais, nos quais são desenvolvidos exercícios específicos de escuta, percepção e presença. Somos convidados a explorar a pré-expressividade do ator e os elementos da teatralidade a partir de improvisações e dispositivos de performances. As atividades assíncronas são estimuladas para que durante a semana os participantes e colaboradores continuem trabalhando sobre os elementos praticados nos encontros síncronos. Além disso, ao longo do processo, é elaborado o Caderno Pedagógico “Treinamento/Experimentação e Processos de Criação”, como registro da pesquisa.

A ação busca explorar o treinamento psicofísico como trânsito, como relação entre aquilo que é interno e aquilo que é externo, diminuindo as distâncias e as divisões entre o que é psíquico e o que é físico. Descobrimos no treinamento o desenvolvimento da atenção, da precisão, do ritmo, da expansão dos limites e das capacidades expressivas, bem como o estado de prontidão, de um corpo disponível que não apresenta lapso de tempo entre um estímulo e a sua reação. Este corpo vivo, orgânico, está conectado consigo mesmo e com suas memórias. Segundo Grotowski, corpo-mente-memória são indissociáveis (GROTOWSKI, 1993), e, conforme o diretor polonês, investimos nesta busca, nesse trabalho sobre nós mesmos, jamais no sentido de ensimesmar-se, mas adentrando diferentes camadas e trazendo à tona nossas memórias transformadas em poesia para a cena.

O vínculo inseparável entre corpo-mente-memória no trabalho do ator/da atriz é compreendido pelo *Núcleo de Teatro UFPEL* como tema fundante da nossa pesquisa. Do movimento ao gesto, do som à palavra, da ideia ao verbo, essa compreensão nos impulsiona à conexão consigo mesmo e com nosso espírito humano. Estabelecida esta coerência, é possível a conexão com o outro, encontrar extensão no outro, ainda que pela tela, atravessar as fronteiras, tanto

no âmbito do imaginário quanto do geográfico, visto que o fato de ser uma ação remota nos possibilita expandir a participação de pessoas de diferentes estados do Brasil.

Durante as práticas, começamos com alongamentos e exercícios que mobilizam as articulações, a coluna, a musculatura, colocando-nos em estado de presença. Para alcançar esta disponibilidade corporal, de um princípio interno que irá ativar os verbos de criação, trabalhamos a coluna, como território de onde surge o princípio interno que leva à ação. Organizar, desbloquear, desconstruir, fortalecer nosso corpo bio-mecânico, e também orgânico, é uma forma de nos entendermos como “árvores”, possuidores que somos de raízes, tronco e folhas, metaforicamente falando. Exploramos estados poéticos a partir de estímulos imagéticos que conduzem e instigam o imaginário a encontrar novas possibilidades e caminhos, até chegar no que chamamos de “colheita de palavras”, em que a palavra poética é o próprio ato. Já nos primeiros encontros começamos a explorar os verbos como “colher”, “semear”, “pescar”, “lançar”, entre outros. O verbo passou a ser nosso estímulo disparador para as improvisações e a criação da cena poética/teatral/digital chamada *Ai, Palavras*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O *Núcleo de Treinamento e Processos de Criação* é uma ação recente do Núcleo de Teatro UFPEL que teve início em maio de 2021. Durante esse curto período de desenvolvimento e experimentação, por estarmos em processo de pesquisa e criação, entramos em contato com novos vocabulários e procedimentos, vivenciamos diferentes práticas, adentramos em universos poéticos e estamos percorrendo caminhos. Nossos conflitos configuram-se no âmbito do poético e do dramático e nos deparamos mais com perguntas disparadoras para o processo de criação do que com respostas.

Chamamos o primeiro resultado da ação como uma cena poética/teatral/digital intitulada *Ai, Palavras*. O texto poético, *Romance LIII ou Das palavras aéreas*, é de Cecília Meireles. Trata-se de um poema do *Romanceiro da Inconfidência* (MEIRELES, 1974, p. 116) que nos atravessou:

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

Ai, Palavras será apresentada durante a 7ª Semana Integrada de Inovação Ensino e Pesquisa (SIIPE) e é fruto do processo de experimentação desenvolvido nos três meses de pesquisa extensionista do *Núcleo de Teatro UFPEL*. *Ai, Palavras* é uma das cenas desenvolvidas de um projeto maior de encenação chamado *Colheita de palavras*, ainda em fase de concepção.

A partir de nosso questionamento sobre ser possível criar a partir de um exercício, de um corpo disponível e treinado, mas também sobre criar tendo como ponto de partida um verbo, iniciamos as experimentações com o grupo afim de preparar os terrenos, arar a terra, liberar o corpo e a mente daquilo que trava a criação do movimento e instigar os imaginários para novos plantios. Somos

convidados a percorrer alamedas e adentrar clareiras, expandindo percepções e escutas. Em outro momento, somos provocados a plantar e colher palavras. Essas que surgem do movimento, do verbo e da imaginação. Mais do que somar elementos técnicos, buscamos eliminar os obstáculos que se apresentam no processo de criação a partir do treino psicofísico. Como disse Grotowski, “o estado necessário da mente é uma disposição passiva a realizar um trabalho ativo, não um estado pelo qual ‘queremos fazer aquilo’, mas desistimos de não fazê-lo” (GROTOWSKI, 1987).

4. CONCLUSÕES

O desejo de realizar esta pesquisa do *Núcleo de Treinamento e Processos de Criação* nasce de uma necessidade experimentada grupalmente e por isso ela se revela tão importante para os integrantes do *Núcleo de Teatro UFPEL*, que reconhece na pesquisa o aprofundamento necessário nas questões indagadoras e provocadoras da atuação teatral. Consideramos que atualmente se apresentam novos desafios na prática de treinamentos e criações teatrais, virtuais e digitais, devido às condições que o isolamento social nos impõe. Concluimos que é de grande relevância seguir pesquisando e experimentando sobre as possibilidades e ferramentas que nós atores e atrizes temos para seguir sendo um corpo criador desde uma outra atmosfera de ensaio. O treinamento, durante a pandemia, tem se mostrado como um ato de extrapolar fronteiras e encontrar territórios de criação, mantendo-se vivo e atuante frente à comunidade, ao mundo, e dessa forma tornando real a relação entre a pesquisa e a extensão. Entendemos que colocar-se em estado de criação é também permitir-se a dar vida e gerar no corpo, voz, mente e espírito outras possibilidades de mundo a serem compartilhadas na cena teatral, mesmo que ainda de forma virtual. Em nossas considerações finais, confirmamos o compartilhamento das experimentações, trocas e diálogos entre a pesquisa, o ensino e a extensão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GROTOWSKI, J. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GROTOWSKI, J. “Tu eres hijo de alguien”. In: CEBALLOS, Edgar. **Revista Máscaras – Cuaderno Iberoamericano de reflexion sobre Escenologia**. México: Ano 3 – Número 11-12, enero 1993.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MEIRELES, C. **Romanceiro da Inconfidência. Poesia completa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. 5v.

STANISLAVSKI, C. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

STANISLAVSKI, C. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ESPAÇO E TEMPORALIDADES DA ARTE EM GIF – UMA AULA ABERTA COM ADRIAN LOPEZ CREGO

BERNARDO CALDAS DE SOUZA¹, NATHANIELE PEREIRA SILVEIRA²,
EMANUELA DI FELICE³

¹Universidade Federal de Pelotas – bernardoclsouza@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – emanueladifelice@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2021, devido as peculiaridades da pandemia, o projeto de extensão Da Arquitetura Ociosa ao Urbanismo Interativo, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, foi focado em oficinas de GIF's, junto aos alunos da disciplina de História das Artes, do mesmo curso, e a comunidade acadêmica. O projeto foi desenvolvido online e sua busca foi no sentido de entrelaçar uma relação empática entre a história das artes visuais e sua transformação em imagem GIF, procurando artistas que desenvolvem trabalhos com essa linguagem artística, interligada ao digital e ao urbano.

A oficina de GIF'S dentro do projeto de extensão apresentou-se como uma oportunidade de encontro entre a comunidade acadêmica, a comunidade em geral, e a produção artística digital, especificamente do artista Adrian Lopez Crego (A.L. Crego), o qual desenvolve GIFs utilizando a paisagem urbana como pano de fundo. Partindo desta perspectiva, o objetivo da oficina foi proporcionar a aproximação do estudante com o artista, o conhecimento da arte contemporânea no fazer cidade, buscando entender a complexidade do organismo urbano, suas temporalidades e as suas singularidades e como essas se manifestam numa arte em movimento. Além disso, a oficina buscou entender e transmitir as especificidades que caracterizam a arte em gif e a arte digital, e quais são seus dilemas nos tempos atuais a respeito de autoria, apropriação e divulgação da mesma.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, em sites e ferramentas como “Archdaily” e “Google”, bem como em redes sociais, como “Tumblr” e “Twitter”, buscou-se, utilizando as palavras-chave “GIF” e “Urbanismo”, artistas engajados nessa expressão de arte.

A partir dos resultados da busca, tivemos a oportunidade de conhecer e convidar o artista Adrian López Crego (Galiza, Espanha), que teve sua obra e atividade divulgadas através do trabalho com as redes sociais e o perfil “Da Arquitetura Ociosa ao Urbanismo Interativo” na rede “Instagram”. Além disso, foi proporcionada uma aula aberta, convidando o artista A.L. Crego da Espanha, junto aos alunos da disciplina e outros artistas interessados ou curiosos, promovendo a interação direta dos alunos e comunidade com a arte contemporânea internacional e suas problematizações na produção de arte divulgada no meio virtual, observação particularmente interessante no nosso meio acadêmico e profissional, da arte urbana em movimento.

Com o fim de difundir conhecimentos de como os artistas produzem seus Gifs, além, é claro, conhecer como a arte transforma a cidade e o ambiente urbano, procurou-se transmitir conhecimentos básicos, intermediários e até



avançados de softwares que auxiliam na produção desse tipo de conteúdo, visando facilitar e nortear o trabalho dos alunos da disciplina e a apropriação dessas técnicas pela comunidade interessada em produzir esse tipo de arte. A aula aberta foi divulgada através do perfil “Da Arquitetura Ociosa ao Urbanismo Interativo” na rede social “Instagram”, bem como em grupos relacionados a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na rede social “Facebook”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa perspectiva, a aula aberta desenvolveu uma dialética a respeito de temas relevantes da arte virtual do artista convidado e também de sua obra. Adrian López, como já comentado, é um dos artistas curadores e organizadores do Festival de Arte Urbana DesOrdes Creativas, que acontece anualmente e reúne artistas urbanos para intervir em espaços ociosos da cidade de Ordes, na Espanha. Desse modo, desenvolve sua arte trabalhando com o GIF sobre o ambiente urbano, trazendo sempre diferentes interações do meio físico e a arte digital, produzindo-os com visuais fascinantes que atraem as pessoas usuárias das redes sociais, os quais se apropriando delas, divulgam a sua arte no espaço público virtual. Um trabalho que mescla Arte visuais juntamente com a animação e suas dinâmicas de reprodução nas redes sociais.

A configuração de apropriação que o meio digital proporciona é algo infinito, permitindo a difusão em massa desse conteúdo, uma vez que rompe as barreiras físicas. Isso, algumas vezes, pode representar um problema na creditação das autorias dos trabalhos dos artistas, sendo a solução desse problema complexa em um meio tão vasto como a internet, o que envolve questões éticas e a difusão do próprio trabalho.

O entendimento dessas apropriações como arte também é algo recente, que ainda está em processo de consolidação, mas que cada vez mais se faz presente nos debates sobre arte contemporânea. Esse fato estimulou a produção do artista, que viu no GIF uma espécie de vanguarda artística, pouco explorada pelos artistas e com muito potencial, conforme o relato do mesmo. A.L.Crego expos que começou a fazer arte em GIFs pelo motivo do GIF ser uma tipologia pouco explorada, que permitia a ele criar novos caminhos, espacialidades das redes sociais e digitais.

Figura 1 - Animação de grafite em muro



Fonte: Archdaily, 2015.

Também na aula aberta, o artista retratou sobre o processo de colaboração com os grandes artistas urbanos internacionais e de como ele produz seus GIF'S mostrando e conversando com os alunos sobre sua arte e como ele busca

produzi-las nos ambientes da cidade. A.L. Crego deixou claro a sua metodologia de produção, que consiste em ir aos locais, fotografar os murais com qualidade alta, e animar, em softwares de animação como o Adobe After Effects, uma parte ou toda a cena, dependendo das características e das sensibilizações do artista quanto as artes urbanas escolhidas. Vale ressaltar o critério de interpretação da obra, que passa pela subjetividade do interventor, produzindo um olhar único sobre elas, que certamente também carregam a significação que os autores dos murais quiseram dar a cada uma delas.

Figura 2 - Animação de grafite em edificação



Fonte: Página do artista no Tumblr.

4. CONCLUSÕES

Desenvolvendo o objetivo de identificar e reconhecer a produção da arte contemporânea, é possível concluir que com o movimento de arte independente que Adrian L. Crego nos apresenta, surge uma oportunidade de criar novos relatos urbanos que vão além das temporalidades mais comuns da própria cidade. Esse movimento vai muito além de um trabalho individual, pois o que conta é a linguagem arquitetônica de um espaço ocioso e o caráter hipnótico dos efeitos de fluidez que os GIFs do artista apresentam. Conseguindo nos fazer olhar o espaço urbano sob outro ponto de vista, aquele espaço ocioso onde a arquitetura é muda e o grafite acontece, se transformam no GIF num breve relato de um espaço urbano sendo reapropriado pelas artes urbanas dos Grafites, no meio físico, e das animações, no meio digital. A extensão universitária proporcionou aos extensionistas e alunos conhecimentos sobre as variadas dimensões da arte digital em GIF, e demonstrou a eles como produzir uma obra desse gênero, além de difundir e aproximar um gênero de arte ainda pouco explorado por artistas da comunidade em geral.



A arte digital, sobretudo o GIF, objeto de estudo do trabalho, em sua relação com a apropriação dos espaços ociosos transcende o espaço físico, e transmite o urbanismo a uma espacialidade nova, a do meio digital, transformando a cidade e seus espaços em um organismo que fala por si só, ainda que virtualmente. É importante observar que a arte digital, como a de A. L. Crego, atua na necessidade de expansão da arte urbana e na democratização dela, uma vez que a mesma não possui barreiras físicas. Por mais que não possamos considerar a presença no meio digital como definidora da democratização, visto que, no Brasil, 25% da população não tem acesso à Internet, como apontam estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), essa difusão parece ser cada vez mais transformadora. A importância do projeto e da aula aberta se deu no auxílio da difusão desse tipo de arte, não somente em termos de visualização, mas também das problemáticas e discussões que permeiam o tema, para contribuir com o desenvolvimento dessa linguagem artística.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, G.B. **Política, subjetividade e arte urbana: o graffiti na cidade**. 2013. Mestrado em Psicologia - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

GASPARETTO, D.A. **Arte digital no Brasil e as (re)configurações no sistema da arte**. 2016. Doutorado em Artes Visuais - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O que é Tumblr?. TechTudo, 2 jun. 2016. Acessado em 22 jul. 2021. Online. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/06/o-que-e-tumblr.html>

O que é o Twitter?. Lenovo, São Paulo, 2021. Acessado em 27 jul. 2021. Online. Disponível em: <https://www.lenovo.com/br/pt/faqs/pc-faqs/que-e-twitter/>

AIDAR, Laura. **Grafite (Arte Urbana)**. Toda Matéria. Acessado em 2 ago. 2021. Online. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/arte-urbana/>

AIDAR, Laura. **Arte Urbana**. Toda Matéria. Acessado em 2 ago. 2021. Online. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/grafite-arte-urbana/>

25% dos brasileiros não tem acesso a internet, aponta pesquisa. CanalTech, 29 abr, 2020. Acessado em 8 ago. 2021. Online. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/25-dos-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-aponta-pesquisa-164107/>

DESTAQUES – Aula Aberta com o artista A.L. Crego. 15 jun. 2021. Instagram: @arq,ociosa_urb.interativo. Acessado em 8 ago. 2021. Online. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQKGhBwApnL/>

MEMÓRIA E IDENTIDADE: O TERRITÓRIO QUILOMBOLA EM PIRATINI/RS A PARTIR DO ACERVO DA ALM

BETHÂNIA LUISA LESSA WERNER¹; NATHALIA LIMA ESTEVAM²; GEORGE MARINO SOARES GONÇALVES³; LUKAS DOS SANTOS BOEIRA⁴ GILBERTO LOGUERCIO COLLARES⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – bethaniawerner@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – nathaliaestevaml@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – george.marino.goncalves@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – lukasdossantosboeira@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – gilbertocollares@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Definições essenciais na construção historiográfica, memória e identidade são conceitos que possuem inúmeras proximidades. Caracterizada como uma reconstrução permanentemente atualizada do passado, a memória é definida como uma “força de identidade” (CANDAU, 2012, p. 17). Nesse sentido, é possível afirmar que a restituição da memória iguala-se à restituição da identidade, pois “não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade [...]” (CANDAU, 2012, p. 19).

Através da vinculação da memória a grupos de referência há, portanto, outro conceito importante a ser incorporado nessa discussão, o de memória coletiva, trazido por HALBWACHS (1990). O autor menciona que as lembranças das pessoas estão ligadas diretamente a grupos de referência aos quais essas se vinculam, tornando mais fácil o processo de reconstrução dessas memórias e relacionando-as a comunidades afetivas.

À vista disso, alguns autores já trabalharam com a associação entre as comunidades e líderes quilombolas e o conceito de memória coletiva. Um dos estudos mais recentes realizados sobre a temática na região sul versa sobre o *General* Manoel Padeiro, destacado enquanto “rebelde, líder justiceiro, referência religiosa, Padeiro cada vez mais se cristaliza na memória coletiva da cidade e região como um herói, exemplo de resistência de africanos e afrodescendentes” (PINTO, MOREIRA, AL-ALAM, 2020, p. 43).

Nessa perspectiva, portanto, é que se insere o presente trabalho. Através do processo de organização e catalogação dos diferentes materiais que compõem o acervo histórico da Agência de Desenvolvimento da Lagoa Mirim (ALM) foram encontradas fontes para auxiliar na análise sobre essas comunidades e a formação de seus territórios no município de Piratini/RS. Inseridos em um dos Programas de Desenvolvimento de Comunidade, sob coordenação da Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul (SUDESUL¹), os documentos referidos incluem o período de 1982 a 1986.

Dentre os materiais encontram-se plantas, mapas e fotografias, os quais, confrontados, podem nos oferecer outro olhar sobre a formação histórica desses territórios. Por isso, objetivando a colaboração na construção historiográfica sobre

¹ “A Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul — SUDESUL — foi criada a partir da Lei nº 5.365, de primeiro de dezembro de 1967, a partir da Superintendência do Desenvolvimento da Fronteira Sudoeste” (FILHO; ALMEIDA; CARDOSO, 2012, p. 4).

essas comunidades quilombolas no Rio Grande do Sul, bem como a preservação de suas memórias e identidades, apresentamos um breve levantamento sobre fontes disponíveis para pesquisa e análise. Além disso, busca-se o reconhecimento da importância das atividades extensionistas inseridas em projetos interdisciplinares.

2. METODOLOGIA

O acervo histórico da Agência de Desenvolvimento da Lagoa Mirim é composto por diferentes tipos de materiais. Dentre os mesmos encontram-se livros, relatórios, mapas, plantas, documentos oficiais, fotografias, aerofotografias, relatórios de saídas de campo, entre outros. Tais documentos são referentes aos projetos que estão sob cuidados da ALM, dentre os quais destacam-se o Projeto da Barragem do Chasqueiro, o Projeto de Desenvolvimento da Bacia da Lagoa Mirim, o Projeto do Rio Jaguarão, o Projeto do Rio Camaquã, entre outros.

A organização e catalogação dos mesmos segue a divisão através dos projetos pré estabelecidos. Além disso, preserva-se o princípio da proveniência definido por BELLOTTO (2004), o qual determina que materiais com a mesma origem devem ser mantidos e reunidos no mesmo contexto para melhor acesso e análises em posteriores pesquisas.

Inicialmente, os mapas foram os materiais que receberam maior atenção devido à demandas por pesquisas no arquivo. Através da construção de uma planilha digital², onde são dispostas as informações sobre cada um dos exemplares, é possível, portanto, visualizar de maneira mais nítida os referidos produtos.

Ressalta-se que o processo encontra-se em andamento o que demanda bastante tempo, dada a grande quantidade de materiais que compõem o acervo. Contudo, mediante o uso dessa ferramenta digital é possível realizar o cruzamento de informações sobre os documentos.

Paralela à catalogação digital dos mapas, durante a organização física do acervo, também foram encontradas fotografias da 1ª Agregação Feminina do Rincão do Quilombo do município de Piratini/RS, correspondentes ao ano de 1985. Diante disso, pesquisou-se quais eram os anos relativos aos levantamentos topográficos referentes a região e os mesmos apresentaram o recorte temporal de 1982 a 1986. Dessa forma é que foi possibilitada a intersecção de fontes sobre a região do quilombo em Piratini/RS.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, apesar da organização e levantamento dos materiais ainda estar em processo contínuo, já é possível a análise de alguns documentos. Os levantamentos topográficos já catalogados referentes ao território do Quilombo em Piratini/RS contam com um montante de 71 exemplares, como exposto na Tabela 1, destacando em cada um o(a) proprietário(a) e a extensão de cada área.

² Cada um dos projetos localiza-se em uma (ou mais) mapoteca, locais onde são acondicionados os mapas, sendo as mesmas identificadas através de ordem alfabética igualmente na tabela digital.

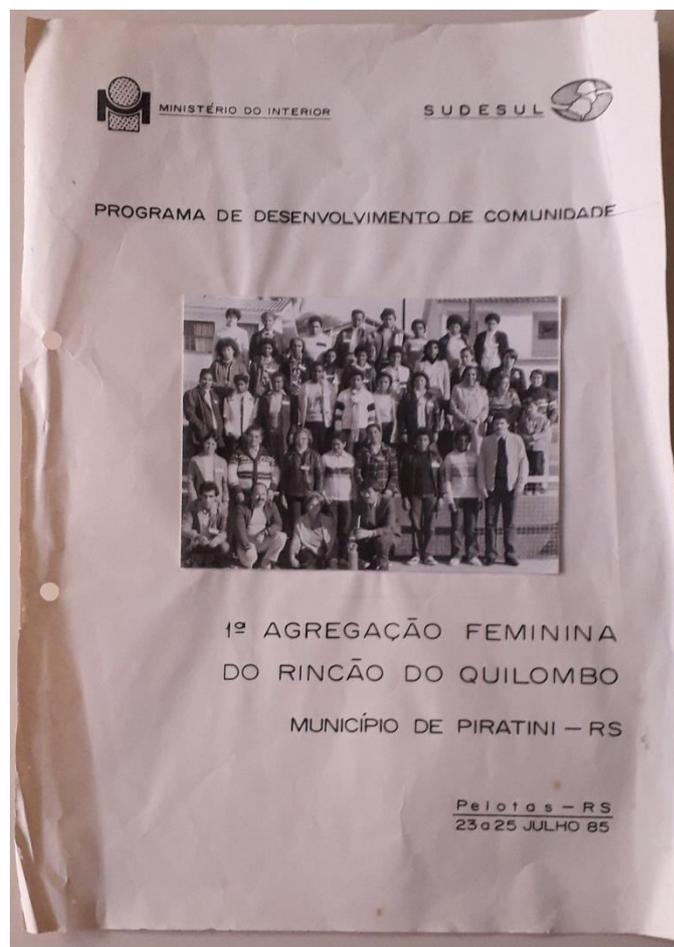
Tabela 1 – Quantificação dos levantamentos topográficos do Quilombo em Piratini/RS

Ano	Quantidade de documentos
1982	19
1983	38
1984	0
1985	0
1986	14

Fonte: Acervo da Agência de Desenvolvimento da Lagoa Mirim (2021)

Além desses documentos, como mencionado anteriormente, o acervo também dispõe de fotografias sobre algumas das atividades desenvolvidas na comunidade (Figura 1).

Figura 1 - 1ª Agregação Feminina do Rincão do Quilombo.



Fonte: Acervo da Agência de Desenvolvimento da Lagoa Mirim (2021)

Dessa forma, a partir de pesquisas paralelas sobre o território, verificou-se a recente identificação³ das terras quilombolas no município, ocorrida e publicada

³ Regularização quilombola. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/noticias/territorio-quilombola-e-identificado-em-piratini-rs-1>

no Diário da União em 28 de abril de 2021, fato que colabora na justificativa sobre a importância da presente documentação e de sua salvaguarda.

4. CONCLUSÕES

Os esforços pela preservação e conservação dos diferentes tipos documentais que compõem o acervo histórico da ALM constitui, dessa maneira, uma das bases do trabalho extensionista. Através do levantamento das fontes presentes no local, bem como sua organização e catalogação, são elevadas as possibilidades de análises que visam a construção da história da região e de suas comunidades.

Dados como os que foram apresentados possibilitam a elaboração da história e a reconstrução de memórias e identidades de bairros, cidades, comunidades e até mesmo a trajetória de famílias a partir do cruzamento dessas fontes. Nesse sentido, projetando uma aproximação ainda mais efetiva com a comunidade, a ALM prevê inclusive a futura criação de um memorial histórico aberto para visitas, após a organização do local.

Além disso, as possibilidades de pesquisa passam tanto pela narrativa histórica e memorial da região quanto da própria instituição que dispõe dessa documentação, demonstrando a preocupação social que a caracteriza ao incentivar essas ações de preservação. Sendo assim, o acervo histórico da ALM se constitui enquanto um lugar não só para a realização de práticas de ensino, pesquisa e extensão, mas também como um espaço onde a comunidade (acadêmica ou não) é convidada a conhecer e aprender mais sobre sua(s) história(s).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes**. Tratamento documental. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Brasília: **DOU Diário Oficial da União**. Superintendência Regional no Rio Grande do Sul: divisão de governança fundiária. Publicado no D.O.U. de 28 de abril de 2021. Edital nº 100/2021, seção 3, p. 6.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FILHO, A. G. ALMEIDA, A. S. de. CARDOSO, M. A. C. SUDESUL: Suas concepções de desenvolvimento e suas estratégias no processo de planejamento 1956-1989. **Seminário de Ciências Sociais Aplicadas**. Criciúma: UDESC, p. 1-20, 2012.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Centauro, 1990.

INCRA. **Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária**. Território Quilombola é identificado em Piratini (RS). Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/noticias/territorio-quilombola-e-identificado-em-piratini-rs-1> Acesso realizado em 01/07/2021.

PINTO, N. G. MOREIRA, P. R. S. AL-ALAM, C. C. **Os Calhambolas do General Manoel Padeiro**: práticas quilombolas na Serra dos Tapes (RS, Pelotas, 1835). 2ª ed. Revisado e ampliado – e-book. São Leopoldo: Oikos, 2020.

PROTAGONISMOS NEGROS NA CIDADE DE PELOTAS

BIANCA LEOCADIO DUARTE¹; GABRIELLE GARCIA GOTUZZO²; LORENA ALMEIDA GILL³

¹Universidade Federal de Pelotas – byanka0529@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gotuzzo.rpg@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Educação Tutorial Diversidade e Tolerância (PET-DT) é um grupo que foi aprovado no ano de 2009 e passou a funcionar em 2010. É caracterizado como institucional, podendo aceitar bolsistas de todas as graduações da UFPel, a partir de um recorte de vulnerabilidade social, ou seja, os alunos precisam receber, pelo menos, uma das bolsas relacionadas à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Atualmente, é composto por alunos da Pedagogia, Nutrição, Medicina Veterinária, História, Letras, Enfermagem, Psicologia, o que traz uma grande riqueza aos debates propostos, que são marcados por preocupações com a interdisciplinaridade.

Tendo em vista essa composição, os projetos procuram reconstruir histórias de pessoas que costumavam ser esquecidas pela historiografia e assim surgiu o o projeto Protagonismos Negros – Histórias pouco contadas, com um caráter extensionista, idealizado por uma ex-bolsista, Januza da Silva Pereira, mulher negra. Para a sua execução foram estabelecidas algumas parcerias entre o PET DT, o PET Artes e o Núcleo de Documentação Histórica Beatriz Loner (NDH/UFPel), todos da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Ao Núcleo coube a pesquisa histórica e à escrita de pequenos textos sobre cada uma das pessoas abordadas; ao PET Artes, a feitura de materiais artísticos que representassem as trajetórias das pessoas e, ao PET DT, a gravação dos vídeos.

As fontes de conhecimento que possibilitaram abordar os personagens históricos foram obtidos, principalmente, a partir do livro A Família Silva Santos e outros escritos: escravidão e pós-abolição ao sul do Brasil, o qual reúne textos escritos pela professora Beatriz Loner e parceiros acadêmicos e foi organizado pela Lorena Gill e o Paulo Koschier.

Os nomes escolhidos foram alguns aqueles que enfrentaram profundas transformações na sociedade brasileira, e, a partir do suas práticas cotidianas, buscaram modificar o que estava dado, muitas vezes construindo novas organizações, as quais possibilitassem uma maior representatividade da raça negra.

Desse modo, o objetivo do projeto é, especialmente, a produção e divulgação do material à comunidade acadêmica e à população em geral. Julga-se importante narrar histórias e lutas de homens e mulheres, relacionadas às causas raciais e operárias da cidade de Pelotas, e que não receberam o devido reconhecimento.

2. METODOLOGIA

O projeto foi adaptado ao momento em que se vive a pandemia do Covid-19, por isso se deu de maneira on-line. Discussões foram realizadas em reuniões, a partir da plataforma webconf e via aplicativo whatsapp.

Conforme já dito, o NDH ficou responsável pela pesquisa e levantamento de informações sobre a história dos protagonistas, suas lutas e trajetórias. A partir destes dados foram elaborados textos que foram publicados nas redes sociais do NDH. Esse mesmo material era utilizado como base para a produção audiovisual que era da responsabilidade do PET DT. Os vídeos foram postados nas redes sociais do PET DT, como também no instagram do NDH. No tocante ao PET Artes, este ficou incumbido da produção de ilustrações, para a produção de livretos, que serão direcionados, especialmente, às crianças.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até agora foram publicadas dez histórias, com narrativas que vão desde as trajetórias pessoais até os trabalhos exercidos e lutas antirracistas e abolicionistas. Um destes personagens é o Antônio Baobá, nascido em Pelotas e liberto somente aos 20 anos de idade. Ele foi alfabetizado no curso noturno da Biblioteca Pública Pelotense, além de ser um dos fundadores do jornal a Alvorada. Já Rodolpho Xavier, nascido com status de ingênuo, após a aprovação da Lei do Ventre Livre, também foi alfabetizado no curso noturno da Biblioteca aos 10 anos de idade e, além de ser um dos idealizadores do A Alvorada, foi seu cronista por décadas, uma vez que o periódico foi bastante longo, ou seja, teve edições entre 1907 e 1965, com pequenas interrupções.

Um outro personagem foi Durval Penny, o qual tornou-se médico, pelo Instituto Nacional de Ciências, do Rio de Janeiro. Atendia aos pobres da cidade de Pelotas e região, sendo proprietário de uma farmácia, a qual era usada também como consultório. Durval ficou conhecido como o médico dos pobres, sendo diretor do Instituto São Benedito e, ainda, participando da Frente Negra Pelotense,

Entre os objetivos da organização constava: reunir a comunidade negra, repassando ideias e ensinamentos nobres e altruísticos; procurar condições de melhoria intelectual dos associados; amparar os sócios com possível assistência hospitalar; realizar palestras e conferências, ou seja, a construção de ações possíveis para elevar o homem negro. A Frente Negra Pelotense (FNP) foi fundada em 10 de maio de 1933, por José Aduino Ferreira da Silva, Carlos Torres, Juvenal Penny, Humberto de Farias e Miguel Barros, todos integrantes do periódico A Alvorada. Por conta do preconceito racial em Pelotas, especialmente, pela rejeição de crianças negras em escolas (um espaço extremamente racializado), esses homens perceberam a necessidade de criar uma entidade forte para combater o racismo (OLIVEIRA, 2017).

Juvenal Penny, um outro abordado pelo projeto, irmão de Durval, se uniu a grupos de resistência, lutou contra a elite vigente e foi também um dos fundadores do mesmo jornal, ao participar financiando, divulgando e coletando mensalidades. Foi diretor do clube negro Está Tudo Certo, destinado à socialização de pessoas negras. Ainda foi dono de uma fábrica de fogos.

Dentre as mulheres abordadas está Maria Helena Vargas, neta de um dos articuladores do jornal A Alvorada, Armando Vargas. Ela formou-se professora e lecionou em diversas escolas do Rio Grande do Sul (RS), ficando conhecida como “Helena do Sul”. Importante dizer que foi uma das precursoras de discussões que levaram à criação da Lei 10.639/2003, que trata da obrigatoriedade da presença da

temática História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas. Além disso, participou da equipe do Governo Federal, na qual interagiu a Secretaria de Educação Continuada e Fundação Cultural Palmares. Como escritora, Helena Vargas lançou seu primeiro livro “É Fogo (1987)”, que abordou questões sobre racismo nas instituições de ensino. Além desse, lançou mais onze livros em formato de contos, poesias e crônicas (UFRGS 2021).

Outra mulher retratada, Luciana de Araújo, conhecida como mãe preta, foi fundadora do Asilo de Órfãos São Benedito, que abrigava meninas pobres.

Dentre os homens, Eusébio de Queiroz, que também teve seu vídeo produzido, também auxiliou na fundação do Asilo São Benedito, sendo professor, dono de escola de dança e obtendo licença para atuar como médico, além de outros feitos nas discussões e lutas antirracistas.

Dois outros abordados nos vídeos foram Manoel Conceição da Silva Santos, escravizado por 20 anos, que chegou a Pelotas em 1960, fez fortuna como construtor e usava seus recursos para financiar as causas em que atuava como campanhas abolicionistas. Manoel foi fundador e proprietário do jornal A Voz do Escravo.

Já Carlos Santos, da mesma família de Manoel, auxiliou na criação do Centro Cultural Marcílio Dias e em várias organizações negras da cidade de Rio Grande. Ajudou a fundar o Sindicato dos Metalúrgicos, participou da Frente Sindical e, ainda se formou em Direito. Foi eleito deputado estadual por duas vezes e, em uma destas ocasiões, foi Presidente do Legislativo, condição que o levou a assumir, por duas vezes, o Governo do Estado, durante viagem do então governador Walter Peracchi Barcelos.

Por fim, Manoel Padeiro, líder quilombola do século XIX, formou grupos de resistência contra a escravidão, auxiliando muitos escravos a fugirem em direção à zona rural de Pelotas, mais conhecida como Serra dos Tapes. Ele formou vários quilombos, sendo o mais famoso conhecido aquele que recebeu seu nome. Ainda, ficou conhecido como Zumbi dos Pampas e se tornou referência religiosa e símbolo de resistência. Atualmente existe um festival de cinema que leva seu nome, desenvolvido pela Gaia Cultural, em parceria com o Curso de Cinema e Animação, da UFPEL (PELOTAS CAPITAL CULTURAL, 2010).

O projeto que apresentamos traz histórias inspiradoras, que mostram a importância da educação para a emancipação das pessoas. Demonstra também como mulheres e homens podem mudar seus destinos, a partir de lutas e movimentos de resistência.

As redes sociais do PET DT na qual são divulgados os vídeos, contam com 4.038 seguidores o que gera um bom alcance de visualizações do material. Tais histórias podem atuar na construção de representatividade, especialmente para jovens negros e negras que continuam, mesmo passado tanto tempo, sofrendo preconceitos e estigmatizações.

4. CONCLUSÕES

Este foi um dos projetos mais importantes desenvolvidos pelo PET DT no último ano, tendo em vista que há muito a ser feito para que a situação de negros e negras, no Brasil e no mundo, seja modificada. Não é à toa que a população negra continua sendo aquela que, no Brasil, por exemplo, tenha os piores índices de educação (ainda que haja a existência de cotas), as piores ocupações no mercado de trabalho e a maior população carcerária.

O Brasil é um país extremamente desigual, o que fica claro quando se verifica índices de desenvolvimento humano (IDH) para algumas regiões específicas, bem como com relação a sua população.

Trabalhar com a temática de protagonismos negros traz representatividade, o que é fundamental para que possamos alterar a realidade ainda existente, promovendo uma maior inclusão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Blog: Pelotas Capital cultural. **Manoel Padeiro**, líder quilombola. Link: <https://pelotascultural.blogspot.com/2010/11/manuel-padeiro-lider-quilombola.html> Acesso em 18 de julho de 2021.

GILL, Lorena Almeida; KOSCHIER, Paulo Luiz Crizel(org.) **A Família Silva Santos e outros escritos: escravidão e pós-abolição ao sul do Brasil**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/a-familia-silva-santos-e-outros-escritos/> Acesso em 18 de julho de 2021.

OLIVEIRA, Ângela Pereira. **A racialização nas entrelinhas da imprensa negra: o caso O Exemplo e A Alvorada – 1920-1935**. 2017. 91p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4178> Acesso em 5 de julho de 2021.

Site: **PET Diversidade e Tolerância**. Link: <https://wp.ufpel.edu.br/petdiversidade/sobre-nos/> Acesso em 10 de julho de 2021.

UFRGS. **Helena do Sul. Portal da escritora pelotense Maria Helena Vargas**. 2021. Online. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/helenadosul/> Acesso em 15 de julho de 2021.

<https://www.facebook.com/jorge.penny> Acesso em 4 de agosto de 2021.

.

MULHERADA: Uma ação sociocultural do Tatá Núcleo de Dança-Teatro na comunidade de Pelotas

BIANCA MENDES ASCARI¹; MARIA FONSECA FALKEMBACH²

¹Universidade Federal de Pelotas – bascari@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mariafonsecafalkembachufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto relata uma ação do Tatá Núcleo de Dança-Teatro, projeto unificado vinculado ao curso de Dança - Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), do qual atualmente sou bolsista. O foco do grupo é a criação de obras cênicas para apresentação nas escolas e em espaços da comunidade de Pelotas e região, com objetivo de difundir a dança contemporânea, promover a arte educação e contribuir com a formação de público.

Durante o texto descrevo e reflito como aconteceu o processo de elaboração e desenvolvimento da ação Mulherada. O grupo Mulherada é oriundo de uma ação do Projeto de Extensão Tatá Núcleo de Dança-Teatro com mulheres do loteamento Dunas, em Pelotas, no Centro de Desenvolvimento Dunas (CDD). O projeto começou em outubro de 2019, e inicialmente teve como foco a divulgação para as mães das crianças e adolescentes do Tropa da Dança, projeto de extensão coordenado pela servidora Cátia Carvalho, que, desenvolve práticas de dança no CDD.

O Mulherada foi criado com objetivo de construir um coletivo de mulheres criadoras em dança e performance, desenvolvendo obras artísticas a partir da perspectiva de moradoras da região periférica e com alto índice de vulnerabilidade social, da cidade de Pelotas. Também visa contribuir com a visibilização do modo de vida das mulheres do grupo e, portanto, com a visibilização dos saberes dessa comunidade.

Em paralelo à contextualização da ação Mulherada, traço reflexões a partir dos estudos da pesquisadora GREEN (2021) sobre a teoria social somática e seu impacto na sociedade contemporânea.

2. METODOLOGIA

Para a construção deste trabalho me atentei para a análise dos seguintes documentos: Projeto da ação Mulherada, disponibilizado pela coordenadora da ação; Relatório escrito pela bolsista que atuou na ação. Os encontros do Mulherada aconteceram nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2019, com um total de dez mulheres envolvidas. As práticas realizadas, que articularam dança, performance e noções de defesa pessoal, foram ministradas pela Profa. Dra. Maria Falkembach e pela bolsista extensionista, Nadyne Uakti. Neste curto período de encontros, começou a se estabelecer uma rotina no espaço do CDD e

um vínculo entre as mulheres. Havia uma grande circulação de mulheres e uma ampliação da difusão da atividade na comunidade.

As atividades iriam retornar em março de 2020, porém em função das medidas de distanciamento social para controle da disseminação da Covid-19 os encontros foram interrompidos. Em 2020, foram realizadas algumas tentativas de encontros virtuais com as mulheres que estavam participando mais assiduamente dos encontros, porém não houve engajamento. Uma ação como essa, de construção de um grupo, necessita de continuidade para produzir algum resultado.

Além da análise dos documentos, utilizei a transcrição da conferência ministrada pela pesquisadora Jill Green para o II Encontro Internacional de Práticas Somáticas e Dança, que ocorreu de forma *on-line* pela plataforma Zoom. Intitulada “Indo Além Da Individualidade Somática Para Uma Nova Epistemologia Sociocultural”, a conferência trata da teoria social somática, desenvolvida pela autora. Ao longo do texto, relaciono a discussão apresentada na palestra de Green com a ação do Tatá com as mulheres da comunidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nestes primeiros meses, dez mulheres permaneceram constantes nos encontros. Elas relataram que o que se fazia ali era “uma dança diferente” e que elas se sentiam bem com os encontros. Essa avaliação provavelmente acontece devido a familiaridade que elas tinham com práticas comumente oferecidas por projetos sociais na comunidade, tais como aulas de ritmos e zumba, geralmente ministradas por professores/as de educação física, com foco na repetição de movimentos e coordenação motora.

A “dança diferente” oferecida pelo Tatá, foca na percepção corporal, mobilidade e ampliação das possibilidades de movimento, criação de movimento, dramaturgia e trabalho coletivo. Esses aspectos foram trabalhados através de uma abordagem somática. De acordo com Isabelle Ginot (2010), a prática somática reconhece a unidade corpo-mente usando simultaneamente a observação objetiva e a interpretação subjetiva para a construção de conhecimento.

Além disso, também foi utilizada a técnica do *Viewpoints*, que consiste em uma filosofia traduzida em técnica para treinar *performers*, construir coletivos e criar movimentos para o palco (BOGART e LANDAU, 2019, p. 25). O *Viewpoints* é uma das práticas que fundamenta o trabalho do Tatá para preparação corporal de seus integrantes (FALKEMBACH; KÖZGEN, 2014).

Conforme relata Nadyne, a partir de um olhar sensível que busca partilhar histórias e potencializar vidas, abraçamos essa comunidade firmando um compromisso ético com a educação, com a arte e com a luta das mulheres do Loteamento Dunas. A pesquisadora Jill Green, em seus estudos sobre a teoria social somática, aponta que práticas somáticas de percepção corporal não devem ser realizadas sempre individualmente. Como as técnicas somáticas, em geral, são constituídas de exercícios de cada pessoa na relação consigo, que partem da

percepção corporal e escuta do *soma*, podem resultar numa atitude ensimesmada. Porém, de acordo com Green, para alcançarmos um impacto a nível macro com as práticas somáticas devemos olhar mais atentamente para questões que afetam a vida diária dos indivíduos que estão se propondo a realizar a prática (GREEN, 2021).

Por exemplo, no Mulherada é extremamente importante que cada mulher se perceba individualmente para entender as possibilidades e necessidades do seu corpo. Entretanto, também é importante entender o contexto social em que essas mulheres estão inseridas. De acordo com a pesquisadora, "uma aula não muda as estruturas institucionais e as políticas, mas pode ajudar a gente a entender melhor esses problemas" (GREEN, 2021).

Além das práticas de dança, o grupo participou de uma atividade de formação da Bienal de Artes Visuais do Mercosul, na Biblioteca Pública Pelotense. A ideia é oportunizar que as mulheres do grupo tenham acesso e se apropriem da cultura da cidade, das discussões sobre arte, feminismo, racismo, etc.

4. CONCLUSÕES

A partir dessa reflexão, entendemos que o Tatá ao desenvolver essa ação com mulheres da comunidade está contribuindo com a visibilização da perspectiva e modo de vida dessas mulheres e, portanto, com a visibilização dos saberes dessa comunidade. A ideia é que essa visibilização aconteça pelas próprias mulheres, nas performances que serão criadas. Acreditamos que o grupo de mulheres performers na comunidade também irá contribuir com o desenvolvimento cultural da comunidade do Loteamento Dunas.

Um dos pontos relevantes do projeto é a promoção da descentralização e ampliação do acesso à arte - à performance -, para as mulheres dessa comunidade. Além disso, a ação se destaca na constituição de espaço de formação, de construção de linguagem artística e empoderamento de mulheres, o que impacta na construção de uma sociedade não machista. O projeto também é importante para a sociedade na medida em que a construção de um coletivo de criação incentiva a construção de condutas de apoio, de colaboração e de diálogo entre as pessoas.

Assim que for possível retomar as ações presenciais, em conformidade com as medidas expedidas pelo Comitê Covid da UFPEL, a ação Mulherada retornará. Poderá, portanto, somar-se aos projetos da própria comunidade do Loteamento Dunas, em parceria com grupos e organizações de artistas e economia solidária, que foram concebidos durante a pandemia, tais como a horta comunitária e a biblioteca feminista.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGART, A. & LANDAU, T. **O Livro dos Viewpoints**. São Paulo: Perspectiva LTDA, 2019.

FALKEMBACH, Maria Fonseca; KÖNZGEN, Gessi de Almeida. **Princípios pedagógicos inerentes aos procedimentos dos Viewpoints**: possíveis contribuições para desenvolvimento de práticas artístico-pedagógicas. *Revista Rascunhos-Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas*, v. 1 n. 2, 2014.

GREEN, Jill. II ENCONTRO DE PRÁTICAS SOMÁTICAS. 2 ed. 2021. *on-line*. **Indo Além da Individualidade Somática para uma Nova Epistemologia Sociocultural**. Instituto Federal da Bahia. 25 jun. de 2021.

GINOT, Isabelle. From Shusterman's Somaesthetics to a Radical Epistemology of Somatics. **Dance Research Journal**, v. 42, n. 1, p. 12-29, summer 2010.

O SEMINÁRIO DE DANÇAS NEGRAS DO RIO GRANDE DO SUL: CARTA CONVITE A MOVIMENTOS DE SOLIDARIEDADE

BRUNO FERREIRA FREITAS¹; GABRIELA SOUZA DA ROSA²; RAQUEL
SILVEIRA RITA DIAS³; MANOEL GILDO ALVES NETO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – brunoffreitasdf@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul – fluxcontinue@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rakssilveira@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas - manoel.gildo@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Historicamente coletivos de artistas, professoras/es e pesquisadora/es negres tem promovidos espaços de pesquisa de diversas maneiras. Além das pesquisas imbricadas a processos de criação, tais ações de cunho epistêmico e político discutem além da presença negra na Dança, suas memórias, as metodologias de ensino, as pesquisas acadêmicas que tematizam classe e diversidade de gênero nas Danças Negras. Esses espaços formentam a memória, a pesquisa acadêmica e durante o encontro do seminários de Danças Negras onde são tratadas questões que envolvem pesquisa, criação e ensino em dança, numa perspectiva afirmativa, pensada para todos os corpos, mas com ênfase em referenciais mito-poéticos, estéticos/políticos e culturais negros, afro-orientados. Produzidos majoritariamente por artistas e produtores negros com o intuito de promover e disseminar a pesquisa acerca dos saberes/fazeres corporais negros, esses encontros fomentam o fortalecimento da pertença étnico-racial de artistas e educadores negros, e não-negros da dança.

Em 2020 o Projeto Unificado Laboratório de Decolonialidade em Ações e Investigações Artísticas da Universidade Federal de Pelotas (LADAIA-UFPe) foi um dos grupos realizadores da terceira edição do Seminário de Danças Negras do Rio Grande do Sul. Realizado no formato virtual, nos dias 24 e 25 de julho de 2020, com transmissão via Canal do Seminário de Danças Negras do RS no Youtube e pela página do seminário no Facebook, a terceira edição tematizou “Narrativas e Performatividades de Mulheres Negras na Cena”. O Seminário tem cunho pedagógico, portanto político, e configura-se como ação antenada ao debate acerca das Ações Afirmativas no campo da Dança. Segundo o jurista e ex-magistrado brasileiro Joaquim Barbosa Gomes (2003)

As ações afirmativas podem ser definidas como “um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero, por deficiência física e de origem nacional, bem como para corrigir ou mitigar os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como a educação e o emprego (2003, p.53).

O Projeto LADAIA-UFPe, do Curso de Dança-Licenciatura da UFPe, articulado a Plataforma Báscula de Descolonização do Quadril (Porto Alegre-RS), ao Projeto de Extensão Coletivo Corpo Negra (ESEFID-UFRGS), Coletivo Negressencia (Santa Maria-RS), ONG Odara Centro de Ação Social, Cultural e Educacional (Pelotas-RS), Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAC-UFRGS), o Grupo Afro-Sul de Música e Dança (Porto Alegre-RS) e a Cia de Dança Afro Daniel Amaro (Pelotas-RS) atuaram diretamente na construção para a produção da ação com/na comunidade.

Apresentamos neste resumo expandido reflexões a partir do debate político-pedagógico, conteúdo da carta convite produzida pelos idealizadores do seminário, a artista-professora-pesquisadora e mestranda em Artes Cênicas, Rita Rosa Lendê e o professor-artista-pesquisador, docente da UFPEL, mestre e doutorando em Artes Cênicas, Prof. Manoel Gildo, para divulgação da terceira edição, com o intuito de convidar a comunidade nacional e internacional a aquilombar-se com artistas das Danças Negras do Rio Grande do Sul, em espaços produzidos no formato remoto, transmitidos via Youtube e Facebook, a fim de movimentar pensamentos e ações, individuais e coletivas, a partir dos debates enfatizados na programação¹ as narrativas de mulheres negras, artistas da Dança, suas performatividades e protagonismo artístico, pedagógico e político na cena artística.

Em sua terceira edição, o Seminário de Dança Negras do Rio Grande do Sul¹, traz a perspectiva de *Mulheres Negras nas Artes da Cena*. Essa perspectiva se dá por perceber uma lacuna existente na cena Estadual Gaúcha, que invisibiliza o protagonismo de mulheres negras nas artes. Nesse sentido o seminário busca aquilombar artistas, educadoras(es), pesquisadoras(es) e interessadxs em geral, negrxs e não-negrxs sensíveis a temática, a fim de produzir reflexões e compartilhar experiências sobre, e a partir, das narrativas acerca de suas práticas artísticas e pedagógicas, ou seja, enunciações performativas que versem e tratem sobre corpos e fazeres/saberes de Mulheres Negras nas Artes Cênicas. (DIVULGAÇÃO - SEMINÁRIO DE DANÇAS NEGRAS DO RIO GRANDE DO SUL, 2021)

O Seminário é parte de uma construção política contracolonial protagonizada por artistas, pesquisadoras/es e professoras/es de Dança, arriada como “ebó” epistêmico na encruzilhada entre comunidade acadêmica e a comunidade da Dança, realizado em prol da promoção das Leis 10.639 de 2003², 11.645 de 2008³ e a lei 12.987 de 2014⁴, no tocante da formação humana pautada pela Educação das Relações Étnico-Raciais, de políticas antirracistas e antissexista.

2. METODOLOGIA

¹ A programação do seminário contou com: Abertura; GT1 - A profissionalização da Mulher Negra na Dança, com as artistas Mônica Barbosa, Leandra Oliveira e Inah Irenam, mediação da Amanda Silveira e Ana Paula Reis; GT2 Trajetória da Mulher Negra no Ensino e Pesquisa em Danças Negras, com as artistas Priscila Pontes, Juliana Jardel, Natália Dornelles, Luisa Dias Rosa, mediação da Juliana Coelho e Karen Tolentino, Relatoria dos GTs mediadas por Karen Toletino Juliana Coelho Ana Paula Reis e Amanda Silveira; Encerramento - A Presença da Mulher Negra nas Artes Cênicas com as artistas Mestre Iara Deodoro, Dra. Luciane Ramos e Dra. Céline Álcantara; Afrojam.

² Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira” e dá outras providências.

³ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

⁴ Dispõe sobre a criação do Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra.

A escrita deste trabalho arquiteta reflexões a partir da observação-participação na produção e realização da terceira edição do Seminário de Danças Negras do RS.

O Seminário foi realizado com programações acerca da temática, propiciando ao público alvo dois dias de debates protagonizados por professoras-artistas-pesquisadoras do Rio Grande do Sul e interlocução com convidadas da Bahia, São Paulo, Goiás e Paraná. Em decorrência da garantia do distanciamento social, de modo a seguir as medidas adotadas para redução do número de contaminações pelo vírus causador da pandemia de Covid-19, o evento ocorreu de forma virtual. Vale ressaltar que a pandemia tem acarretado uma crise sanitária no Brasil, cujo alto número de mortes por contágio é lamentável.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta reflexão enfatiza a relação entre os tópicos pedagógicos e políticos enfatizados como suleadores do pensamento-ação pautado na carta-convite, enviada a instituições internacionais promotoras do ensino e pesquisa em Dança, encaminhada através da parceria entre o Seminário de Danças Negras e o Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAC-UFRGS).

O surgimento do Seminário de Danças Negras partiu da necessidade de descentralizar e descolonizar o ensino e pesquisa acerca das Danças Negras. Este evento trouxe consigo a importância do ensino-aprendizagem e das discussões acerca da produção artística e pedagógica negra, em um formato de compartilhamento de saberes/fazeres. Propiciou um espaço de formação e (re)conhecimento da trajetória de mulheres negras e de suas coletividades, visibilizando as experiências políticas do viver as Danças Negras, articuladas com os fazeres/saberes cotidianos dos/as artistas negras, num momento histórico em que as Políticas de Ações Afirmativas, que recorrem das lutas travadas pelo Movimento Social Negro no enfrentamento ao racismo, são boicotadas e desconsideradas nos diferentes espaços educacionais.

A carta convite se manifesta como um chamamento “Convite a Movimentos de Solidariedade para a Construção de Pensamentos Pós-abissais na Dança”, reafirma os dispositivos legais e políticos presentes na Lei nº a Lei 10.639/03, que se complementa a partir de sua alteração pela Lei 11.645/08, onde torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro- Brasileira na Educação básica, bem como, o ensino da História e Cultura Indígena (BRASIL, 2003), e a Lei 12.987/2014, que institui a criação do Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. Partindo de uma proposta contracolonial, de enfrentamento ao racismo cotidiano nas suas multiplicidades de formas e de atualizações. O Seminário de Danças Negras do RS, e os/as artista da dança estão constituindo e dando continuidade a redes de acolhimento, produção de conhecimento e articulação política, de um legado ancestral africano, entendido como um valor civilizatório africano, a corporeidade.

4. CONCLUSÕES

A Carta Convite foi um disparador para engajamento nos movimentos de resistência política e pedagógica promovidos pelo Seminário de Danças Negras do RS. Um chamamento político, onde a discussão acerca das políticas de Ações Afirmativas e a produção dos saberes-fazeres de coletividades negras, compuseram as principais linhas da proposição. Sendo desta forma a primeira tecitura que permitiu estabelecer e estreitar laços para a realização da 3ª edição do Seminário, que se *propôs a partir da encruzilhada entre RAÇA, CLASSE e GÊNERO, pensar a performatividade das mulheres negras na Dança. Haja visto que somos fruto da luta e militância política especialmente de mulheres, responsáveis por partir Dança pautada nos valores civilizatórios da corporeidade africana, como estratégia na luta por equidade.* O encontro potencializou projetos, práticas e coletividades e propiciou novas articulações político-pedagógicas que estão a reverberar em território nacional e internacional, onde artistas, pesquisadores, professores estão em constante movimento de solidariedade e de trocas de conhecimentos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. (2003). **Lei no 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Presidência da República. Casa Civil. Acessado em 09 de Agosto de 2021. Online. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm.

BRASIL (2008). **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Presidência da República. Casa Civil. Acessado em 09 de Agosto de 2021. Online. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm.

BRASIL (2014). **Lei nº12.987, de 2 de junho de 2014**. .Instituído o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, a ser comemorado, anualmente, em 25 de julho. Presidência da República. Casa Civil. 2014 Acessado em 09 de Agosto de 2021. Online. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12987.htm.

GOMES, Joaquim B. Barbosa (2003). O debate constitucional sobre ações afirmativas. In: Ação Afirmativa – políticas públicas contra as desigualdades raciais. SANTOS, Renato Emerson dos; LOBATO, Fátima (Orgs). Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 15-57.

MULHERES, CIÊNCIAS E MUSEUS: O CASO DAS IRMÃS FIGUEIREDO

CAMILA DE MACEDO SOARES SILVEIRA¹; DANIEL MAURÍCIO VIANA DE SOUZA²

¹Universidade Federal de Pelotas – *msscмила@hotmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas – *danielmvsouza@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende realizar uma análise da presença das mulheres na ciência e suas representações nos espaços museais, abordando a descriminalização causada ao se inserirem no campo científico. Para evidenciar tal processo apresenta-se um estudo de caso das Irmãs Figueiredo, mulheres cientistas cuja coleção encontra-se no Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas - MUCPEL. Autodatas na área das Ciências Biológicas e especializadas em Entomologia, as Irmãs fizeram parte de uma família de sete mulheres e um homem, na qual apenas o filho masculino fora incentivado a estudar em outro estado. Inseridas em uma sociedade machista fortalecida pelo período em que viveram, limitaram-se a passar a vida dentro de casa para desenvolverem, de maneira autodidata, suas pesquisas e práticas científicas.

Mesmo após suas coleções de espécimes se tornarem coleções musealizadas, o seu reconhecimento segue em vias ofuscadas. Apesar de sua coleção ser vasta e de incalculável importância científica ao Museu, poucas informações se dispõem sobre a história das cientistas, acrescentando assim ao apagamento de uma memória que reflete assertivamente a luta de gênero dentro da ciência. Assim, pretende-se a partir desse legado pertencente ao MUCPEL, resgatar e evidenciar um pouco da história de vida dessas mulheres.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada estende-se sobre uma pesquisa qualitativa para entender as origens da problemática da exclusão feminina nas raízes da sociedade, regidas nos sistemas políticos e econômicos que influenciam e têm poder sobre todos os outros campos, assim como o científico (CHASSOT, 2015). Para realização do levantamento da história das Irmãs, foram feitas entrevistas com conhecidos da família, equipe do Museu, entre outros. Também foram feitas pesquisas documentais em jornais da cidade, assim como análise do acervo da reserva técnica e biblioteca do MUCPEL, que inclui livros, negativos de fotografias, documentos e revistas. A expografia do Museu também foi analisada para levantar a questão da invisibilidade na representação feminina.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar o acervo do Museu, encontra-se uma extensa e variada coleção pertencente às Irmãs Figueiredo. Adquiridas por compra em 1997, a coleção entomológica junto de outros documentos e objetos foi vendida por Ignez Figueiredo, poucos anos antes de falecer, cujo desejo era que sua produção e de

suas irmãs continuasse na cidade de Pelotas. Em uma família com sete mulheres irmãs: Ignez, Rosa, Maria, Thereza e Idalina (as outras duas não foram ainda identificadas), encontrou-se que, ao analisar documentos e em entrevista oral, pelo menos, três irmãs (Ignez, Rosa e Thereza Figueiredo) dedicaram-se à prática entomológica. Mesmo pertencentes a uma família de elite, não foram incentivadas e permitidas a estudar na academia pelo pai e mantiveram seus estudos por conta própria.

Para SILVA (2008),

[...] a presença das mulheres na ciência deve ser entendida como resultante desse longo processo esquemático que determinou várias formas de exclusão, seja quando foram obrigadas a viverem à sombra dos homens e os resultados de suas investigações usurpadas, seja quando impedidas de partilhar os espaços científicos pelas sofisticadas ideologias de gênero [...]

Elas escreveram livros, artigos e teses, ajudando também na publicação de alunos da faculdade, porém, nunca pediram crédito, e em alguns casos, suspeita-se que faziam uso de pseudônimos masculinos para levar adiante suas publicações. Em entrevista com Marcio Dillmann, museólogo do MUCPEL de 2017 a 2019, foi descoberto também, após pesquisa do mesmo sobre o tema, uma exposição da artista plástica colombiana Johanna Calle, denominada “*El caso de las Hermanas Figueiredo: Dibujos de Johanna Calle*”, a artista aborda nessa exposição a sociedade patriarcal que vivemos e o estigma de que mulheres não são capazes de produzir ciência.

Johanna encontrara, em uma visita ao sebo em Porto Alegre, um apanhado de documentos, entre eles um abordava sobre uma batalha legal, onde as Irmãs processavam um professor da Escola de Agronomia Eliseu Maciel, que após contratado por ela para catalogar uma coleção, pegou para si a pesquisa, publicando um livro em seu nome, sem dar crédito nenhum a elas. E em sua defesa, o professor afirmou que elas não tinham noção do que faziam, tendo apenas “mania” de colecionar. Suas minuciosas coleções, por outro lado, provam o contrário.



Figura 1 - Notícia do Diário Popular sobre compra da coleção onde mostra Inez Figueiredo, a última a falecer, com um dos quadros entomológicos. Fonte: Diário Popular.

Essa pesquisa, fez parte do desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para obtenção de título de Bacharel em Museologia. Intitulado de “A resistência imposta às mulheres na ciência e sua representação nas instituições museológicas”, o trabalho busca em seu quarto capítulo, mostrar como se dá a representação feminina nos museus de ciência da cidade de Pelotas-RS. A história das Irmãs Figueiredo evidenciou-se durante a análise da expografia do MUCPEL com o exemplo de escassez de informações sobre a coleção das Irmãs, possuindo apenas a informação abaixo.

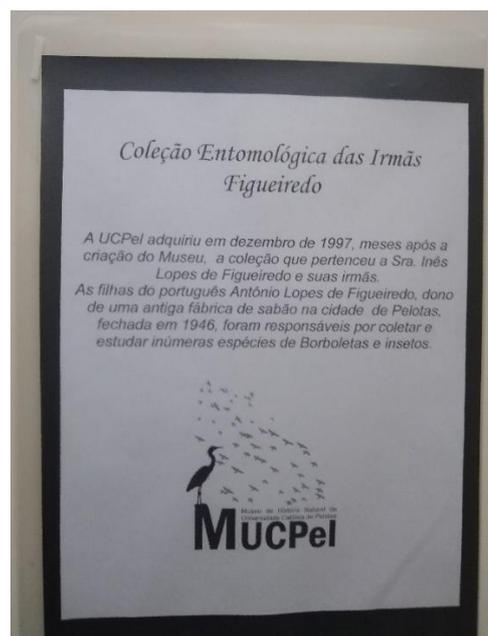


Figura 2 -A Fotografia sobre a Coleção Entomológica das Irmãs Figueiredo. Fonte: Fotografia da autora, 2019.

As Irmãs Figueiredo, não se casaram e não tiveram filhos, não sabendo-se ainda o destino do filho homem. Desse modo, a pesquisa se torna mais difícil por falta de testemunho oral, de maneira que conhecidos da família também já são em sua maioria falecidos ou de idade muito avançada. Mas futuramente aspira-se, com o fim da pandemia causada pelo Covid-19, o estudo em jornais e periódicos da cidade, assim como análise mais a fundo do acervo documental do MUCPEL e a obtenção de relatos orais.

4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa possibilitou aprofundar a compreensão da inserção feminina dentro de campos da ciência, assim como a resistência imposta às mesmas por uma sociedade androcêntrica. Considero que uma mais acentuada historiografia das Irmãs e de seus acervos possa trazer à tona memórias sociais, de gênero e ciência, que perigam o esquecimento. Espera-se que, futuramente, o Museu faça também uso dessa pesquisa para abordar e aprimorar em sua exposição, permanente ou temporária, a história por trás de sua coleção entomológica e considerando o seu público majoritariamente de visitas escolares, assim aproveite como ferramenta social de uma representação feminina capaz de despertar em meninas o interesse pelo fazer científico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHASSOT, A.I. **A ciência é masculina. É, sim senhora!** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015.

SILVA, E.R. A (in) visibilidade das mulheres no campo científico. **Travessias**, Paraná, v. 2, n. 2, p. 1-20, 2008.

LEITURA E CULTURA – PROJETO DE FÉRIAS

DAIANA DE MOURA ETCHEERRIA¹; SIMONE GRACIELA TEIXEIRA DINIZ²

¹Faculdade Educacional da Lapa - FAEL – demoura.e2016@gmail.com

²Faculdade Educacional da Lapa - FAEL– simone.diniz@fael.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Leitura e Cultura é um projeto desenvolvido juntamente com a Escola Estadual de Ensino Fundamental Seival, onde os participantes em sua grande maioria estuda nesta Escola e mora no Bairro Seival. Os participantes são crianças e adolescentes, que se dedicam aos estudos durante o ano letivo, e no período de férias fazem produções culturais específicas, pré estabelecidas dentro um propósito educacional, cultural e social e como encerramento destas atividades antes de retornarem para as aulas é feito um passeio. Depois do trabalho há a recompensa oportunizando essas crianças e adolescentes moradores da nossa comunidade, considerada “carente” e com difícil acesso, a conhecer novos ambientes, novas cidades e desfrutar do lazer compartilhando alegrias com o grupo.

O projeto tem como objetivo geral, incentivar os participantes a aderirem a cultura no seu cotidiano, através de leitura, escrita, produções fotográficas e de vídeo, assim como atividades lúdicas em geral.

Precisamos influenciar nossas crianças e adolescentes com a arte, cultura, educação, cada vez mais influenciadas ruins invadem o habitat desses grupos, com o acesso fácil a toda tecnologia, e as redes sociais, sem a maturidade necessária, refletem em comportamentos negativos se espelhando em modos de vida fictícios, e esquecendo de aproveitar o lado bom da vida real. E “Leitura e Cultura” oferece isto à eles.

2. METODOLOGIA

Durante o início do ano letivo escolar, divulga-se em redes sociais, na escola, e como a comunidade é pequena também no “boca a boca” mesmo, a abertura de inscrições, onde podem se inscrever crianças e adolescentes da comunidade de Seival. O número máximo de participantes são 20 (vinte), desde o início do projeto em janeiro de 2019 até o momento.

No recesso escolar, iniciam as atividades, pré determinadas organizadas em calendário, que partem de um propósito diferente a cada encontro, aproveitando a diversidade de temas importantes a serem abordados e atividades relevantes a serem realizadas.

Os encontros do grupo são feitos nas dependências da escola que mesmo em período de férias nos sede o espaço. Mesmo nesse período difícil de pandemia achamos uma forma de nos manter unidos e produzindo, para que quando seja possível possamos passear.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tenho um acervo de liros pessoal, que todos participantes do projeto tem acesso, eles lêem, produzem textos, inclusive um participante tem texto publicado em livro, fazem apoio escolar, onde uns ajudam os outros nas dificuldades escolares, sob minha orientação, assistem filmes indicados produzem sinopses autorais, interpretam personagens em peça de teatro atualmente readaptação autoral do “Mágico de Oz”, onde já apresentamos na cidade de Gramado, onde levamos nossa arte e conhecemos a cidade Maravilhosa, produção de documentário sobre bullying, publicado em redes sociais, participação em oficina com o grupo Toll de Pelotas, produção de papel reciclado, feira de doação de livros para a comunidade e atualmente organização de exposição com os talentos de nossa cidade. Para participar do projeto basta ser criança (alfabetizada) ou adolescente, morar em nossa comunidade e se inscrever em tempo hábil, porém para desfrutar dos passeios, que são custeados com recursos próprios e patrocinados é necessário manter boas notas e ser aprovado no ano letivo escolar. Como estamos atualmente com as vagas preenchidas, assim que uma criança, muda-se de cidade, ou por qualquer outro motivo não se faz presente nas atividades do projeto, abre a vaga novamente, que é divulgada primeiramente dentro da escola. O adolescente que completa 18 anos, pode contuniar no proeto como colaboradores, dando suporte ao grupo no que for necessário.

Realizamos nestes dois anos de trabalho, muitas atividades lúdicas, e estamos organizando um grande evento para nossa cidade de Candiota, onde será divulgado os trabalhos autorais e a arte local, assim sendo como proposito do projeto, levar todas essas obras para expor em cidade, onde possamos fazer um encontro de culturas e troca de conhecimentos.

Deste projeto os particiapantes, familiares, parte da equipe escolar e moradores da comunidade, atraves da promoção de nossos passeios foi possivel visitar os seguintes lugares: Pousada do Sobrado – Cidade – Bagé; Estância Santa Rosa – Cidade de Candiota; Galpão de Oficinas e Treinamento do Toll – Cidade – Pelotas; Shoping – Cidade – Pelotas; Lago Negro – Gramado; Mini Mundo – Gramado; Catedral – Canela; Parque Floriball – Canela; Hospedagem no Grande Hotel – Canela, etc... e outros passeios que forma possiveis na rota. Para o ano de 2022 esta sendo programado a viaem que levará a expocição até a cidade de Garibaldi, onde participarão de oficinas no espaço cultural Didati em Garibaldi.e visitação na cidade vizinha de Bento Gonçalves..

Figura
Elenco da readaptação do Mágico de Oz, em apresentação na cidade de Gramado. Janeiro/2020



4. CONCLUSÕES

Atraves da cultura e educação é possível realizar sonhos, tornar uma realidade diferente, transformar comportamentos, prevenir más ações.

Os participantes do projeto “Leitura e Cultura”, sentem-se seguros, temos um grupo diverso e unido, e o mais importante com um propósito. Ele oportuniza através das realizações de suas atividades e praticamente extingue a ociosidade, o nosso grande desafio é desenvolver o interesse de crianças e jovens pela cultura e educação, além do desenvolvido em sala de aula, mas que por “gosto”, Por vontade própria motivados queiram participar das atividades, saiam de seus quartos, tenham amizades sinceras e verdadeiras, se superem, ajudem, compartilhem conhecimento com sua família, conheçam novos lugares e acima de tudo: se sintam felizes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KLEIMAN, A.B.M. **Leitura e Interdisciplinaridade: Tecendo Redes nos Projetos da Escola.** Campinas: Mercado das Letras, 1999.

KLEIMAN, A.B.M. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática.** São Paulo: Pontes, 2004.

ETCHEVERRIA, D.M. **Os quatro.** Bagé: Leb Livraria e Editora Bageense, 2021.

WILLIAN, N.B. **Aprendizagem Baseada em Projetos.** “Tradução de Fernando de Siqueira Rodrigues”. Porto Alegre: Penso, 2015.

MEMÓRIA E TRADIÇÕES DOCEIRAS DE PELOTAS EM AÇÕES JUNTO AO MUSEU DO DOCE, PELOTAS-RS, SOB A PERSPECTIVA DO DESIGN EMOCIONAL

DANIELLA MANO MARQUES¹; ROBERTO HEIDEN²

¹Universidade Federal de Pelotas – dani.mano@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas– heidenroberto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Museu do Doce, mantido pelo Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), está localizado no centro histórico da cidade de Pelotas – RS. O prédio foi ocupado pela instituição que é um órgão suplementar do ICH e funciona como espaço para atividades de ensino, pesquisa e extensão, voltadas principalmente para o tema das tradições doceiras de Pelotas e região e do patrimônio cultural. O projeto de extensão “Multiações Patrimoniais no Museu do Doce - edição 2021”, coordenado pelo professor Dr. Roberto Heiden e voltado para o desenvolvimento de diferentes atividades que envolvam o museu com seu público, desenvolveu uma série de publicações nas páginas de suas redes sociais, com o objetivo de expandir sua imagem institucional através do engajamento com o público nesse meio.

Apresentamos nesse texto os resultados desse projeto por meio de ação que propôs uma nova forma de comunicação entre o público e o tema das tradições doceiras de Pelotas e região. O trabalho buscou entender aquilo que traz boas lembranças para então definir o que poderia ser significativo para o público. Na prática, foi desenvolvida uma série de seis peças ilustradas acompanhadas de textos explicativos que foram publicadas nas páginas do Museu do Doce, junto das redes sociais Facebook e Instagram. Cabe-se destacar que as restrições de visitação ao museu, impostas pelas medidas de enfrentamento a pandemia de Covid-19 tem estimulado a atuação do museu na internet.

Os atributos da memorabilidade, descritos pela pesquisadora Vera Damazio (2013), foram tomados como referência para embasamento das atividades desenvolvidas. No que diz respeito a elaboração de projetos memoráveis, essa autora nos explica que:

[...] o projeto orientado pelos atributos da memorabilidade e valorização da identidade, humor, bem-estar, cidadania, sociabilidade e autoestima, decerto contribuirá para a construção de um presente memorável e boas coisas para lembrar (DAMAZIO, 2013, p. 59).

A série de publicações apresentada neste trabalho se desenvolveu como um conjunto que propôs explorar a temática da sociabilidade do doce por meio da memória, daquilo que faz bem lembrar. Esse percurso teve base, também em elementos lúdicos que desvelam a ideia de que as pessoas reagem aos objetos de acordo com suas propriedades simbólicas e emocionais (FRASCARA, 2001, p.18-25 apud TENNENBAUM, p.1). O presente texto foi realizado de modo a relatar o desenvolvimento desse trabalho e como se deu no processo criativo a associação de uma abordagem lúdica com o conceito de memorabilidade e aspectos das

tradições doceras locais, além de refletir sobre os resultados obtidos após as publicações da produção desenvolvida nas redes sociais do museu.

2. METODOLOGIA

O primeiro procedimento adotado foi identificar aquilo que relaciona doce e memória, através da técnica de *brainstorm*, selecionando palavras-chave que orientaram a atividade de elaboração de cada uma das peças. Posteriormente foi feita uma revisão bibliográfica e foram utilizados textos como os do livro “Os Doces Sentidos”, de 2016, e o “Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas” (IPHAN). A investigação de Damazio (2013) continuou a embasar o trabalho, no que diz respeito a memória e emoção no campo do design.

A partir de um processo curatorial, optou-se pela publicação de seis peças, divididas de acordo com as temáticas que deveriam ser desenvolvidas durante a atividade. Para a criação das ilustrações que compõem as peças, foi utilizado o programa *Adobe Illustrator*. O programa *Adobe Photoshop*, por sua vez, serviu como ferramenta para estabelecer a disposição das ilustrações e incorporar os elementos textuais e texturas às peças.

A atividade se orientou a partir de uma equivalência entre as palavras identificadas como chave e conceitos que abrangem os atributos de memorabilidade, descritos por Damazio (2013), buscando acessar, através da memória, aquilo que nos faz bem lembrar, isso por meio da representação de experiências cotidianas e profundamente emocionais, recordações de vivência, afeto e bem estar, buscando relacioná-las sempre com a tradição doceira.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento das seis peças que compõem a série de publicações revelou uma correspondência entre a temática da sociabilidade do doce e a investigação sobre as manifestações de memória e da emoção no campo do design. Ter aproximado esses três aspectos ampliou as possibilidades de trabalho durante o processo criativo e elaboração das peças, aqui entendidas como o conjunto de elementos que configura a totalidade de cada uma das seis publicações: ilustração, elementos textuais e legenda.

Através da técnica de *brainstorm*, foram selecionadas palavras-chave que conduziram a criação de cada uma das seis peças publicadas: recordação, integração, satisfação, tradição, herança e espaço. Nesse sentido, ainda de acordo com Damazio (2013, p. 48), seis são os elementos que compõe atributos da memorabilidade: autoestima, bem-estar, humor/surpresa, cidadania, identidade e sociabilidade. Respectivamente, foi feita uma relação simbólica (Ver tabela nº 1) entre esses elementos e as palavras-chave previamente selecionadas como norteadoras da relação doce e memória:

Tabela nº 1: relação entre palavras-chave e atributos.

Autoestima	Recordação
Bem Estar	Sensibilidade
Humor e Surpresa	Satisfação
Cidadania	Tradição
Identidade	Herança
Sociabilidade	Espaço

Identificadas as temáticas que se relacionam, a proposta previu a publicação das seis peças ilustradas conforme explicado acima. Posteriormente ao esboço das ilustrações que compõem a representação de cada um dos temas, iniciou-se o processo de elaboração das legendas/textos que fariam parte dessas publicações, adaptando a escrita de modo a ser atrativa para o público das redes sociais.

Quanto ao resultado prático das peças, e considerando os conceitos descritos por Damazio (2013), apresenta-se o exemplo da primeira publicação (figura 1) que teve origem no atributo de memorabilidade “autoestima”, estando associado a situações de reconhecimento, autoconfiança e valorização. A peça foi elaborada a partir da associação desse atributo com a palavra correspondente “recordação”. A imagem que ilustra essa peça apresenta uma mulher de cabelos pretos e blusa verde, segurando um livro de receitas que cobre seu rosto. A mesma ilustração é replicada abaixo em preto e branco: essa imagem “desvanecida”, que cobre parcialmente a primeira, faz menção a própria memória, que perde pigmentação à medida que o tempo passa, exigindo esforço para que esta se reavive em nosso imaginário, mas apoiando-se na ideia de que existe aquilo que faz bem lembrar. A legenda que acompanha essa primeira peça questiona o público a respeito dos elementos que podem tornar uma coisa querida ou uma lembrança memorável, além disso, aponta circunstâncias passíveis de que o público se identifique, situações em que a tradição doceira é fundamental na construção da memória. Dessa maneira, a peça desenvolve o tema evocando ações de reconhecimento e valorização, por meio da recordação.

Respectivamente figuras 1, 2 e 3: Autoestima e Recordação; Humor/Surpresa e Satisfação; Identidade e Herança.



Outro exemplo, novamente com base em Damazio (2013), é a terceira publicação da série (ver figura 2) que explorou o atributo humor/surpresa, relacionado a situações de lazer, leveza e descontração. Essa peça foi construída a partir da associação dessas propriedades com a palavra correspondente “satisfação”. De acordo com a temática, a própria configuração da imagem ilustra o caráter recreativo, por meio do trocadilho “o quindim no fim do túnel”, ao mesmo tempo que através de elementos textuais e da legenda informativa, convida o público a recordar ocasiões onde o doce fez parte de bons momentos, atenuando a tensão e irritação que um dia estressante pode provocar. Para essa imagem foi feito uso de textura e elementos lúdicos, como os vetores estrelados, que remetem ao público circunstâncias lúdicas que evocam as lembranças que a legenda sugere.

Como último exemplo, a quinta publicação da série (ver figura 3) relacionou identidade e herança, nesse sentido, entre outras coisas, abordaram-se utensílios e equipamentos que são entendidos como um importante aspecto na tradição doceira. Ao mesmo tempo esses objetos, como descrito no Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas (S/D), são parte da vivência e motivo de boas recordações para muitas famílias doceiras. A peça atenta para a reação

do público perante esses aspectos, de acordo com suas propriedades simbólicas e emocionais, levando em conta a memória construída, também, coletivamente.

Posteriormente, foi feita uma análise quantitativa das ações de engajamento do público, verificando-se números satisfatórios na totalidade de contas alcançadas. É exemplo o resultado junto ao Instagram com um total de 1.157 pessoas atingidas pelas 6 peças, com números tais como o de 54 compartilhamentos e 157 *likes*, dentre outros gerados a partir da ferramenta *insights*. Cabe destacar-se que durante a realização dessa ação o Museu do Doce possuía 1200 seguidores nessa rede social. Embora esses números se configurem como medida abstrata em relação aos efeitos individuais e subjetivos que o trabalho produziu, os vários comentários simpáticos ao conteúdo denotam uma comunicação importante mediada pelas redes sociais, o design, e os dispositivos memoriais criados a partir da ação.

4. CONCLUSÕES

Após a análise das publicações verificou-se resultados satisfatórios de engajamento, demonstrando que a série de publicações online cumpriu o papel proposto de ampliar as possibilidades de conteúdo para o Museu do Doce junto das mídias digitais, expandindo sua imagem institucional e aprimorando sua comunicação e interação com o público. Além disso, a ação revisitou o valor dos artefatos e memórias que fizeram e ainda fazem parte das tradições doceiras locais, traçando esse caminho através da sensibilidade e da lembrança, se afirmando, ainda, na ideia da memória como fenômeno social, entendendo que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva (HALBWACHS, 1990, p. 131 apud DAMAZIO, 2013, p. 47). No futuro, novas séries de publicações para a difusão do patrimônio doceiro local serão realizadas, atentando como principal objetivo o estudo do Museu do Doce de acordo com sua própria missão institucional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MICHELON, F, F; PACHECO, N; IGANSI, F, J. **Os doces sentidos : poesias, estudos, imagens, receitas**. Pelotas: Ed. dos autores, 2016.

DAMAZIO, V. Design, memória, emoção: uma investigação para o projeto de produtos memoráveis. **Cadernos de Estudos Avançados em Design**. Barbacena: Editora da Univ /ersidade do Estado de Minas Gerais – EdUEMG, 2013, p. 43 – 61.

FREIRE, B. M., et al. **Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas** (Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo e Turuçu)/RS. IPHAN, S/D. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_%20tradicoes_doceiras_de_pelotas_antiga_pelotas.pdf>

TANNENBAUM, FREDERICO. **Design Para os Sentidos**. Departamento de Artes & Design. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2011/Relatorios/CTCH/DAD/DAD-Frederico%20Szmukler%20Tannenbaum.pdf>

O ENSINO COLETIVO DE MÚSICA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DO ENSINO REMOTO.

DIANARA DE ALMEIDA RAMOS¹; ALISSON OLIVEIRA DA SILVA²; JAMILE
LIMA DOS SANTOS³; TAIS DANTAS⁴

¹Universidade Estadual de Feira de Santana – dianara.violinista@gmail.com

²Universidade Estadual de Feira de Santana – alissonsilvaoliveir6@gmail.com

³Universidade Estadual de Feira de Santana – mily12294@gmail.com

⁴Universidade Estadual de Feira de Santana – tais.dantas@uefs.br

1. INTRODUÇÃO

O programa de extensão Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais (ECIM) é uma ação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) voltada para a promoção da aprendizagem de música de forma gratuita e contextualizada com a formação de grupos musicais. Além da oferta de aulas de instrumento, o programa se destaca no cenário cultural da região a partir de apresentações artísticas realizadas pelos grupos integrantes das atividades. O programa ECIM abarca os seguintes projetos: Orquestra Sinfônica da UEFS, Grupo de Percussão e Grupo de Choro da UEFS, oficinas de instrumento de cordas, sopros, percussão e bateria. As atividades do programa se iniciaram em 2015 e desde então são desenvolvidas nas instalações do campus universitário, atendendo um público diversificado entre alunos, professores, funcionários e comunidade do município e região.

A característica mais marcante das atividades de ensino musical no programa são as aulas em grupo, que se apoiam na metodologia do ensino coletivo de instrumentos musicais. As oficinas são organizadas de acordo com cada instrumento e contam com a participação de bolsistas de extensão, que exercem papel fundamental no desenvolvimento das atividades. Para STERVINO (2014, p. 32) O ensino coletivo pode ser considerado

[...] um método motivador no início dos estudos musicais por vários motivos: os estudantes se incentivam a tocar, eles colaboram na aprendizagem musical do grupo, aprendem a se escutar e escutar os outros, adquirem habilidades na técnica instrumental do instrumento escolhido e também nos outros instrumentos presentes no grupo quando é uma prática heterogênea.

Além dos aspectos musicais trabalhados em grupo, o ensino coletivo mostra-se propício a desenvolver aspectos sociais entre seus participantes. ORTINZ, CRUVINEL e LEÃO (2004, p. 61) destacam que as relações interpessoais se destacam nas aulas coletivas, proporcionando no aluno a possibilidade “de se ver inserido em um grupo e analisar seu próprio papel, sua atuação e consequência de suas ações para os demais membros e para o grupo como todo”.

Um dos grandes desafios do trabalho remoto com música tem sido a necessidade de ressignificar e reinventar as práticas de ensino, adaptando novas tecnológicas e criando metodologias para desenvolver um ensino de qualidade. NÓVOA (2002, p. 36-37) afirma que

Hoje em dia impõe-se cada vez com maior evidência: que os professores não são apenas consumidores, mas são também produtores de materiais de ensino; que os professores não são apenas executores, mas são também criadores e inventores de instrumentos pedagógicos;

que os professores não são apenas técnicos, mas são também profissionais críticos e reflexivos.

O ensino coletivo realizado à distância é uma realidade recente nos diversos contextos de ensino musical, independente de suas finalidades. MONTANDON (2014) aponta inúmeras possibilidades de configuração e funções desta metodologia, afirmando que “as formas de dar aulas, os materiais, os objetivos serão também variados, e adaptáveis ao grupo, mostrando, justamente, os potenciais que a formação em grupo oferece, e que a difere do formato de aula individual.” (MONTANDON, 2014, p. 49).

Neste texto apresentamos um recorte das atividades desenvolvidas no programa de extensão em formato remoto, tendo em vista a suspensão das atividades presenciais na universidade, em decorrência da pandemia por COVID-19, focando as aulas de instrumentos de cordas (violino, viola e violoncelo).

2. METODOLOGIA

As aulas de Ensino Coletivo de Cordas vêm sendo desenvolvidas de forma remota por conta da pandemia, com aulas semanais, entre 1h e 1h30 de duração.

Nas aulas de violino iniciante, tanto a bolsista como os alunos, está sendo a primeira experiência de aulas a distância e com isso também surgem algumas dificuldades, como a timidez de alguns alunos para gravar vídeos tocando. Mas, com a prática individual e coletiva, as atividades, exercícios durante as aulas e encaminhamento dos slides, eles estão se desenvolvendo e conseguindo absorver os conteúdos, mesmo com a distância e o ensino remoto. Com o auxílio do Google Meet e o WhatsApp, é possível compartilhar os assuntos de maneira clara e objetiva. Trabalhar com slides foi uma maneira encontrada para explicar assuntos como a teoria musical, e através dos slides os alunos conseguem compreender melhor o assunto. Nas aulas é necessário passar atividades para que os alunos pratiquem durante a semana e revisem os assuntos que foram aprendidos durante a aula, como exercícios para o desenvolvimento no violino ou atividades envolvendo teoria musical. Nos três primeiros meses, os alunos aprenderam a postura no instrumento, como tocar corda solta, segurar no arco, iniciação à teoria musical, o nome das cordas do instrumento, a posição das notas, escalas, entre outros aspectos. A partir de então, vem sendo desenvolvido o estudo de repertório. Alguns métodos também estão sendo trabalhados para ajudar no desenvolvimento deles.

O bolsista de viola ministra aula para uma turma com alunos iniciantes e intermediários. Assim como nas outras turmas, os desafios em relação à tecnologia também estão presentes. Por conta de ser uma turma composta por níveis diferentes, foi necessário dividir a mesma em duas, assim facilitou a aprendizagem dos alunos, e a progressão de cada turma. Desta forma, os planejamentos foram desenvolvidos com mais precisão, analisando as necessidades de cada aluno e diminuindo assim as dificuldades encontradas. Contudo, é perceptível o avanço instrumental de cada um. A turma vem se desenvolvendo e mostrando interesse pelos assuntos ministrados, onde as aulas são divididas entre práticas e teóricas. Os alunos recebem as atividades a serem desenvolvidas em casa, por exemplo: gravar um vídeo tocando a música que foi estudada durante a oficina e exercícios teóricos. Assim, é possível avaliar melhor o que foi absorvido da parte teórica e da *performance*. Em seguida, cada aluno recebe de forma individual os feedbacks sobre como podem melhorar a música e,

consequentemente, os estudos ao longo da semana. Ao final de cada peça musical que foi estudada, cada aluno grava um vídeo de forma individual, para que seus colegas, familiares, amigos entre outros, assistam e vejam a evolução instrumental de cada um. O WhatsApp também tem sido um meio para garantir a comunicação com os alunos, compartilhando os vídeos gravados e também para enviar os links da sala virtual, além de contribuir com uma melhor interação entre o professor e os alunos.

Por fim, outra bolsista ministra aulas em uma turma avançada, composta por violinos e violoncelo. Com aulas práticas e teóricas, os alunos vêm absorvendo novos conteúdos, sendo fundamental para mantê-los ativos nos seus instrumentos. Por ser uma turma mais avançada, a bolsista fez um diagnóstico individual para compreender quais as necessidades de cada um. Através dessa análise, chegou-se à conclusão de que muitas questões teóricas e harmônicas ainda não faziam parte do dia a dia musical dos alunos, assim, as aulas semanais são compostas, inicialmente, por conteúdos teóricos, como escalas menores, sincopes, contratempos, ritmos compostos, entre vários outros assuntos teóricos. Também faz partes das aulas os estudos dos períodos da história da música, abordando os principais compositores. As músicas são escolhidas com a participação dos alunos, onde se formou repertório eclético, com músicas eruditas e populares brasileiras, arranjadas para o formato da turma. Os alunos também enviam vídeos tocando trechos das músicas via WhatsApp, para serem avaliados e recebem *feedbacks* para que possam avaliar sua evolução. Também são elaborados vídeos mosaico como registro do trabalho desenvolvido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os bolsistas utilizam a plataforma do Google Meet para ministrarem as aulas, pois é uma plataforma que funciona com uma hora ou mais por chamada em tempo real, enquanto outras são interrompidas antes deste tempo. Porém, para instrumentos musicais essas plataformas não são perfeitas, não é possível escutar com uma boa qualidade o som do instrumento que é passado pela tela do celular ou computador, e esse é um dos grandes problemas que vem sendo enfrentado nas aulas de ensino musical remoto. O som muitas vezes chega em ruídos ou com delay, e acaba saindo um som mais mecanizado e não o original do instrumento. Mesmo com essas questões as aulas fluem e a troca de conhecimento é feita, além disso, cada bolsista se baseia em outras formas de comunicação para melhor contribuir na aprendizagem dos alunos, como é o caso das gravações de vídeos e áudios individuais.

Uma das grandes vantagens do ensino coletivo é a motivação proporcionada pelo trabalho em grupo no ensino coletivo. Neste sentido, foi possível perceber que, aos poucos foram perdendo a vergonha de tocar e de ligar as câmeras nas aulas, demonstrando interesse mesmo diante das dificuldades de se aprender um instrumento virtualmente.

A experiência relativamente recente de se ministrar aulas coletivas de instrumento online vem apresentando desafios e dificuldades, contudo, temos percebido o avanço nas habilidades técnicas musicais em todos os níveis, tais como: aprimoramento e desenvolvimento da postura nos instrumentos; reconhecimento e afinação das notas musicais; leitura de partituras; e conhecimento teórico musical. Além destas, percebe-se também a presença de competências atitudinais desenvolvidas, como a interação grupo e a cooperação em grupo, mesmo à distância.

4. CONCLUSÕES

O ensino coletivo de instrumentos musicais vem desempenhando um importante papel na oportunização da aprendizagem musical em diversos contextos. Na extensão universitária, além de possibilitar a aprendizagem musical para a comunidade feirense em geral, também dá oportunidades de ensino e aprendizado para os alunos de Licenciatura em Música da Universidade, fazendo com que se preparem para serem profissionais nas suas áreas, contribuindo assim, para o mercado de trabalho diversificado de ensino de música.

No que diz respeito às aulas remotas em decorrência da pandemia por Covid-19, professores de música vêm tentando superar as dificuldades tecnológicas que envolvem a qualidade da transmissão do som de forma síncrona. No entanto, a intermediação do ensino e aprendizagem via internet vem sendo mais uma alternativa para promover o ensino de música, incentivando professores a desenvolver novas metodologias e ferramentas para o ensino, como gravação de áudio e vídeos, utilização das redes sociais para comunicação e compartilhamento de materiais didáticos. Com base nesses relatos de experiência, foi possível perceber a importância dos planejamentos para cada turma, pensando sempre em como promover a evolução musical dos alunos por meio de planos que busquem melhorar o interesse, a interação nas aulas e principalmente, motivá-los a continuarem estudando seus instrumentos. Assim, entendemos que é possível promover a aquisição de conhecimento musicais de forma integrada, por meio do ensino remoto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

MONTANDON, M. I. Epistemologia do Ensino Coletivo e os dez anos do ENECIM. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO, 6**. Salvador, 2014. Anais do VI ENECIM. Salvador: UFBA, 2014. p 43-51.

ORTINS, F.; CRUVINEL, F. M.; LEÃO, E. O papel do professor no ensino coletivo de cordas: facilitador do processo ensino aprendizagem e das relações interpessoais. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 1**. Goiânia, 2004. Anais do I ENECIM. Goiânia: UFMG, 2004. p. 60-67.

STERVINO, A. Ensino Conservatorial Versus Ensino Coletivo: algumas reflexões. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO, 6**. Salvador, 2014. Anais do VI ENECIM. Salvador: UFBA, 2014. p 25-32.

CENTENÁRIO DO ÁLBUM DE PELOTAS DE 1922: FOTOGRAFIAS, MEMÓRIA E HISTÓRIA

DOUGLAS DE LIMA JARDIM¹; ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES²

¹Universidade Federal de Pelotas – douglasdelimajardim@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aristeuufpel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Em 1922 a República Federativa do Brasil comemorava 100 de sua independência. Naquele período o país ainda buscava por sua identidade cultural, sendo assim, essa data não poderia passar despercebida. Diversos eventos foram organizados para celebrar a data que era de suma importância para o país. Também foram lançadas algumas publicações, sobretudo álbuns comemorativos. E em Pelotas não foi diferente, um álbum de fotografias intitulado “Álbum de Pelotas” foi organizado para mostrar os requintes da cidade.

O Álbum contava com fotografias variadas desde aquelas sobre as atividades comerciais e fabris, as quais compunham as propagandas, como também dos espaços públicos. As praças arborizadas e ajardinadas, casarões de arquitetura eclética e ruas largas revelavam uma urbe que tendia a modernidade (MICHELON, 2001; GONÇALVES, 2017). Ainda, fotografias do movimento das ruas, do prédio da prefeitura, da Biblioteca Pública Pelotense, do Mercado Central, de algumas residências particulares e de outros prédios públicos e de instituições financeiras compõem o conjunto fotográfico que narra, e eterniza nas páginas do Álbum, a memória e a história da cidade.

Em 2022 serão completados os cem anos da publicação do Álbum e o bicentenário da Independência do Brasil. A proposta deste trabalho é apresentar os primeiros resultados do projeto de extensão: “Centenário do Álbum de Pelotas de 1922: fotografias, memória e história”, o qual visa, em especial, a publicação de uma coletânea que será dividida em três partes. A primeira parte contará com a colaboração de pesquisadores que discutirão temáticas presentes nos textos e nas fotografias do Álbum. A segunda parte apresentará um comparativo entre as fotografias veiculadas no Álbum em 1922 com fotografias atuais da cidade com ângulos próximos ou similares àquelas. A terceira parte da coletânea abordará temáticas específicas, como o legado patrimonial e o legado educacional de Pelotas e outras que não foram contempladas na publicação de 1922: os impactos da escravização antes e no pós-abolição, os arrabaldes da cidade, as heranças indígena e quilombola, os trabalhadores, a área rural, as religiões de matriz africana, entre outros temas. O Álbum de Pelotas de 1922 se tornou um documento relevante para a história da cidade, assim como objeto de desejo de colecionares, pesquisado por historiadores e ainda presente em muitas casas pelotenses, constituindo-se também como parte da memória de Pelotas. No entanto, ele narra um passado específico, com problemas, interesses e preocupações do seu tempo, relacionado com uma parte dessa história, de acordo com nosso entendimento historiográfico contemporâneo.

2. METODOLOGIA

O exemplar do Álbum de Pelotas de 1922 utilizado pelo projeto pertence ao Núcleo de Documentação Histórica Prof^a Beatriz Loner, da Universidade Federal de Pelotas. Inicialmente, o Álbum foi todo fotografado e categorizado a partir das fotografias, as quais foram divididas de acordo com as propostas dos capítulos que contemplarão a Parte I da publicação. As propostas de capítulos possuem os seguintes temas: 1. O Álbum de Pelotas de 1922; 2. A fotografia, Clodomiro Carriconde e a cidade de Pelotas; 3. Crônica e fotografia; 4. O Álbum de 1922 como inspiração; 5. A Literatura e o Álbum de Pelotas; 6. Arquitetura pelotense no Álbum de 1922; 7. A História de Pelotas contada no Álbum; 8. Pelotas e as elites do passado no Álbum; 9. Os mapas da cidade publicados no Álbum; 10. As mulheres e a Fotografia no Álbum; 11. Instituições hospitalares no Álbum; 12. Instituições de ensino no Álbum (parte I); 13. Instituições de ensino no Álbum (parte II); 14. Instituições religiosas no Álbum; 15. Os hotéis no Álbum; 16. O Cemitério no Álbum; 17. Uma história da alimentação a partir do Álbum de Pelotas; 18. Estabelecimentos comerciais/propaganda no Álbum.

Já a Parte III será composta pelos seguintes temas: 1. O legado patrimonial de Pelotas; 2. Fotografia, Memória e Patrimônio; 3. O legado educacional de Pelotas; 4. Os museus de Pelotas; 5. Bairros e Lugares de memória: a Colônia de pescadores Z3; 6. Bairros e Lugares de memória: o Bairro Porto; 7. Bairros e Lugares de memória: os Bairros Fragata e Três Vendas; 8. Bairros e Lugares de memória: os Bairros Balsa, Navegantes e Fátima; 9. Pelotas e a zona rural; 10. As periferias da cidade; 11. O passado indígena de Pelotas; 12. Os negros em Pelotas; 13. Quilombolas em Pelotas; 14. Os clubes carnavalescos negros de Pelotas; 15. As religiões de matriz africana em Pelotas; 16. Espaços negros; 17. As ruas da cidade; 18. Os trabalhadores da cidade e 19. Pelotas e a Pandemia de COVID-19.

A Parte II pretende realizar um comparativo entre as fotografias de 1922 com o mesmo espaço urbano em 2022, realizando novas fotografias com enquadramentos próximos. A seguir será apresentado o trabalho realizado:

Em circunstância da pandemia que afetou o planeta, o sistema de trabalho e pesquisa foi totalmente realizado de forma home office, utilizando-se de ferramentas disponíveis nos navegadores de internet. Uma das ferramentas essenciais para esse trabalho foi a utilização de um sistema de armazenamento em nuvem, o Google drive. Nele foi disposto o conjunto das páginas reproduzidas do Álbum, no qual foi dividido em partes, sendo que na parte II foram selecionadas 190 fotografias as quais serão reproduzidas.

Para analisar os espaços da cidade de Pelotas, comparando o antes/depois das fotografias do Álbum, foi conveniente o uso da ferramenta digital Google Street View. O fato de usar uma ferramenta para localizar prédios e espaços que se assemelham àqueles do Álbum, foi necessário devido ao contexto pandêmico. Mesmo assim, para alguns comparativos, foi importante a verificação presencial. No entanto, as saídas ocorreram, preferencialmente, em dias e horários de pouca circulação de pessoas, como fins de semana e pós 20:00. Na maioria dos casos, no entanto, o Google Street View proporcionou um ótimo resultado, pois, o método de visualização em 360º e o sistema de zoom supriu as necessidades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Talvez a maior dificuldade nesse trabalho é a remodelagem da cidade durante esses quase 100 anos, por mais que vários, ainda permaneçam em pé outros muitos não existem mais, além disso, muitas edificações têm placas de propagandas na sua fachada dificultando uma melhor visualização (por isso a necessidade do trabalho em campo).

Um ponto a se discutir foi a preocupação tardia na conservação da arquitetura histórica de muitos centros urbanos. Além disso, os comerciantes da época aos poucos foram ficando com suas mercadorias obsoletas, substituídas por produtos industrializados e começaram a fechar seus espaços perdendo mercado para grandes franquias comerciais. Contudo, apesar desse impacto arquitetônico que destruiu e ofuscou muito da arquitetura histórica da cidade de Pelotas, ainda conseguimos ótimos resultados.

Exemplos:



Figura 1 Estabelecimento localizado na rua XV de Novembro Nº 710 contrapondo com mesmo no ano de 1922

Um dos casos mais demorados, que exigiu uma análise de campo, foi o prédio da Rua XV de novembro 710 local que hoje se localiza uma loja de instrumentos musicais. A arquitetura do prédio foi totalmente modificada, mas o que foi determinante para a constatação do local, foi a permanência de algumas tijoletas que ainda se mantêm no prédio ao lado e pouco aparecem na extremidade direita da fotografia.

O local que hoje se localiza a uma loja de instrumentos musicais, cujo número da propriedade é 710, na época era enumerada como 714 e pertencia a José Avelino Pires da Fonseca, e tratava-se de um estabelecimento denominado Loja de Ourives, que além de compra de ouro e prata comercializava facas, adagas e artigos para montaria.

A identificação das ruas de Pelotas alterou-se ao decorrer do tempo. Um exemplo é a rua Marcílio Dias que no ano de 1922 se chamava Vieira Pimenta.

Marcilio Dias = Vieira Pimenta
Marcilio dias 476



Figura 2 Estabelecimento localizado na rua Marcilio Dias Nº 476, contrapondo o mesmo no ano de 1922

A estrutura em questão localizada na rua Marcilio Dias/Vieira Pimenta Esquina rua Tiradentes, pertencia a Antoni L. Moreda e o local abrigava o Café Colombo que comercializava bebidas e alimentos. O local hoje se encontra abandonado à mercê da deterioração do tempo, isso levanta a discussão quanto a preservação dos prédios históricos da cidade, sendo o prédio do Café Colombo apenas mais um entre outros tantos que foram esquecidos.

4. CONCLUSÕES

O Álbum de Pelotas de 1922 foi uma publicação relevante para a história da cidade, uma vez que suas praças, ruas e construções ficaram registradas nas suas páginas. A Pelotas da atualidade é muito diferente daquela de quase cem anos atrás; a paisagem urbana encontra-se alterada, pouco restou daquele passado, mas ainda é possível localizar os seus vestígios. Dessa forma, a grande inovação pretendida com o projeto é publicar a coletânea que vai refletir sobre essas transformações. Ainda, serão realizados importantes análises sobre o passado e o presente de Pelotas, e é nos textos sobre a atualidade que novos e pertinentes temas serão abordados, tornando, assim, a obra em uma importante contribuição para toda a comunidade pelotense.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MICHELON, Francisca. **Cidade de papel : a modernidade nas fotografias impressas de Pelotas (1913-1930)**. 2001. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

GONÇALVES, Mariana Couto. **“Andei, sempre tendo o que ver e ainda não fora visto”**: A modernização urbana pelotense a partir de crônicas e fotografias (1912-1930). 2017. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

SEMANA DO FOLCLORE (2012-2021): UMA DÉCADA DE HISTÓRIA

EDERSON ZANETI VERGARA¹; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS²;
CARMEN ANITA HOFFMANN³

¹Universidade Federal de Pelotas – edersonvergara@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – thiago.amorim@ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – carminhadanca@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Realizada na Universidade Federal de Pelotas - UFPel desde o ano de 2012, a Semana do Folclore chega, em 2021, à sua décima edição, sempre tendo sua promoção e realização através do Projeto Unificado com Ênfase em Extensão Núcleo de Folclore da UFPel – NUFOLK, atualmente coordenado pelos Profs. Thiago Amorim e Carmen Hoffmann. O NUFOLK é um projeto que se articula, por meio da extensão, também com ensino e pesquisa, através de diferentes parcerias e iniciativas, desde 2010, quando foi criado.

A Semana do Folclore, que teve sua primeira edição em 2012, foi proposta, visando encontrar formas de fomentar e democratizar o acesso às Artes Populares por meio de diferentes ações que envolvem a comunidade universitária e a comunidade em geral. Ao longo desses anos, o evento foi palco para muitas ações, atividades, formatos, participantes, colaboradores, organizadores e temas voltados ao folclore, à arte e às culturas populares. As pautas sempre trouxeram grande carga teórico-prática reflexiva e construtiva para quem esteve presente nas edições deste evento.

A Semana do Folclore, portanto, é uma ação extensionista que preconiza pautas de relevância para a sociedade e universidade, aproximando-as e possibilitando discussões horizontais; permitindo, desta forma, com que a cultura popular seja alargada e articule os conhecimentos empíricos e populares com os saberes científicos e acadêmicos dentro do âmbito atingido pelo evento.

2. METODOLOGIA

Para dar início ao evento, a coordenação do NUFOLK agenda e organiza, junto aos bolsistas e colaboradores, uma série de reuniões de planejamento. Essas reuniões têm o intuito de eleger tema, elencar possíveis atividades, convidar pessoas com notoriedade, conhecimento e interesse para conduzir e ministrar as atividades, organizar um cronograma de dias e horários, montar estratégias de divulgação e procurar parceiros para que as ações se amplifiquem e pluralizem. Desta forma, o evento se torna mais diverso e democrático, atingindo o máximo de pessoas possíveis em seus diferentes espaços.

As atividades são de diferentes naturezas e modalidades, tais como: oficinas; aulas abertas; palestras; workshops; rodas de conversa; webconferências; fruição de ensaios e apresentações artísticas. Todas as edições têm a característica de diversificar essas atividades, sem o interesse em repetir tema, formato ou metodologia, mas adequando para o momento em que o evento acontece, com os espaços possíveis, com o público interessado e com as pessoas envolvidas na efetivação da ação.

Em suas primeiras edições, a Semana do Folclore se caracterizou por dar ênfase à participação de graduandos, egressos e professores do Curso de Licenciatura em Dança da UFPel, contando, também, com alguns poucos

parceiros para a realização das atividades. Conforme o evento foi avançando em suas edições, também sua proposta foi se alargando e se consolidando. Com o passar dos anos, novos parceiros se agregaram ao NUFOLK e à Semana do Folclore, que ganhou maior abrangência, ao passo em que foram se incorporando outros Cursos da UFPEl, professores de outras áreas acadêmicas, escolas de Pelotas, entidades e grupos de fora da universidade, se tornando um evento consideravelmente grande para o que se propõe.

Hoje, principalmente desde a edição de 2020, onde as atividades se tornaram virtuais devido ao distanciamento necessário em virtude da pandemia, a Semana do Folclore, com o auxílio da internet e plataformas digitais, conta com a colaboração de universidades, professores e entidades de vários lugares do Brasil de forma mais prática e dinâmica, abrangendo outros públicos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Semana do Folclore, evento gratuito e direcionado a diversos públicos. é sempre realizada no mês de agosto, em torno do dia 22, data em que é comemorado o Dia Mundial do Folclore. Este dia é conhecido por ser a data em que a palavra “Folklore” foi usada pela primeira vez pelo arqueólogo inglês William John Thoms, em uma carta enviada à *Revista Atheneum*, no ano de 1846, para assim definir o estudo das manifestações que vinham da sabedoria popular.

Acredita-se, sinceramente, que os resultados das ações promovidas na Semana do Folclore impactem positivamente as pessoas que se envolvem em tais atividades, pois quem ministra e propõem a abordagem acaba encontrando públicos diversos, sejam alunos de escolas públicas, graduandos de universidades, professores e professoras da Educação Básica, etc.

A seguir, algumas das identidades visuais criadas ao longo das edições já realizadas durante estes 10 anos:



Imagem 1: Cartaz de divulgação 2013



Imagem 2: Cartaz de divulgação 2016



Imagem 3: Cartaz de divulgação 2019



Imagem 4: Cartaz de divulgação 2017

O evento traz como objetivo geral vivenciar, investigar, promover, descentralizar e difundir as manifestações populares e folclóricas, estimulando a tolerância às diferenças, o intercâmbio entre etnias e culturas, o desenvolvimento da autoestima cidadã e a noção de pertencimento coletivo, bem como a cooperação pela paz e o protagonismo dos coletivos culturais marginais e em situação de vulnerabilidade.

Na edição de 2021, o formato será, mais uma vez, a exemplo de 2020, remoto. Todas as ações serão online, priorizando a saúde e a vida de todos e todas participantes, tendo em vista que ainda atravessamos um momento que exige muita cautela devido à pandemia do COVID-19, e respeitando os protocolos sanitários indicados pela OMS e pela própria UFPel.

Na sequência, imagens de algumas atividades que aconteceram ao longo dos dez anos de realização da Semana do Folclore:



Imagem 5: Oficina de brincadeiras Folclóricas (2014)



Imagem 6: Circuito de Oficinas Folclóricas (2016)



Imagem 7: Captura de tela da atividade virtual "Arte, política e negritude" (2020)



Imagem 8: Performance (Con)tradição (2018)

Cabe lembrar, também, alguns dos parceiros que estiveram ao lado do NUFOLK realizando a Semana do Folclore em suas dez edições: Curso de Dança – Licenciatura da UFPel; Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel; OMEGA – Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (UFPel/CNPq); Centro de Artes da UFPel; Faculdade de Educação da UFPel; Projeto de Extensão, Folclore e Educação; Projeto de Pesquisa Aspectos Históricos da Dança no RS; Projeto de Pesquisa Poéticas Populares na Contemporaneidade; LADAIA - Laboratório de Decolonialidade em Ações e Investigações Artísticas; Curso de Dança da UCS, Curso de Dança da FURB; Abrasoffa – Associação Brasileira dos Organizadores de Festivais de Folclore e Artes Populares, LIFE/LAPIS – Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores/Laboratório de Artes Populares Integradas; PET/GAPE – Programa de Educação Tutorial/Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular; LIFE/LAM – Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores/Laboratório Virtual Multilinguagens; ACCARA - Associação Cultural de Capoeira de Angola

Rabo de Arraia; Projeto Caixa de Pandora, Projeto de Extensão Caminhos da Dança na Rua, Projeto de Extensão Residências Artísticas; Projeto Arte na Escola; Grupo Afro-Sul de Música e Dança, PEPEU-UFPEL e Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, entre outros.

4. CONCLUSÕES

De 2012 até 2021, em todas as edições, a Semana do Folclore atingiu seus objetivos traçados, pois promoveu reflexões acerca dos temas abordados, contribuiu com novos aprendizados, ampliou repertórios de conhecimentos dos(as) participantes, trouxe discussões sobre pautas relevantes para a sociedade, além de que fomentou e desenvolveu o intercâmbio cultural com agentes e coletivos locais e com organizações do Brasil e exterior.

É importante ressaltar que, mesmo em meio às dificuldades de uma pandemia tão severa, que atingiu tantas famílias, o evento continuou existindo e contribuindo para o avanço da comunidade em termos culturais e folclóricos.

Para a décima edição, a Semana do Folclore segue seu compromisso de estar trazendo para a sala virtual diferentes olhares e reflexões sobre os temas abordados nas palestras, oficinas e debates, procurando manter a relação entre os saberes teóricos e práticos, entre os conhecimentos populares e acadêmicos.

Com os avanços alcançados nesta década e acreditando que a Semana do Folclore se ampliou muito, neste ano o evento passará a se chamar “Semana do Folclore e Culturas Populares”, pois já tem abarcado um conteúdo extenso e que vai para além do folclore. Assim sendo, o nome do evento só vem ao encontro do que já acontece efetivamente. Além disso, o tema-gerador da edição de 2021 é “Encontro de Saberes”, dando maior foco aos mestres populares e entrelaçando universidade e comunidade de forma mais contundente, fortalecendo tal relação.

Por fim, acreditamos na característica de acolhimento das atividades virtuais e nos reflexos positivos da Semana do Folclore e Culturas Populares. A cada edição, mais se fortalece o desejo de seguir trabalhando em prol da cultura, do folclore e dos coletivos produtores dos mesmos, o que assegura o intuito de que o evento permaneça acontecendo por muitos anos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, 1995. **Carta do Folclore Brasileiro**. Salvador: CNF.

MANZKE, Sabrina Marques; GONZALES, Beliza; JESUS, Thiago Silva de Amorim. **Folclore de Margem: um olhar sobre as manifestações populares do Rio Grande do Sul e sua (in)visibilidade**. Revista da FUNDARTE, Montenegro, p.165-187, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>>

NÚCLEO DE FOLCLORE DA UFPEL – NUFOLK. **Projeto Unificado com Ênfase em Extensão – Núcleo de Folclore da UFPEL/NUFOLK**. Curso de Dança – Licenciatura. Centro de Artes. Universidade Federal de Pelotas. 2020

USP. **Entre viés ideológico e pandemia: cultura no Brasil enfrenta mais um desafio**. Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo. São Paulo 02 Abr. 2020 – Disponível em: < <http://www3.eca.usp.br/noticias/entre-vi-sideologico-e-pandemia-cultura-no-brasil-enfrenta-mais-um-desafio-0>

DIVULGAÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE SAÚDE MENTAL POR MEIO DE SÉRIE ANIMADA PARA A REDE SOCIAL

ELIAS DE MORAES JÚNIOR¹; GUILHERME CARVALHO DA ROSA²; VANESSA DE ARAÚJO MARQUES³; MATEUS LUZ LEVANDOWSKI⁴; TIAGO NEUENFELD MUNHOZ⁵

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – junior.moraes971@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – guilhermecarvalhodarosa@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – vanessa.marques@ufpel.edu.br

⁴ Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – luzlevandowski@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – tiago.munhoz@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Um estudo chamado *Monitoramento da evolução da sintomatologia pós-traumática, depressão e ansiedade durante a pandemia da COVID-19 em brasileiros* (CALEGARO, 2020) revelou que a demanda por saúde mental aumentou no Brasil, isso por conta das medidas de contenções e dos efeitos socioeconômicos referentes a essas medidas.

Com base nas restrições das atividades notou-se um importante incremento no acesso às plataformas digitais (VALENTE, 2020). Com isso, o Núcleo de Saúde Mental, Cognição e Comportamento (NEPSI) reorganizou-se por meio das redes sociais, onde compartilham conteúdos como, por exemplo, cartilhas e podcasts sobre temas relevantes para a comunidade acadêmica e para a sociedade sobre saúde mental.

Visto que as mídias sociais aos poucos adentram o ambiente de comunicação das mídias tradicionais, e com o auxílio da ideia de convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva (JENKINS, 2006, p. 30), o NEPSI, com o objetivo de adentrar ao meio produtivo cultural, criou um projeto de divulgação de conhecimento sobre saúde mental por meio da série animada *Ranzin* para a rede social.

2. METODOLOGIA

Ranzin é uma série de animação produzida com parceria entre duas áreas de conhecimento e está vinculado com o NEPSI. A ideia inicial partiu da coordenação do projeto (TNM), ainda em 2020. Em 2021, mediante incentivo de bolsa de extensão concedida pela UFPeL foi possível a seleção de um estudante do curso de Cinema de Animação para desenvolvimento do personagem e produção da animação.

O processo de planejamento e execução deste projeto ocorreu por meio de reuniões quinzenais realizadas entre extensionistas e coordenadores do núcleo. Inicialmente discutiu-se sobre a estrutura e organização da narrativa, as escolhas estéticas e definição de personagens, bem como sobre as principais plataformas de redes sociais nas quais seria possível atingir o maior número de pessoas, sendo definido o Instagram como plataforma principal de divulgação desta animação.

Realizou-se uma pesquisa por perfis do Instagram com produção de animações e, neste levantamento, surgiram algumas questões que nortearam as escolhas. A ideia principal gira em torno do contexto de isolamento e os problemas que isso gera para a saúde mental e como driblar esses problemas. A segunda escolha foi que haveria um personagem único para todos os episódios, pois assim cria-se uma identidade para a série e também facilita e acelera o processo de produção. Outra questão foi que a distribuição da série seria feita pelos *Reels* do Instagram, pois trata-se de uma janela adequada para animações curtas com mensagens rápidas, a ideia de trazer animações para esse ambiente surgiu como uma necessidade de abranger outros públicos além dos que já acompanhavam o perfil.

Posteriormente a produção contou com a ajuda de voluntários para ser realizada de uma forma profissional, com cada voluntário na sua área preferencial dentro da produção de animação. Abaixo seguem os links das redes sociais do Núcleo:

- Wordpress Institucional: <https://wp.ufpel.edu.br/nepsi/>
- Facebook: <https://www.facebook.com/ufpel.nepsi/>
- Instagram: https://www.instagram.com/ufpel_nepsi/
- Twitter: https://twitter.com/ufpel_nepsi
- Spotify: <http://l.ufpel.edu.br/spotifyNepsi>

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os aspectos narrativos do *Ranzin* foram baseados na comicidade presente na narrativa de produtos audiovisuais do gênero, mas que, também, trouxeram questionamentos sobre os estresses que a vida cotidiana impõe e como resolver esses estresses de uma forma saudável mentalmente.

Definiu-se por apresentar o conteúdo de animação em formato de série. Cada episódio terá cenas curtas, com duração média de quarenta segundos, em sintonia com a dinâmica exigida pelas redes sociais. Até o presente momento foi produzido o episódio piloto da série (em fase de finalização). Outro aspecto relevante seria a construção do conteúdo da mensagem, organizando informações relevantes em educação em saúde mental, linguagem acessível e disponível à comunidade.

A definição e concepção do personagem surgiu a partir da ideia de integrar elementos cômicos e afetivos. A série é uma entrevista com um gato chamado *Ranzin*, que passa os dias isolado na sua casa com sua amiga *Rosé*, uma bola que nunca o responde. Até o momento o primeiro episódio ainda está em processo de produção, ele fala sobre algumas situações que stressam *Ranzin* e como ele usa a meditação para não deixar aquilo afetar o seu estado emocional.

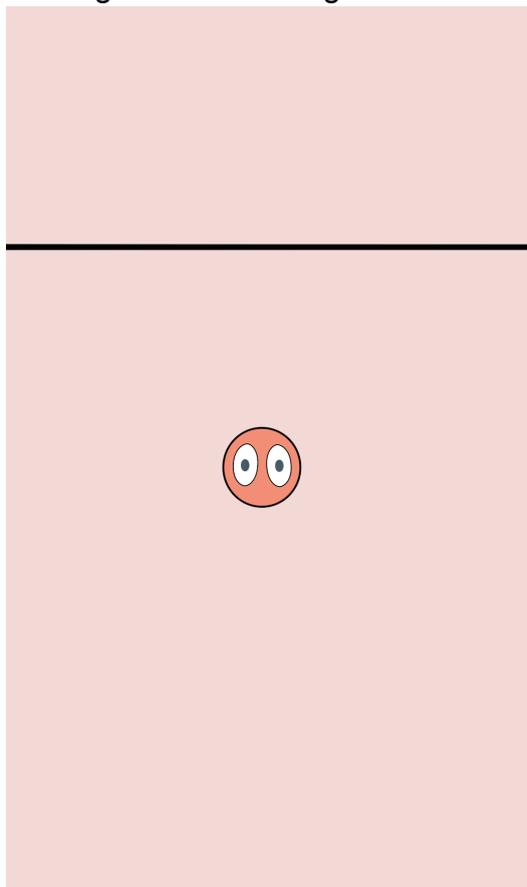
A estética do produto foi pensada no estilo de cartum pela sua simplicidade de detalhamento, o que facilita e acelera a produção e intensifica a identidade com o espectador. A ideia de utilizar um gato parte dessa necessidade de se aproximar dos espectadores com o apelo de um animal de estimação. Também foi escolhido que o diálogo seria explorado mais do que os movimentos, pois assim se aproveita o tempo de uma forma mais eficaz em questões de produção.

O procedimento de criação vem da necessidade, assim colocava Deleuze na sua palestra sobre o ato de criação (1987). A necessidade neste caso vive na realidade mas é interpretada e representada por meio de um formato animado. A animação é uma importante ferramenta de criação cultural, ela tem um papel de nos lembrar da realidade, mesmo que esta não esteja sendo “espelhada”, propriamente dita, no produto audiovisual. Como observa o animador Richard Williams (2002, p.34), “Para nos afastarmos da realidade, nosso trabalho deve estar baseado na própria realidade”.

Figura 1: Personagem *Ranzin*



Figura 2: Personagem *Rosé*



4. CONCLUSÕES

O audiovisual é uma importante ferramenta para quem quer comunicar informações e também está presente nas mídias sociais. Para um produto audiovisual ser bem sucedido ele deve contar com informações relevantes e entreter. A série Ranzin foi baseada nessa ideia para ser criada. É muito comum processos de estresse e ansiedade serem discutidos nas mídias digitais, existem inúmeros perfis que baseiam as suas postagens em cima deste assunto, portanto a série está no caminho de utilizar as possibilidades da animação e do humor para alcançar o seu objetivo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VALENTE, J. Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa. **Agência Brasil, Governo Federal**, p. 2020-05, 2020. acessado em 07 jul. 2021. Online. Disponível em:
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>

CALEGARO, V. C. Monitoramento da evolução da sintomatologia pós-traumática, depressão e ansiedade durante a pandemia da COVID-19 em brasileiros. **COVIDPSIQ**. acessado em 07 jul. 2021. Online. Disponível em:
<https://www.ufsm.br/2021/05/21/covidpsiq-conheca-os-resultados-finais-da-pesquisa-sobre-saude-mental-na-pandemia/>

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: ALEPH, 2009.

WILLIAMS, R. **The Animator Survival Kit**. Londres: Faber e Faber, 2001.

DELEUZE, G. **O Ato de Criação**. Folha de São Paulo, 27 Jun. 1999. Acessado em 09 de Jul. 2021. Online. Disponível em
https://lapea.furg.br/images/stories/Oficina_de_video/o%20ato%20de%20criao%20-%20gilles%20deleuze.pdf

AÇÕES DO LABORATÓRIO ABERTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS A PARTIR DA PANDEMIA DE COVID-19

FILIPPE CASTRO ALVES WESSELY¹; BRUNA DE OLIVEIRA AVILA²; CLARA RIBEIRO DO VALE TEIXEIRA³; OLGA GENI PINTO JECK CABRAL⁴; KELI CRISTINA SCOLARI⁵; ANDREA LACERDA BACHETTINI⁶

¹Universidade Federal de Pelotas –wessely.filipe@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas –brunaoliveira.avila@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – clarardelvale@gmail.com.

⁴Universidade Federal de Pelotas – cabral.potter@gmail.com.

⁵Universidade Federal de Pelotas –keliscolari@gmail.com.

⁶Universidade Federal de Pelotas – andreabachettini@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Este resumo tem como finalidade abordar as ações do Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais (LACORBC), a partir da pandemia de Covid-19. O projeto faz parte do acordo técnico-científico celebrado entre a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e o Estado do Rio Grande do Sul por intermédio da Secretaria da Cultura (SEDAC-RS). A finalidade do projeto é gerar conhecimento sobre a conservação e restauração dos bens culturais, a partir da análise, observação e realização do processo de restauração das obras. O LACORBC trabalha com duas obras de grandes dimensões, Alegoria, Sentido e Espírito da Revolução Farroupilha, (1925-1926) de Hélios Seelinger e Fuga de Anita a cavalo (1917-1918) de Dakir Parreiras. Pertencentes ao acervo do Museu Histórico Farroupilha (MHF), localizado na cidade de Piratini, RS.

A restauração das obras poderia ser acompanhada pelo público em geral, através de visitas ao local onde se encontra o projeto. O LACORBC está localizado no Museu do Doce¹, localizado na Praça Coronel Pedro Osório, Casarão 8, no centro histórico da cidade de Pelotas.

Com a pandemia de Covid-19, o distanciamento social e a pausa de atividades coletivas, por tempo indeterminado, o LACORBC se adaptou para o meio virtual, pois não podendo receber visitas, nem podendo manter ativa a restauração das obras, acabou utilizando as redes sociais para compartilhar informações, através de fotos, vídeos e podcasts. Também foram apresentados diversos seminários referentes ao tema da restauração, conservação e museologia, a partir das atividades já feitas no LACORBC, durante o ano de 2020 e 2021, com apresentação por parte dos voluntários, parceiros e bolsistas do projeto em fóruns e eventos online.

2. METODOLOGIA

Através das redes sociais, Instagram, Facebook e WhatsApp, foi dada continuidade na divulgação das atividades do laboratório. Ocorrendo reuniões e a

¹ O Museu do Doce é um órgão suplementar do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e tem como missão salvaguardar os suportes de memória da tradição doceira de Pelotas.

continuação de partes do projeto por voluntários e bolsistas. Apresentações foram realizadas em eventos como semana de museus, Primavera dos museus, Projeto tão longe tão perto, da Universidade Federal de Pelotas, apresentando o desenvolvimento das restaurações, e novas ações do LACORBC, e novas atividades, como a exposição virtual de modelos de máscaras. Onde a arte dos quadros foram digitalizadas e servem de modelos para as máscaras de proteção, recomendadas pela Organização Mundial da Saúde.

Com o uso das redes sociais o projeto manteve-se ativo, compartilhando informações sobre o processo de restauração das obras, lembrando das atividades presenciais, compartilhando fotos antigas dos membros do laboratório em atividade. Também conscientizando para o uso das máscaras com edições digitais no quadro da fuga de Anita a cavalo, por exemplo.

O LACORBC segue aberto ao público, de forma virtual, onde aqueles que utilizam as redes sociais podem acompanhar as atividades divulgadas pelos perfis do projeto. Seguem sendo divulgados eventos, palestras e atividades remotas da Universidade Federal de Pelotas(UFPel), atividades em que o projeto está presente, podendo o público interno e externo da Universidade participar.

Na página do instagram do LACORBC pode-se encontrar diversas informações sobre todas as atividades do laboratório aberto, desde o início dos trabalhos, até os mais atuais. A montagem da sala onde se localiza o LACORBC, os primeiros momentos, com a chegada dos quadros e as atividades realizadas pelos participantes do projeto, ainda em trabalho presencial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adaptação do Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de bens Culturais, para o meio virtual, foi necessária mediante as restrições que a pandemia de Covid-19 ocasionou, para que o projeto não parasse totalmente. Atualmente, mantendo as recomendações da Organização Mundial de Saúde(OMS), o quadro “Fuga da Anita a cavalo” está sendo restaurado no Laboratório de Conservação e Restauração em Pintura, do curso de bacharelado Conservação e Restauração de Bens Culturais e móveis, na Universidade Federal de Pelotas, pela Prof^a.Dr^a.Andrea Bachettini e pela Restauradora Dr^a.Keli Scolari.

A mudança para o meio virtual faz com que o projeto siga tendo visibilidade e apreço pelo público, também possibilitando que pessoas de outras cidades conheçam o projeto e possam fazer a sua visita, por meio virtual, para conhecer as atividades e ações do projeto.

4. CONCLUSÕES

Ainda em atividade virtual, o Laboratório aberto de conservação de bens culturais segue atualizando suas redes sociais para melhor acompanhamento do público e divulgação de seus feitos.

Aguardamos a volta das atividades com público para retornarmos com as atividades presenciais no Museu do Doce, onde se encontra locado o projeto LACORBC. Com a volta das atividades em grupo e as visitas sendo retomadas, sabemos que certamente o sucesso de visitaçao será retomado, vindo como resultado as interações que temos nas redes sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

UFPEL. **Cerimônia de abertura do projeto de extensão Laboratório Aberto de Conservação e Restauro de Bens Culturais**. Pelotas, 20 Ago. 2019. Online. Acesso em 08 Jul. 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/2019/08/20/cerimonia-de-abertura-do-projeto-de-extensao-laboratorio-aberto-de-conservacao-e-restauro-de-bens-culturais/>

SILVA DA, N.M; CAVALHEIRO, K.P; GAMA, I.F.; SCOLARI, K.C; BACHETTINI, A.L. **LABORATÓRIO ABERTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS**. In: Anais do IV congresso de extensão e cultura,PREC/UFPEL, Pelotas, 2019.

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA - UFPEL. **Projeto de Extensão Laboratório de Conservação e Restauração de Bens Culturais**. 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/Ywe1XT-VqKU>>. Acesso em: 08 de Jul. 2021

BACHETTINI, Andréa. **Laboratório Aberto de Conservação e Restauração**. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/AE1kTvrLZ1A>>. Acesso em: 08 de Jul. 2021

LABORATÓRIO ABERTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS. [Sem título]. Pelotas. 11 de Ago. 2020. Instagram: @Laboratorio_aberto Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDu_NBkAVII/> Acesso em:08 de Jul. de 2021

LABORATÓRIO ABERTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS. [Sem título]. Pelotas. 27 de Jun. 2020. Instagram: @Laboratorio_aberto Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CB9kFwXA7oV/>> Acesso em:08 de Jul. de 2021

CONSELHOS SOBRE DOENÇA CORONAVÍRUS (COVID-19) PARA O PÚBLICO. **World Health Organization**,2021. Disponível em: <https://www.who.int/pt/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public?adgroupsurvey=%7badgroupsurvey%7d&gclid=EAlalQobChMllsSWtI7U8QIVEO3tCh3TZg2cEAAYASACEgKVLfD_BwE>. Acesso em: 08 de Jul. de 2021

UFPEL. **Pró-reitoria de extensão e cultura**. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC_bDZe1blH82qVGrg_CNqag/featured>. Acesso em: 09 de Jul. 2021

ORGANIZAÇÃO DO MUSEU DO GRÊMIO ESPORTIVO BRASIL

GABRIEL IVAN SOEIRO BICHO; NORIS MARA PACHECO MARTINS LEAL

UFPeL – Universidade Federal de Pelotas – gabrielbicho@outlook.com.br
UFPeL – Universidade Federal de Pelotas – norismara@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Grêmio Esportivo Brasil é um clube centenário sediado na cidade de Pelotas/RS, fundado no dia 7 de setembro de 1911, após algumas assembléias realizadas na rua Santa Cruz. Possui em sua história fatos marcantes como a Excursão Pelas Américas em 1956, disputando jogos amistosos em nove países diferentes e o duelo em pleno Estádio Centenário contra a Seleção Uruguaia em 1950, equipe que ironicamente seria Campeã Mundial no Brasil naquele mesmo ano diante da Seleção Brasileira, no jogo que ficou conhecido como *Maracanazo*.

É datado de 1917 o primeiro título do clube, após dois anos com o vice-campeonato, o GEB levantara a taça do Campeonato Citadino de Pelotas do ano. Em 1919 acontece um dos fatos mais marcantes da história do clube, após viajar cerca de 16h de navio a vapor, o GEB desembarca em Porto Alegre e aplica uma goleada de 5 x 1 no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, se tornando o primeiro Campeão Gaúcho.

Sete décadas depois, em 1985, o GEB ficou conhecido no Brasil como a Máquina Xavante, após uma brilhante participação no Campeonato Brasileiro, eliminando grandes clubes como o Flamengo e ficando em terceiro lugar ao término da competição.

No dia 15 de janeiro de 2009, o capítulo mais triste da história do clube, conhecida como A Noite Que Não Acabou, um acidente de ônibus com a delegação Xavante após um jogo-treino diante do Santa Cruz-RS vitimou três jogadores da equipe, no dia seguinte, durante o velório no gramado do Estádio Bento Freitas, o que se pode ouvir foi o silêncio das arquibancadas, tamanha a comoção pela tragédia.

Atualmente o GEB disputa a elite do Futebol Gaúcho e o Campeonato Brasileiro da Série B, além de contar com todas as categorias de base em pleno funcionamento, assim como a equipe de Futebol Feminino Profissional.

Influenciados pela história de conquistas e a importância do clube para a cidade de Pelotas, em 2020 surge o projeto de criação do museu do Grêmio Esportivo Brasil, a partir do pedido de assessoria pelo Clube direcionado ao

Bacharelado em Museologia, Interessaram-se pela proposta os professores Diego Ribeiro, Noris Leal e Juliane Serres, pouco tempo depois, os discentes Lucas Barbosa, Nadir Taranti, todos vinculados ao Curso de Museologia da UFPel, e a museóloga Jossana Peil foram incorporados ao projeto como voluntários.

No início das atividades acadêmicas, em 2020, docentes, discentes e representantes do Clube se dedicaram em refletir, pensar e imaginar de modo mais concreto o museu, nesse sentido, com o intuito de auxiliar na parte técnica da criação do museu, uma comissão foi criada com representantes do curso, das torcidas e também do Clube, onde eram realizadas reuniões semanalmente e/ou quinzenalmente para discutir quais caminhos seguiríamos.

Em 2021, viu-se a necessidade de bolsitas para o projeto, foi então, quando recebi o convite da docente Noris Leal para integrar a equipe do projeto “Organização do museu do Grêmio Esportivo Brasil” como bolsista do “Programa de Bolsas Acadêmicas (PBA) - Iniciação e Extensão”.

Mas o que é um museu? Por que eles são tão necessários? Para que serve um museu de futebol? São algumas dessas perguntas que permeiam nosso imaginário quando falamos dessa futura instituição. *Museu é o reflexo da sociedade* e se apresenta como uma instituição dedicada a guardar, preservar, conservar e expor objetos, artefatos ou obras de arte, históricas ou sobre a memória de uma sociedade, bem como dialogar, ouvir e construir novas possibilidades de mundos em contato com a comunidade que - sobretudo - está ao seu redor.

2. METODOLOGIA

O trabalho está sendo realizado todo em diálogo com representantes do Clube e da torcida, trabalhamos em especial com a organização e sistematização da parte técnica, após estas etapas, durante as reuniões virtuais, levantamos questões e sugestões para os representantes do Clube e deliberamos algumas pautas.

É importante mencionar que as decisões, mesmo tendo como pressuposto o voto final do Clube, todas elas passam por um processo criterioso, aberto e democrático de debate, afim de encontrarmos no diálogo um formato ideal de museu para o Clube e também para o torcedor.

A partir do contato e de conversas com outros museus de futebol no Brasil, estamos neste momento no processo de formulação do Regimento do museu do GEB, período em que começamos a ter uma melhor/maior noção do que - e de como - será o museu.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo como objeto de discussão central, o museu do GEB será importante não apenas para o Clube e sua torcida, mas também para pesquisas em diversas áreas de conhecimentos da Universidade, assim como para atuarmos no resgate e valorização da memória esportiva/futebolística Pelotense, a potencialização dos patrimônios culturais da cidade e o crescimento do fluxo turístico em Pelotas.

O museu do GEB é um projeto inovador para Pelotas, considerado oficialmente o primeiro museu de um clube de futebol da cidade, podendo contribuir com o acesso e a democratização da cultura local, assim como futuras pesquisas e estágios acadêmicos para a comunidade da UFPel e atividades/ações de outras instituições de ensino.

Ao longo desse processo de pouco mais de um ano, o museu se encontra em fase de construção do seu Regimento pela diretoria geral do Grêmio Esportivo Brasil. Durante esse período, diversas reuniões virtuais foram realizadas e 6 museus de clubes de futebol foram contactados, são eles: *Museu do Internacional*, *Memorial do Juventude*, *Memorial - Museu América Mineiro Futebol Clube*, *Museu da Chapecoense*, *Museu do Flamengo* e *Museu do Grêmio - Hermínio Bittencourt*.

O contato, as trocas e as experiências obtidas com estes diversos museus nos ajudaram a dar norte as ações e a tomar algumas decisões durante os diálogos com a diretoria do GEB, portanto, foram contatos fundamentais, que certamente nos servirão de exemplo para tomadas de decisões futuras.

4. CONCLUSÕES

Uma das conclusões que chegamos até o momento é que os Museus de clubes de futebol começam de forma muito incipiente, a maioria não possui regimento ou documentos essenciais para a existência de um museu. O caso do museu do Brasil de Pelotas se diferencia, pois estamos primeiro encaminhando a organização administrativa da nova instituição conforme as normas da museologia e em conformidade com o que o Estatuto dos Museus - *Lei 11904* - define.

O museu do GEB pretende oferecer à sociedade Pelotense um lugar de experiência transversais, que extrapole as paredes de um museu tradicional, sendo território de consciência social, fruição da memória local tendo como núcleo central a prática e a história esportiva do Clube e da cidade. Por meio de fotografias, documentos, jornais, troféus, áudios, vídeos, flâmulas, arquivos, entre outros, o museu nos mostrará o porquê e como o futebol é tão importante para a cultura Pelotense e Brasileira, incorporando o espírito e a energia da arquibancada

Xavante, buscando dialogar com os acontecimentos mundiais, atento às novas tecnologias e consciente da grande influência que as redes operam sobre nós.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

CHAGAS, Mário de Souza e NASCIMENTO JUNIOR, José do. **Subsídios para a criação de museus municipais**. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro de Museus e Centros Culturais/Departamento de processos museais, 2009.

Documentos eletrônicos

Presidência publica decreto que regulamenta o estatuto dos museus. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/presidencia-publica-decreto-que-regulamenta-o-estatuto-de-museus/>

Maracanazo: o dia em que o Brasil conheceu a derrota. Start Sport. Disponível em: <https://blogstartsports.com.br/maracanazo-o-dia-em-que-o-brasil-conheceu-a-derrota/>

Site Oficial do Grêmio Esportivo Brasil. Disponível em: <https://www.gebrasil.com.br/historia>

Museu do América-MG. Disponível em: <https://www.americamineiro.com.br/2018/10/22/america-lanca-projeto-de-museu-do-clube-que-conta-com-beneficios-da-lei-rouanet/>

Memorial do Juventude-RS. Disponível em: <https://www.juventude.com.br/memorial>

Museu do Internacional. Disponível em: <https://internacional.com.br/servicos/museu>

Museu do Flamengo. Disponível em: <https://www.flamengo.com.br/museu-do-flamengo-e-tour-da-gavea->

Museu do Grêmio - Hermínio Bittencourt.. Disponível em: <https://gremio.net/conteudo/index/46>

Genoveva Oliveira, O museu como um instrumento de reflexão social, *MIDAS* [Online], 2 | 2013, posto online no dia 01 abril 2013, consultado no dia 04 agosto 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/222>

SEXUALIDADE EM REDE: A PROSTITUIÇÃO VIRTUAL E SEU CONSUMO NA PANDEMIA

GABRIELA PECANTET SIQUEIRA¹; RAFAELA GARCIA GIMENES²; MARTHA RODRIGUES FERREIRA³; HELOISA HELENA DA SILVA DUARTE PEREIRA⁴; LOUISE PRADO ALFONSO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielapecantet@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rafaelagimenes3@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – martharof@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – heloisaa.sdp@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A prostituição hoje é uma atividade deslegitimada socialmente e desprovida de proteção trabalhista no Brasil, mas em outros contextos não ocupou tal posição. Na Grécia antiga, por exemplo, era um elemento presente na vida social e considerada importante, as cidades não puniam quem a praticava ou os bordéis, que, inclusive, trabalhavam à vista da população. Na própria cerâmica grega é possível conhecer a vida das prostitutas que eram enquadradas em diversas categorias, algumas delas participando ativamente de eventos oficiais.

Na modernidade a prostituição se complexifica. A acumulação primitiva (MARX, 1867 *apud* FEDERICI, 2017), responsável pela acumulação de diferenças da classe trabalhadora, a constituição da indústria cultural (ADORNO, 2008) e a formação da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1967) corroboraram com a classificação e exploração dos corpos das mulheres através do trabalho sexual. O uso cada vez maior das mídias e avanço célere da tecnologia no século XIX e XX têm promovido diferentes meios para isso.

No contexto de pandemia da Covid-19, a internet passa a ser um dos poucos ambientes seguros, constituindo um importante meio de comunicação. A virtualização das relações sociais, que já estava em curso como consequência da mediatização (SILVA, 2017), é potencializado. A virtualização dos corpos, dos desejos, dos interesses, das interações entre as pessoas se intensificam e, assim, passam a estar mais presentes no ciberespaço, contribuindo com o surgimento de novas trocas sexuais, como o *camming*. Em outras palavras, o ciberespaço também se apresenta tanto como uma alternativa “para extravasar a libido quarentenal” através do sexo virtual (*idem*) como meio de auferir renda.

O projeto “Mapeando a noite: o universo travesti” surgiu em 2016, após discussões a respeito da prostituição e travestilidade - principalmente - nas ruas noturnas na cidade de Pelotas. Em 2015, após conversas com travestis e transexuais que utilizam as ruas do centro de Pelotas como pontos de trabalho, houve uma demanda, por parte de algumas pessoas desses grupos, para que existisse uma visibilização dessas comunidades, através de ações efetivas para reduzir os estigmas que permeiam tanto as questões de gênero, quanto o universo da prostituição. Assim, este projeto visa entender o universo das travestis, de transexuais e de mulheres no trabalho sexual, e suas relações de trabalho e de afeto nesse universo.

Neste contexto, o projeto desenvolveu o workshop “Sexualidade em rede: pornografia, trabalho sexual e seu consumo na pandemia”, que ocorreu na tarde do dia 11 de junho de 2021. O evento contou com a parceria do projeto CISGES da Universidade Santo Amaro (UNISA) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial (Epoché), do curso de Psicologia da

UFPel; e, com a participação do Núcleo de Estudos AfroBrasileiros e Indígenas - NEABI, do Colégio Municipal Pelotense.

2. METODOLOGIA

A partir da constatação da incidência de questões relacionadas às várias modalidades de trabalho sexual nas mídias sociais, especialmente no atual contexto de pandemia, integrantes do projeto “Mapeando a noite” buscaram explorar esta realidade por meio do fazer antropológico (com a netnografia), relacionando conceitos da área para uma discussão em grupo. Assim, o formato escolhido para ação foi a de um workshop, que permite tanto a exposição como a discussão de determinado tema.

Posteriormente, a fim de somar às possibilidades de debate, foram convidados os projetos CISGES/UNISA e Epoché/UFPel para contribuir. No mesmo sentido, o convite foi estendido a docentes do ensino municipal, por tratarem-se de multiplicadores/as/us das reflexões e por ter sido, sobretudo, evidenciado um aumento considerável de pessoas jovens ingressando nesta atividade durante a pandemia.

O encontro ocorreu pela plataforma *Google Meet* e foi dividido em dois diferentes momentos. O primeiro com falas de integrantes dos projetos a respeito da sexualidade, a partir das perspectivas da História, da Arqueologia, da Psicologia e da Antropologia. Cada apresentação teve auxílio de slides, elaborados previamente com materiais didáticos - com conceitos chave para as reflexões e com auxílio de recursos imagéticos. Após, foi aberto espaço para que todos participantes pudessem fazer colocações e questionamentos, permitindo trocas de conhecimentos sobre os assuntos tratados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O workshop contou com três apresentações. A primeira apresentação foi realizada pelo projeto CISGES, que teve como objetivo trazer um breve histórico da prostituição no mundo antigo, sob o ponto de vista Histórico e Arqueológico, com foco na historicização de aspectos da vida das mulheres prostitutas e a transformação do papel social ao longo da história, desde a prostituição sagrada, ligada à rituais de fertilidade até a profanação do sexo ligado às mulheres públicas, tornando-as estigmatizadas e marginalizadas na sociedade. A segunda, por parte do grupo Epoché, buscou apresentar a perspectiva do campo da Psicologia a partir dos estudos de fenomenologia, dialogando com aspectos históricos, filosóficos, sociais e fisiológicos, entre outros, articulados ao psiquismo e aos processos de produção de subjetividade. Dentro dessa complexidade, explorando a esfera do desejo como um espaço privilegiado de discussão.

Já a terceira apresentação foi desenvolvida pela equipe do projeto Mapeando a noite, que primeiro localizou a construção da imagem da mulher e a conceituação das várias formas de trabalho sexual. Assim, foram apresentados os estereótipos que surgem da categoria mulher, no séc. XIX, como “rainha do lar” e “mulher da vida”, definindo a mulher ou como honesta, que se dedicava integralmente ao lar e dessexualizada (RAGO, 1991), ou como mulher da vida, que era toda a trabalhadora que procurava auferir renda com a prostituição, por conta da baixa inclusão de mulheres nas fábricas na época e do salário inferior aos dos homens. Além disso, foi pontuado a relação da sexualidade e o trabalho reprodutivo na acumulação capitalista, momento em que o útero foi transformado em território político, controlado pelos homens e pelo Estado, pois a procriação

passou a ser vista como geradora de mão de obra para a indústria (FEDERICI, 2017).

Partindo para o contexto brasileiro, Prada apresenta o termo “trabalhadora sexual” e sua importância política no país, sublinhando que trabalho sexual é trabalho (PRADA, 2018) e que inclui uma série de modalidades, como prostituta, stripper, *cam girl*, entre outros, nos quais pessoas cis ou transgêneras se inserem por vários motivos, financeiro, curiosidade ou devido a flexibilidade de horários. Mas que para muitas realidades em vulnerabilidade, a prostituição é um trabalho possível, onde podem adquirir o sustento e até mesmo uma mobilidade social. Ainda, na visão da autora, o uso das mídias sociais pelas trabalhadoras sexuais trata-se de uma nova apropriação necessária na contemporaneidade.

Para explorar este último ponto, o grupo apresentou resultados de uma pesquisa etnográfica realizada em sites e plataformas de *camming* durante a pandemia da COVID-19. Iniciou explicando que o *camming* se configura a partir existência de um ato sexual que tenha finalidade de satisfazer a libido do usuário/cliente, através de uma interação mútua e que seja mediado por uma *cam* (câmera de vídeo), ou seja, que haja estímulos audiovisuais. Prática que surgiu em 1990, nos EUA, mas que no Brasil “começou a se desenvolver a partir de 2002, mas somente em 2010 se ampliou e se popularizou nacionalmente” (CAMINHAS, 2020), o que pode estar associado a própria popularização e maior acesso das pessoas a computadores, a celulares e a internet no país.

Em seguida, a partir das incursões realizadas neste universo, o grupo expôs que uma das primeiras constatações levantadas foi a existência de um vocabulário próprio imerso em uma teia de significados. Os discursos adotados pelas plataformas, em seus próprios termos de uso, ao utilizarem expressões como “educação sexual”, para descrever seus fins, “modelos” ou “contratantes” para denominar as trabalhadoras sexuais. Outras questões também observadas foram as formas de pagamento, as porcentagens que os sites cobram ou não cobram sobre determinados conteúdos e o incentivo para que as modelos sejam “engajadas”, ou seja, produzam constantemente materiais, como fotos e vídeos.

A partir de várias outras observações e dados coletados a respeito desta prática, que tem se difundido entre jovens e adultos no ciberespaço, concluíram, buscando instigar a participação dos ouvintes, com as seguintes perguntas: Seria o *camming* trabalho sexual do futuro? A transformação das modalidades apresentadas é o trabalho sexual do futuro ou seria uma nova forma das pessoas lidarem com a sexualidade? Quais as consequências da ausência do contato físico da relação? É uma forma mais segura de trabalhar com o trabalho sexual?

Depois das apresentações, o público interagiu de forma constante, por meio do chat, com comentários e perguntas, ou se manifestando através de áudio. As contribuições foram dadas por pessoas de diferentes áreas, como Direito, Psicologia, Ciências Sociais, Antropologia, Turismo, entre outros. Muitos debates giraram em torno de como tratar destes temas em sala de aula e a importância da formação docente continuada em parceria com a Universidade.

4. CONCLUSÕES

O workshop fomentou a discussão a partir de olhares multidisciplinares, o que possibilitou um aprofundamento nos debates sob diferentes perspectivas, foi possível a aproximação de conceitos e teorias importantes nas Ciências Humanas, que articulados com a temática auxiliaram na reflexão crítica e que permitiram compreender o trabalho sexual como prática que carrega sentidos

particulares a depender do contexto temporal, espacial, cultural e político em que se encontre. E, para além do tema do trabalho sexual, foram debatidas questões relacionadas à sexualidade de forma mais ampla. Colocações de uma representante do NEABI do Colégio Municipal Pelotense, por exemplo, possibilitaram discussões a respeito de questões que surgem no âmbito escolar, enfrentados cotidianamente, como: vazamento de fotos íntimas, questões de sexualidade e gênero, despreparo para tratar certos temas nas escolas, a reação das famílias de estudantes quando estas temáticas são trabalhadas em sala de aula. Notamos que existe um tabu e distanciamento por parte do corpo docente municipal com as temáticas de sexualidade, gênero e trabalho sexual. Assim, evidencia-se a importância da parceria entre os cursos da UFPel entre si, com outras instituições, mas também com o ensino municipal de Pelotas.

No mesmo sentido, notamos que houve sensibilização de participantes sobre a relevância de se abordar as temáticas na educação, seja nas universidades ou no ensino fundamental e médio. Com o resultado do debate e a demanda do público a partir dos comentários, a equipe decidiu realizar uma segunda edição do evento para o segundo semestre, com a temática relacionada à discussão da sexualidade nas escolas, pois o workshop se revelou meio e processo importante de produção e disponibilização de conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo, editora Paz & Terra, 11ª edição. 2008.

CAMINHAS, L. R. P. **Webcamming erótico comercial no contexto brasileiro: organização, estruturação e dinâmicas internas**. 232 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2020.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Editora Contraponto, Rio de Janeiro. 1967.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. de Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.

PRADA, M. **Putafeminista**. Coleção Baderna. Editora Veneta, São Paulo, SP, 1ª Ed. 2018.

RAGO, M. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991.

RAMALHO, N. O *camming* no Brasil: uma breve análise sobre a satisfação de necessidades eróticas e afetivas em tempos de pandemia. In.: SILVA, M. C. de O.; SIQUEIRA, L. F. S. (Orgs.) **Diálogos contemporâneos: gênero e sexualidade na pandemia**. 1. ed. São Luís, MA: Editora Expressão Feminista, 2021.

SILVA, A. D. M. da. **Janela indiscreta: um estudo sobre sexo virtual, desejo e consumo no site câmera privê**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2017.

URBANISMO POPULAR: PROTAGONISMO COLETIVO E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO COMUNITÁRIO

GABRIELA WREGE PARRA¹; THIFANI GOMES ORTIZ MACHADO²; JULIANA AIDÊ BORTOLOTTI³; FELIPE AIRES THOFEHRN⁴; LUCIANA CAVALHEIRO DE FREITAS⁵; EMANUELA DI FELICE⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – gabiwre@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – thifani.ortiz@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – juliana.aidebortolotti@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – felipethofehrn@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – lucavalheirodefreitas@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – emanueladifelice@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O coletivo João BEM representa um importante espaço de produção na linha da extensão popular na FAUrb - UFPEL. Ao longo dos anos, com suas diferentes composições grupais, esteve presente nos bairros periféricos da cidade de Pelotas, aprendendo a escutar e pensar a arquitetura e urbanismo a partir da realidade das demandas populares. Sem a presença estudantil, o projeto de extensão ficou adormecido por alguns semestres. Já em tempos pandêmicos, a emergência por retomar este importante espaço para os estudantes fomentou a criação de um grupo de sete estudantes dos semestres intermediários do curso. Conta também com um nova membra docente, que nos espaços formais atende por coordenadora do projeto, porém no dia a dia, assim como todos do grupo, tem igual voz e poder de decisão.

A noção trazida pela temática do Direito à Cidade evidencia cada vez mais a necessidade de reformular como vemos e atuamos na construção do meio urbano e rural. Assim, acredita-se que tal direito não gira em torno apenas daquele que já existe na cidade, mas sim da capacidade de reformulá-lo (HARVEY, 2009)¹. O Coletivo EMAU (Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo) da Universidade Federal de Pelotas busca afirmar experiências positivas de construção popular do espaço, questionando os métodos de produção e manutenção da urbanidade contemporâneos, a fim de colaborar para o desenvolvimento de uma cidade mais sustentável e coletiva. O EMAU compreende a importância do Direito à Cidade e leva em consideração a discrepância entre a realidade e o ideal das cidades que contempla os direitos básicos da população, devendo englobá-las a partir da noção de uma série de direitos inalienáveis, como a moradia, o lazer, o saneamento básico, a educação, a saúde e a alimentação de qualidade.

Como afirma HERZOG (2013), a agricultura urbana contribui para o aumento da segurança alimentar, com a diminuição do uso de agrotóxicos, além de melhorar a qualidade de vida dos habitantes e reduzir o uso de energia. Por entender esse tipo de iniciativa como essencial, o EMAU, tem participado nos últimos dois meses de mutirões relativos à gênese da horta comunitária no bairro Dunas, no Comitê de Desenvolvimento do Dunas (CDD), em uma atividade articulada pelos moradores locais e diversos coletivos, contribuindo estruturalmente para uma mudança na relação das pessoas com o lugar, com a natureza e, conseqüentemente, tem assumido um papel conscientizador na comunidade do entorno.

LYDON e GARCIA (2015) têm a compreensão de que urbanismo tático é uma abordagem de intervenção de curto prazo que não necessita de muitos recursos financeiros e se utiliza do potencial criativo desenvolvido pela interação social. Essa abordagem permite que os cidadãos colaborem no desenho do espaço público e que organizações mostrem possibilidades para conquistar apoio público e político (LYDON; GARCIA, 2015).

A iniciativa de alterar o uso do espaço público surge através da comunidade local, transformando um cenário de descaso do poder público em um lugar vivo, sensível à realidade das pessoas que habitam ali, fornecendo alimentos e roupas a quem necessita, criando discussões a respeito de temas urgentes como segurança alimentar, saneamento básico, coleta de resíduos, reciclagem, compostagem, além de contribuir com a produção cultural da região, estimular a prática de esportes e reunir diversas coletividades, como Estúdio Livre Dunas Rap, Usina Feminista, EMAU JoãoBem, Grupo de Agroecologia (GAE), Feira Ecológica da ARPA-SUL, MST e moradores da região. A partir dessa experiência, é importante destacar a potência transformadora da integração entre comunidade, universidade e outras coletividades, frutos da criação de uma incubadora de projetos no bairro (CDD), assim como questionar a falta de ações, visando a manutenção da infraestrutura local e o bem-estar da comunidade por parte do poder público.

2. METODOLOGIA

O coletivo, juntamente com os outros atores da mobilização do CDD, reuniu-se, majoritariamente, aos sábados no Comitê, com os devidos cuidados, para dialogar com as pessoas que compartilham o uso do espaço, entender suas demandas, somar esforços no trabalho destinado principalmente à horta e construir conjuntamente um projeto para o lugar.

Dito isso, um dos métodos utilizados foi o desenho interativo no espaço, com uma linha de malha. Com esse objeto, dimensionamos e localizamos objetos como a geodésica, local para secagem das palhas, composteira, cisterna. A partir disso, traduzimos esse desenho do espaço para o papel, numa planta baixa interativa, complementada com o levantamento do terreno e das espécies vegetais presentes. Tendo isso em vista, intencionou-se aliar a representação técnica à interação participativa de todos, implicando uma documentação de grande potência para se pensar em reformulações para o espaço em questão e na tentativa de fomentar o imaginário coletivo do lugar. Além disso, foram realizadas algumas entrevistas informais, a respeito da situação do bairro, suas problemáticas, potencialidades e mudanças que seriam bem-vindas.

Dentro desse contexto, realizou-se uma reunião com todos aqueles que estão contribuindo na construção desse espaço, e uma das iniciativas do coletivo, a partir de questionamentos e demandas, foi dar início ao projeto de uma geodésica, a qual teria um uso multifuncional, seja como local de descanso, para possíveis apresentações, encontros, ou mesmo armazenamento de grãos e materiais para horta. Seriam utilizados materiais provenientes de doações e arrecadações, sempre com a atuação coletiva e um projeto participativo em mente, visando um projeto e uma ação colaborativa, e não unilateral.

Tendo isso em vista, assim como coloca HOLLIDAY (2009), a experiência coletiva pode ser caracterizada como um entremeado vivo, que abarca não apenas acontecimentos pontuais, mas também é marcada por sensibilidades, emoções, pensamentos das pessoas que a vivem. A participação comunitária, portanto, tem muita potência e é essencial que seja dinâmica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o agravamento da pandemia, segundo dados do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19, pesquisa realizada entre os dias 5 e 24 de dezembro de 2020, em cerca de 55% dos domicílios, os moradores vivenciaram a insegurança alimentar, ou seja, aproximadamente 116 milhões de pessoas no Brasil não possuíam segurança alimentar-- acesso pleno aos alimentos.

O loteamento Dunas fica situado no bairro Areal, na cidade de Pelotas - RS, e, com o agravamento da crise pandêmica, muitos domicílios enfrentaram e ainda enfrentam dificuldades para obtenção de alimentos, sendo assim, a horta urbana veio para auxiliar esses moradores a ter o acesso pleno aos alimentos, incentivar ações comunitárias e impulsionar a construção conjunta de um espaço coletivo para o loteamento, o qual preza o consumo e produção de alimentos orgânicos e saudáveis para a comunidade assim como o bem-estar dos habitantes. É importante destacar a inter-relação entre a segurança alimentar e o espaço urbano, assim como explicita SPERANDIO (2010) ao elucidar a importância da promoção da saúde correlacionada ao desenvolvimento de espaços e territórios e como isso influencia positivamente o processo de construção de políticas públicas e, por conseguinte, o diálogo entre os diversos agentes da cidade.

4. CONCLUSÕES

Considerando as ações nas quais o grupo está inserido, o EMAU se coloca como um dos atores presentes na mudança, buscando sempre a horizontalidade em todos os processos. Além disso, também é vista como de suma importância a interdisciplinaridade e intersecção do conhecimento, sempre buscando impulsionar a ação coletiva da qual fazemos parte.

A participação do grupo dentro do contexto não universitário, no CDD, se constrói de forma contínua, sem necessariamente definir um fim, mas buscando sempre a integração com o meio, reinterpretando o processo e enxergando as potenciais possibilidades na criação de vínculos afetivos com o lugar e outros agentes envolvidos. Nossas atividades ali estão em andamento, exercitando nosso aprendizado e escuta, constituindo assim nossa presença não como protagonistas, mas como participantes na construção de um espaço comunitário que compreende a importância dos indivíduos e coletivos envolvidos no processo e cultiva objetivos comuns a todos, se retroalimentando a partir da troca de saberes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARVEY, D. Alternativas ao neoliberalismo e o direito à cidade. **Novos Cadernos NAEA**, Pará, v.12, n.2, p. 269-274, 2009.

SPERANDIO, A. M. G. A promoção da saúde construída em rede. **Políticas Integradas em Rede e a Construção de Espaços Saudáveis: boas práticas para a Iniciativa do Rostos, Vozes e Lugares**, Brasília, v.1, n.1, p. 17-19, 2010.

HERZOG, C.P. **Cidades para todos: (re)aprendendo a conviver com a Natureza**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2013.

LYDON, M.; GARCIA, A. **Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change**. Washington: Island Press, 2015.

OXFAM. **Insegurança alimentar e Covid-19 no Brasil**. Olhe para a fome, Brasil, 2021. Acessado em 08 ago. 2021. Online. Disponível em: <http://olheparaafome.com.br/>

HOLLIDAY, O.J. La Sistematización de Experiencias y las Corrientes Innovadoras del Pensamiento Latinoamericano - Una Aproximación Histórica. **Diálogo de Saberes**. Caracas, n.3, p.118-129, 2009.

(RE)CONHECENDO AS MULHERES DA LITERATURA BRASILEIRA: REFLEXÕES SOBRE O CONTO “A ESCRAVA”, DE MARIA FIRMINA DOS REIS.

**GABRIELE OLIVEIRA DA CUNHA¹; ANGÉLICA GONÇALVES²; RÔMULO
SCHWANZ DIEL³; PAULA CICILIATO⁴; TALITA SANTOS PANTALEÃO DA SILVA⁵;
GABRIELA SEMENSATO FERREIRA⁶**

¹Universidade Federal de Pelotas – gabscunha@yahoo.com.br;

²Universidade Federal de Pelotas – angelicagonsalves36@outlook.com;

³Universidade Federal de Pelotas – paula.ciciliato@gmail.com;

⁴Universidade Federal de Pelotas – romulo.diel@gmail.com;

⁵Universidade Federal de Pelotas – talitas561@gmail.com;

⁶Universidade Federal do Rio Grande do Sul – gabisemensato@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Maria Firmina dos Reis (1822-1917), autora afro-brasileira, foi romancista, poeta, compositora, contista, professora, Mestra Régia e ainda colaborou em jornais do Maranhão. A escrita de Firmina tem características abolicionistas e está situada em um período escravocrata, em que a autora viveu, portanto esta produção pode ser considerada um meio de denunciar as injustiças sociais, assim como um relato histórico do que ocorreu com escravos e mulheres no século XIX. Ela pertence ao grupo de escritoras brasileiras que por muito tempo foram apagadas da história literária, mas que na atualidade são resgatadas por pesquisadores. No intuito de cooperar para a transformação desta realidade, surgiu a iniciativa, por parte de estudantes de Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), da abertura de um espaço de leitura e discussão de obras literárias brasileiras escritas por mulheres, em especial por aquelas deixadas de lado pela nossa história, levando à criação do Projeto de Ensino “(Re)conhecendo as mulheres da literatura brasileira: um resgate das escritoras apagadas da história”, coordenado pelo Prof.^o Dr. Alfeu Sparemberger e pela Prof.^a Dr. Gabriela Semensato Ferreira como colaboradora externa.

Após uma seleção de textos e autoras, foram organizados doze encontros que aconteceram semanalmente, voltados à apresentação e ao reconhecimento de escritoras do séc XIX e XX, propondo ao grupo a leitura e a discussão de suas obras, compondo diferentes gêneros literários para uma análise crítica. Baseado na antologia organizada por (MUZART; 1999), em que encontram-se as escritoras e suas histórias e nos estudos feministas de (SCHMIDT; 2000) que justifica a necessidade de resgatar as escritoras brasileiras, considerando o período patriarcal em que as escritoras do século XIX estavam inseridas.

Devido à pandemia, o projeto só foi posto em prática durante o segundo semestre de 2020, assim os encontros aconteceram a partir de março de 2021. Em um desses encontros, direcionado à apresentação da escritora Maria Firmina dos Reis, foi proposto ao grupo a leitura e discussão do conto “A escrava”,

publicado em 1887, e que agora será analisado neste trabalho. O conto retrata a vida sofrida dos negros no Brasil e dá protagonismo a esses sujeitos pela primeira vez, através da voz dos escravos na narrativa. Com isso, o objetivo desta pesquisa é refletir sobre raça, gênero e classe, a partir das discussões geradas no encontro sobre a autora.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi elaborado a partir da participação como ministrante no Projeto de Ensino “(Re)conhecendo as mulheres da literatura brasileira: um resgate das escritoras apagadas da história”. No encontro voltado à escritora Maria Firmina dos Reis, foi proposta, antecipadamente, a leitura do conto *A Escrava* (1887). A aula aconteceu de forma remota, utilizando a plataforma de webconferência da UFPel, em que foi apresentada a autora e o contexto histórico em que viveu, além de propor atividades voltadas à análise e discussão do conto. Na dinâmica voltada à análise do conto, foi solicitado aos alunos que se dividissem trios para que respondessem juntos questões que foram espelhadas no Power Point, cada grupo ficou responsável por uma pergunta.

As perguntas foram: “Quem narra? O que acontece com a narração durante o conto?”, “Qual o motivo da mulher branca aparecer como salvadora e piedosa?” “Como a “Senhora de sentimentos sinceramente abolicionistas” Chama a escrava e seu feitor?”, “Como a narradora relata o corpo e situação em que os escravos se encontravam?” “Como se dá o resgate da escrava pelo seu pai que comprou uma carta de liberdade?”, “Como é retratada a relação mãe e filho entre Gabriel e Joana?” E o seu sentimento com seus filhos Urbano e Carlos?” O começo do conto e a afirmação “Hoje qualquer indivíduo diz a um juiz de órfão: Em troca desta quantia exijo a liberdade do escravo” representa já uma mudança crucial no papel das mulheres brancas da sociedade. Na sua opinião, quais são as mais latentes?”. As perguntas foram feitas em ordem e foi solicitado que o grupo responsável abrisse o microfone para responder, gerando um debate sobre cada questão.

A partir das respostas dadas pelos grupos e discussões geradas por cada questão no grande grupo, foi possível observar como Firmina utiliza a escrita para demonstrar seu abolicionismo, principalmente, pelo fato de que pela primeira vez em uma narrativa os escravos aparecem como personagens principais e o conto é narrado por uma personagem abolicionista que dá voz a esses sujeitos que expressam a dor e sofrimento de serem escravizados nas mãos de um feroz algoz. Pode-se afirmar que o conto da autora, denuncia tais injustiças e traduz um relato histórico do que os escravos vivenciaram no período escravocrata brasileiro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o encontro sobre Maria Firmina dos Reis, as discussões aconteceram a partir da retratação da sociedade na narrativa de *A Escrava*. As questões, mencionadas anteriormente, auxiliaram os alunos a refletir sobre recortes importantes do conto, onde a autora transcreve o que é estar na pele de dos escravizados. Através das questões e reflexão em grupo, os alunos trouxeram relatos de histórias que envolviam a compra de um carta falsa de alforria, debateram sobre os absurdos desumanos vividos pelos negros nesse período. As questões geraram debates sobre racismo, sobre o período patriarcal onde as mulheres não podiam se posicionar, mas mesmo assim, a busca pela liberdade e protagonismo feminino sempre esteve presente.

Dessa forma, foi possível perceber que estudar e conhecer escritoras mulheres como Firmina, envolve o debate sobre questões históricas muito marcantes que não devem ser esquecidas. Por exemplo, o reflexo dos sofrimentos do período escravocrata brasileiro que estão enraizados em nossa sociedade, e nunca houve uma reparação deste crime que é maltratar e escravizar seres humanos. Por isso, é de extrema importante que se discuta sobre mulheres, sobre raça e gênero nos ambientes acadêmicos. Causando sempre reflexão, desconstrução de preconceitos e percebendo que as mulheres merecem reconhecimento.

4. CONCLUSÕES

Maria Firmina dos Reis (1822), é uma autora apagada da história da literatura. Resgatar autoras como Firmina tem muita importância para a literatura brasileira, experimenta vários gêneros, demonstra em sua obra a luta abolicionista. Na literatura e sociedade, pessoas escravizadas não eram vistas, por isso, a obra de Firmina é uma forma de denunciar e protestar sobre o que os povos africanos viveram no Brasil. Tem grande representatividade histórica, uma autora mulher do século XIX que proporciona protagonismo às histórias e pessoas à margem da sociedade. Além disso, é preciso considerar que Firmina viveu o período escravocrata, sendo mulher negra, descendente de escravos, escreveu sobre a escravidão, entendendo esse contexto, a existência da autora é um exemplo de resistência e luta contra injustiças.

A partir das discussões geradas no encontro, foi possível concluir que dar reconhecimento às mulheres da literatura não se trata apenas de apresentá-las e torná-las conhecidas, é necessário entender o contexto em que viveram, a classe, a raça e o gênero, pois, todos esses elementos influenciarem diretamente a escrita, tema e sentido das obras.

Portanto, esse trabalho pretende ampliar a visão sobre o que é a literatura do nosso país, quebrando os padrões estabelecidos pelo cânone literário. As escritoras mostram perspectivas diferentes da realidade brasileira do século XIX, dando voz a personagens que, na maioria das vezes, não apareciam nas

histórias. O poder de ouvir voz de pessoas à margem da sociedade dentro de uma narrativa é apenas um exemplo da obra prestigiada de Firmina.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REIS, Maria Firmina dos; CÂMARA, Edições. **Úrsula e outras obras**. Edições Câmara, v. 3, 2018.

MUZART, Z. L. Maria Firmina dos Reis. In: MUZART, Z. L. (Org.) **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia**, vol. 1. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 264 - 284.

TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. **Revista de história**, n. 120, p. 73-83, 1989.

SCHMIDT, R. T. Mulheres reescrevendo a nação. **Estudos feministas**, v. 8, n. 1, 2000, p. 84-97. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9858>>. Acesso em 20 jul. 2021.

RAMPA – A ESTRUTURAÇÃO DO ESCRITÓRIO MODELO DE ARQUITETURA E URBANISMO

GABRIELLY POPIU¹; LUCILENE DE LIMA ROCHA²; MICHELE CRISTINA VONS³; TAIS MARINI BRANDELLI⁴

¹Univel – União Educacional de Cascavel – popiu2107@gmail.com

²Univel – União Educacional de Cascavel – lucilene.rocha@univel.br

³Univel – União Educacional de Cascavel – michele.vons@univel.br

⁴Univel – União Educacional de Cascavel – tais.brandelli@univel.br

1. INTRODUÇÃO

A ausência de um arquiteto-urbanista durante a execução de um projeto de uma edificação representa inúmeros problemas aos consumidores pois apenas um profissional qualificado é capaz de cumprir corretamente as diretrizes durante uma obra. Porém, devido ao cenário desigual econômico e social brasileiro, nem todos conseguem arcar com os altos custos de mercado de contratação de um arquiteto-urbanista. Prova disso é que 83,6% das edificações instaladas no Sudeste do país não passaram por análises competentes, segundo o CAU/BR (DATAFOLHA, 2015). Diante desse dado, destaca-se a urgência do amparo acadêmico voluntário, com o objetivo de evitar prováveis obstáculos e dar assistência técnica à comunidade.

Considerando a exigência das propostas de Extensão Universitária e a pluralidade dos conhecimentos e oportunidades encontrada no Centro Universitário, foi instaurado na Univel o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo, o Rampa, garantindo assim uma oportunidade de aprendizado aos alunos e a assistência técnica gratuita à parcela social menos favorecida.

Essencialmente, o Rampa condiz com as diretrizes de funcionamento: ausência de remuneração; práticas voluntárias; comprometimento; interação entre a equipe e multidisciplinaridade, dos Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU), impostas pela FENEA (Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo) (FENEA, 2007). A Extensão traz no seu nome o princípio e noção de ascensão, sob a identidade visual das curvas monumentais da Praça do Migrante, localizada em Cascavel/PR.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é apresentar as experiências de criação e estruturação do Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Univel, localizado na cidade de Cascavel/PR.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho serão expostas de forma descritiva, como um relato de extensão, assim como no trabalho “A Experiência do Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFC – Canto” (XIMENES, 2011), as experiências no processo de criação e estruturação do Rampa, apresentando as ações realizadas até o presente momento pelos alunos e professoras orientadores participantes do Escritório Modelo, destacando os desafios e aprendizados adquiridos durante sua estruturação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Escritório Modelo de gestão estudantil, o Rampa conta com a participação de 16 membros, 13 acadêmicos e 3 orientadoras e estrutura-se sob os preceitos de administração, compreensão, profissionalismo e comunicação.

A coletividade e horizontalidade na tomada de decisões são elementos importantes na integração da equipe que transita desde o 2º ao 8º período do curso, promovendo um diálogo constante entre níveis de experiência distintos. O Rampa, se dedica a planos de cunho social, condicionando os esforços dos estudantes à resolução das problemáticas dos menos favorecidos economicamente e guiando a criatividade dos arquitetos a realizar muito através de recursos escassos.

O Centro Tecnológico do Centro Universitário Univel é a morada do Rampa, seu espaço amplo, aberto à vista externa, instigar as mentes dos estudantes e permite grandes criações, conforme apresentado na Figura 1.



Figura 1 - Rampa (EMAU) no Centro Tecnológico da Univel
Fonte: Autores, 2021.

Até o momento, os clientes, por meio da comunicação com as orientadoras e impulsionados pela disseminação do projeto, vêm entrando em contato e requisitando espontaneamente o trabalho. Após a recepção da proposta e a análise de suas principais necessidades, é debatido com os integrantes do escritório quem assumirá o projeto.

Existe uma dificuldade na distribuição das responsabilidades e na participação de todos os integrantes sobre o projeto, devido às diferentes cargas horárias cumpridas dentro do Rampa e a majoritária presença dos períodos iniciais, ainda aspirantes no ramo. Contudo, o grupo selecionado sempre é acompanhado de uma orientadora.

Os acadêmicos primeiramente realizam a visitação no local da obra e trabalham sob o levantamento de dados e registros, anexados e ordenados posteriormente nos arquivos digitais do escritório (drive). Ademais, a sistematização das atividades exercidas diariamente pela equipe, somadas à evolução dos esboços que estão sendo trabalhados e a coordenação do espaço em si, têm se demonstrado indispensáveis e pertinentes para o sucesso do projeto.

Após a finalização, a orientadora do produto executado entra em contato com os contratantes e outros órgãos responsáveis pela fiscalização e novos ajustes acontecem a fim de atingir excelência e suprir a todos os requisitos apontados.

Conforme as atividades do Rampa são executadas, o diálogo, a troca de experiências e principalmente de conhecimentos tende a se expandir. Reuniões, cursos e oficinas com os discentes e docentes que integram a Extensão são

recorrentes visando o aprimoramento da experiência e a evolução, objetivos claros do projeto. Alunos com níveis de entendimento e habilidades distintos ministram oficinas internas para o treinamento e nivelamento dos membros do escritório.

A fim de organizar a rotina do programa e garantir a correta certificação final, foram implementados diários, apresentado na Figura 2, e folhas pontos, que são a confirmação de presença e carga horária.

univel
Centro Universitário UNIVEL
Av. Tito Muffato, 2317, Bairro Santa Cruz
CEP 85806-080, Cascavel (PR)
Fone: (45) 3336-3609
arquiteturaurbanismo@univel.br

ESCRITÓRIO MÓDELO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ALUNO: Amanda Ap de Sousa
DATA: 20/05/2021

ANOTAÇÕES DIÁRIAS

CARGA HORÁRIA DIÁRIA: _____
HORÁRIO ENTRADA: 08h
HORÁRIO SAÍDA: 12h

PESSOAS ENVOLVIDAS: Amanda Sousa, Lucas Rêgo (aluno)
Tais Brandelli (coordenadora)

MATERIAIS UTILIZADOS: computador.

DISCIPLINAS RELACIONADAS À ATIVIDADE: Rep. Gráfica, Projeto e Desenho Arquitetônico.

CONTEÚDOS RELACIONADOS À ATIVIDADE: Estudo de Atividades dos EMAS e de identidade visual.

PONTOS POSITIVOS RELACIONADOS À ATIVIDADE: O trabalho ficou de forma muito boa.

PONTOS NEGATIVOS RELACIONADOS À ATIVIDADE: Não identifiquei pontos negativos na equipe, porém, acredito que podemos melhorar muita criatividade.

SUPERVISOR

ALUNO

Figura 2 – Diário preenchido
Fonte: Autores, 2021.

Os diários são relatos particulares em que a carga horária, os avanços do projeto e os pontos positivos e negativos do dia são descritos. Ambos são preenchidos e assinados diariamente, para que, as orientadoras possam analisar periodicamente o funcionamento do escritório, bem como o avanço, a competência dos integrantes, a dinâmica e os resultados obtidos, aspirando pelo aprimoramento e comprometimento dos alunos no desenvolvimento de suas atividades.

Assim, evidencia-se que, em relação à vivência acadêmica do Rampa, os estudantes e as professoras-orientadoras têm evoluído em conhecimento e organização. Apesar das desistências de alguns acadêmicos, por suas razões particulares e a necessidade da disponibilidade horária, novas vagas se abriram no programa e já foram preenchidas.

Ademais, o estabelecimento da ética profissional no trabalho e iniciativas criativas e de pesquisa estão tornando-se constantes e demonstrando que os participantes do projeto buscam sublimidade nas suas atividades.

4. CONCLUSÕES

Como programa de Extensão, o Rampa objetiva o aproveitamento acadêmico dos graduandos enquanto profissionais, somado à melhoria estrutural da comunidade em que atua gratuitamente.

Contudo, este trabalho evidencia a eficiência do lançamento do projeto e

crava na história cascavelense uma equipe bem preparada e unida, que vem superando todas as dificuldades identificadas e inovando através da multidisciplinaridade e da organização que a Extensão carrega.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FENEA (Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo). **Cartas de definição para Escritórios Modelo de Arquitetura e Urbanismo**. XXXI ENEA, Florianópolis, 22 a 29 jul. 2007. Especiais. Disponível em: <http://www.fenea.org/artigos/cartadefinicaoemau>. Online. Acesso em 23 jul. 2021.

XIMENES, L. A. A Experiência do Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFC - Canto. **As Fronteiras da Extensão - 5º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, Porto Alegre, RS, p. 1 - 5, out. 2011. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/978-85-397-0173-5/Sumario/7.1.4.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021. +,

DATAFOLHA. In: **CAU/BR**, publicado em 2015. Online. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/pesquisa2015/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

UNATI: ADAPTAÇÃO AO ENSINO REMOTO

GIOVANNA ALFE¹; GEOVANA COELHO FERREIRA²; ALEXANDRE BARCELLOS DALRI³

¹ Universidade Estadual Paulista - FCAV – giovanna.alfes@unesp.br

² Universidade Estadual Paulista - FCAV – geovana.coelho@unesp.br

³ Universidade Estadual Paulista - FCAV – alexandre.dalri@unesp.br

1. INTRODUÇÃO

Este estudo teve como objetivo avaliar a adaptação ao ensino remoto das aulas do programa Universidade Aberta à Terceira Idade, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, no Câmpus de Jaboticabal.

A população brasileira vem envelhecendo devido à diminuição da fecundidade e ao aumento da longevidade, decorrente da diminuição da taxa de mortalidade nas faixas etárias mais velhas (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005). O IBGE realizou estudos que mostraram, em 2017, que a população brasileira de idade avançada ultrapassa a marca de 30 milhões de pessoas.

Nos anos 60, na França, foi criado um programa para ocupar o tempo livre da população aposentada, conhecido como “Universidade do Tempo Livre”. Nele, eram realizadas atividades lúdicas, as quais proporcionavam interação social entre os participantes. Na década de 70 foi fundada a primeira Universidade da Terceira Idade (UnTI), na Universidade de Toulouse. Esta tinha o objetivo de oferecer aos idosos atividades que satisfizessem suas necessidades e aspirações nesta etapa da vida (SILVA, SILVA, ROCHA, 2017).

Nesse contexto, a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) é um programa de extensão ligado a Pró-reitora de Extensão Universitária e Cultura (PROEC) da Unesp. O programa foi criado em 1995 e atualmente possui 20 núcleos, dentre eles o Núcleo de Jaboticabal. O objetivo do programa é integrar a população idosa e a comunidade educativa, mediante o convívio e o desenvolvimento de atividades no ambiente universitário, promovendo crescimento pessoal e inclusão social. Ações estas, que são realizadas por meio de cursos gratuitos, ministrados pelos discentes e servidores para a população idosa jaboticabalense.

Os cursos propiciam um ambiente de interação entre o que está sendo abordado, os alunos e o professor, possibilitando a eles adquirir novos conhecimentos, atualizar-se com facilidade, manter contato com pessoas, melhorar seu lazer, a criatividade e a autoestima, promover maior participação social, dessa forma minimizando a solidão e o isolamento, além do estímulo a memória e a concentração. (MARINHO DA SILVEIRA, MICHELE, 2011). Entretanto, com a pandemia da COVID-19, os cursos presenciais foram canceladas, e os alunos e professores precisaram se adaptar ao ensino remoto, o que foi um grande desafio para todos.

2. METODOLOGIA

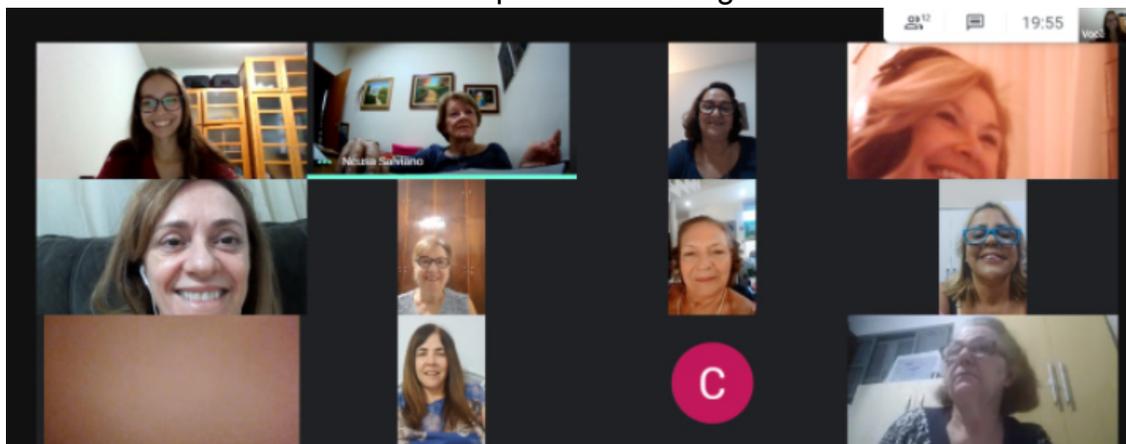
Foram fornecidos aos alunos dois questionários ao longo do semestre, sendo um para a coleta de dados para a realização das inscrições e o último para a avaliação da qualidade do ensino e perspectivas futuras.

No início, foram contabilizados 89 inscritos, sendo 50,5% indivíduos com mais de 50 anos. Ainda, dentro do total de alunos, sabe-se que 33,7% de pessoas se inscreveram em mais de um curso. As inscrições foram divididas entre os cursos de Tecnologia para a Terceira Idade (19 inscritos), Inglês para iniciantes (17 inscritos), Francês para iniciantes (16 inscritos), Espanhol para iniciantes (17 inscritos), Introdução à Língua e Cultura Alemã (16 inscritos), Clube do Livro (19 inscritos) e Produção Orgânica de Hortaliças (16 inscritos). Todos os cursos foram ministrados na plataforma Google Meet (Figura 1).

O segundo questionário foi aplicado nas semanas anteriores à finalização do semestre, porém nem todos os alunos matriculados responderam. Isso reflete uma diminuição da adesão inicial, com desistências ao longo do tempo.

Aos discentes colaboradores, foi fornecido um questionário na finalização do semestre, a fim de avaliar a experiência de forma geral, além das maiores dificuldades e impasses encontrados para a realização das aulas.

Figura 1: Participação das alunas no curso Inglês para iniciantes, ministrado na plataforma Google Meet.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o primeiro questionário realizado, foi relatado que 73% dos alunos possuíam acesso à internet pelo celular e também pelo computador. Ainda, 21,3% apenas tinham acesso pelo celular, 4,5% apenas pelo computador e 1,1% não possuíam acesso algum. Sobre a plataforma Google Meet, 62,9% dos participantes relataram que já haviam utilizado a ferramenta e já estavam familiarizados com o processo, em contrapartida com 37,1% que nunca haviam tido contato e precisavam de ajuda. Esta orientação foi realizada pelas coordenadoras discentes do projeto, por meio de ligações e mensagens no whatsapp.

Após a finalização dos cursos, na segunda semana de julho de 2021, foi fornecido aos alunos um formulário por meio da plataforma Google Forms para que eles avaliassem os cursos que realizaram e seus pontos positivos e negativos. Quando questionados sobre as dificuldades no ensino remoto, 18,4% dos alunos tiveram dificuldade no uso de ferramentas de tecnologia (Google Meet, Whatsapp), 15,8% tiveram dificuldades com os horários em que os cursos eram oferecidos, 15,8% tiveram problemas de saúde e ou familiares e 15,8% tiveram problemas em acompanhar o conteúdo passado nos cursos.

Sobre os cursos, apenas 2,6% pensaram em desistir mais de uma vez, 2,6% sentiram falta de materiais de apoio como vídeos, imagens e jogos e 42,1% afirmam que gostariam que as aulas fossem gravadas. Em relação a continuar realizando cursos na UNATI no próximo semestre, 100% dos alunos pretendem renovar suas matrículas, sendo que 32% dependem de suas disponibilidades, 8% querem mudar de curso e 60% pretende continuar no mesmo curso (Figura 2). Sobre o ensino remoto, 39,5% afirmaram que já estavam acostumados a essa modalidade, 52,6% afirmaram que nunca haviam utilizado esse método, porém, gostaram da experiência e 7,9% afirmaram que não gostam desse tipo de método.

No que diz respeito ao programa da UNATI, 58,6% dos alunos já haviam participado de algum curso presencial oferecido anteriormente, enquanto que 41,3% nunca haviam participado. Ao serem questionados sobre sugestões de cursos que poderiam ser oferecidos, as respostas foram bastante abrangentes, com assuntos relacionados à jardinagem, idiomas, artesanato e finanças.

Figura 2: Percentual de alunos que pretendem se matricular em algum curso da UNATI no próximo semestre.



Por fim, os professores voluntários relataram que as maiores dificuldades encontradas no período foram a desistência dos alunos, com 67% das escolhas, seguido pela dificuldade no uso das ferramentas de tecnologia, com 37,5% dos votos e pela falta de interação presencial, também com 37,5% das respostas. Além disso, 75% dos voluntários avaliaram os alunos como bastante participativos durante as aulas e com boa interação. Foi relatado ainda, que no geral, a dificuldade em conciliar o programa com as outras atividades da graduação foi a mais citada dentre as questões abertas relacionadas aos impasses. Ainda assim, 100% dos professores avaliaram positivamente a experiência, enquanto que 87,5% possuíam interesse em continuar a participar do projeto.

4. CONCLUSÕES

Desse modo, pode-se dizer que a adaptação dos alunos participantes da UNATI ao ensino remoto foi necessária devido à impossibilidade do oferecimento de aulas presenciais em função da pandemia da COVID-19.

Os resultados obtidos foram satisfatórios, analisando-se as respostas dos professores voluntários e também dos alunos que participaram durante todo o

semestre. Além disso, durante o contato com os alunos da Terceira Idade, pôde-se perceber que existe para eles a consciência e necessidade da informatização, fator que cresceu significativamente durante o período de isolamento social, tornando imprescindível a ambientação dos equipamentos computadorizados, não sendo utilizados mais somente como redes sociais.

Por fim, a UNATI pretende manter os cursos na modalidade ensino remoto até que seja possível o retorno das atividades, de forma segura para todos, presencialmente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVEIRA, Marinho da; KÜMPEL, Michele; ROCHA, Daiana de Paula; PASQUALOTTI, Josemara; COLUSSI, Adriano; LUCIA, Eliane. Processo de aprendizagem e inclusão digital na terceira idade. Revista Tecnologia e Sociedade, 2011, n.7, v.13. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=496650334009>> Acesso em 17 de julho de 2021.

PARADELLA, Rodrigo. Número de idosos cresce 18% em cinco anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. Estatísticas Sociais. 2018. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencianoticias/2012agenciadenoticias/noticias/20980numeroideidosos cresce18em5anoseultrapassa30milhoesem2017>>. Acesso em 15 julho de 2021.

SILVA, Flora Moritz da; SILVA, André Tiago Dias da; ROCHA, Rudimar Antunes da. Onde estão as UNTI das universidades públicas federais do Brasil. 2017. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/181218>>. Acesso em 15 julho de 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. 2005. Disponível em <<https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/401>>. Acesso em 15 julho de 2021.

O MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO (MuDI) COMO FERRAMENTA DE MANUTENÇÃO DA MEMÓRIA VÍVIDA NO CONTEXTO PANDÊMICO.

GIULIANNA PICOLO BERTINETTI¹; GUILHERME SUSIN SIRTOLI²; CAROLINA FOGAÇA TENOTTI³; DANIEL MAURICIO VIANNA DE SOUZA⁴; NORIS MARA PACHECO MARTINS LEAL⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – bertinettigiulianna@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – guisusinsirtoli@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – c.fogacatenotti@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – danielmvsouza@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – norismara@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Atuando como museu multidisciplinar virtual, propondo diálogo com um novo modo de habitar o mundo através do lugar intangível do digital, o MuDI – Museu Diários do Isolamento é construído através do projeto de extensão que busca o envolvimento do público na produção e reverberação de pensamento e ação crítica frente à crise sanitária que tem assolado o país desde meados de março de 2020. Vinculado à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e ao Núcleo de Estudos sobre Museus Ciência e Sociedade (NEMuCS), ao se apresentar e ocupar o espaço complexo e plural da virtualidade, o MuDI não limita-se às fronteiras das instituições formais, sendo “lugar” de experiências formadoras através de sua potência educativa. Desse caráter de constante atividade e cinesia surge a capacidade transformadora, atuando nas reflexões do exercício e da prática da vivência, sobretudo em comunidade, promovendo “construção do sujeito/mundo através da dialética entre consciência e experiência, que se dá no encontro” (VERGARA, 2018, p.43).

Afastados da presença física dos espaços culturais e das relações que os mesmos se propõem a construir, a vivência do espaço virtual, que já vinha tomando a rotina de cada um, foi potencializada com o isolamento social imposto pelo avanço da COVID-19. Ao tomarmos esse território como único possível, a prática e o exercício da construção da cultura voltam-se a ação que Pierre Lévy (2010) nomeia como ‘cibercultura’, sendo ela conjunto de ferramentas, atitudes, valores e pensamentos materiais e intelectuais que se desenvolvem ao passo que o ‘ciberespaço’ também avança com o desenvolvimento tecnológico. Considerando a presença viva da instituição museológica na sociedade, o MuDI atua permeando as questões que dela surgem, entendendo suas demandas como pautas necessárias para serem levadas a discussão, sendo que:

O museu, como importante meio de comunicação, tem de aproveitar todo este desenvolvimento comunicacional e tecnológico, no sentido de satisfazer as novas correntes da museologia que se estão a debruçar sobre o papel do museu na sociedade actual (MUCHACHO, 2005, p.579).

Imersos cada vez mais nesse lugar intangível que vive cotidianamente o excesso de informações, muitas das vezes sem base científicas, contraditórias ou até mesmo falsas, inegavelmente o mundo virtual tem balizado o comportamento do indivíduo em vida solitária ou coletiva. Da capacidade de alienação que a cibercultura pode vir a promover, surge a urgente necessidade de romper a estrutura

entre 'sujeito e dominação', como proposto por Rancière (2017), através da emancipação da produção do pensamento e senso crítico a que nos é nato:

A emancipação, por sua vez, começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura da dominação e da sujeição (RANCIÈRE, 2017, p.17).

O MuDI, entendendo a prática da experiência como ferramenta de integração entre museu e público, articula-se como território de educação por trazer à luz a dinâmica entre instituição e espectador como exercício fundamental da manutenção da memória, sobretudo no contexto em que vivemos. A ampla abertura ao diálogo com o coletivo promove e constrói uma relação de trocas e afetos mútua, dando ênfase a sensibilidade em um período onde o desalento conduziu a vida social, política, sanitária e econômica. Assim, o museu virtual apresenta-se como um relato de memórias vivas e contemporâneas, em constante fluxo de relato e troca. Em consonância com o que se espera da prática institucional em um mundo cada vez mais tomado pela tecnologia, a exposição de relatos, conhecimentos e produções científicas constroem o sujeito e seu estado de ser, crítico e informado, em prol de uma sociedade de devida condição humana.

2. METODOLOGIA

Ao ocupar o espaço virtual, onde a complexidade e a pluralidade são constantes características na produção de sua forma, o MuDi apresenta diferentes propostas de se posicionar frente às condições que surgem da sociedade como necessárias de se ter em diálogo. Partindo deste princípio, desenvolvem-se quatro movimentos urgentes que dão corpo à exposição de longa duração na plataforma digital: **Por dentro da pandemia, Ciência compartilhada, É Fake! e Memórias do Isolamento**. Esses eixos temáticos foram abertos pela necessidade de discutir informação sobre a situação sanitária do mundo e as informações falsas que mediam e corroboraram com discursos políticos e sociais na época. Também trazem o encontro a produção da memória em um contexto de desaceleração pessoal ao passo que a produção do sensível passava pelo percurso do aceleração.



Figura 1: Cartaz da exposição ‘Cartas que Levam Abraços’. Arte: Guilherme Sirtoli. 2020. Acervo do MuDI - Museu Diários do Isolamento.

Além disso, as exposições de curta duração surgiram como respostas a temáticas pertinentes dentro do cenário de desalento. Até a conclusão deste trabalho, foram realizadas duas delas. A primeira intitula-se **Cartas que Levam Abraços** (Figura 1), realizada de setembro a novembro de 2020, baseando-se em 20 cartas que continham as manifestações pessoais do público virtual sobre a solidão que o isolamento impunha a vivência do cotidiano, na falta da troca de afetos entre familiares e amigos.



Figura 2: Cartaz da exposição (Re)Existência: Os vários lugares da mulher na pandemia. Arte: Mirada Estúdio Criativo. ilustração. 2021. Acervo do MuDI - Museu Diários do Isolamento.

Já a segunda exposição foi realizada sob o título **RE(Existência) - Os vários lugares da mulher na pandemia** (Figura 2), dividida em dois módulos: Mulheres na Ciência e Mulheres nas Artes, discutindo relatos das relações de trabalho remoto e produtividade além das interpessoais durante o isolamento social. Ressaltando o espaço da mulher no contexto pandêmico, a trama tecida pelo caráter interdisciplinar trazia as complexas relações pessoais e profissionais que as mesmas assumiram durante o contexto, reorganizando a rotina ao passo que se mantinham vigilantes quanto às possibilidades de um futuro possível. A exposição contou com material gráfico, fotográfico, audiovisual e textual, cabendo a cada convidada a decisão do que representava a narrativa a ser contada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Construir espaços multifacetados, guiados pela pluralidade e consonantes com o contexto em que se insere é uma necessidade urgente para a produção de uma sociedade digna. Ao permear o espaço virtual, o MuDI toma a complexidade do posicionamento como uma ferramenta aliada, abrindo-se à comunidade para entender como as memórias devem ser registradas e comunicadas. Potencializar a possibilidade de integração com o público deve fazer parte do sistema museológico, considerando “não somente em relação à exposição como meio, mas principalmente com relação a uma problemática social, na qual os museus estão inseridos” (CURY, 2006, p. 43).

Ao incluir não só a produção de relatos, mas também conduzir a uma reflexão do contexto social, político e histórico de um momento tão complexo para a vida em

coletivo, ocasionado pela pandemia da COVID-19, evidencia-se a urgente necessidade de atenção a ciência e informação de qualidade que narram o comportamento da sociedade nesse período. O MuDI, através das exposições de longa duração, apresenta-se como ferramenta de combate a forte onda negacionista que vem disseminado desinformação através das mídias sociais que, por muitas vezes, ditam condutas nocivas à vivência comunitária.

4. CONCLUSÕES

Frente ao cenário complexo desse período histórico marcado pelo desalento e pela vivência do mundo intangível do virtual, onde a sociedade é acometida pela avalanche de desinformação e negação a ciência que adentra o cotidiano dos indivíduos através da vivência coletiva em meio virtual, é urgente a necessidade de repensar as relações que mantemos com o mundo que já não voltaram a ser como anteriormente. O MuDI surge como potente instrumento em prol do posicionamento crítico no presente, bem como ferramenta de construção e propagação da memória vivida. Ao aproximar-se do público, na intenção de trazê-los como parte da composição do museu, e emancipá-los do estado de alienação a que são submersos diante do contexto atual, cria-se um espaço aberto ao diálogo onde as pautas discutidas trazem as necessárias reflexões acerca da condição humana a que tanto nos é suprimido.

O MuDi, enquanto museu de memórias vivas que ocupa o território do virtual, é consonante com o importante papel social de produzir conhecimento ao passo que conduz ao pensamento crítico do contexto em que se vive. Ao relatar o tempo real, acompanha as dinâmicas de construção de uma nova cultura em um novo lugar, o digital, expondo não só a importância da ciência para a narrativa da história, bem como a de enxergar o outro como parte de seu contexto. Ao emancipar espectadores, como propõe Rancière (2017), dialoga com quem vive o isolamento alinhando as esperanças e as angústias necessárias para resistir ao cenário atual.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Marília Xavier. **Exposição** – concepção, montagem e avaliação. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MUCHACHO, Rute. **Museus virtuais**: A importância da usabilidade na mediação entre o público e o objecto museológico. In: Livro de Actas – 4º SOPCOM. Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Lisboa. p. 1540 - 1547. 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2017.

VERGARA, Luiz Guilherme. Curadoria educativa: percepção imaginativa/consciência do olhar in: CERVETTO, Renata; LÓPEZ, Miguel A. (org.). **Agite antes de usar**: Deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina. São Paulo: Edições SESC. 2018.

O PODCAST COMO UMA FORMA DE DIVULGAR O PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO DA UFPEL

HELLEN DA SILVA BITENCOURT¹; PAOLA CAROLINA ECKERT²; DALILA MÜLLER³

¹ Universidade Federal de Pelotas – hellenbitencourt@outlook.com

² Universidade Federal de Pelotas – paolaeckert@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – dalilam2011@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A adaptação do projeto Visitas Monitoradas pelos Prédios da UFPel ao modelo remoto, devido às circunstâncias de pandemia, com início no primeiro semestre de 2020, promoveu diversas maneiras de gerar conexão com a comunidade pelotense. Buscando meios de envolver a sociedade nas causas relacionadas à educação, o projeto tem como finalidade a interação entre o conhecimento herdado pela cultura e memória do patrimônio cultural edificado da UFPel e manifestado pela sociedade ao decorrer dos anos na cidade de Pelotas, intencionando a elevação dos conceitos de cidadania, identidade, autoestima e valorização da cultura local.

A educação para o patrimônio pode ser lida como um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999).

A comunicação entre as ações do projeto e seus participantes é significativa, pois, se por um lado, a memória coletiva é construída, por outro lado, as identidades sociais também o são. Os suportes materiais, portanto, tornam-se referências e testemunhos da trajetória histórica, possibilitando o autoconhecimento (TARDIVO; BIZELLI; TRINDADE, 2014). O patrimônio cultural edificado da UFPel, que se refere a um conjunto de prédios adquiridos ao longo da trajetória de mais de 50 anos da Universidade, é suporte para a memória e a identidade da instituição e da cidade de Pelotas.

Assim, optou-se por investir em uma forma além do áudio e, diferente do visual para alcançar ainda mais participantes do projeto: através do podcast, que ganhou espaço nos websites de instituições culturais a partir de 2003, abrindo possibilidades de inclusão de áudio guias, relatos de experiências em visitas virtuais, conferências (TARDIVO; BIZELLI; TRINDADE, 2014).

O podcast consiste em um processo midiático para a produção de arquivos de áudio na internet para veiculação de músicas, exposição de conteúdos, relatos de acontecimentos, bate-papos ou debates informativos sobre diversos temas, possibilitando sua escuta em inúmeras situações e momentos do dia a dia, pois é disponibilizado online e de forma gratuita (FREIRE, 2015).

Este trabalho tem por objetivo discutir a elaboração do podcast pelos participantes do projeto e a sua recepção pela comunidade da UFPel e comunidade externa à Universidade.

2. METODOLOGIA

O projeto de extensão, a partir do cenário de distanciamento social e foco em conquistar um público virtual, direcionou suas ações para o meio online. Após atingido o término do mapa virtual, objetivo iniciado e concretizado no segundo semestre de 2020, o projeto deu início a trabalhos com serviços de *streaming* ligados ao podcast, que trata-se de um processo mediático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet (LABORIDO, 2018). Tais arquivos de áudios foram gravados a partir do aplicativo *Anchor* - uma plataforma para iniciantes na criação de podcasts -, em que foram realizadas a gravação, edição, cortes e adição de músicas. Este aplicativo fornece acesso a dados de alcance e de perfil do público ouvinte do canal, permitindo visualizar número de *plays*, gráficos dos gêneros dos ouvintes, idade, nacionalidade e de quais plataformas estão acessando. Essas informações foram coletadas e serão discutidas a seguir.

Em andamento, o conteúdo dos episódios é obtido a partir de acervos do projeto, acervos disponíveis na internet, acervos da UFPel e privados, abrangendo as histórias dos prédios. O podcast aborda as construções, utilizações através do passar dos anos até seu uso atual, além de curiosidades históricas acerca das personalidades que marcaram momentos ou época na cidade de Pelotas.

Até o momento foram elaborados e disponibilizados nas plataformas Spotify, Anchor, Breaker, Google Podcasts, Pocket Podcast e RadioPublic dois podcasts, um sobre o Grande Hotel e outro sobre o prédio da Faculdade de Medicina, ambos realizados em 2021.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os podcasts elaborados tem duração de aproximadamente 5 minutos cada e foram disponibilizados nas plataformas citadas anteriormente. O nome escolhido para mais esta ação do Projeto Visitas Monitoradas pelos Prédios da UFPel foi “Conta Mais, UFPel!” (Figura 1) e se baseou na ideia de criar uma narrativa mais leve da história dos prédios da Universidade. Até o momento foram disponibilizados nas plataformas dois podcast, o primeiro sobre o Grande Hotel em abril de 2021 e o segundo, em julho, sobre a Faculdade de Medicina. A ideia é elaborar um podcast para cada prédio histórico da Universidade.

Com uma linguagem mais informal e a narrativa de acontecimentos mais significativos, o podcast não se torna uma medida de ensino-aprendizagem cansativa, todavia possui limitações, como, por exemplo, não proporciona a visualização dos prédios e nem a interação entre os condutores do roteiro e ouvintes.



Figura 1 - Capa do podcast nas plataformas em que está disponível
Fonte: Projeto Visitas Monitoradas pelos Prédios da UFPel, 2021.

A partir das informações acerca dos dois episódios já lançados contidas no aplicativo Anchor, como localização geográfica dos ouvintes, idade, gênero e total das reproduções dos áudios, podemos perceber a forma como os podcast são recebidos.

Na Figura 2 observamos que a maioria dos ouvintes é de nacionalidade brasileira, porém, é importante ressaltar os ouvintes de outros países, demonstrando que as atividades virtuais possibilitam uma abrangência maior de acesso ao patrimônio cultural edificado da UFPel.

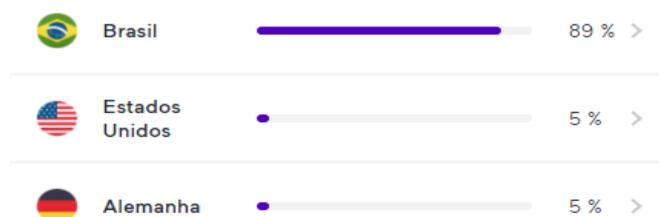


Figura 2 - Localização geográfica dos ouvintes de ambos episódios do Podcast
Fonte: Aplicativo Anchor, 2021.

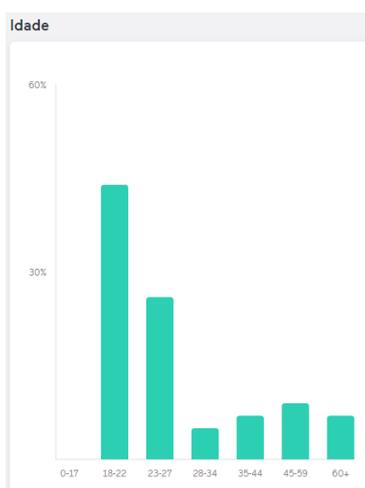


Figura 3 - Média de idade dos ouvintes de ambos episódios do podcast
Fonte: Aplicativo Anchor

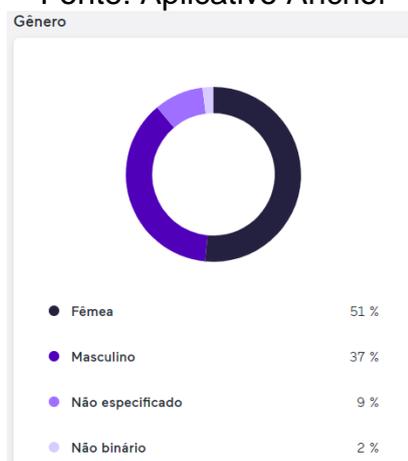


Figura 4: Média de gênero dos ouvintes de ambos episódios do podcast
Fonte: Aplicativo Anchor, 2021.

Na figura 3 vemos o alcance maior entre 16 a 22 anos, e logo após 23 a 27, indicando que o público mais atingido por esta mídia é jovem. Contudo, o público com maior idade não é excluído, e contempla porcentagem significativa dos ouvintes do podcast. Na figura 4, o gênero feminino ocupa 51% do gráfico, representando mais da metade do público ouvinte. Esta média se baseia no total de 58 reproduções, sendo estes dados extraídos de ambos episódios já lançados.

4. CONCLUSÕES

Partindo disso, percebe-se o podcast como mais uma ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem utilizado com fins educativos em Universidades e projetos de extensão, como no Projeto Visitas Monitoradas pelos Prédios da UFPel.

O podcast como forma de visita virtual, mesmo menos popularizado se comparado às visitas presenciais, possibilitou uma maior abrangência de público interno e externo à Universidade. Esses números têm mostrado a relevância da internet como uma ferramenta para a educação patrimonial.

Além disso, por contar com a linguagem mais informal, a educação e entendimento de diferentes públicos possibilitou uma maior didática entre os ouvintes. Por meio dos dados que o aplicativo Anchor fornece, foi possível analisar de melhor forma a dimensão que os episódios obtiveram, trazendo uma nova visão ao projeto ao mostrar a relevância que este conteúdo está carregando ao público.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TARDIVO, J. A.; BIZELLI, J. L.; TRINDADE, R. Educação, memória e virtualidade: uma troca de olhares entre Brasil e Portugal. In: BIZELLI, J. L., DE SOUZA, C. B. G. (Org). **Faces da Escola em Ibero-América**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 71-86.

HORTA, M. D. L. P.; GRUNBERG, E. & MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Museu Imperial / DEPRM – IPHAN – MINC, Brasília, v. 199, 1999.

FREIRE, E. P. A. Potenciais cooperativos do podcast escolar por uma perspectiva freinetiana. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 63, out.-dez. 2015, p. 1033-1056, 2015. Acessado em 10 mar. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/fkBmgrpkfLsDtMzvYWjtMCG/abstract/?lang=pt>

LABORIDO, J. L. R. **O acesso digital ao patrimônio arqueológico: a tecnologia em favor da educação patrimonial**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Curso de Bacharelado em Museologia, Universidade do Rio Grande do Sul.

EU SEI QUE VOU TE AMAR: UMA CARTA ABERTA DAS VOZES FEMININAS DO CORAL UFPEL 2021

IZABELLA CAMILA DOMINGOS SANTOS¹; LEANDRO MAIA²

¹Universidade Federal de Pelotas – camilaizabella23@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leandromaia.clpd@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto relata o processo criativo e colaborativo da interpretação da canção “Eu sei que vou te amar” (Tom Jobim e Vinicius de Moraes, 1958). O trabalho foi realizado a partir do arranjo da regente, professora e pesquisadora Patrícia Costa (2007), escrito para duas vozes iguais, adaptado para a interpretação pelas mulheres do Coral da Universidade Federal de Pelotas no ano de 2021.

No ano de 2020 em virtude a pandemia resultante da covid-19, os ensaios do Coral UFPel passaram a ser virtuais, conforme apresentado no 6º SIIPE (SANTOS, FERREIRA e MAIA, 2020, p.70). No ano de 2021, novas ferramentas e dinâmicas de ensaio e produção de repertório foram abordadas, incluindo a participação mais ativa dos bolsistas frente ao grupo através da atuação na preparação vocal, ensaios de naipes, regência, produção musical e audiovisual.

A motivação para a atividade surgiu ainda no ano de 2020, quando iniciei meus estudos em Regência Coral intitulado Tópicos de Regência, com a professora Katarine Araújo, Regente do coro sinfônico de Goiânia. Em 2021 como bolsista do coral UFPel, sob orientação de Leandro Maia, Cristine Bello Guse e com o apoio da preparadora cênica Giselle Cecchini, desenvolvi esta proposta de interpretar o arranjo da canção “Eu sei que vou te amar” com as mulheres do coral UFPel, para trabalhar meu gestual, confiança e passar pela experiência de tratar o áudio e editar o vídeo de um coro virtual. Pretendo, a partir da proposta de sistematização de experiência (JARA, 2006) e de autoetnografia em pesquisa artística (LÓPEZ-CANO e OPAZO, 2014), compartilhando o passo-a-passo desse trabalho feito de forma colaborativa, desde a escolha do repertório à produção audiovisual.

2. METODOLOGIA

JARA (2006), define a sistematização de experiências como

Uma interpretação crítica de uma ou várias experiências, que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no processo, como se relacionaram entre si e porque o fizeram desse modo (JARA, 2006, p.72)

Sendo uma metodologia coletiva que tem sua matriz enraizada na educação popular e processos participativos em movimentos sociais, JARA (2006, p.73) propõe cinco momentos que todo processo de sistematização deveria ter:

A) O ponto de partida: Ter participado da experiência e o registro das experiências.

B) As perguntas iniciais: Para que queremos ? (Definir o objetivo), que experiência(s) queremos sistematizar? (Delimitar o objeto a ser sistematizado) e que aspectos centrais dessa experiência nos interessa sistematizar? (Definir um eixo de sistematização).

C) Recuperação do processo vivido: Reconstruir a história, ordenar e classificar a informação.

D) A reflexão de fundo: Por que aconteceu o que aconteceu? Analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo.

E) Os pontos de chegada: Formular conclusões e comunicar a aprendizagem.

Sendo um trabalho realizado na área de música e permeado pelas subjetividades e motivações inerentes à minha própria formação, a Autoetnografia em Pesquisa-Artística ampara minha atuação como regente-pesquisadora-extensionista. Segundo LÓPEZ-CANO e OPAZO, a pesquisa artística de cunho autoetnográfico se beneficia da "reconstrução da memória pessoal, a cronologia, o autoinventário ou a autovisualização" (LÓPEZ-CANO e OPAZO, p. 170). Sendo assim, relatam-se processos como forma de possibilitar entrecruzamentos entre a memória pessoal e a sistematização de experiências coletivas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como ponto de partida, o grupo feminino do coral UFPel, desde o ano de 2020, se encontra de forma remota às terças-feiras às 19:00 para o ensaio de naipes (sopranos e contraltos). Os ensaios iniciam as atividades através do aquecimento vocal, que pode ser definido como "uma série de exercícios respiratórios e vocais, cuja finalidade é aquecer a musculatura das pregas vocais antes de uma atividade mais intensa para evitar sobrecarga" (COSTA, ANDRADA e SILVA, 1998 apud MOTA, 1998, p.3). Após a primeira etapa, ocorre a leitura de repertório, onde a bolsista divide a música em sessões, cantando as melodias para as coralistas que, por sua vez, acompanham cantando com os microfones desligados para, depois de repetir algumas vezes, demonstrar uma a uma o que foi aprendido, passando para a próxima sessão e repetindo o processo. Após esta etapa de estudo detalhado, percebemos que seria eficiente realizar encontros individuais para atender coralistas em suas dúvidas e dificuldades específicas, pois os ensaios gerais já atendiam os objetivos iniciais. (SANTOS, FERREIRA e MAIA, 2020, p.72).

Para esta interpretação contamos com a participação de 12 cantoras, sendo elas 6 sopranos e 6 contraltos. Por motivos de disponibilidade das cantoras do grupo, algumas estudantes e servidoras da UFPel, alguns ajustes de dia e horário de ensaio se fizeram necessário, acarretando ensaios eventuais também nas segunda-feira, às 19:15 hrs.

No âmbito da motivação pessoal deu-se inicialmente na pesquisa de repertório para esta formação vocal de vozes iguais femininas. Isto trouxe memórias que remontam o início do meu trabalho com canto coral, ativamente desde os 16 anos de idade. Ao consultar meu acervo de arranjos corais, deparei-me com o livro de arranjos da Patrícia Costa, e analisei a canção "Eu sei

que vou te amar”, buscando compreender suas dificuldades e potencialidades para o trabalho com o grupo. Logo pensei na possibilidade de compartilhar com o grupo uma das minhas primeiras memórias afetivas com o canto coral, interpretando um dos primeiros arranjos que aprendi e que se mostrou um momento-chave para minha escolha profissional desde então. Cabe salientar que o grupo de mulheres do Coral UFPEL foi extremamente receptivo e motivou-se com a cumplicidade e a afetividade da proposta.

No nosso primeiro ensaio, fiz uma roda de conversa com as mulheres, falei sobre minhas ideias que a princípio era interpretar o arranjo da canção “eu sei que vou te amar”, em versão coro feminino, já com a adaptação do arranjo por dois grandes motivos, o primeiro é que esta canção e esse arranjo, foi o primeiro arranjo coral que cantei, meu primeiro contato com música coral, e era meu agradecimento a elas, minha família e amigos por me apoiarem seguir meu sonho. Foi um momento muito emocionante pois logo que eu terminei minha fala, abri para que cada uma me dissesse se concordava com a canção e porque; E todas tinham um motivo pessoal para amar essa canção.

Considerando as características do Coral UFPEL, fiz as primeiras adaptações no arranjo e solicitei que o coordenador e regente colaborasse como convidado ao grupo de mulheres, elaborando o acompanhamento para violão, não indicado no arranjo original. Isto possibilitou que, cursando o nível intermediário de regência de forma complementar aos meus estudos acadêmicos, eu pudesse avançar neste campo, desenvolvendo as técnicas gestuais, trabalhando a liderança e a condução de ensaio com um grupo. Trabalho como bolsista desde 2020, liderando os ensaios femininos, o que possibilitou o vínculo de intimidade entre nós mulheres do coral UFPEL, facilitando minha segurança e confiança junto ao grupo.

O ambiente afetivo e compartilhado possibilitou que eu tomasse a liberdade para fazer outras adaptações no arranjo. Como dito anteriormente, Patrícia Costa escreveu para duas vozes iguais a *capella* (sem acompanhamento instrumental), facultando o acompanhamento opcional. Com a autorização da arranjadora, Patricia Costa, alterei a estrutura, possibilitando que a canção fosse interpretada duas vezes, sendo a primeira vez exatamente como escrito na partitura e a segunda vez cantada com a vogal “U”, de maneira a utilizar as vozes como acompanhamento vocal para a recitação de um poema e posterior retorno de todas as vozes à proposta original para finalização. O poema foi escolhido com a ajuda da preparadora cênica do grupo, Giselle Cecchini, que interpretou e adaptou o soneto “Amar”, de Florbela Espanca (ESPANCA, 1931, p. 30). Dado o texto inicial do poema, o grupo propôs trocar a palavra “mente” por “sente” para que o poema casasse com o texto da canção: *Quem disser que se pode amar alguém/Durante a vida inteira é porque sente!*

Depois de identificar que falaríamos sobre amor profundo, verdadeiro e sentido, pedi que todas me enviassem fotos sobre o que significa amor para cada uma, a ser incluído no visual do nosso vídeo. Esta produção audiovisual apresenta-se também muito importante, pois é ela que traz a sensação de unidade e cumplicidade. Após receber a gravação e as fotos das cantoras, iniciamos a fase de edição, primeiramente do áudio. Para isto, foram realizados encontros de equipe, em forma de oficina, com a presença do coordenador e do colega bolsista Alex Ferreira, que viabilizou a realização de uma plataforma de aprendizado e gravação pelas cantoras (<https://sites.google.com/view/coralufpel/eu-sei-que-vou-te-amar>). Após esta

etapa, aprendi o básico de edição de áudio a partir da ferramenta *Reaper*, por ser um programa *open source* e disponibilizado gratuitamente.

4. CONCLUSÕES

Quando penso em música a primeira palavra que me vem à cabeça é amor. Aos término dos ensaios femininos que, em muitas vezes eu me sentia insegura, palavras de amor eram ditas pelas cantoras e me tornei mais confiante no meu próprio trabalho. O canto coral foi minha primeira casa, minhas maiores experiências musicais vividas foram no canto coral. Desta forma, dedico minha primeira regência como um agradecimento à minha primeira Maestrina, Nair Cavaterra, que me colocou no caminho com muito amor. Também dedico este trabalho às mulheres do coral UFPEl que, sem seu apoio, eu não estaria aqui. Este sentimento permeia todo o processo de criação do conceito do vídeo, a ser lançado em breve, que dá o nome a este trabalho: uma carta aberta sobre amor e sororidade. "Eu sei que vou te amar" encontra-se em processo de edição e pós-produção audiovisual e será divulgado em breve nas plataformas do Coral UFPEL e em suas redes sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Cristina Moura Emboaba da Costa. **Criação e arranjo: modelos para o repertório de canto coral no Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2010.

ESPANCA, Florbela. **Charneca em flor**. 2.ed. Coimbra: Gonçalves, 1931

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. Oscar Jara Holliday; tradução de Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006. 128 p. ; 24 cm. (Série Monitoramento e Avaliação, 2)

LÓPEZ-CANO, Rubén; SAN CRISTÓBAL, Úrsula. **Investigación artística en música. Problemas, métodos, experiencias y modelos**, v. 1, 2014.

SANTOS, Izabella Camilla Domingos; FERREIRA, Alex Gomes, MAIA, Leandro Ernesto. CORAL DA UFPEL 2020: VOZES EM REDE. **Anais do VII Congresso de Extensão e Cultura**. Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Pelotas, 2020. Disponível em http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2020/XF_02144.pdf?ver=1601401694 acesso em 08/08/2021.

“COLAPSO VISUAL”: REFLEXÕES SOBRE UM PROJETO DE EXTENSÃO CRIADO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

JÚLIA VARGAS ABREU¹; OSCAR PEREIRA GOULART NETO²; CHRIS DE AZEVEDO RAMIL³

¹Universidade Federal de Pelotas – juliavargasabreu@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – oscarpereiragoulartneto@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – chrisramil@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões sobre o projeto unificado com ênfase em extensão intitulado “Colapso Visual”, mostrando alguns resultados já obtidos até então, visto que segue em desenvolvimento. Criado e coordenado pela profa. Dra. Chris Ramil, contou com quatro alunos voluntários no decorrer do ano de 2020 e em 2021 continua com a atuação de dois deles (os autores deste texto), sendo uma (Júlia Abreu) com bolsa de Extensão (PBA/Extensão/AAF) do projeto, desde o mês de maio de 2021.

Com a chegada da pandemia de Covid-19, no início de 2020, nos vimos com o futuro incerto e um presente angustiante. Por isso, foi lançado em março do mesmo ano o projeto “Colapso Visual”, como uma proposta de atividade expressiva, criativa e salutar, que engaja a comunidade interna e externa à UFPel, a partir de sua participação pela rede social *Facebook*, durante o período em que se tem ficado mais tempo em casa, devido ao isolamento social necessário como medida de prevenção, através dos desafios publicados diariamente e ininterruptamente, a partir dos quais as pessoas deveriam buscar contemplar a temática das tarefas, fazendo fotografias em seus lares, com seus próprios celulares. Desta forma, se desperta o olhar para o que há ao redor e se explora a percepção visual e a sensibilidade estética dos participantes.

O nome do projeto “Colapso Visual” tem como intuito fazer alusão à palavra “colapso” que tanto tem sido ouvida e lida pelas mídias, no que se refere ao caos da saúde e implicações do novo Coronavírus, sugerindo-se então que se faça um colapso visual, repleto de imagens, com diferentes olhares, buscando ressignificar essa palavra. Segundo Coelho (2008, p. 38), a imagem “é um elemento de linguagem capaz de evocar, para um sujeito histórico, social e psicológico, uma série de associações e referências combinadas com base em código e repertório em que se insere tal sujeito”. A fotografia, principal elemento neste projeto, constrói sentidos e pode transmitir diferentes sensações e significados tanto para quem a criou como para os espectadores. Ela está entre os principais domínios da imagem, sendo ela considerada uma representação visual, pois:

as imagens são chamadas de “representações” porque são criadas e produzidas pelos seres humanos nas sociedades em que vivem. É claro que elas são também imagens percebidas, mas distinguem-se daquelas que denominamos perceptivas porque, neste caso, é a nossa percepção que faz o mundo visível naturalmente aparecer a nós como imagem, enquanto as representações visuais são artificialmente criadas, necessitando para isso da mediação de habilidades, instrumentos, suportes, técnicas e mesmo tecnologias (SANTAELLA, 2012, p. 17-18).

Nesse sentido, o “Colapso Visual” estimula as pessoas a desenvolverem a percepção e criarem representações visuais ao fazerem suas fotografias, pois exercitam habilidades, técnicas e suportes, ao se envolverem com os desafios

propostos, além de ainda compartilharem essas imagens pela *internet*, em uma rede social, graças aos recursos da tecnologia. Segundo Lorenzo (2013, p. 20), “a rede social é uma das formas de representação dos relacionamentos afetivos ou profissionais dos seres entre si, em forma de rede ou comunidade. Ela pode ser responsável pelo compartilhamento de ideias, informações e interesses”.

Por isso, as redes sociais também colaboram na constituição de uma memória coletiva dos tempos da pandemia de Covid-19, inclusive pela exposição das fotografias nelas publicadas. Segundo Burke (2017, p. 40), as “[...] fotografias podem ser consideradas ambas as coisas: evidência da história e história. Elas são especialmente valiosas, por exemplo, como evidência da cultura material do passado”. O mesmo vale para as milhares de fotografias registradas nas temáticas do “Colapso Visual”, que eram propostas diariamente e no mesmo horário, despertando o interesse e curiosidade dos participantes, além de manter o seu engajamento, como uma alternativa diferenciada para desfocar de tantas preocupações nesse período conturbado. O projeto acabou se transformando em uma referência de memórias vinculadas ao contexto pandêmico.

Foram 300 desafios publicados até o início de 2021 e, atualmente, o projeto está na fase de exposição virtual das fotografias reunidas em cada uma das temáticas. Devido à continuidade do isolamento social e às atividades remotas da UFPEL, a exposição física planejada, envolvendo os participantes e a comunidade em geral, teve que ser adiada. Por isso, a solução encontrada nesse período foi o desenvolvimento de vídeos com os registros de cada desafio, que são postados nas mídias sociais do projeto, o *Facebook* e o *Instagram*. Na sequência, serão relatadas as atividades e alguns resultados do projeto, alcançados até então.

2. METODOLOGIA

O projeto, em sua fase inicial, foi desenvolvido na plataforma do *Facebook*, rede social na qual é possível anexar fotos nos comentários de uma publicação. Do dia 26 de março de 2020 ao dia 19 de janeiro de 2021, foram postados 300 desafios, sobre temáticas diversas, e os participantes publicaram suas fotografias (às vezes mais de uma), naqueles que fossem de seu interesse.

Em uma etapa posterior, enquanto os desafios ainda eram publicados, deu-se início ao armazenamento de todas as fotografias compartilhadas. Foi feita a organização e o arquivamento das imagens em um *drive*, para facilitar o acesso remoto dos integrantes que atuam no projeto, pelo qual as fotografias foram catalogadas em pastas por desafios e identificadas com uma cota que informa a autoria, o número da temática e a ordem de postagem. Além disso, foram criadas algumas tabelas e quadros para organização de dados, entre eles o levantamento de participantes, número de fotografias e outras informações para controle.

Na fase atual, estão sendo editados e publicados os vídeos com uma exposição virtual dos desafios, que reúnem todas as fotografias recebidas. São postados segunda, quarta e sexta-feira dois vídeos, na sequência cronológica dos desafios, no *Facebook* e no *Instagram* do “Colapso Visual” (@colapsovisual).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O “Colapso Visual” inicialmente era realizado no perfil pessoal do *Facebook* da profa. Chris Ramil, como uma proposta experimental, de livre acesso e com o objetivo de envolver possíveis interessados em uma atividade alternativa, curiosa e criativa, fotografando algo em casa e estimulando-os a um olhar diferente frente

aos objetos que se tem em casa. Com tal iniciativa, não se imaginava a dimensão que este projeto tomaria. Como exemplo disso, já no primeiro desafio publicado, “Faça uma fotografia de um objeto em que predomine a cor vermelha”, registrou-se a participação de 53 pessoas, que compartilharam 58 fotografias.

Como os desafios seguiram sendo propostos por muitos dias além do que o que se previa inicialmente, diante da aceitação e do envolvimento de tantas pessoas, o projeto foi então cadastrado como extensão junto à PREC/UFPEl, a partir de 29 de junho de 2020. Para facilitar o acesso de outras pessoas e ampliar a divulgação do projeto à comunidade em geral, foi criada uma página específica para o projeto, na plataforma do *Facebook*, que começou a valer a partir do Desafio 100. Em seguida, foi desenvolvida também uma nova identidade visual, em tons de preto e branco, com algumas possibilidades de aplicação (Figura 1), que foi implementada nas redes sociais a partir do mês de julho de 2020.



Figura 1 - Identidade visual do “Colapso Visual” e algumas aplicações para as redes sociais.

Fonte: elaborado pelos autores, 2020 e 2021.

Os desafios eram lançados no perfil da página sempre no mesmo horário, à meia-noite. Observou-se, pelos registros, que alguns participantes postavam as fotografias pouco tempo depois da publicação da temática, o que se confirmou também por alguns dos relatos das pessoas, comentando que esperavam atentas pela publicação do desafio para descansar somente após enviarem suas fotografias. Há ainda outros casos curiosos e interessantes, como aqueles que envolvem vários integrantes da mesma família que decidiam juntos o que fotografar ou a melhor imagem entre várias feitas, assim como aqueles amigos que competiam entre si pela realização de maior quantidade de desafios, entre outros exemplos. Alguns professores também utilizaram o projeto como referência para suas práticas, envolvendo seus alunos e criando propostas a partir dele.

Conforme já comentado anteriormente, a publicação das temáticas foi interrompida no Desafio 300, no dia 19 de janeiro de 2021, por ser um número expressivo, considerando-se a necessidade de organização do material reunido e o investimento na fase seguinte, de exposição das fotografias. Com isso, a partir do levantamento de dados, os resultados indicam uma média de 181 participantes entre os 300 desafios, que juntos somam, até o momento, 5.011 fotografias postadas. Vale registrar que a participação das pessoas é livre e espontânea, a frequência nos desafios varia e não é constante no decorrer das temáticas.

Devido às medidas de restrição para o combate da pandemia, tratou-se de adaptar a exposição para um formato virtual e *online*, através da criação de vídeos. A primeira exibição realizada foi produzida em reconhecimento à única participante presente nos 300 desafios, abrindo a série de exposição de desafios (Figura 2a). Nesta etapa do projeto, decidiu-se expandir a divulgação e publicar os vídeos também na plataforma do *Instagram*, através do IGTV.

Atualmente, a *fanpage* do *Facebook* contém 172 seguidores e 167 curtidas. O público é formado por 91,6% de mulheres, com uma faixa etária predominante de 35-44 anos e 8,4% de homens, de faixa etária mista de 25-34 e 55-64 anos,

sendo a maioria com residência em Pelotas-RS. Já o perfil do *Instagram*, cuja primeira publicação foi em 07 de janeiro de 2021, conta com 61 seguidores e 93 publicações, até o momento. Em relação aos vídeos expostos, até o dia 06/08/21 já foram publicadas as fotografias de 84 desafios, sendo que pretende-se publicar de todos os 300, no decorrer dos próximos meses.

Ao longo desse período, recebeu-se vários *feedbacks* dos participantes com suas percepções em relação ao “Colapso Visual”, tanto na fase das postagens das fotografias como em resposta aos vídeos com as exposições virtuais publicadas, conforme mostra a Figura 2b, com alguns desses exemplos.



Figura 2 - a. Frame do vídeo de exposição dos 300 desafios da participante, no “Colapso Visual”; b. *Feedbacks* de alguns participantes do projeto “Colapso Visual”.

Fonte: a. elaborado pelos autores, 2021; b. Trechos da *Fanpage* do “Colapso Visual”.

De acordo com Leka e Grinkraut (2014, p. 2), “[...] a princípio, a utilização das redes sociais tinha como principal foco o relacionamento entre amigos ou pessoas com interesses incomuns, no entanto, com sua notável expansão, essas redes passaram a ter um papel diferenciado na sociedade, na política, na mídia e também na Educação.” Com isso, identificamos que para muitos dos participantes do projeto durante o isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19, o papel do “Colapso Visual”, ao ser realizado através de uma *fanpage* de *Facebook*, foi muito além do que propor os desafios como entretenimento virtual, pois efetivamente tem contribuído para que as pessoas achessem esse período conturbado se ocupando com algo inusitado e criativo, sendo provocadas a aperfeiçoar o olhar estético e a perceber o seu entorno habitual de outra forma.

4. CONCLUSÕES

Os resultados do “Colapso Visual” até o momento podem ser considerados satisfatórios, diante da participação significativa das pessoas, além de provocar a sua capacidade de percepção visual, a sensibilidade visual, o desenvolvimento cognitivo e o senso estético, como alternativa de alívio para as tensões vividas diariamente, pelo medo, angústia e insegurança que temos vivido, diante de tantas limitações, em tempos de quarentena. Destacamos, ainda, que atuar neste projeto tem contribuído para o aperfeiçoamento de nossa formação acadêmica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**. O uso das imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- COELHO, Luiz Antonio L. (org.). **Conceitos-chave em design**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Novas Idéias, 2008.
- LORENZO, Eder Maia. **A utilização das redes sociais na educação**. 3 ed. São Paulo: Clube de Autores, 2013.
- LEKA, Aline; GRINKRAUT, Melanie. A utilização das redes sociais na educação superior. **Primus Vitam: Revista de Ciências e Humanidades**. n. 7, 2014.
- SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

FORMAÇÃO = PROFISSIONALIZAÇÃO: UM RELATO SOBRE A 3ª SEMANA ACADÊMICA INTEGRADA DAS ARTES

KARINA DO NASCIMENTO SOUSA LIMA¹; DANIEL YUTA HIGA²; GABRIELA DA COSTA GOMES³; NÁDIA DA CRUZ SENNA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – ka.nslima@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danielhiga@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – gabrielachantalle@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – alecrins@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse texto busca, através de uma voz de relato, refletir a respeito da importância de se discutir a profissionalização na formação em artes visuais. O fio condutor desse assunto será a realização da 3ª Semana Acadêmica Integrada das Artes, intitulada *Ponte: Artistas e Seus Contextos de Atuação*, evento organizado majoritariamente por alunos dos cursos de Artes Visuais da UFPEl, integrantes de quatro frentes de atuação dentro do Centro de Artes: projeto de ensino *FORMA: Espaço de Formação Ampliada*, *Diretório Acadêmico Lygia Clark*, *PET Artes Visuais* e *Projeto Arte na Escola*. O fator que une os quatro projetos mencionados, é a participação e posicionamento crítico de seus alunos que buscam uma constante interlocução com o colegiado, direção e professores dos cursos de artes a fim de propor melhorias no currículo e ações que incentivem a comunidade discente a pensar criticamente a sua formação acadêmica e a sua posição fora do contexto universitário.

A proposta de produzir a semana acadêmica, converge com assuntos já conduzidos pelo projeto de ensino *FORMA* desde 2019, que tem como objetivo discutir o espaço de formação do artista dentro e fora da universidade, compreendendo que a sua capacitação como artista extrapola o fazer manual/plástico de obras de arte, mas se apresenta, principalmente como uma consciência do lugar que ele ocupa dentro dessa cadeia produtiva que chamamos “campo da arte”, conforme coloca Divino Sobral:

[...] se você não tem condições de entender como ele funciona, você também não terá condições de propor desvios e ações nas cláusulas que regem esses comportamentos. Se você não tem condições de refutar o que dizem sobre o seu trabalho [...] você não tem condições de se inserir nas instituições com uma visão crítica.

(SOBRAL, et al. 2016)

Desta maneira, o título *Ponte: artistas e seus contextos de atuação* buscou evidenciar a relação de troca entre diferentes realidades, explorando os diversos contextos de atuação do artista contemporâneo. Portanto, enquanto organizadores buscamos experiências plurais, contando com profissionais que estão além das fronteiras da universidade, e também que transitem entre lugares (institucional e independente). Abarcando tanto jovens artistas, quanto curadores, artistas independentes, produtores culturais, profissionais do cinema, do design, arte-educadores e etc.

Devido a pandemia de covid-19 e o isolamento social, toda a programação aconteceu de maneira remota, o que possibilitou a reunião de convidados de fora de Pelotas compondo a programação.

2. METODOLOGIA

O evento surge como resultado das discussões já em desenvolvimento dentro do projeto de ensino *FORMA: Espaço de Formação Ampliada*, no qual os três autores deste texto são ministrantes. Procurando ampliar a esfera de alcance do nosso debate, surgiu no 1º semestre deste ano, a ideia de chamar profissionais das artes para tratar de assuntos que carecem de aprofundamento e maior conhecimento de causa. Junto aos integrantes do projeto, começamos a fazer um levantamento de assuntos relacionados à formalização das relações de trabalho das artes e monetização de trabalhos, ao mesmo tempo que buscamos nomes para incorporar os assuntos. Notando a diversidade de assuntos e quantidade numerosa de nomes e abordagens, consideramos pertinente ampliar a proposta para configurar essas discussões em um evento de grande porte. A partir de então, o projeto *FORMA* convidou integrantes dos projetos *PET Artes Visuais*, *Projeto Arte na Escola* e *Diretório Acadêmico das Artes Visuais* para compor a equipe de organização da 3ª edição da Semana Acadêmica Integrada das Artes.

O primeiro passo que achamos crucial em um momento tão delicado da pandemia, em que não apenas estávamos em um pico de mortes e lockdown em todo o país — reforçando ainda mais o isolamento dos indivíduos após 1 ano de crise —, mas principalmente sobrecarregados de demandas acadêmicas e esgotamento mental coletivo, foi não incorporar ao evento a submissão de trabalhos acadêmicos. Essa escolha nos abriu margem para oferecer uma programação mais diversificada e diálogo menos truncado entre os convidados e o público ouvinte.

O processo de organização do evento demandou bastante atenção e cuidado devido a quantidade de pessoas envolvidas, tanto da equipe organizadora quanto pela quantidade de convidados. Deste modo, decidimos hospedar a Semana Acadêmica no site Even3, uma plataforma virtual especializada em organização de eventos. Nela inserimos a identidade visual, o texto de apresentação do evento e a programação completa, gerenciando as inscrições dos ouvintes e também dos convidados. A semana contou com 52 convidados e 25 atividades, divididas em quatro frentes: 9 oficinas, 6 palestras, 8 mesas redondas e 2 cine-debates, sendo necessária a inscrição individual em cada atividade via plataforma Even3, como forma de controle do número de ouvintes e contabilização da presença dos inscritos para posterior confecção dos certificados de participação. Dentro das atividades oferecidas, somente as oficinas possuíam um número restrito de vagas, para melhor organização da dinâmica entre o ministrante e seus participantes, as demais atividades eram abertas para todo o público, somente sendo necessário a inscrição anterior à atividade.

Dentro dessas atividades, a preocupação central foi questionar o nosso papel enquanto alunos de um curso de artes visuais e qual o significado do título “artista visual” dentro e fora da graduação. Assim, as discussões que realizamos desdobraram essa questão a partir do viés do mercado de atuação como foco para produção de conhecimento no campo das artes, não somente como acadêmicos, mas como trabalhadores inseridos nesse sistema, como: produtores

culturais, mediadores, curadores, oficinairos, montadores de exposições, e integrantes de coletivos culturais. Felipe Scovino comenta que “o sujeito não é um artista porque desenha, esculpe ou pinta [...] Tornar o aluno hábil não o transformará em artista (...)”. (FERNANDES et. al. 2016.).

Nesse sentido, outro dado importante de se mencionar foi procurar trazer profissionais recém formados na universidade e, em sua maioria, que trabalham em Pelotas. Isso foi importante para contextualizar o cenário contemporâneo da cidade e trazer um dado de realidade para os estudantes que enxergam a cidade como uma zona estática ou infértil para produções e trabalho em artes, além de dar visibilidade a esses artistas e produções efervescentes locais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A programação do evento foi pautada em questionamentos que problematizam a formação do artista, compreendendo que não existe uma única resposta, mas sim diversas perspectivas e possibilidades de reflexões. O diálogo com diferentes mercados de atuação, dando ênfase para atuações que extrapolam o meio acadêmico, objetivou estimular os discentes à pensarem de maneira crítica sua própria formação e exercitarem sua autonomia para que ao término do curso estejam munidos de saberes e experiências que ampliem suas possibilidades diante do mercado de trabalho.

Durante o planejamento da semana acadêmica, nos preocupamos em realizar um evento que não fosse “puramente acadêmico”. A justificativa para isso foi tentar propor um espaço mais horizontal de discussão, permitindo uma aproximação entre os comunicadores e seus interlocutores através da identificação do público utilizando uma linguagem menos erudita e abordando os assuntos principalmente pelo viés das experiências profissionais dos convidados.

Deste modo, percebemos que durante a transmissão ao vivo, que contou com uma média de participação de 80 a 100 pessoas, muitos ouvintes se manifestaram no chat, comentando e fazendo diversas perguntas aos convidados, enriquecendo consideravelmente a conversa. Esse momento de troca de experiências, permitiu entender que dentro do campo da arte existem diversas dúvidas e incertezas que são recorrentes. O que possibilitou uma maior compreensão dessa estrutura impulsionando através dessa troca novas perspectivas e possíveis direcionamentos para os artistas em formação.

Ao todo o evento contou com 335 pessoas inscritas, que puderam participar das atividades conforme o interesse. As palestras, mesas redondas e cine debates seguem disponível no youtube do projeto Forma¹, pois consideramos que essas discussões tão potentes poderiam ser do interesse de diversas pessoas, mesmo que não tenham conseguido participar durante a realização do evento. Além de entender a importância de tornar acessível conhecimento de qualidade, capaz de enriquecer as discussões do campo da arte.

4. CONCLUSÕES

Enquanto atividade de extensão, suas ações justificam-se como essenciais a partir da atualização dos interesses para a criação de mais um espaço de diálogo e troca entre professores, estudantes e trabalhadores do campo da arte a fim de

¹ Vídeos disponíveis no link: <https://www.youtube.com/channel/UCvpthCGhVCRaKQiyWIVxqPA>

construir uma ponte sólida de conhecimento sobre arte e cultura local. As nossas proposições buscam contribuir no fortalecimento do exercício do pensamento crítico dos alunos, reafirmando a importância da mobilização coletiva frente às deficiências identificadas no seu processo de formação.

Mais do que um evento acadêmico, a Semana Integrada busca despertar nos estudantes um senso de autonomia frente à sua produção e oferecer repertório para que esses sujeitos consigam reconhecer o seu lugar dentro da cadeia produtiva das artes visuais e saber se posicionar diante das oportunidades profissionais. E principalmente, compreender que esse circuito só se movimenta através do esforço constante de artistas que seguem trabalhando e construindo espaços como esse, para integração, produção e troca de conhecimentos em arte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Mariana Queiroz. **Um balanço sobre o seminário Longitudes: a formação do artista contemporâneo no Brasil**. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade de São Paulo, 2016.

USP. **Longitudes: a formação do artista contemporâneo no Brasil**. Seminário realizado nos dias 29 e 30 de março de 2014 na Casa do Povo em São Paulo/SP. Acessado em 01 de agosto de 2021. Online. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-01092016-190210/publico/publicacao.pdf>

OS MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS NA LUTA PELO DIREITO À CIDADE

KAROL ROSA DE ALMEIDA¹; ROBERTA FERNANDA DOS SANTOS CUBAS²;
MELINA MONKS DA SILVEIRA³, LOUISE PRADO ALFONSO⁴

¹ Centro Universitário Ritter dos Reis – karolalmeida.arq@gmail.com

² Centro Universitário Ritter dos Reis – robertacubas.arq@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – melimonks@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A primeira edição do evento Pré-Cidades em Transe, abordou a temática “Entre planejar e viver a cidade”, foi promovido pelo Projeto de extensão “Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação”, desenvolvido no âmbito do Projeto de Pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”, vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos- GEEUR da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e pelo Projeto de Extensão “ArqUrb Comunidades”, do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter). O evento buscou estimular debates sobre planejamento e gestão urbana, regularização fundiária e patrimônio nas cidades.

A mesa intitulada “Os movimentos sociais urbanos na luta pelo direito à cidade”, realizada no dia 18 de junho de 2021, foi a segunda do evento, e teve como proposta gerar discussões acerca dos temas relacionados aos assentamentos precários, remoções forçadas, regularização fundiária, o papel das ocupações, resistência e militância.

2. METODOLOGIA

De acordo com a proposta do evento, foi estabelecido que este seria realizado de forma virtual, onde o objetivo era explorar a interdisciplinaridade e garantir outros olhares acerca da temática citada. Assim, o grupo do Projeto de Extensão ArqUrb Comunidades ficou encarregado da organização e escolha das convidadas da Mesa 02, sendo elas: Cláudia Fávaro, arquiteta e urbanista; Elis Regina, representante da Cooperativa 20 de Novembro; Ieda Rodrigues, graduanda em serviço social. A mediação foi realizada pela arquiteta e urbanista, integrante do ArqUrb comunidades, Karol Almeida.

A escolha da Cláudia Fávaro teve como intuito trazer uma visão mais técnica da Arquitetura para o debate e, ao mesmo tempo, explorar a experiência da mesma com a organização de movimentos sociais. A participação da Elis tinha como objetivo trazer um olhar da práxis dos movimentos sociais, com o relato de quem vive o movimento social diariamente. Por fim, a convidada Ieda Rodrigues, graduanda em Serviço Social pela PUCRS, trouxe sua experiência através de estágios, no atendimento às famílias em situação de vulnerabilidade social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira fala da mesa foi realizada pela Arquiteta e Urbanista Cláudia Fávaro, que começou abordando sua trajetória acadêmica. Ela cita que foi na Unisinos, Porto

Alegre, que teve seu primeiro contato com o Movimento Sem Terra (MST), pôde participar do Estágio de Vivência e Intervenção em Áreas de Reforma Agrária (EIVI), promovido pelo MST, onde teve a experiência de conhecer as famílias, morar por um período nos assentamentos e vivenciar a realidade da reforma agrária.

Após um ano de formada, Cláudia passou a coordenar o setor de habitação do MST no Rio Grande do Sul, onde teve a oportunidade de produzir seis mil moradias nos assentamentos da reforma agrária em 2009 no estado, através de programas habitacionais. Trabalhar na área da habitação exige resiliência, acerca dos desafios impostos por diversas situações: construção de muitas unidades habitacionais através da autoconstrução com pouquíssimo recurso, foi um dos desafios abordados. Dando seguimento a sua fala Cláudia lembra, que arquitetura não é supérflua, desnecessária ou somente decorativa, mas sim, algo que traz saúde, dignidade e assistência para a população.

Em seguida, a convidada expõe sobre as remoções forçadas a qual presenciou, e conta que através do embasamento na Constituição Federal de 1988, acerca do direito à moradia, que se insere nos direitos sociais previstos, (BRASIL, 1988, ART. 6º), formaram-se coordenações junto ao MST para haver intervenções na Assembléia Legislativa, na tentativa de barrar um projeto de lei de 2008 que previa a remoção das famílias do Morro Santa Teresa, em Porto Alegre. Após um longo processo envolvendo o MST, as famílias e as lideranças, conseguiu-se a vitória e o despejo não foi efetivado.

Sobre o problema do deficit habitacional, Cláudia fala sobre a função social da propriedade privada, prevista na Constituição e também citada no Estatuto da Cidade, o qual estabelece que o edifício precisa ser utilizado para cumprir sua função social (BRASIL, 2001), e ela compara muitos edifícios vazios que a cidade comporta e que não cumprem esse papel, em paralelo a muitas famílias desassistidas. A frente deste problema, ela organiza a construção do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) na cidade Porto Alegre, no período de 2014 a 2016, enquanto coordenadora.

Também é interessante como ela aborda os dois lados da Lei da Regularização Fundiária (REURB), - prevista na Lei 13465/2017, conjunto de medidas jurídicas urbanísticas, ambientais e sociais garantir o direito social à moradia o pleno desenvolvimento das funções sociais da propriedade urbana: por um lado, ela facilita o processo da regularização fundiária das áreas periféricas, mas por outro, tem o poder de regularizar também as mansões nas ilhas, morros, etc. É uma lei que tem por objetivo geral colocar a terra no mercado e fazer com que vire um ativo econômico, conclui. Ao final de sua fala, a convidada expõe que não existe mudança se não houver luta política e ainda frisa sobre o dever enquanto arquitetos/as de atuar e se apropriar dos processos da cidade para não a perdermos.

A segunda fala da mesa foi da moradora e líder comunitária do Assentamento 20 de Novembro e integrante da Cooperativa de mesmo nome, Elis Regina. A convidada começa chamando a atenção para os quarenta anos de luta frente aos movimentos sociais e explica que a Cooperativa nasceu a partir das remoções realizadas em função da Copa do Mundo de 2014, já que o assentamento urbano localizava-se próximo ao estádio Beira-Rio, sede da Copa. Elis evidencia que os/as moradores/as tinham como fonte de renda a reciclagem de resíduos gerados pelos jogos de futebol e também atuavam como cuidadores/as de carros, os/as chamados/as “flanelinhas”.

Com a remoção forçada do assentamento, começa um processo que a Elis denomina como “desterritorialização” e fala sobre uma característica bastante comum em processos de remoções de assentamentos urbanos: a falta de políticas públicas adequadas. Elis conta que no caso da 20 de Novembro, foi oferecido aos moradores

e moradoras um Bônus Moradia, no qual permitia que se mudassem para regiões que ficavam a aproximadamente uma hora e meia do local em que moravam originalmente. A partir disso, alguns moradores e moradoras resistem e decidem ocupar um prédio público da União, abandonado há quase 60 anos, localizado na Rua Barros Cassal, em Porto Alegre. Isso escancara a falta de capacidade e de diálogo dos gestores públicos, nesse caso da prefeitura, que sem interesse em negociar, abriu mão de instrumentos legais como o Estatuto da Cidade, que dispõe de diretrizes que coíbem os vazios urbanos (BUONFIGLIO; PENNA, 2011) e viabilizam a conversão dos mesmos em moradia.

Na sequência a convidada expõe a mudança na fonte de renda, já que a nova localização impede, em partes, que seus integrantes continuem exercendo a reciclagem, faz um gancho com a situação econômica e política do País atualmente, reforça que hoje a grande luta dela e das companheiras de cooperativa é de se manterem “*vivas, sem fome e sem covid*” (MESA 2, 2021) e chama atenção para o alto número de mortes da população preta no Brasil, evidenciando a desigualdade racial que assola o País.

Em relação às unidades habitacionais, chama atenção o relato da Elis sobre o que foi solicitado à arquiteta Karla Moroso, que realizou junto com os/as moradores/as um projeto para a edificação onde está localizado o assentamento: apartamentos com reboco e que não chovesse no interior, evidenciando que o déficit habitacional no Brasil não é apenas quantitativo, mas também qualitativo. Em seguida, é ressaltada a importância do arquiteto e urbanista para a sociedade e do exercício de escuta desses/as profissionais

Outro ponto importante da fala da Elis Regina se deu em relação à função social das edificações, ela chama a atenção para a quantidade de prédios, em sua maioria públicos, que estão vazios ou subutilizados no centro da cidade e explicita a necessidade de uma reforma urbana e ocupação dessas edificações sem uso. Ela traça também um paralelo entre essas edificações e o caso do Assentamento 20 de Novembro, que antigamente estava abandonado e hoje abriga cerca de 40 famílias. Ao se encaminhar para a sua explanação final, a convidada faz uma reflexão sobre o modelo de consumo atual e as condições mínimas para sobreviver durante à pandemia.

A terceira e última fala da mesa foi da graduanda em Serviço Social, Ieda Rodrigues, que começou contando sobre sua experiência em uma Organização da Sociedade Civil (OSC). Ela fala sobre a ligação entre a política de saúde e habitação, de modo que, se na moradia falta saneamento básico, falta água constantemente, possui frestas colaborando para a entrada de frio e vento e não possui banheiro, acabam por impactar diretamente na saúde da família.

Ela expõe que a OSC trabalha com o eixo da habitação, onde é composto por uma equipe de Arquitetos/as voluntários/as e Assistentes Sociais, os/as quais são responsáveis por organizar as ações nas comunidades de modo interdisciplinar. A dinâmica do atendimento ocorre a partir de uma entrevista presencial com a família, onde a mesma fala sobre os problemas de sua moradia. A visita domiciliar proporciona que os agentes voluntários/as observem de perto cada situação e dependendo da precariedade da casa, é feito o cadastramento da família no Departamento Municipal de Habitação (DEM HAB), para aguardar uma moradia de melhor qualidade.

Ieda presenciou o processo de remoção forçada das famílias moradoras de uma comunidade próxima ao aeroporto de Porto Alegre e participou de entrevistas com moradores/as e representantes da comunidade. A convidada conta que no lugar onde as famílias removidas residiam, apesar da moradia ser precária, havia creche, transporte público, e que essas questões impactam muito na percepção das famílias

de um bom local pra morar. Se aproximando do encerramento, leda evidencia a importância do trabalho desenvolvido pelo serviço social em prol da comunidade e do compromisso da profissão com a classe trabalhadora. Finalizando ela reforça que moradia digna é um direito de todos e inclusive está previsto na Constituição e no Estatuto da Cidade.

4. CONCLUSÕES

A Mesa 02 do evento foi composta em sua totalidade por mulheres, o que inevitavelmente trouxe pautas relacionadas ao empoderamento feminino, com discursos marcantes e por vezes falas emocionadas, gerando uma intensa interação com o público, que pode ser notado mediante os comentários no chat durante o evento.

A vivência de cada convidada, trouxe uma pluralidade à mesa e gerou reflexões importantes no que diz respeito a direito à cidade, movimentos sociais e planejamento urbano, onde se fez evidente a importância do papel social da/o Arquiteta/o e Urbanista acerca de todas as questões levantadas no debate, concluindo que a atuação destes/as profissionais são imprescindíveis para garantir e defender direitos, melhorias e avanço social, junto aos demais atores.

Por meio do debate, podemos perceber a relevância destes temas na sociedade, inclusive no âmbito acadêmico, se mostrando de grande importância para a formação profissional de diversas áreas. Segundo o Plano Nacional de Extensão Universitária, a diretriz Impacto e Transformação Social reafirma a Extensão Universitária como o mecanismo por meio do qual se estabelece a inter-relação da Universidade com outros setores da sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população e propiciadora do desenvolvimento social e regional, assim como para o aprimoramento das políticas públicas (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2012).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MESA 2 - Os movimentos sociais urbanos na luta pelo direito à cidade. 2021. 1 vídeo (144 min). Publicado pelo canal Cidades em Transe. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CeYfhK_tYgU. Acesso em: 04 ago. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Cidade**: Lei 10.257/2001 que estabelece diretrizes gerais da política urbana. 3. ed. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008.

BUONFIGLIO, Leda Velloso; PENNA, Nelba Azevedo. A luta no e pelo centro da cidade: Um estudo em Porto Alegre. **Associação Brasileira de Geógrafos**, Porto Alegre, RS, Brasil. v.X, n. 37, p. 117 – 127, 2011.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras / **Política Nacional de Extensão Universitária**. 2012.

Um Museu Virtual para o Patrimônio Imaterial: o caso do Museu Polo Morro Redondo

LAILA DA SILVA OLIVEIRA¹; FRANCISCA FERREIRA MICHELON²; JOÃO FERNANDO IGANSI³

¹Universidade Federal de Pelotas – fostertheoliveira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fmichelon.ufpel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - fernandoigansi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o trabalho desenvolvido no projeto de extensão “Museu Virtual Gestão Integrada do Patrimônio Cultural” e a sua importância na preservação de patrimônio cultural. O Museu Virtual GIPC, criado sobre o projeto arquitetônico “Laneira Casa dos Museus¹”, é um espaço na internet destinado à divulgação do patrimônio cultural pelotense, em especial o que está de posse da UFPel. Neste momento, ele foi vinculado ao projeto do Polo Morro Redondo da Cátedra Unesco-IPT Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território. O projeto de criação do Polo é uma iniciativa que associou a UFPel, UCPel e Prefeitura de Morro Redondo com os objetivos desta Cátedra Unesco que tem por base a gestão sustentável das paisagens culturais. O Polo Morro Redondo é um estudo de caso que tem como vetor transversal de gestão o Patrimônio Cultural.

2. METODOLOGIA

O arquivamento material de patrimônio cultural e a busca por memória, na contemporaneidade, acabou por não conseguir fugir da digitalização e da tecnologia, visto o contexto temporal vigente (GRIMALDI, LOUREIRO E MIRANDA, 2019). Em um mundo quase completamente conectado, seria um desperdício não usufruir das infinitas possibilidades e potencialidades do ciberespaço. Levando em conta a falta de oportunidade na construção de um espaço físico para mostras e exposições do patrimônio cultural - material e imaterial - vinculados ao Polo Morro Redondo da Cátedra Unesco-IPT Humanidades e gestão cultural integrada do território, foi idealizado um projeto interdisciplinar onde comunidade, alunos e colaboradores desenvolveram um Museu Virtual, o GIPC.

A galeria GIPC, como é conhecida, foi modelada a partir da área do projeto arquitetônico do Museu da UFPel, localizado no prédio da extinta fábrica Laneira Brasileira S.A. Desenhado de acordo com as características do espaço fabril, o Museu Virtual propõe a virtualização de um espaço existente em sua materialidade como conceito, como uma proposição acadêmica, cultural e social, não constituída. Durante um semestre, alunos bolsistas dos cursos de Engenharia da Computação, Cinema de Animação, Arquitetura e Urbanismo, Conservação e Restauro e Memória Social e Patrimônio Cultural trabalharam em equipe para trazer o projeto à vida, integrando extensão, pesquisa e ensino.

¹Projeto subsidiado pela profa. Francisca Ferreira Michelin, o qual pretendia designar parte do complexo fabril Laneira Brasileira S.A, adquirido pela UFPel em 2010, para a recepção do Museu Carlos Ritter e a implantação do Museu de Arqueologia e Antropologia e do Museu da UFPel, além do Memorial da Laneira.

Além dos docentes e discentes que trabalharam no projeto, a comunidade de Morro Redondo também se fez muito presente em sua construção, sendo sempre consultados sobre pautas de exposições e mostras, suas contribuições foram fundamentais durante todo o processo.

[...] O elo direto entre a universidade e a sociedade, permite uma produção coletiva de conhecimento com potencial para promover desenvolvimento econômico, social, cultural e político e avaliação/retorno à universidade sobre como as discussões mantidas em seu âmbito interno são capazes de atender às reais necessidades da sociedade, validando ou não o conhecimento para além de seus muros (MORAIS, 2015).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a parceria interdisciplinar, a galeria do Museu GIPC foi ao ar em comemoração ao aniversário da cidade de Morro Redondo, no dia 12 de maio de 2021, dentro do site da Gestão Integrada Do Patrimônio Cultural De Morro Redondo². A live de lançamento contou com a presença da municipalidade de Morro Redondo (prefeito, vice-prefeita e secretário de educação, cultura e desporto) e com o líder da Cátedra, o professor do Instituto Politécnico de Leiria Luiz Oosterbeek.

O agora espaço virtual conta com a exposição Morro Redondo: Paisagens, onde somos apresentados às fotografias e textos produzidos a partir e sobre as muitas paisagens da cidade, os modos de vida e trabalho, o empreendedorismo, o patrimônio cultural, o turismo, as tradições e a diversidade da região.

Figura 1: exposição Morro Redondo: Paisagens



Fonte: *print screen* da Galeria GIPC

² <https://wp.ufpel.edu.br/gipc-morroredondo/>

Mais à frente, serão lançados vídeos roteirizados e montados pela atual bolsista de extensão do projeto, em parceria com a bolsista de pesquisa Rayza Roveda Ataides e a comunidade de Morro Redondo, acerca de relatos contados por moradores da cidade. Com o início em agosto, se dará a abertura de uma série audiovisual na galeria, onde mensalmente será lançado um vídeo de moradores entrevistados pelos coordenadores do projeto, os professores Francisca Ferreira Michelin e João Fernando Igansi. Entre os temas abordados, respectivamente, estão: Gastronomia Colonial, Famílias Doceiras, Arquitetura Colonial, Museu Histórico de Morro Redondo, Dia da Criança e do Idoso e Comunidade Quilombola Vó Ernestina. Por conta da pandemia, todo o contato teve de ser virtual, ou seja, as entrevistas tiveram de ser gravadas por videoconferências, incluindo as reuniões de equipe. No entanto, o progresso do trabalho não foi afetado, apenas readequado para as necessidades do momento atual.

O projeto tem como objetivo lançar ao menos duas exposições por ano e integrar ainda mais a comunidade de Morro Redondo e a acadêmica, promovendo também a interdisciplinaridade e o diálogo entre pesquisador e objeto de estudo.

4. CONCLUSÕES

Por ser um projeto muito recente, homologado no final de 2020, tudo ainda é muito novo e experimental. Internautas que visitaram a galeria e responderam ao formulário de opinião sobre a visita à Galeria, relataram uma certa dificuldade no manuseio do passeio. No entanto, é um projeto de extrema inovação tanto para a Universidade Federal de Pelotas, quanto para uma cidade do interior como Morro Redondo. Por ser um município rural e de uma população majoritariamente idosa, o Museu Virtual GIPC é fundamental na promoção de ações culturais e de preservação de memória, democratizando ainda mais o acesso e a popularização do patrimônio cultural regional, através da internet.

Além das questões de preservação cultural, também é importante destacar o diálogo que se abriu entre universidade e comunidade. É fato que poucos trabalhadores do meio rural tiveram acesso ao ensino superior, muitos sequer possuíram algum contato com a academia. O Museu Virtual foi todo pensado em como trazer visibilidade a essas histórias e em como podemos integrar essa população à construção do projeto.

Por fim, a interdisciplinaridade proporcionada pelo projeto é enriquecedor para o currículo do aluno, tanto pela troca de saberes quanto pela possibilidade de novas conexões. Por ser uma iniciativa ligada ao Polo Morro Redondo da Cátedra Unesco-IPT Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território, abre-se uma janela de visibilidade e troca internacional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRIMALDI, S. S. L.; LOUREIRO, J. M. M.; MIRANDA, M. K. F. O. Patrimônio cultural digital: novas configurações para a memória social. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XX ENANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123661>. Acesso em: 26 jul. 2021.

MORAIS, K. S. **Um olhar sobre o diálogo entre universidade e comunidade a partir do projeto de extensão Conexão Sisal**. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/anaiscovale/article/view/1152>. Acesso em: 27 jul. 2021

AÇÕES DE REVITALIZAÇÃO NO PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA DA ALFÂNDEGA EM 2021

LIZANDRO CARDOSO LOPES¹; BRUNO ALEXANDER²; JOÃO PEDRO LOPES³; ALENCAR IBEIRO de OLIVEIRA⁴; HEBERT ROSSETTO⁵; CLÁUDIA LEMONS e SILVA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – cardosolizandro28@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – brunoalexander82@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lopes.a.joaopedro@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – alencar.ibeiro@ufpel.edu.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – hebert.rossetto@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – lemonsclau@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de revitalização da praça surgiu a partir de uma consulta à comunidade acadêmica do Centro de Engenharias da UFPel, e à comunidade local sobre como o espaço poderia ser melhorado. Através da revitalização está sendo possível transformar o espaço, com a implantação de pergolado e do deck e ainda virão bancos, lixeiras, luminárias, requalificação de calçadas entre outras intervenções. O local oferecerá um espaço de convivência, possibilitando aulas ao ar livre, descanso e socialização a comunidade acadêmica e moradores das imediações e para a comunidade em geral.

Devido ao momento atípico em que vivemos, com uma pandemia mundial de COVID-19, o planejamento foi feito de maneira *on-line*, com pesquisas e reuniões semanais através da plataforma *Google Meet*. As obras tem sido realizadas, seguindo os protocolos pela equipe de infraestrutura da UFPel.

O presente trabalho tem como objetivo mostrar os progressos do projeto até o momento. Em sua última atualização o projeto visava “planejar e escolher os materiais mais adequados, fazer os orçamentos dos mesmos e a partir disso buscar parcerias público-privadas que possam dar suporte, sustentação e viabilidade na execução do projeto. (ALEXANDER, 2020)”.

Entre as ações de articulação, temos contado com o apoio da Prefeitura Municipal de Pelotas. A partir desta parceria, já foram disponibilizados os postes de iluminação que eram da Praça Coronel Pedro Osório e que serão adaptados para integração à Praça da Alfândega. Até o momento, foi realizada com êxito a instalação dos pergolados de madeira, e atualmente está sendo instalado o deck de madeira, ambos com investimentos da UFPel. Como próximas ações, ocorrerá a construção das três passagens elevadas e uma faixa de segurança no entorno da praça e posteriormente a requalificação das calçadas.

2. METODOLOGIA

A partir da aprovação do projeto junto à Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana (SGCMU), foi possível dar início a solicitação dos materiais que em primeiro momento foi referente aos pergolados e deck de madeira junto à UFPel que executaria a primeira etapa de intervenção. Numa segunda etapa, foi realizada uma audiência com a Prefeita e secretários municipais e nesta foram disponibilizados os postes de iluminação de 3 metros de altura, que devem

ser adaptados para o local. Em seguida iniciaram-se os estudos de localização dessas luminárias, incluindo visitas presenciais na praça para uma melhor perspectiva dos lugares mais adequados para a instalação, e inicialmente serão solicitados 13 postes de iluminação. Também foi feito o estudo e detalhamento das passagens elevadas e faixa de segurança no entorno da praça e encaminhada à prefeitura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A praça começa a ganhar um novo visual com as instalações sendo realizadas. Primeiramente ocorreu a execução dos pergolados de madeira, instalados pela equipe da UFPel em janeiro, no qual foram posicionados nas extremidades da rótula central da praça (Figuras 1). Também foi realizada a supressão de duas árvores, com a liberação da Secretaria de Qualidade Ambiental (SQA) no círculo central da praça, o qual foi necessário para a instalação do deck. Posteriormente iniciou-se a instalação do deck de aproximadamente 85.97 m². O primeiro passo foi a regularização e nivelamento da área, seguido da escavação do solo e instalação das fôrmas de madeira, as quais são utilizadas para moldar as vigas (Figura 2). Até o momento foram executadas as vigas de concreto armado que serão responsáveis por suportar a estrutura e garantir maior segurança e durabilidade da construção e também a rampa de acessibilidade com 1,30 m de largura e 6° de inclinação, obedecendo os padrões da norma NBR 9050 (Figuras 3). O próximo passo para a conclusão do deck será a instalação do piso de madeira, e quando pronto servirá para apresentações, aulas ao ar livre, palestras e atividades culturais e deve ser instalado no início do segundo semestre de 2021.

Os postes de iluminação disponibilizados, tratam-se dos antigos postes que iluminavam a praça Coronel Pedro Osório substituídos no final de abril, e estes serão adaptados pela equipe de infraestrutura da UFPel (Figura 4). Estudos de sistemas de energia solar para iluminação da praça estão sendo realizados.

O próximo passo será a construção das três passagens elevadas e uma faixa de segurança na quadra da praça. O estudo e localização desta já foi realizado pela equipe do projeto e encaminhado à prefeitura, para que assim que possível seja feita a execução (Figura 4).



Figura 1 - Pergolados instalados



Figura 2 - Terreno regularizado/nivelado e fôrmas instaladas



Figura 3 - Rampa de acessibilidade instalada

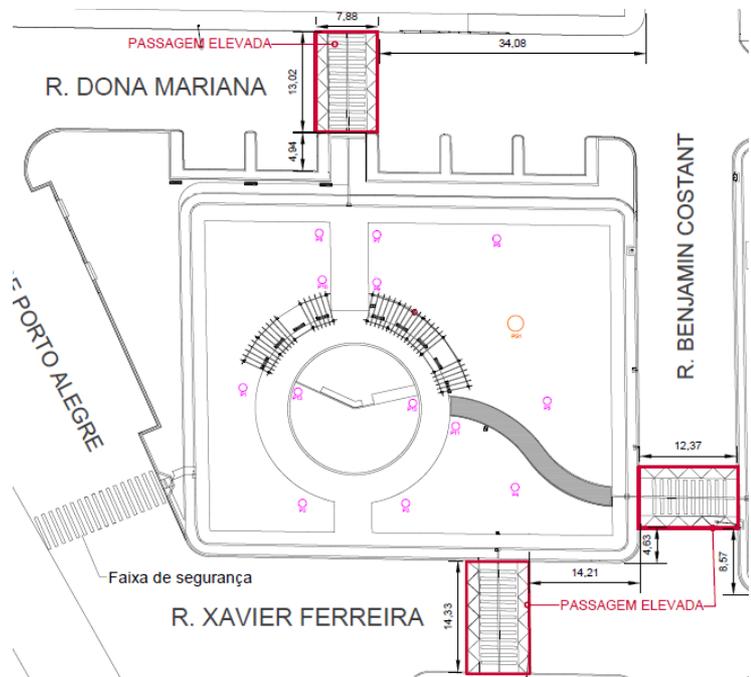


Figura 4 - Plantas de localização dos postes e detalhamento das passagens elevadas e faixa de segurança

4. CONCLUSÕES

Com o crescimento das cidades, torna-se cada vez mais importante a implantação de espaços públicos com áreas de lazer, no qual desempenham papel fundamental tanto ambiental, social e cultural, ou seja, as praças públicas, com áreas verdes e contato a natureza, passam a ser elementos necessários nesse meio urbano e de grande interesse da população, e a requalificação da praça da Alfândega já é uma realidade.

A realização do projeto proporciona uma experiência enriquecedora para os alunos envolvidos, cujos conhecimentos vão além do que é aprendido em sala de aula, podendo desenvolver suas habilidades na prática, e será uma grande contribuição para a melhoria da qualidade de vida para os alunos, a comunidade e para a cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, G. C. Consulta a comunidade do Ceng sobre a requalificação da praça da Alfândega como um novo espaço de vivência. In: **VI CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA**, 1. Pelotas, 2019, **Anais do VI Congresso de Extensão e Cultura**, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2019.

ALEXANDER, B. Proposta de orçamentação e quantificação visando viabilizar a execução do projeto de requalificação da praça da Alfândega. In: **VII CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA**, 2. Pelotas, 2020, **Anais do VII Congresso de Extensão e Cultura**, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2020.

Universidade Federal de Pelotas. **UFPel e UCPel elaboram projeto de praça linear no Porto**. Coordenação de Comunicação Social, Pelotas, 12 abr. 2019. Especiais. Acessado em 27 jul. 2021. Online. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2019/04/12/ufpel-e-ucpel-elaboram-projeto-de-pracalinear-no-porto/>

Universidade Federal de Pelotas. **Requalificação da praça da Alfândega: um novo espaço de vivência!**. Institucional, Pelotas, 15 dez. 2018. Especiais. Acessado em 27 jul. 2021. Online. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u1355>

Universidade Católica de Pelotas. **UCPel apresenta projeto de requalificação para a praça da Alfândega**. Pelotas, 27 set. 2019. Especiais. Acessado em 27 jul. 2021. Online. Disponível em: <https://ucpel.edu.br/noticias/ucpel-apresenta-projeto-de-requalificacao-para-a-praca-da-alfandega>

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA CONSTRUINDO PONTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UM PROJETO COM PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE VECHTA - ALEMANHA

LUCAS RAPHAEL DA COSTA QUEIROZ¹; GABRIELA DIEL DE ARRUDA²;
JULIANA DIEL DE ARRUDA³; ÍRIS PAHMEIER⁴; MICHAEL BRAKSIEK⁵;
MATEUS DAVID FINCO⁶;

¹Universidade Federal da Paraíba – psi.lrcq@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gdarruda@ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – julianaddearruda@gmail.com

⁴Universidade de Vechta – michael.braksiek@uni-vechta.de

⁵Universidade de Vechta – iris.Pahmeier@uni-vechta.de

⁶Universidade Federal da Paraíba – mateus.finco@academico.ufpb.br

1. INTRODUÇÃO

As instituições educacionais brasileiras, em especial de Ensino Superior, cumprem função importante em nossa sociedade através das suas diversas ações promovendo e facilitando processos de ensino e de aprendizagem (CURY *et al.*, 2019; SILVA *et al.*, 2020).

No ano de 2020 o projeto de extensão “Cooperação Internacional Brasil e Alemanha: movimento de integração” (IN-MOVE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desenvolveu diversas ações extensionistas que abordaram temáticas referente à extensão universitária, trabalho coletivo, a importância da língua Inglesa e majoritariamente a mobilidade acadêmica e internacionalização. Conforme RIBEIRO; AFONSO (2021) a internacionalização começa a ter destaque a partir da década de 1980 por meio de programas acadêmicos internacionais e a oferta de oportunidades de estudar outros países. A globalização atua como agente convergente para a internacionalização no Ensino Superior (RIBEIRO; AFONSO, 2021). Portanto, o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico / *Deutscher Akademischer Austauschdienst* (DAAD) pode ser caracterizado como um desses programas.

Neste sentido, o projeto IN_MOVE atuou com o intuito de despertar o interesse de seus membros (alunos de graduação e pós-graduação das Universidades Federais da Paraíba - UFPB; e de Pelotas - UFPel) a fim de sensibilizar e ampliar os horizontes desses, mas também da comunidade em geral através dos eventos realizados, trabalhos publicados e apresentados.

Ao final do ano de 2020, após meses de trabalho coletivo do projeto IN_MOVE (estudos sobre a Alemanha, palestras ministradas, trabalhos publicados), como produto final e combustível para novos trabalhos em 2021, os membros começaram a investigar potenciais universidades, programas e projetos para que se desse início a novas colaborações e trocas de experiência, elementos os quais são essenciais para candidatar-se aos programas do DAAD. Neste sentido, membros do IN_MOVE instigaram-se por um projeto intercultural sobre o conceito de corpo da Universidade Vechta (Alemanha). Portanto, o objetivo deste trabalho é relatar como se deu o processo de contato com os professores da Universidade de Vechta e descrever um pouco do que se trata o projeto.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência referente a diversas experiências acadêmicas desenvolvidas de 2020 a 2021, durante a pandemia, através de contatos online com professores da Universidade de Vechta, na Alemanha, e de um projeto intercultural de extensão e pesquisa sobre o conceito de corpo.

Os participantes neste estudo são três membros e o coordenador do projeto IN_MOVE, somados aos dois professores da Universidade de Vechta.

O primeiro contato foi realizado no mês de novembro via e-mail. Entre os meses de novembro (2020) e janeiro (2021) foram feitas diversas trocas de e-mail e duas videoconferências. O convite para que se fizesse uma reunião virtual foi de interesse dos professores alemães e através desta oportunidade os membros puderam conhecê-los e delinear como iria se desenvolver o projeto intercultural. Em todo esse processo, dúvidas foram sanadas, um cronograma foi traçado e um seminário interno realizado sobre a temática. O projeto consiste em validar um instrumento sobre conceito de corpo, o Questionário sobre auto-descrição física (*Physical Self Description Questionnaire* - PSDQ) e posteriormente coletar dados para um estudo intercultural com os alemães.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora o processo de apresentação e envio de e-mails para alguém de outra cultura possa ser um desafio, o projeto IN_MOVE durante o ano de 2020 preparou seus integrantes para este momento, com reuniões inteiramente no idioma inglês, atas redigidas em inglês, oficinas para construção de cartas de motivação e e-mails e até mesmo uma palestra ministrada pelos membros em língua inglesa com tradução simultânea pelos mesmos.

O primeiro e-mail ocorreu no mês de outubro de 2020 com apenas dois pequenos parágrafos, um de apresentação pessoal e outro com a indicação do interesse de firmar uma colaboração entre Brasil e Alemanha. A resposta foi positiva e no início de novembro foi marcado o primeiro encontro virtual. De novembro de 2020 a abril de 2021, o grupo trabalhou com a tradução do questionário original em inglês para português e também a versão adaptada em alemão também o português. O questionário adaptado para o português foi enviado aos professores alemães que analisaram juntamente com um professor que conhecia o idioma português brasileiro. Com o retorno do instrumento revisado, o grupo deu início ao processo de coleta de dados piloto para refinar o questionário.

O seminário ocorreu em março de 2021, no qual os membros apresentaram artigos sobre conceito de corpo. O mês de julho e agosto será destinado à coleta de dados piloto e lapidação do instrumento para validação. A meta para o ano de 2021 é validar o instrumento em colaboração com os professores alemães e no início do ano de 2022 realizar o estudo intercultural.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que a promoção de projetos, que possibilitem a interação com outras culturas, oportuniza aos indivíduos um modo de análise mais crítico da sociedade, faz com que o mesmo vença desafios e emancipe suas ideias. O projeto IN_MOVE promoveu estes elementos em seus membros, encorajando-os a buscar e ampliar novos horizontes no meio acadêmico, profissional e pessoal. O processo de interação com professores de outro país e a evolução de uma ideia para um projeto em desenvolvimento, marca a vida acadêmica destes sujeitos e os

impulsiona a produzir conteúdos que colaborem para o avanço de suas áreas e contribuam para a sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, S. P. *et al.* Extensão Universitária, economia solidária e geração de oportunidades no contexto da covid-19: uma visão a partir de três experiências concretas no território brasileiro. In: CORSEUIL, C. H. L. **Mercado de trabalho: conjuntura e análise** / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Trabalho. Brasília: Ipea: Ministério do Trabalho. 2020. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10189/1/bmt_69_ExtUniv.pdf Acesso em: 10 jul. 2021.

CURY, M. T. F.; CASTRO, I. R. G.; CASTRO, L. M. C. A trajetória da extensão universitária no Instituto de Nutrição da UERJ no período de 1990 a 2014. **Interagir: pensando a extensão**, n. 22, p. 13-31, fev. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/interagir/article/view/25111/20116> Acesso em: 10 jul. 2021.

RIBEIRO, J. A. B.; AFONSO, M. R. Entre partidas e chegadas: as possibilidades da mobilidade acadêmica para a formação inicial em Educação Física. **Motrivência**, v. 33, n. 64, 2021.

NÚCLEO DE ESTUDO SOBRE O TRABALHO DO ATOR EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

MANUELA TATIANA GARCIA¹; BÁRBARA SCOLA LOPES DA CUNHA²;
GISELLE MOLON CECCHINI³.

¹ Universidade Federal de Pelotas-UFPEL – manu.artescenicas@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas-UFPEL– barbaraslounha@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas-UFPEL– giselle.cecchini@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido intitulado *Núcleo de estudo sobre o trabalho do ator: em tempos de isolamento social* aborda a interface entre a extensão e o ensino, focalizando o percurso da investigação teórica no campo da atuação teatral desenvolvido na ação *Núcleo de estudo sobre o trabalho do ator/da atriz* que está em andamento no projeto de extensão *Núcleo de Teatro UFPEL*. Este trabalho contempla a área do Teatro, se caracteriza como grupo de estudo, de natureza ensino e afirma a indissociabilidade entre o ensino, a extensão e a pesquisa.

O *Núcleo de Teatro UFPEL* é um projeto estratégico de extensão da Universidade Federal de Pelotas, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura-PREC, tem como coordenadora a profa. Dra. Giselle Cecchini e como bolsistas as acadêmicas do Curso de Licenciatura em Teatro Bárbara Cunha e Manuela Garcia. A ação tem como objetivo sistematizar um estudo sobre a atuação cênica. E desta forma, oportunizar ao grupo uma abordagem histórica e crítica do ator como agente da ação na cena teatral, virtual e digital promovendo a qualificação dos artistas participantes e aprofundando conhecimentos, que nesse momento, de isolamento social, devido à pandemia de Covid-19, se encontra frente à necessidade de reinventar-se. O grupo de estudo está aberto à comunidade, mostrando-se efetivo como atividade extensionista e revelando-se atuante frente à sociedade com a intenção de qualificação do artista e formação de público.

O primeiro questionamento diante ao grupo foi por onde começar o estudo do trabalho do ator neste momento pandêmico, em que nos perguntamos sobre nosso papel agora diante das câmeras, de forma virtual, e não diante do público de forma presencial. Com a abordagem histórica, vemos que o ator foi mudando no decorrer dos tempos, transformando sua atuação e respondendo às necessidades de sua época, ou seja, refletindo, objetando, contestando, contrapondo a sua realidade.

Nesse sentido, devido ao momento pandêmico, o ator do ano de 2019 é o mesmo de 2020 e 2021? Refletimos que estamos num atravessamento de muitas mudanças, em busca de aprendizagens diferentes e urgentes, entremeio a outras linguagens, para podermos seguir existindo como atores. “O isolamento social nos proporcionou voltar para a casa, voltar para dentro, ver coisas que não víamos mais e repensar”, diz o ator Cacá Carvalho, na sinopse da apresentação da peça *Ítaca*, 365, ap. 23, espetáculo audiovisual cujas cenas foram estruturadas dentro da casa do próprio ator. Diante destes deslocamentos decidimos estudar Stanislávski. Mas

por que estudar Stanislávski em tempos de pandemia? Assim como na citação de Cacá Carvalho vivenciamos a necessidade de nos (re) inventar, de retornar para casa, de permite-se à escuta. A questão principal para Stanislávski é a inspiração. Como podemos criar em nossas casas uma atmosfera para que possamos trabalhar os nossos corpos e mentes para a criação? O trabalho do ator, segundo Stanislávski é sempre o meio de uma criação original. Para o encenador pedagogo o ator é o criador. Através do seu sistema, o ator traça caminhos de possibilidades, anterior a sala de ensaio, e descobre no seu material criador que a palavra principal é o verbo. O ator em ação a partir de estímulos para a descoberta do seu verbo de criação. No capítulo II, *Quando atuar é uma arte*, do livro *A preparação do ator*, Stanislávski coloca:

Não se pode criar sempre subconscientemente e com a inspiração. A nossa arte, portanto, nos ensina, antes de mais nada, a criar conscientemente, pois esse é o melhor meio de abrir caminho para o florescimento do inconsciente, que é a inspiração. Quanto mais momentos conscientemente criadores vocês tiverem nos seus papéis, maiores serão as possibilidades de um fluxo de inspiração (STANISLÁVSKI, 2013, p. 43).

A diretora e pesquisadora do centro latino-americano de Estudos sobre Stanislávski, Elena Vássina, coloca que os princípios do sistema visam o aprimoramento do ator, a expansão da experiência espiritual e emocional para que o artista seja um conhecedor de si, de seu pensamento na busca mais profunda da arte, despertando a personalidade da criação. Para isso, é preciso vivenciar experiências com o seu corpo e ter o conhecimento e a compreensão do próximo como de si mesmo. Quando nos reunimos no *Núcleo de estudo sobre o trabalho do ator* partilhamos momentos da cena virtual e remota; trabalhos de artistas diversos, dos colegas, seminários que estão em acontecimento, referências bibliográficas. As principais leituras são dos livros: *A preparação do Ator* e *A construção da personagem* (STANISLÁVSKI, 2013). A partir de todos esses conhecimentos, nos questionamos atentos: de que forma criar um ambiente de estudo que seja provocador? Como manter a chama acesa das relações humanas e do trabalho criador em formato remoto? Qual a melhor forma de articular a ação de ensino com a extensão e a pesquisa, em tempos de isolamento social?

2. METODOLOGIA

No dia 15 de abril de 2021, foi lançado o cartaz nas redes sociais e no Blog do *Núcleo de Teatro UFPEL* anunciando a ação. Nos chamamentos, o formulário de inscrição foi disponibilizado para a comunidade interna e externa da UFPEL, como atividade no formato remoto. A ação *Núcleo de estudo sobre o trabalho do ator/da atriz* iniciou-se no dia 03 de maio de 2021. Os encontros síncronos acontecem às segundas-feiras, pela manhã e estão previstos até o dia 29 de novembro de 2021. Nas atividades assíncronas, o grupo é convidado a assistir diferentes espetáculos online, que são disponibilizados gratuitamente. Os temas sobre a atuação teatral são trazidos para sala em constante diálogo com as leituras realizadas. O grupo desenvolve os seus encontros a partir do estudo e estímulo da prática da leitura.

Neste momento, a partir dos livros *A Preparação do Ator* e *A Construção do Personagem* (STANISLÁVSKI, 2013), a investigação acontece na perspectiva das rodas de conversa e contempla o viés contemporâneo, performativo e audiovisual que se encontra o ator nesse momento de pandemia de Covid-19. Os encontros são ministrados de forma online via plataforma ZOOM, 50 % no modo síncrono e 50 % no modo assíncrono.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação definida como grupo de estudo de natureza ensino surge em resposta e é decorrente do curso de natureza extensão, oferecido no segundo semestre de 2020, de forma online. Neste ano de 2021, a ação é constituída por alunos do Centro de Artes oriundos dos cursos de Licenciatura em Teatro, Dança e Música, alunos da UFPEL de outros campos do conhecimento, tais como: Letras, Relações Internacionais e Psicologia, alunos egressos e comunidade externa da UFPEL. Percebemos que com a disponibilidade do curso no formato remoto, podem-se juntar ao grupo de estudo, artistas de outras cidades e estados, como: São Lourenço do sul, Curitiba (Paraná), Santa Catarina, Rio Grande, Porto Alegre, Goiás. Outra percepção que tivemos ao longo das atividades foi que, devido a todos os fatos que estão ocorrendo no Brasil e no mundo com relação à pandemia, a ação se realiza em um ambiente de saúde, onde os participantes conversam sobre as expressões artísticas que estão sendo em formato virtual e remoto, sobre os seus experimentos, seus afectos e partilhas de pesquisa e estudo sobre o trabalho do ator que amplia e qualifica o seu campo de conhecimento. Os diálogos em torno do tema e o aprofundamento do conhecimento são repassados pelos integrantes do Núcleo para os seus pares e alunos valorizando o percurso de cada participante e enriquecendo os encontros com questionamentos sobre o conteúdo teórico.

No grupo permeiam diálogos que se entrelaçam com a ação de pesquisa *Núcleo de treinamento e processos de criação*, ação também desenvolvida pelo *Núcleo de Teatro UFPEL*. A partir das ideias de Stanislávski, o ato criador nunca é estático, está sempre em uma constante evolução. O sistema abrange tanto os princípios, quanto os exercícios práticos de atuação, no qual precisam ser abordados de maneira consciente para que se mantenha alerta à natureza criativa do ator. Devido a isso, a ação do *Núcleo de Treinamento* é transpassada pelas leituras que fazemos sobre Stanislávski, muitas ideias são trocadas entre os dois núcleos. As duas ações se complementam incitando a energia inspiradora uma na outra. E quais são os nossos desejos como atores? Os questionamentos acerca do trabalho do ator em tempos de isolamento social são trazidos para o Caderno de Estudo. O diálogo entre as ações de ensino, extensão e pesquisa com os seus participantes revelam a aproximação do *Núcleo de Teatro UFPEL* com a sociedade.

Nossa arte requer que a natureza inteira do ator esteja envolvida, que ele se entregue ao papel, tanto de corpo como de espírito. Deve sentir o desafio à ação, tanto física, quanto intelectualmente, porque a imaginação, carecendo de substância ou corpo, é capaz de afetar por reflexo, a nossa natureza física, fazendo-a agir. Esta faculdade é da maior importância em nossa técnica de emoção. Portanto: cada movimento que vocês fazem em cena, cada palavra que dizem, é resultado da vida certa das suas imaginações. (STANISLÁVSKI, 2013 p. 103)

4. CONCLUSÕES

Estamos vivenciando o terceiro semestre do Curso de Licenciatura em Teatro em formato remoto devido à pandemia de Covid-19. Vislumbramos que este acontecimento nos atravessa profundamente agregando aos nossos conhecimentos novos olhares e perspectivas sobre a atuação. Acolher uns aos outros no grupo de estudo nos coloca em estado potencial sobre o tema do trabalho do ator sobre si mesmo. Ler juntos as referências teóricas nos proporciona vivenciar e criar a possibilidade de mundos possíveis. O conteúdo nos cruza, afeta e transforma a partir dos questionamentos do vivido em conjunto. A iniciativa de reunir um grupo de estudo em torno do trabalho do ator cria uma dinâmica sobre o tema, aprofunda e multiplica o alcance da matéria de estudo. A ação é relevante pela propagação do conhecimento dentro do projeto de extensão e em formato remoto cuja possibilidade amplia a qualificação de artistas e a formação de público para além do âmbito da universidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CENAWEB. **Ítaca. 365 ap. 23- A íntima odisseia de Cacá de Carvalho.** Teatro em Movimento e Teatro Em Mov Digital. 2020. Acessado em 02 de agosto de 2021. Online. Disponível em: <https://teatroemmovimento.com.br/itaca365apto23/>

CLAPS. Centro Latino-americano de pesquisa Stanislávski. **Konstantin Stanislávski e a "vida do espírito humano" na atuação cênica-** Encontro com Elena Vássina (USP). Acessado em 02 de agosto de 2021. Online. Disponível em: <https://www.facebook.com/ClapsStanislavski/videos/553499525656709>

STANISLAVSKI, C. **A Preparação do Ator.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

STANISLAVSKI, C. **A Construção da Personagem.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2013.

VÁSSINA, E.; LABAKI, A. **Stanislávski – Vida, Obra e Sistema.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 2016.

RUAS DE LAZER E O PROCESSO DE PACTUAÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS E A PREFEITURA DO MUNICÍPIO: UM ESTUDO DESCRITIVO

MARCOS PAULO DE OLIVEIRA DA SILVA¹; ITALO FONTOURA GUIMARÃES² ;
VIVIAN HERNANDEZ BOTELHO³; GUSTAVO DIAS FERREIRA⁴; INÁCIO
CROCHEMORE SILVA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – marcospaulosilva1208@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fguimaraes.italo@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – vivianhbotelho@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – gusdiasferreira@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – inacio_cms@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A partir da Constituição nacional de 1988, o lazer passou a ser direito social de todos os cidadãos brasileiros, sendo assegurado em praticamente todas as constituições estaduais e Leis Orgânicas dos municípios (MARCELLINO, 2008). Segundo Saldanha Filho (2006), as políticas públicas acerca do esporte estão em pauta nos últimos anos, tendo em vista atender à crescente demanda social de atividades de lazer para o tempo livre da população. Junto a isto, atribui-se a necessidade de integrar a atividade física no cotidiano da população como meio de promover a qualidade de vida.

Programas como o Ruas de Lazer (originados na década de 70) ainda hoje são iniciativas de secretarias municipais de esporte, lazer e recreação, com o objetivo de oferecer à população a oportunidade de organização, execução para desfrutarem de atividades de lazer e recreação nas ruas de suas cidades (DA COSTA, 2015). E nesse sentido, a cidade de Pelotas vem realizando iniciativas voltadas ao lazer e à mobilidade urbana (PELOTAS, 2019). Assim, com o objetivo de criar espaços públicos de lazer temporários nos bairros da cidade por meio do fechamento de ruas para trânsito de veículos e proposição de atividades de lazer, nasce a ideia do projeto de extensão Ruas de Lazer, o qual é liderado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em parceria com a prefeitura do município.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é apresentar a proposta do modelo lógico de intervenção do projeto Ruas de Lazer, assim como descrever o processo de pactuação entre UFPel e prefeitura municipal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Estudo descritivo de cunho qualitativo, utilizando como métodos a técnica de observação participante. A produção dos dados ocorreu entre fevereiro e julho do ano de 2021, durante as três etapas iniciais de planejamento e pactuação do projeto: 1) proposição e pactuação interna na UFPel; 2) pactuação da UFPel e Prefeitura Municipal e, 3) Formação do Comitê Gestor do Projeto. Nesse contexto, foram registrados os objetivos dos encontros, as estratégias de formação de parcerias com o município da cidade e o planejamento inicial da implementação de atividades da UFPel e prefeitura. Por fim, o modelo lógico foi proposto de

acordo com Kellogg (2004), sendo pensado a partir dos resultados de curto e longo prazo a serem atingidos, e a partir dessa lógica, organizar aspectos relacionados aos produtos e estrutura do projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira etapa consistiu em uma apresentação preliminar da proposta do projeto Ruas de Lazer, avaliando recursos e possibilidades que ocorreu em fevereiro de 2021 entre os alunos integrantes do programa de pós-graduação em Educação Física da UFPel e juntamente com os professores representantes da Pró Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), também da UFPel. Com o delineamento inicial da proposta, o projeto foi submetido ao Conselho de Extensão da Escola Superior de Educação Física (ESEF) e ao Conselho Coordenador do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (COCEPE) da UFPel.

A segunda etapa do planejamento se deu através da apresentação do projeto para Prefeitura de Pelotas com objetivo de formalizar a parceria entre UFPel e prefeitura, assim como a proposição de possíveis atividades e cooperação entre algumas secretarias da cidade (visando o desenvolvimento dos eventos) e planejamento para início efetivo do projeto.

Através da parceria entre UFPEL e Prefeitura de Pelotas, um comitê gestor foi criado, com o intuito de viabilizar e organizar o trabalho a ser feito, completando a última etapa de planejamento do projeto. Este comitê foi composto por representantes da UFPel e de secretarias da cidade que possam contribuir para o desenvolvimento do projeto. A partir da criação do comitê gestor, estratégias de ações foram desenvolvidas, como a definição das localidades onde serão realizadas o projeto, juntamente com as estratégias de consulta e pactuação com as associações de bairro.

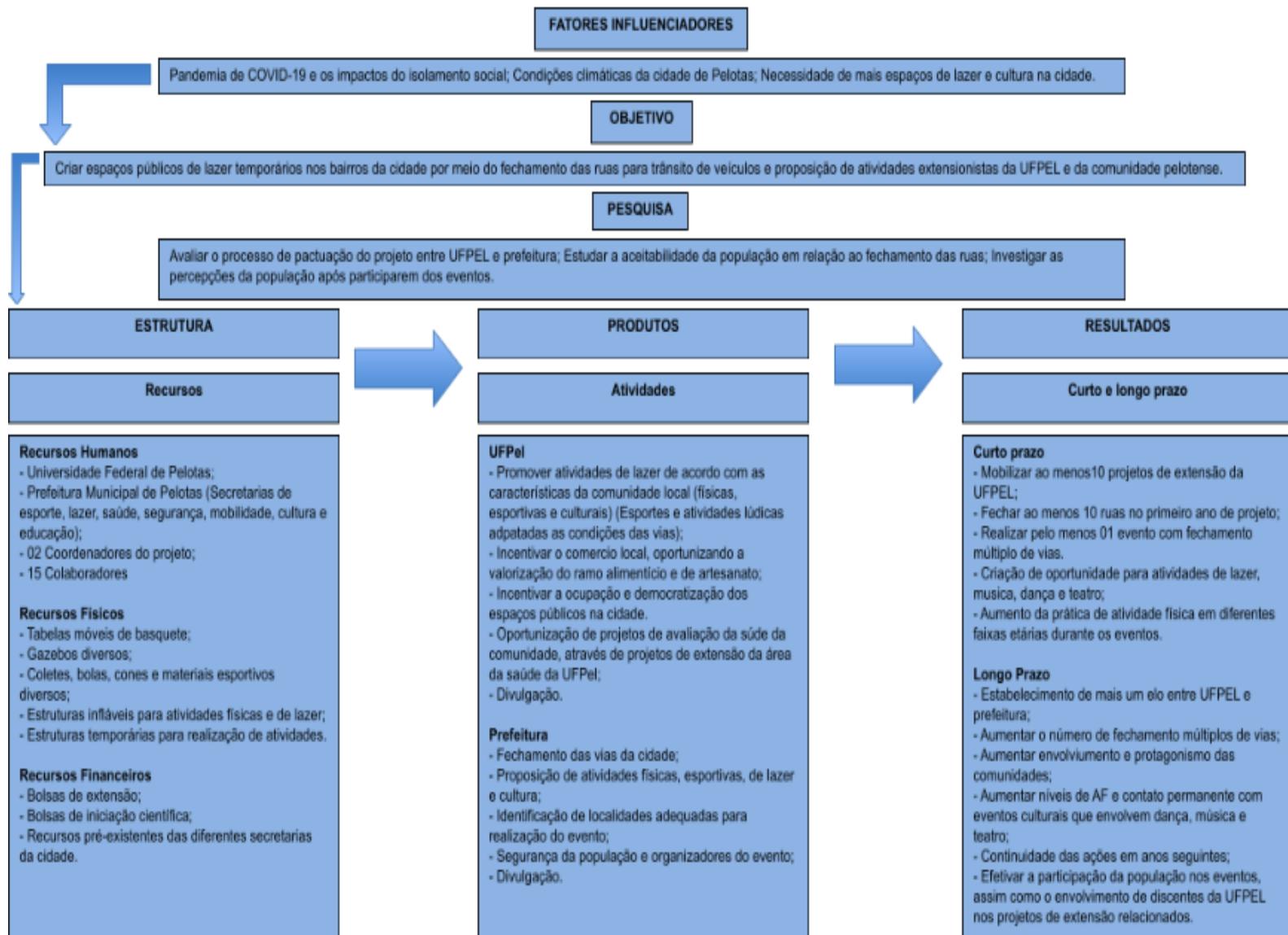
O modelo lógico (Figura 1) apresenta as atividades a serem desenvolvidas no projeto Ruas de Lazer, que irão consistir em fechamento das ruas para o trânsito de veículos e proposição de atividades de cunho cultural e de lazer (da UFPel, prefeitura e lideranças de bairro) para a população. Para isso, como proposta preliminar, as vias da cidade deverão ser temporariamente fechadas aos domingos (manhã e tarde), com intervalo de 14 dias entre os eventos, dentro das vias listadas será fechado para o trânsito de veículos automotores e receberia o projeto ruas de lazer. Destaca-se que o período pré fechamento das ruas demandará um trabalho intensivo de divulgação das atividades para o evento não ser uma surpresa para a população, desta forma, atividades de divulgação serão realizadas e, junto a isso, coletas de dados serão realizadas, com amostra aleatória, composta por residentes próximos aos locais onde serão realizadas as atividades, visando investigar as percepções da população antes e após o fechamento da rua.

Através da proposta de modelo lógico, alguns resultados de curto prazo são esperados, como por exemplo, a criação de oportunidades para atividades de lazer, oferta de atividades culturais que envolva música e dança, aumento da prática de atividade física em diferentes faixas etárias, assim como mobilização de projetos de extensão da UFPel e a realização de pelo menos um evento com fechamento múltiplo de ruas na cidade. Além disso, pensando em um desenvolvimento de projeto a longo prazo, resultados como aumento do número de fechamento múltiplo de vias, aumento do envolvimento e protagonismo das comunidades, aumento de níveis de atividade física e o contato permanente com eventos culturais que envolvam a dança, música e teatro, são esperados.

A partir do modelo proposto, destaca-se o processo de consulta à comunidade onde acontecerão os eventos, assim como a possibilidade da oferta de atividades advindas da universidade e também dos moradores dessas localidades. Eugenio (2020) descreve que o envolvimento dos moradores em programas que visam fechar ruas e ofertar atividades de lazer e cultura, pode ser configurado como um fator contribuinte para o sucesso em atingir os resultados almejados.

Sabe-se que no Brasil, o extinto Ministério das Cidades propôs a Lei 12.587/2012, aprovada em janeiro de 2012, a qual define que municípios com mais de 20.000 habitantes deveriam implantar políticas de mobilidade urbana, visando sustentabilidade e saúde (IBGE, 2020). Nesse sentido, compreende-se que impactos positivos advindos de programas como o “Ruas de Lazer”, têm um potencial de melhora nas condições de vida e saúde populacional. A Política Nacional de Promoção de Saúde (BRASIL, 2009), dentre diversos fatores, também contempla o incentivo a ações que visem aumentar a coesão social, possibilitando à população apropriar-se de um espaço público de qualidade, promovendo atividades relacionadas aos seus interesses, como por exemplo música, teatro e práticas corporais.

Figura 1. Modelo lógico de intervenção do Projeto Ruas de Lazer em Pelotas.



4. CONCLUSÕES

Conclui-se que o projeto Ruas de Lazer da cidade de Pelotas, ainda em etapa de planejamento, visa oferecer atividades de lazer, música e cultura em um período após distanciamento social, assim como oportunizar a democratização de espaços públicos para o uso da população através das atividades propostas. O projeto é liderado por um comitê gestor composto por lideranças da UFPEL e Prefeitura de Pelotas e tem nessa característica um potencial relevante na criação de vínculo entre universidade e gestão pública.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – 3. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_3ed.pdf>. Acesso em: 10 maio de 2021.

DA COSTA, Alan Queiroz; SAMPAIO, Corine Martins. Programa Ruas de Lazer da Prefeitura de São Paulo: Modernização na Gestão Pública do Esporte e Lazer. *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*, v. 4, n. 2, p. 43-57, 2015.

EUGENIO, J. Os traçados históricos das Ruas de Lazer presentes na “abertura” da Avenida Paulista: The historical marks of the Leisure Streets present at the “opening” of Avenida Paulista. *Revista Caminhos da História*, v. 26, n. 1, p. 112-127, 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sinopse do Censo Demográfico de 2020. 2020. Disponível em: <<https://censo2020.ibge.gov.br/sinopse/>>. Acesso em: 12 jul. 2021..

KELLOGG, Will Keith. Using logic models to bring together planning, evaluation, and action: logic model development guide. **Michigan: WK Kellogg Foundation**, 2004. *to Bring Together Planning, Evaluation, and Action*. 2004.

MARCELLINO, Nelson Carvalho; ALVES, Cathia. O profissional de Educação Física como Animador Sociocultural atuando nos clubes da cidade de Americana-SP: Contribuições nas relações entre o lazer e a idade adulta. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 11, n. 2, 2008.

SALDANHA FILHO, Cristina Brust; BAGGIO, Isabel Cristina; Matheus Francisco. Repensar a gestão das políticas públicas de esporte e lazer: o caso de Santa Maria/RS. **Motrivivência**, n. 27, p. 179-185, 2006.

PROJETO ÓPERA NA ESCOLA: O PAPEL POLÍTICO E SOCIAL NA CULTURA

MARIA CLARA VIEIRA¹; MAGALI LETÍCIA SPIAZZI RICHTER²

¹Universidade Federal de Pelotas – mklarav8@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – magali.s.richter@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto Ópera na Escola é um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas, criado em 2005 pela professora Magali Spiazzi Richter. Executado pelos alunos dos cursos de Bacharelado em Música, em especial, do curso de Canto, o projeto tem como trabalho principal levar apresentações de ópera, música de câmara e demais estilos musicais para as escolas da rede de ensino de Pelotas e região. Funcionando de forma online devido à pandemia de COVID-19, o Ópera na Escola tem visado ir além das apresentações, realizando também eventos de resgate cultural atrelados ao Conservatório de Música de Pelotas/UFPel.

A educação musical nas escolas era inexistente até o ano de 2008, e foi implementada com a mudança do projeto pedagógico da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996 (BROCHADO, 2016). Ainda sim, atualmente, é possível observar uma grande defasagem da acessibilidade musical na sociedade brasileira, reflexo do passado. A exclusão das artes nos currículos das escolas ocorreu a partir dos anos 1960, prejudicando o enriquecimento cultural e pensamento crítico das novas gerações. (CARRASQUEIRA, 2018).

O objetivo geral do trabalho é despertar nas crianças, adolescentes e comunidade em geral, o interesse pela música dita "erudita", que geralmente não é acessível no meio em que vivem. Com isto, é possível gerar enriquecimento cultural, qualidade de vida, aprendizado, e possíveis oportunidades de trabalho nesta área, no futuro.

2. METODOLOGIA

Segundo Richter (2005), diversos nomes da área da educação musical possuem o pensamento flexível a introdução de diferentes gêneros musicais às crianças, levando-as a uma exposição aos universos sonoros. Estes diferentes "mundos musicais" podem existir em uma mesma sociedade e mesma cultura, segundo Luiz Ricardo Queiroz: "Podemos perceber que a diversidade musical brasileira faz com que não tenhamos um único Brasil, mas 'brasis', principalmente no que se refere aos aspectos artístico/culturais" (2004, p. 101).

A importância do contato e das experiências vividas, com notas musicais, tonalidades, e a expressão artística que traz o gênero operístico causa um grande impacto na vida dos alunos e nas memórias que guardarão até a vida adulta, como é observado no estudo de Richter (2005). Com a Pandemia de COVID-19, o projeto Ópera na Escola precisou reinventar a maneira de realizar suas atividades

para alcançar a comunidade. Apresentações que eram até então presenciais, foram reduzidas para o formato de vídeo. Os alunos do curso de Bacharelado em Canto preparam suas gravações em suas próprias casas, utilizando a criatividade para criar figurinos e cenários com os recursos disponíveis. A legenda nos vídeos também é uma peça importante utilizada na produção do conteúdo, trazendo um melhor entendimento da obra (sendo ela em português ou outro idioma) e uma maior acessibilidade.

O trabalho também consiste na criação de materiais didáticos acerca de cada peça musical, com ilustrações contando a história e contextualizando a obra. Este material é criado visando informar às crianças e adolescentes de forma lúdica e divertida, para que prenda a atenção e desperte o interesse dos mesmos pelas obras musicais. Além disto, o contato com a comunidade através de redes sociais, eventos e “lives” é feito e utilizado como forma de divulgar o projeto. Todo o material audiovisual e didático é enviado para os professores das escolas parceiras, que compartilham o conteúdo com seus alunos.

O projeto Ópera na Escola vem realizando também um trabalho de divulgação da história do Conservatório de Música de Pelotas/UFPEL, que completará seus 103 anos em 2021. Este trabalho consiste na produção de conteúdos audiovisuais que contam a história do Conservatório desde sua fundação em 1918. Diversas outras atividades estarão homenageando esta Casa Musical de excelência.

Dentre elas, vale destacar a participação no evento “Dia do Patrimônio”, da Prefeitura de Pelotas, com o tema “Memórias culturais: revisitando modos de ser e de viver”. O resgate desta memória traz uma grande contribuição não só para a sociedade pelotense, mas também para todo o Estado do Rio Grande do Sul, uma vez que através do Projeto de Lei do Deputado Estadual Bernardo de Souza, aprovado pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, foi reconhecido em 2004 como “Patrimônio Cultural do Estado”. É notório e motivo de orgulho para a comunidade, saber que, há mais de um século, o Conservatório vem promovendo inúmeros eventos musicais de extrema relevância, assim como, formando profissionais capacitados na área que atuam em todo o Brasil.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nestes 16 anos de projeto, o Ópera na Escola alcançou mais de 8 mil crianças da rede de ensino infantil pública e privada, e indiretamente 15 mil pessoas da comunidade de Pelotas e região (Portal Institucional da UFPEL, 2021).

Durante todo o período de atividades online, foram produzidos o total de nove vídeos com seus respectivos materiais didáticos, duas lives e a atualização constante com interações nas redes sociais: Facebook, Instagram e YouTube. No início das atividades de 2021, foi elaborado o programa com todas as peças que serão apresentadas durante o ano, combinadas previamente com os cantores alunos da UFPEL e também cantores convidados. No mês de maio deste ano, o projeto Ópera na Escola obteve uma parceria com a Escola de Música Camerata Florianópolis. O local cedeu uma sala com piano para a gravação de um dueto da ópera As Bodas de Fígaro de Mozart, produzido com o seguimento de todos os protocolos contra a COVID-19 e barreira de vidro separando as cantoras.

(BALDI, 2020) No último ano, foi feito um pequeno questionário com a escola parceira E.M.E.F. Independência de Pelotas - RS, e recolhido o depoimento de algumas professoras, o que ressalta a importância nos resultados do projeto:

“... Gostei do projeto porque acredito que todas as oportunidades oferecidas aos nossos alunos são válidas. Talvez nem todos se interessem, mas pode ser que um dos meus vinte e dois alunos goste e desperte para a música, podendo isso acrescentar na vida dele.”

“Eu acredito que o projeto possa ser tanto um auxílio no planejamento, encaixando nos meus planos e contextualizando com os conteúdos, quanto as vezes, ser um modo de relaxar no fim de uma semana de aula e ainda não fugir do tema daquela semana.”

Em 2021, o contato com as escolas foi ampliado, onde foi possível alcançar mais cinco escolas, nas quais o projeto ainda está aguardando o retorno relatando a experiência. Há também o planejamento de parcerias com escolas de Florianópolis e outras regiões do país, aproveitando o formato online. No momento, um dos planejamentos em andamento consiste na realização de uma “Pocket Opera” - redução de uma ópera didática e adaptada - a ser compartilhada com as escolas no dia das crianças.

Outro projeto muito importante é o Memorial do Conservatório de Música de Pelotas. O livro “História Iconográfica do Conservatório de Música da UFPEl” cuja a concepção e organização é da Profa. Dra. Isabel Nogueira, servirá para a confecção dos banners que estarão dispostos no Memorial do Conservatório de Música. Estes registros contêm fotos de eventos importantes que ocorreram durante toda a sua existência. Além da participação no evento “Dia do Patrimônio”, o projeto também realizará uma live para celebrar o aniversário de 103 anos do conservatório, que além de todo o conteúdo histórico contará com apresentações de professores, alunos e ex-alunos.

4. CONCLUSÕES

O projeto Ópera na Escola tem sido um importante meio para viabilizar o acesso à cultura musical entre crianças e adolescentes das escolas de Pelotas e região. O reforço cultural proporcionado pelo projeto, constrói pilares para uma sociedade com maior democratização do ensino de música e maior qualidade de vida.

Especialmente neste momento, o projeto tem procurado superar os obstáculos impostos pela Pandemia de COVID-19, buscando expandir-se através do uso das mídias e, a partir destas novas perspectivas trabalhadas, alcançar as escolas. Devido às limitações do formato online, tem-se o conhecimento de que nem todos têm tido acesso ao conteúdo por não possuírem os meios eletrônicos necessários e adequados. Mesmo no formato virtual, o projeto continua desenvolvendo suas atividades artístico-musicais, contando com a colaboração especial de alunos e ex-alunos do Curso de Música/Bacharelado em Canto.

A divulgação da memória histórica do Conservatório de Música foi incluída dentre as atividades do Ópera na Escola, com um importante destaque. O prédio centenário foi ao longo destes anos um espaço acolhedor para as apresentações do projeto, atuando em parceria com o mesmo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROCHADO, M. Educação Musical no Brasil na Atualidade: Desafios e perspectivas. **RIAEE - Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara/SP, v.11, n.3, p. 1371 - 1388, 2016.

CARRASQUEIRA, A.C.M.D. Considerações sobre o ensino da música no Brasil. **Ensino de Humanidades**, Estud. av. 32(93), São Paulo/SP, p. 207 - 221, 2018.

QUEIROZ, L.R.S. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre/RS, v. 10, p. 99 - 107, 2004.

RICHTER, M.L.S. **O Projeto Ópera na Escola: Um estudo de caso**. 2005. Monografia (Graduação) - Curso de Música - Modalidade Licenciatura, Universidade Federal de Pelotas.

BALDI, G.D.S. **O Projeto Ópera na Escola: inovando em tempos de pandemia**. 2020. VII Congresso de Extensão e Cultura (Graduação) - Curso de Composição - Bacharelado, Universidade Federal de Pelotas.

UFPEL. **Ópera na Escola**. Portal Institucional UFPEL, Pelotas. Acessado em 02 ago. 2021. Online. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u234>

DESAFIO GRÁFICO: PATRIMÔNIO EDIFICADO DE PELOTAS

MATEUS SCHAEFER BATISTA¹; DANIELE BEHLING LUCKOW²; ANA PAULA DE ANDREA DAMETO³; FERNANDA TOMIELLO⁴

¹Universidade Católica de Pelotas – mbatistasul@gmail.com

²Universidade Católica de Pelotas – daniele.luckow@ucpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – anapaula.andreadametto@gmail.com

⁴Universidade Católica de Pelotas – fernanda.tomiello@ucpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Apoio às Práticas Patrimoniais, vinculado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pelotas, em conjunto com o grupo Urban Sketchers de Pelotas, desenvolveu no primeiro semestre de 2021 o Desafio gráfico sobre o patrimônio edificado de Pelotas.

O Desafio gráfico consistiu em uma chamada pública para a elaboração de desenhos com a temática do patrimônio edificado de Pelotas, tendo como objetivo geral dar mais visibilidade a ele, com uma linguagem artística e através de variadas perspectivas. Os objetivos específicos foram: estimular a prática do desenho à mão livre pela comunidade e compartilhar o patrimônio edificado através de desenhos.

Tendo em vista que Pelotas possui um dos maiores acervos de arquitetura eclética do país, segundo o site oficial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, c2014), a atividade se justifica pela necessidade e importância de dar mais visibilidade ao patrimônio edificado da cidade e pela relevância de buscar isso mediante a participação da comunidade.

O patrimônio edificado integra a paisagem cultural da cidade e compõe também a identidade histórica e cultural da população local, além de configurar um vasto campo de estudos para discentes das ciências humanas, sociais aplicadas, dentre várias outras.

Na contemporaneidade, a ideia de patrimônio cultural e ambiental incorpora três inovações para a reflexão: as cidades como “empórios de estilos e de imagens”; as cidades enquanto “museus” onde reservam-se “semióforos” como edifícios e logradouros, parques e rios, lagos e bosques, preservando por um lado lugares de memória e de manifestações culturais, porém de outro, abrindo o restante à especulação imobiliária; e a mudança no sentido de “semióforo” (que teve seu surgimento a partir do mercado de antiguidades) e que na atualidade pode ser qualquer objeto-significação ou objeto histórico definido por decisões de determinados mercados do que é considerado antigo. (CHAUÍ, 2006, p.120)

Este desafio gráfico proporciona uma maior participação da comunidade na definição do que considera como patrimônio edificado indo além do que oficialmente é considerado como tal, na medida que solicita que o grupo de participantes escolha o que irá representar o legado local.

2. METODOLOGIA

Devido ao distanciamento social consequente da pandemia de COVID-19, o desafio foi feito de forma totalmente online, tendo sua divulgação e comunicação efetivadas por meio das redes sociais do Programa de Apoio às Práticas Patrimoniais (@praticas.patrimoniais) e do grupo Urban Sketchers de Pelotas

(@urbansketchers_pelotas), principalmente através do *Instagram*, mas também pelo *Facebook*.

Primeiramente, a proposta foi lançada através de uma publicação indicativa dos objetivos e etapas do desafio, apontando o formulário através do qual a inscrição deveria ser realizada e explicando que deveriam ser anexados entre um e dez desenhos e informações textuais sobre a autoria e os trabalhos enviados. Posteriormente, durante o período de inscrição estabelecido, conforme os trabalhos estavam sendo recebidos, alguns já foram sendo publicados nas redes sociais, incentivando outras pessoas a participarem do projeto. A seguir, após o encerramento do período de envio dos desenhos, todos os trabalhos foram divulgados nas redes sociais já mencionadas. Além disso, também foi realizado um sorteio entre todos os participantes de quatro conjuntos de livros e materiais de desenho durante uma transmissão ao vivo pelo canal do *YouTube* da UCPel. Os brindes foram fornecidos pelos apoiadores do desafio: Ágape Espaço de Arte, Livraria Vanguarda e Papelaria Papel Mix, como forma de reconhecimento ao empenho dos participantes. Ao final do desafio, a comissão organizadora (composta por professoras de expressão gráfica dos cursos de arquitetura e urbanismo das universidades Federal e Católica de Pelotas) elegeu alguns destaques entre os desenhos recebidos, como forma de valorizar ainda mais os participantes. Por fim, foi solicitada a emissão de certificados para todos os participantes e também para os destaques e comissão organizadora da atividade.

Os resultados estão sendo compartilhados também através deste trabalho e o material recebido será utilizado para a produção de demais materiais gráficos vinculados às instituições organizadoras, além da divulgação já feita pelas redes sociais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta do Desafio gráfico priorizou a participação coletiva na produção de desenhos, com vistas à valorização do patrimônio edificado pelotense, em detrimento de um concurso ou competição, valorizando todas as participações.

Através da atividade, foi possível promover a socialização e aproximação entre diferentes pessoas da comunidade e destas com a universidade. A atividade teve 19 inscrições e 43 envios no período de 1 mês (desde a divulgação da proposta até seu encerramento), atingindo e até superando a expectativa dos proponentes.

Por conta do diálogo evidenciado na expressão artística explorada pelos participantes, é possível analisar sob diversas perspectivas o que constitui o patrimônio edificado de Pelotas. Assim, destacam-se as variadas visões, técnicas e recortes que integram o olhar sobre o tema proposto.

Os destaques dividiram-se em cinco categorias, sendo elas: criatividade na forma de representação; ênfase na Paisagem Cultural (patrimônio edificado e entorno); qualidade na execução das técnicas com marcadores, canetas nanquin e aquarela. Na sequência, a Figura 01 mostra um mosaico composto pelos desenhos destacados nas categorias referidas.

Figura 01: destaques do desafio Gráfico sobre o patrimônio edificado de Pelotas



Fonte: Acervo do Desafio Gráfico. Autores: a) Ramile Leandro; b) Gabrielly de Moraes Teixeira; c) Luiz Fernando Colvara Mombelli; d) Djuli Vaz de Souza; e) André Alexandre Gasperi; f) Tainá Sousa Oliveira; g) Raquel da Cunha Recuero; h) Luiz Fernando Colvara Mombelli; i) Ramile Leandro; j) Isabelle Capanema Maciel; k) Ramile Leandro; l) Raquel da Cunha Recuero.

4. CONCLUSÕES

Reconhecendo que a extensão universitária é um dos caminhos de comunicação entre a universidade e a sociedade, compartilhando o conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvidos na instituição com a comunidade, destaca-se a importância do Desafio realizado nessa aproximação.

Além de dar visibilidade ao patrimônio edificado através de desenhos que carregam variadas técnicas e percepções, o Desafio inova ao oportunizar que a comunidade em geral construa esse conjunto de imagens coletivamente. Assim, a universidade se coloca como mediadora da atividade, permitindo que a comunidade seja protagonista na ação extensionista.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IPHAN. **Pelotas (RS)**. IPHAN, c2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/281>>. Acesso em: 9 jul. 2021.

CHAUÍ, M. **Cidadania Cultural**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

PATRIMÔNIO RURAL: UM ESTUDO DE CASO NO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS

MAURÍCIO ANDRÉ MASCHKE PINHEIRO¹; JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM²;
DIEGO LEMOS RIBEIRO³

¹Universidade Federal de Pelotas – mauriciopinheiro685@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – josepaulobrahm@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o patrimônio rural, tendo como referência o Museu Gruppelli e o cenário circundante. O Museu está localizado no sétimo distrito de Pelotas, no que se denomina Colônia Municipal, e foi criado por uma vontade de memória da comunidade local, que resultou na coleta dos primeiros objetos por volta de 1990, momento em que se inicia a criação do Museu. Aberto ao público em 1998, o Museu traduz uma determinada musealidade/patrimonialidade da população local sobre a cultura material.

A motivação para a realização deste trabalho vem da participação do primeiro autor no “Projeto de extensão revitalização do Museu Gruppelli”, em que atua desde 2015. Durante este período foram realizadas muitas atividades no escopo do projeto, dentre elas a mediação para grupos, reorganização da documentação museológica, montagem de exposições temporárias, dentre outras ações extensionistas.

O primeiro autor desse trabalho utilizou vários objetos expostos no Museu em seu cotidiano e, como resultado dessa experiência, motivou-se a investigar os processos de musealização de coleções que representam as memórias de quem vive na zona rural. Assim, como muitos visitantes, compartilha-se de uma memória viva sobre esses referenciais de patrimônio. Durante a participação no projeto de extensão, diversas perguntas foram se desvelando, tais como: de que modo as pessoas enxergam esse patrimônio? Quais seriam os referenciais de patrimônio para os transeuntes? Quais elementos devem ser preservados, no contexto rural, para os moradores locais?

Este estudo busca, então, refletir sobre a percepção que as pessoas têm do local em que se situa o Museu Gruppelli, caracterizado pela ruralidade. A investigação traduz três dimensões do patrimônio: o discurso do museu, o público visitante e os moradores locais, dentro de uma perspectiva patrimonial. Compreendemos que para traçarmos um paralelo sobre o que seria patrimônio rural, faz-se importante abarcar visões não necessariamente consonantes, contrastando o olhar teórico da academia com as experiências de quem vive ou se relaciona com as atividades e costumes vivenciados no campo.

Desdobra-se deste fio condutor, reflexões que podem contribuir para uma melhor compreensão sobre a categoria de patrimônio rural, a partir das suas múltiplas percepções e apropriações. Do mesmo modo, colabora para o conhecimento sobre o papel que o Museu desempenha para mobilizar o patrimônio rural, de modo a qualificar suas ações extensionistas, sobretudo as formas de inventariar, salvaguardar e comunicar essas referências.

A bibliografia compilada para este estudo alude a um conceito ainda em construção; contudo, é possível perceber que parte dos autores ainda

compreende o patrimônio rural desde sua dimensão material e/ou nobiliária, como é o caso da ruralidade paulista (CHIVA, 1994; CARVALHO, 2006). Nesse sentido, pretende-se com este estudo contribuir para a ampliação e amadurecimento do conceito de patrimônio rural, tendo como referencial a perspectiva dos sujeitos que vivem e se apropriam dos patrimônios. No mesmo compasso, intenta-se que os resultados do estudo sejam refletidos nas formas de comunicação do museu com a sociedade.

2. METODOLOGIA

Para investigarmos o patrimônio rural na região, fizemos uso da pesquisa exploratória, utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas, em três dimensões, a saber: público do Museu, moradores locais e Universidade. De acordo com GIL (2014), a pesquisa exploratória visa a maior aproximação e familiaridade com o problema, de sorte a compreender com maior clareza determinado fenômeno. Para os fins propostos, abarcaram-se como instrumentos a revisão bibliográfica, entrevistas e análise dos dados coletados.

Em um primeiro momento, investigamos como o público que visita o Museu se relaciona com a localidade. Para tal, preferimos dialogar com as pessoas que visitam o Museu Gruppelli, uma vez que essas pessoas têm dupla visão sobre o patrimônio: 1. uma visão formalizada sobre o que é patrimônio, a partir de sua visita à instituição, e 2. uma visão mais livre, considerando toda a experiência vivida no local. O público foi selecionado de forma aleatória e foram realizadas entrevistas semi-estruturadas.

Em um segundo momento, entrevistamos os moradores locais. Para os fins desta pesquisa, dedicamo-nos a compreender a visão de dois interlocutores-chave: Ricardo Gruppelli (proprietário do sítio onde está o Museu Gruppelli) e Margareth Vieira, filha de Neiva Vieira (protagonistas do movimento de criação do Museu). Eles foram ouvidos de modo a oferecer um olhar de quem vivenciou as diferentes fases do espaço, e por terem proximidade com a rotina diária da localidade.

Em último momento, entrevistamos representantes da Universidade, que desenvolvem projetos de extensão na zona rural: Fábio Cerqueira (professor que foi o primeiro pesquisador sobre o assunto na colônia) e Diego Ribeiro (professor que coordena o projeto de extensão do Museu Gruppelli desde o ano de 2008).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando as três dimensões do estudo - público, fundadores e universidade - buscaremos responder de forma sumarizada algumas perguntas lançadas para essa pesquisa. A primeira delas seria: será que o público, os fundadores do Museu e universidade compartilham da mesma ideia sobre o que deve ser preservado?

Nas três dimensões do patrimônio vimos que as características que devem ser preservadas do sítio se alinham. Foram citados como referenciais do patrimônio: Museu, gastronomia, arroio, saber-fazer local, a arquitetura, os produtos e os modos de vida do morador local. Compreendemos que esses elementos estão interligados entre si, no mesmo espaço territorial, criando nexos entre a natureza, os modos de vida e o lazer. Importa sinalizar que é na paisagem que se encontram os produtos, em que são utilizadas ferramentas e objetos que

estão expostos no Museu, de onde saem os alimentos para o restaurante, dentre outras associações possíveis.

A segunda questão seria: o que essas três dimensões pesquisadas (público, fundadores do Museu e universidade) consideram patrimônio rural e o que seria importante salvaguardar na região? Aqui, verificamos que o público considerou o patrimônio como uma totalidade, sem fragmentá-lo. De maneira geral, para o público, o patrimônio rural compreende o Museu, o armazém, o restaurante e o arroio, por exemplo. Compreende-se, portanto, que para o público o patrimônio rural é uma experiência que entrelaça todos esses elementos juntos.

Para os fundadores do Museu que está estabelecido como patrimônio é um pouco diferente em relação às ideias dos entrevistados. Para Margareth Vieira, todas as características que a localidade possui devem ser preservadas, principalmente os modos de vida do trabalhador rural e a estreita relação desses modos com a natureza. Já Ricardo Gruppelli observa um patrimônio mais distribuído em bens, faz uma separação, como o prédio histórico do Museu, a gastronomia, pomares, cemitério e produção agrícola. Ricardo busca a definição a partir de lugares mais frequentados pelo público, que possuem mais valor histórico, lugares que têm uma memória coletiva acorada.

Os representantes da Universidade buscam, de certa forma, a experiência também como um conjunto de fatores. Diego Ribeiro nos traz o destaque de que o povo que vive na localidade denomina e seleciona o patrimônio antes da inserção do projeto de extensão, cabendo ao Museu mobilizar estes bens. Destaca também que o patrimônio rural está no modo de viver, se comunicar, trabalhar e produzir, por exemplo. Mas considera que o patrimônio rural está em todos os elementos juntos, entrelaçados. Para Fábio Cerqueira, há uma separação entre material (arquitetura, moinhos, salões de baile, fábricas) e imaterial (vinho, produção de pêssego e doces, saber-fazer local, culinária). Podemos até diferenciar o que é patrimônio rural entre os entrevistados, mas vemos que isso se completa: o vinho pode ser feito na adega, o baile acontecido no Restaurante Gruppelli, o doce vendido no armazém entre outros. Sinalizando desse modo, que esse patrimônio se encontra nos modos de vida e no saber-fazer local.

A partir destas percepções, é possível considerar e conceituar o patrimônio rural como sendo o conjunto de bens e atividades de caráter material e imaterial, o qual reflete os modos de vida do morador rural que se encontram estabelecidos de maneira entrelaçada com a natureza.

4. CONCLUSÕES

Durante esse estudo, que se desdobra a partir de um projeto de extensão, observamos alguns pontos a serem destacados como, por exemplo, a menção dos termos tradição, costumes, modo de vida e trabalho rural. Esses termos ou conceitos foram de grande valia para conseguirmos identificar as características da região. Para essa identificação, que colaborará com as futuras ações extensionistas, traçamos um paralelo entre patrimônio e sua trajetória e conseguimos ver o que seria patrimônio aqui no Brasil. Nesse ponto, vimos a importância de preservar no contexto do Museu o patrimônio imaterial e material, em conjunto, e não focar essas dimensões do patrimônio em contraste.

Sobre o que seria patrimônio rural, inferimos que as ruralidades são as características das formas como se vive o mundo rural, ou seja: o rural é o local e

as ruralidades são os modos de vida (como desenvolvem suas práticas culturais – desde o vestir, falar, comer, trabalhar, se relacionar afetivamente, entre centenas de outras) das pessoas que moram nessas localidades no meio. A partir de entrevistas com três públicos distintos foi possível perceber o olhar em relação ao patrimônio rural e a função que esse patrimônio estabelece com cada sujeito.

Para a realização dessa pesquisa tivemos que adaptar o trabalho devido a pandemia de Covid-19. Inicialmente gostaríamos de entrevistar mais pessoas pela visão do patrimônio rural pelo público, de forma presencial, dentro do cenário do estudo de caso dessa pesquisa, a Casa Gruppelli. Porém, devido ao avanço da pandemia isso não foi possível.

Acreditamos que os sujeitos inseridos no próprio sítio conseguiriam responder ainda mais objetivamente o que era importante de ser preservado, bem como as características da localidade que podem ser considerados patrimônio rural pelo público.

Nas visões dos fundadores e da academia esse efeito da pandemia na pesquisa foi menor, pois estes estão mais inseridos no espaço tanto por pesquisarem sobre a localidade ou mesmo por morarem no local, como é o caso de Ricardo Gruppelli.

Com essa pesquisa trouxemos resultados para o objetivo de identificar o que seria esse patrimônio rural partindo de um prisma multivocal, o que instigou que novas dúvidas surgissem. Como mencionado anteriormente as ruralidades dependem do contexto da localidade que for analisada, cada região tem suas características únicas de viver, trabalhar e produzir.

Para uma continuação dessa pesquisa no futuro podemos investigar essa ruralidade colonial da região do sétimo distrito de Pelotas, podemos também, investigar essa ruralidade em outras regiões como é o caso da Vila Maciel, distrito próximo a Casa Gruppelli. Nessa parte além de colaborarmos com o desenvolvimento da pesquisa no local estudado, expandiríamos nossos estudos para outras localidades contribuindo ainda mais na investigação do conceito de patrimônio rural e das ruralidades características da região colonial de Pelotas.

O tema do patrimônio rural está em desenvolvimento no Brasil. Esperamos que esse trabalho seja parte contribuinte para o crescimento da noção de patrimônio rural em nosso país, bem como também, possa auxiliar outros pesquisadores que discutem em seus estudos a categoria aqui explorada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, P. A AIBT do Pinhal Interior e as Aldeias do Xisto: novos caminhos para o desenvolvimento de territórios de baixa densidade em ambientes de montanha. **Cadernos de Geografia**, Coimbra, Departamento de Geografia (Universidade de Coimbra) e Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, n. 28/29, 2009/2010. p. 185-191.

CHIVA, I. Une Politique Pour Le Patrimoine Culturel Rural. **L'école des Hautes Etudes en Sciences Sociales**, Paris [France] v. 2, n. 13, p. 3, 1994.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

A INTERDISCIPLINARIDADE NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: AÇÕES PARA ACESSIBILIDADE PARA O PROJETO LABORATÓRIO ABERTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS DA UFPEL

MAURÍCIO COSTA MONTONE¹; EDEMAR DIAS XAVIER JUNIOR²; ANDRÉA LACERDA BACHETTINI³

¹Universidade Federal de Pelotas – mauriciomontone@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – edemar.xavier@inf.ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – andreabachettini@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o planejamento das ações que dão seguimento às restaurações do Projeto Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais (LACORBC), pertencente ao Instituto de Ciências Humanas (ICH) e da Pró-Reitoria de Extensão de Extensão e Cultura (PREC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). De acordo com SABANY (2020) o objetivo principal do laboratório é a restauração de duas obras em óleo sobre tela, uma de Dakir Parreiras e outra de Hélios Seelinger do Museu Histórico Farroupilha de Piratini.

A pintura em questão é a de Hélios Seelinger, intitulada de “Alegoria, sentido e espírito da Revolução Farroupilha” (Figura 01). O projeto agora está no estágio de preparação de uma exposição da obra totalmente restaurada, e com isso procura-se desenvolver meios de acessibilidade para que todos possam entender o trabalho que envolve a preservação do patrimônio cultural, no caso a pintura histórica pertencente ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul.



Figura 01 - Quadro “Alegoria, sentido e espírito da Revolução Farroupilha”, de dimensões 5,70m x 3,80m, de Helios Seelinger. Ortoimagem obtida através da técnica de fotogrametria.
Fonte: Autores.

O desenvolvimento da exposição e recursos de acessibilidade terá início no segundo semestre de 2021 e continuará no semestre seguinte, contando com o apoio do Laboratório Grupo de Estudos para o Ensino/ aprendizagem de Gráfica Digital (GEGRADI) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPEL.

O objetivo por trás da exposição é aproximar o público com deficiência visual das obras de arte restauradas durante o projeto LACORBC. SARRAF (posição 895) diz que:

A acessibilidade aplicada aos espaços culturais indica que todas as esferas envolvidas no acesso ao patrimônio cultural, isto é, as exposições, sejam elas temporárias ou de longa duração, [...] devem estar ao alcance de todos os indivíduos, perceptíveis a todas as formas de comunicação e com sua utilização de forma clara.

Com isso, este projeto será a primeira exposição temporária no Museu do Doce a oferecer recursos acessíveis para deficientes visuais.

A produção dos recursos acessíveis segue a linha de trabalhos adotada pelo laboratório GEGRADI, utilizando-se de recursos como modelagem e impressão 3D para criar itens que possam ser dispostos em conjunto com as obras de arte apoiando se no método da Adição Gradual da Informação (AGI).

Com isso pretende-se dar maior destaque a partes específicas da pintura, para uma melhor compreensão do todo, além do próprio significado sobre a Revolução Farroupilha, explorando detalhes e personagens que, sem uma visão atenta, acabam passando despercebidos ou mesmo ficando escondidos ou pouco expostos.

2. METODOLOGIA

Conforme citado anteriormente, o método foi dividido em três partes técnicas, a fotogrametria, a modelagem tridimensional e o método de impressão 3D. Além da preparação dos conteúdos da exposição e partes da obra a serem exploradas.

Até o momento foram tomadas as fotografias dos elementos da moldura e da própria pintura. Estas serão usadas no processo de fotogrametria que será responsável por criar os modelos tridimensionais para a impressão. Foram tomadas 119 imagens da moldura inferior e 79 imagens da moldura superior e 34 imagens do capitel, por serem partes que contém elementos esculpidos em madeira. Com o processo de fotogrametria obtém-se de maneira bastante rápida a geometria desses elementos. Abaixo (Figura 2) pode-se observar os modelos obtidos com a técnica.



Figura 02 - Imagens das partes da moldura do quadro obtidas dos modelos tridimensionais obtidos por fotogrametria. (A) Moldura parte inferior; (B) Moldura parte superior; (C) Capitel das colunas da moldura. Fonte: Autores.

Juntamente com a fotogrametria, será utilizada a técnica de modelagem por subdivisão. Esse tipo de processo é caracterizado pela criação de objetos tridimensionais do zero, usando como apoio referências visuais e medidas

tomadas da própria moldura. Isso porque alguns dos elementos da moldura possuem superfície e textura homogêneas, o que dificulta a geração de modelos tridimensionais por fotogrametria.

Após a fotogrametria o modelo passará por uma revisão utilizando os métodos tradicionais da modelagem tridimensional. Nessa etapa, o modelo que vem de uma forma mais crua direto do primeiro processo será submetido a um polimento da malha 3D, tentando deixar o produto com um número menor de imperfeições, visando aproximar o resultado do objeto real.

Objetos considerados com geometrias ditas retas serão feitos totalmente a partir da modelagem tridimensional, não utilizando do método da fotogrametria, visto que há uma probabilidade de o resultado não ser o esperado. Então para que a produtividade se mantenha se optou por esse processo.

Para a tela do quadro, a técnica de *litophane* para a geração de um modelo tridimensional que possa ser manipulado pelos visitantes foi escolhida. A *litophania* é uma técnica na qual uma imagem tridimensional é gerada a partir de uma imagem bidimensional possuindo um relevo que ao ser colocada contra a luz revela a imagem gravada. Como é impressa em 3D possibilita a manipulação e percepção dos elementos contidos no quadro também por pessoas cegas sendo nesse sentido empregado como um recurso de inclusão conforme podemos observar a seguir (Figura 03).

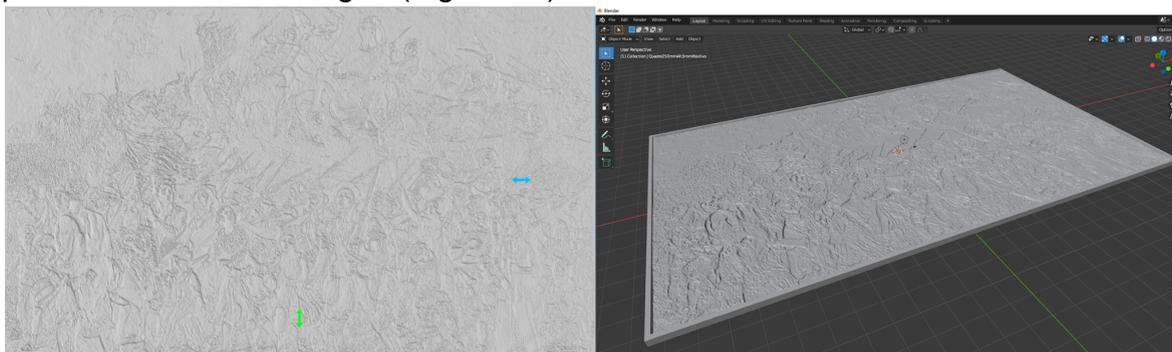


Figura 03 - *Litophane* 3D total da obra “Alegoria, sentido e espírito da Revolução Farroupilha” pintada por Helios Seelinger em 1924 *Litophane* gerado a partir da ortoimagem gerada pela técnica de fotogrametria. Fonte: Autores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento da produção deste trabalho já foram executados a fotogrametria e a produção dos elementos tridimensionais a partir desta. Os elementos capturados foram: a própria tela de pintura, as molduras inferior e superior, e um dos capitéis, como mostra a demonstração abaixo (Figura 04).



Figura 04 - Imagens dos modelos tridimensionais gerados pelo processo da Fotogrametria..Fonte: Autores.

A partir da imagem já é possível perceber que os modelos detêm uma grande quantidade de detalhes. Com isso, o próximo passo a se seguir é o da modelagem tridimensional para que se tenha um modelo conciso e coeso com a realidade. A parte dos modelos que contém os detalhamentos e ornamentos, no processo da modelagem vão ser retirados do produto feito pela fotogrametria e adicionados nas partes mais retas que serão feitas no outro processo.

Terminada essa parte do processo, se dará início a organização da exposição, levando em conta todas as restrições da pandemia, e como estará a situação sanitária para possibilitar o evento.

4. CONCLUSÕES

Finalizando este resumo é importante ressaltar, que a acessibilidade de uma exposição temporária, que pretende ser inclusiva, deve ser planejada, levando em conta o tempo de preparação destes estudos que aqui apresentamos, existe um processo de captação de imagens dos objetos aliado a um trabalho interdisciplinar de pensar as possibilidades de comunicação e a criação dos recursos acessíveis que farão parte da exposição. Este trabalho revela o percurso para o desenvolvimento e a metodologia para a produção de peças de impressão 3D que poderão ser tocadas pelo público durante a exposição, permitindo que as pessoas com deficiência ou não possam usufruir dos resultados acessíveis através de uma medição inclusiva. O trabalho ainda está em construção, os resultados e a repercussão dos elementos inclusivos de acessibilidade serão apresentados ao público assim que a exposição acontecer e os museus possam ser reabertos ao público com todos os cuidados sanitários necessários neste período pandêmico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SARRAF, V P. **Acessibilidade em Espaços Culturais: Mediação e comunicação sensorial**. São Paulo: EDUC - FAPESP, 2016.

SABANY, D V; BITTENCOURT, M C; SCOLARI, K C; BACHETTINI, A L. Descobrimo Helios Seelinger no Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais da UFPel. In: **SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA e EXTENSÃO**, 6., Pelotas, 2020.

BORDA, A.; VEIGA, M.; NICOLETTI, L.; MICHELON, F. Descrição de fotografias a partir de modelos táteis: ensaios didáticos e tecnológicos. **Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus**, Rio de Janeiro, v.1, p. 01 - 15, 2012.

ATRAVÉS DO ESPELHO: OS SENTIDOS NA VIRTUALIZAÇÃO DE COROS NO PROJETO GRUPO VOX

MERCIA CATIUSSA SILVA SOUSA¹; CARLOS ALBERTO OLIVEIRA DA SILVA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – mercia.souusa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- caoliufpel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Devido ao distanciamento social ocasionado pela pandemia do vírus SARS-CoV-2, desde maio de 2020 o Grupo Vox, projeto de extensão na área de canto coral vinculado ao curso de música-licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, tem desenvolvido seu trabalho de forma remota, criando coros virtuais através de estratégias que baseiam-se no esforço de propiciar a aproximação das experiências fragmentadas do trabalho virtual em experiências que conectem os cantores com trajetórias antropológicas, em consonância com a dimensão Erfahrung do conceito benjaminiano de experiência, onde a música não seja mero entretenimento, mas um fazer cultural dotado de tamanha força que seja capaz de produzir o choque necessário ao acesso a tal dimensão.

O presente trabalho dá continuidade às investigações iniciadas no trabalho “A experiência através da virtualização do canto coral na ação vox virtual” apresentado em 2020 no VI Congresso de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas e se apresenta como um relato de experiência com o objetivo de identificar quais sentidos e significados foram construídos pelos cantores do Grupo Vox durante o período de virtualização.

Para driblar a superficialidade da descrição e comunicar experiências, não apenas informações, optou-se por usar do recurso narrativo para o seu desenvolvimento e através deste recurso tecer diálogos entre os teóricos e a pesquisa mediados pela literatura de CARROLL (1865) na obra “Alice no país das maravilhas”.

1.1 Alice, o abismo e o artista.

“Ninguém jamais conquistou alguma coisa com lágrimas” (CARROLL, 1865)

São tempos difíceis, repito em áudios direcionados às pobres almas fadadas a me consolar durante essa jornada de conclusão de graduação. Já passa da meia noite e eu choro, por saber o peso e a importância de tudo o que este trabalho representa, por sentir na pele o quão difícil é lutar contra a barbárie em tempos contemporâneos ao descaso para com a arte e a educação, por saber, mais do que nunca, que podemos fazer tanto mas que é tão pouco.

“Aonde fica a saída?”, perguntou Alice ao gato que ria. “Depende”, respondeu o gato. “De quê?”, replicou Alice; “Depende de para onde você quer ir...” (CARROLL, 1865)

É preciso mais do que amor para se fazer arte, é preciso, sobretudo, coragem, e se você está lendo isto quer dizer que demos mais um passo em direção ao abismo. Sim, ao abismo. No dicionário, abismo:

“1 Grande depressão natural, vertical ou quase vertical, cuja abertura está na superfície da terra e cujo fundo é geralmente desconhecido; 2 Lugar profundo, íngreme; despenhadeiro, precipício, ribanceira; 3 Tudo que é imenso; profundidade sem termo; imensidão, infinito, vastidão. 4 Tudo que é imperscrutável, inexplicável, misterioso; enigma, incógnita, mistério. 5 Grande distância; separação incontornável; apartamento, distanciamento, separação; 6 Situação de extrema dificuldade; condição insustentável; 7 A confusão primitiva que antecedeu a criação do Universo; caos, desordem. 8 O inferno. 9 O fundo do mar; a profundidade dos oceanos; pélagos. 10 O centro, o meio do escudo.” (ABISMO, 2021)

Ser artista é constantemente ser jogado em abismos e conseguir extrair beleza do trajeto de queda e digo isto compreendendo que “o sentido abismal deve ser definido como significado [pois] trata-se sempre de um sentido alegórico” (BENJAMIN, 2009). Talvez por essa razão eu sempre tenha gostado muito do país das maravilhas de CARROLL (1865), veja bem, Alice tropeça em sua curiosidade e cai no desconhecido, primeiro ela se desespera mas pouco tempo depois ela começa a perceber o seu entorno e interage com ele, ao fim, não sabemos ao certo em que momento o caos e a desordem deixam de ser assustadores e passam a fazer sentido para Alice, justamente porque outra possibilidade de caos surge atrás da pequena porta e ela corre em direção ao próximo abismo. Abismos, Alices, sentimentos e significados. Alegorias que convidam ao exercício da crítica cultural e da busca por camadas de sentidos presentes no fazer musical coletivo do Grupo Vox.

“Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então.” (CARROLL, 1865)

Perceba que não por acaso DELEUZE (1974) busca no caos das imagens criadas por CARROLL (1865) entender e explicar o conceito de sentido-acontecimento e, também, não por acaso, BENJAMIN (2009) busca explicar a importância das experiências por meio da construção de imagens, de mosaicos, recortes de narrativas que remontam trajetórias epistemológicas que nos ajudarão a compreender a importância de fazer o que fazemos e sermos quem somos.

“A única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível” (CARROLL, 1865)

Aqui trataremos do real e do virtual, que por si só já são dois grandes abismos, será possível encontrar conexões entre seres dessas duas realidades? Será possível construir uma narrativa alegórica que as conecte?

2. METODOLOGIA

“Quando eu uso uma palavra- disse Humpty Dumpty num tom escarinho- ela significa exatamente aquilo que eu quero que ela signifique... nem mais nem menos. A questão ponderou Alice- é saber se o senhor pode fazer as palavras dizerem coisas diferentes.” (CARROLL, 1865)

Através de entrevistas narrativas (BAUER et GASKELL, 2011) pretendemos captar as representações das experiências vividas pelos cantores do Grupo Vox durante o período de maio de 2020 a dezembro de 2021. As entrevistas serão realizadas de modo online, conduzidas pelo coordenador do projeto Grupo Vox, professor do curso de Música licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, Carlos Alberto Oliveira da Silva e pela discente do curso Música bacharelado- canto da mesma instituição, Mercia Catiussa Silva Sousa e

serão posteriormente transcritas e servirão de base para a criação do trabalho final, como um texto narrativo. Experiência narrativa que perseguirá os princípios da collage surrealista (CLIFORD, 2011) e a montagem benjaminiana (BENJAMIN, 2009) (SILVA, 2019); Experiência que já se exercita na forma de escrita desse resumo, com as aproximações ora possíveis com a literatura de CARROL (1865) e aforismos epigrafando seções do texto.

Devido à heterogeneidade das experiências possíveis foram estabelecidos três categorias de entrevistados:

- 1- O/a cantor/a leigo/a - sendo este/a o/a cantor/a do grupo que tenha participado dos coros virtuais mas não tenha ligação com o estudo acadêmico de música.
- 2- O/a cantor/a estudante- sendo este/a o/a cantor/a do grupo que tenha participado dos coros virtuais e seja acadêmico/a do curso de música.
- 3- O/a cantor/a colaborador/a - sendo este/a o/a cantor/a do grupo que também faz parte da comissão organizadora do projeto Grupo Vox.

Será entrevistado um/a cantor/a de cada categoria, num total de três entrevistas

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o início do trabalho na modalidade remota em maio de 2020 até o momento de escrita deste texto foram criados nove coros virtuais com a participação média de 30 cantores por vídeo.

O processo de ensino, captação e construção dos coros virtuais é desenvolvido com a intenção de complementar a experiência individual e trazer o equilíbrio entre o virtual e o presencial, de forma que o canto coral seja uma ferramenta para a produção de uma *Erfahrung* e neste trabalho buscamos descobrir quais sentidos foram possíveis durante esses processos. Sendo o sentido a união entre o ser cantor e o ser música, ou seja, o fazer musical.

Aqui, não pretendemos encontrar justificativas para a substituição do canto coral presencial pelo canto coral virtualizado, e sim, identificar, a partir dos cantores, sentidos emergentes da experiência de virtualização que se refletem no trabalho do canto coral presencial. Tendo em vista que o presente trabalho encontra-se em sua etapa inicial de planejamento e que as entrevistas ocorrerão ao longo do segundo semestre de 2021, não é possível, no momento, tratarmos de resultados, se não elencar algumas possibilidades, como as feitas até aqui e enunciar os objetivos propostos, como indicado a seguir, na conclusão desse resumo.

4. CONCLUSÕES

"Eu não sou louco, minha realidade é apenas diferente da sua."(CARROLL,1865)

Ouso dizer que me perdi e me encontrei diversas vezes durante minha formação, mas nada foi tão desafiador quanto não me importar com o não se importar alheio. Ninguém se importa com a arte, com a música, com os sentidos, com as experiências, eu me importo. Isso basta? Terá que bastar por agora, mas até o final deste trabalho, nosso objetivo é desvelar sentidos ocultos na experiência de virtualização de coros. Sentidos que corroborem a possibilidade da extensão universitária como um *locus* de luta e de resistência contra a barbárie, que mostrem que é possível fazer muito, mesmo que seja pouco, que vale a pena se jogar nos abismos e fazer memória através da música.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Martin W. et GASKELL, George (org.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. Ed.II.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 1ªed.

CLIFORD, James. **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Sec. XX**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. 4ª ed.

DELEUZE, Gilles. **A Lógica do Sentido**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SILVA, Carlos Alberto Oliveira da. **Donde Musica Hubiere, Cosa Mala No Existiere: uma collage do concerto Vox Chorum do coral UFPEL**. 2019. Dissertação (Mestrado em educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Ufpel.

A POSTAGEM DE TRABALHOS DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS NA PLATAFORMA DA REDE PHI: UMA REFLEXÃO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DECORRENTES DA PANDEMIA DE COVID-19

MORGANA DIAS MESQUITA¹; ALINE MONTAGNA DA SILVEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – morgmesq@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alinemontagna@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar a produção de propostas arquitetônicas, urbanísticas, paisagísticas e arqueológicas, produzidas nas universidades do Brasil que trabalham no viés da conservação e restauro de edificações com valor patrimonial. A análise busca identificar as transformações decorrentes da pandemia de Covid-19. Nessa perspectiva foi realizada uma investigação sobre as postagens dos últimos anos, a partir de seleção de projetos elaborados por graduandos e pós-graduandos publicados na plataforma Rede PHI (Patrimônio Histórico + Cultural Ibero-Americano).

A Rede PHI é um espaço virtual de compartilhamento de trabalhos acadêmicos desenvolvidos sobre o tema da preservação, conservação e restauro. O principal objetivo da rede é incentivar e dar visibilidade para o conhecimento da conservação do patrimônio arquitetônico, paisagístico e urbanístico dos países de cultura Ibero-americana, através da divulgação destes valores ao grande público. Dessa forma, torna-se um instrumento de pesquisa, catalogação e auxílio na tomada de decisões tanto na elaboração de trabalhos acadêmicos quanto em investimentos na área do patrimônio (REDE PHI BRASIL, 2020).

A iniciativa foi criada na Espanha, na Universidade Politécnica de Madrid, no ano de 2010. O projeto aborda o reconhecimento dos valores históricos consolidados no patrimônio cultural e paisagístico de países da América Latina. Entre os países envolvidos, cerca de cinquenta instituições fazem parte da iniciativa. Entre as instituições brasileiras, as primeiras a integrarem o projeto, foram a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que coordena a nível nacional o programa, a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Atualmente, dezessete universidades brasileiras integram o projeto. As instituições que se vincularam recentemente à Rede PHI são a Universidade Federal do Sergipe (UFSE), a Universidade Federal do Ceará (UFCE), a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS), a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal de São Paulo (USP), a Universidade Presbiteriana Mackenzie (MACKENZIE) e a Universidade do Vale do Rio Dos Sinos (UNISINOS).

Na UFPEL, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAURB) divulga a sua produção na plataforma desde 2013, totalizando dezoito trabalhos publicados. No caso da FAURB, detecta-se que a alteração do calendário acadêmico da UFPEL e

as dificuldades decorrentes do distanciamento social devem repercutir na realização de trabalhos finais de graduação no âmbito da preservação do patrimônio cultural já que esses estudos demandam, muitas vezes, etapas de levantamento *in loco* (suspensos em função da pandemia de Covid-19).

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir de leituras de trabalhos acadêmicos sobre a Rede PHI (ALVES; SILVEIRA; OLIVEIRA, 2016; FAVERO; SILVEIRA; OLIVEIRA, 2017; AMARAL; COSTA, 2018; SILVA; OLIVEIRA, 2019; SILVEIRA et al., 2021) levantamento online na plataforma e análise dos dados coletados pelo levantamento. As leituras feitas buscavam apropriar-se dos assuntos acerca da Rede PHI. Essa apropriação foi realizada a partir de trabalhos de docentes e discentes da FAURB/UFPEL, apresentados em congressos e eventos e/ou publicados em periódicos, que apresentavam reflexões sobre o objetivo da plataforma. A compreensão sobre a importância do patrimônio e sua relação com a comunidade, uma das propostas da Rede PHI, foi fundamentada na leitura de Meneses (2006).

O levantamento realizado consistiu em identificar as propostas de instituições brasileiras publicadas na plataforma Rede PHI, nos últimos anos. Para essa atividade, foi necessário acessar o site e fazer uma busca pelo nome de cada universidade que integra o projeto.

Esse trabalho pretende elaborar uma análise, tendo como base os dados adquiridos no levantamento, promovendo discussões e divulgando a rede entre a comunidade acadêmica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do levantamento foi feita uma análise, onde se identificou que atualmente há 295 trabalhos publicados na Rede PHI, dos quais 53 são trabalhos de universidades brasileiras. Isso significa que 17,9% da produção vinculada à plataforma é brasileira. Foi constatado que entre as dezessete universidades brasileiras vinculadas a rede, apenas cinco têm trabalhos divulgados.

Essa situação, provavelmente, advém do fato de muitas dessas instituições terem seu ingresso recente na Rede, fazendo com que ainda não tenham se adaptado para fazer *upload* de trabalhos na plataforma.

Dentre as instituições brasileiras que compartilham sua produção, a Universidade Federal de Minas Gerais é a que possui mais publicações, com 26 trabalhos postados, o que equivale a 49% de todos os trabalhos postados na Rede PHI pelo Brasil. Cronologicamente, observa-se que os dez primeiros trabalhos mineiros foram divulgados no ano de 2016; em 2017 houve mais dez propostas publicadas; no ano de 2018, foram cinco; a última postagem da UFMG foi no ano de 2020. Com relação as categorias em que se inserem, dezesseis trabalhos foram categorizados como arquitetônicos; nove como urbanos; e apenas um como arqueológico. Todas as vinte e seis propostas divulgadas foram realizadas como Trabalho Final de Graduação (TFG) por acadêmicos.

A Universidade Federal de Pelotas tem dezoito trabalhos publicados na plataforma, mantendo uma constância de publicações desde o ano de 2016, quando divulgou três projetos. Em 2017, 2019, 2020 e 2021 foram publicados dois projetos por ano. Em 2018, foram sete trabalhos divulgados. Doze trabalhos foram

categorizados como projetos de restauro e conservação arquitetônico; dois foram na temática de urbano; e quatro foram projetos paisagísticos. Foram treze projetos realizados como Trabalho Final de Graduação, um trabalho realizado durante pesquisa na pós-graduação, e quatro propostas elaboradas por grupo de pesquisa.

A terceira instituição com postagens é a Universidade Federal de Pernambuco, tendo duas publicações por ano, nos anos de 2017 e 2018, e uma publicação nos anos de 2019 e 2021. Quatro desses trabalhos foram realizados com a temática arquitetônica; um foi categorizado como urbano e outro como engenharia. As seis propostas foram elaboradas como Trabalho Final de Graduação.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte teve apenas duas divulgações no ano de 2015 e a Universidade Federal da Bahia teve uma postagem no ano de 2016. As publicações de ambas universidades foram sob a temática arquitetônica e realizadas como Trabalho Final de Graduação.

4. CONCLUSÕES

A análise dos resultados das informações contidas na plataforma possibilitou inferir algumas considerações. Os dados obtidos no levantamento, demonstraram que as publicações das universidades brasileiras apresentam uma diminuição no número de postagem nos últimos anos. Essa constatação gera questionamentos sobre o motivo dessa situação, que podem ser decorrentes da falta de motivação dos estudantes em realizarem trabalhos de conclusão de curso sobre essa temática. Nessa perspectiva, pode-se supor que a diminuição dessas publicações pode significar que os alunos não têm tido interesse no assunto da preservação do patrimônio.

Outra possível interpretação diz respeito a dificuldade em realizar as postagens, que dependem do acesso à plataforma e do interesse do egresso em organizar as informações no formato adequado para upload. Essa probabilidade foi apontada em função da constatação de que muitos campos de preenchimento solicitados pelos responsáveis pela criação da plataforma não se aplicam aos trabalhos de conclusão de curso realizados no Brasil (SILVA; AMARAL; OLIVEIRA, 2020).

Uma das constatações sobre as categorias dos trabalhos postados indica a predominância de trabalhos de conclusão de curso categorizados como projetos arquitetônicos, em todas as instituições brasileiras investigadas. Além disso, observa-se que mesmo com o distanciamento social imposto pela pandemia, as instituições ainda postaram trabalhos nos últimos dois anos, que podem ter sido elaborados antes da alteração dos calendários acadêmicos das universidades brasileiras. Os reflexos da dificuldade em trabalhar com essa temática, provavelmente, será visualizado nas postagens dos próximos anos.

A diversidade de instituições e de temáticas que a Rede PHI contempla na sua plataforma demonstra que o ambiente é um instrumento importante de divulgação, que pode auxiliar discentes e docentes a ampliar discussões sobre o ensino e a valorização da preservação do patrimônio, através da busca por projetos de outras instituições como referência. A Rede PHI também promove a divulgação internacional dos trabalhos acadêmicos inseridos na plataforma, promovendo visibilidade nacional e internacional para seus autores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C. M.; SILVEIRA, A. M. DA; OLIVEIRA, A. L. C. DE. A REDE PHI COMO FERRAMENTA DE APOIO ACADÊMICO: aplicação no ensino de patrimônio cultural nos cursos de arquitetura e urbanismo. In: **III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**, Pelotas, 2016, **Anais...** Pelotas: Editora da UFPEL, 2016. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2016/12/CULTURA-2016-.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2021

AMARAL, M. F.; COSTA, A. L. ANÁLISE DA PRODUÇÃO DA FAURB - UFPEL NAS PROPOSTAS DE AÇÃO PATRIMONIAL: O compartilhamento de trabalhos através da Rede PHI. In: **V CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**, Pelotas, 2018, **Anais...** Pelotas: Editora da UFPEL, 2018. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2018/12/Cultura.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2021

FAVERO, N.; SILVEIRA, A. M. DA; OLIVEIRA, A. L. C. DE. REDE PHI COMO FERRAMENTA DE APOIO ACADÊMICO: aplicação no ensino de patrimônio cultural nos cursos de arquitetura e urbanismo. In: **IV CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**, Pelotas, 2017, **Anais...** Pelotas: Editora da UFPEL, 2017. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/anais/anais-2017/>>. Acesso em: 20 jul. 2021

MENESES, U. T. B. A cidade como Bem Cultural, áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano. In: MORI, V. H. et al. (Eds.). **Patrimônio: atualizando o debate**. 1. ed. São Paulo: IPHAN, 9ª Superintendência Regional, 2006. p. 33–76.

REDE PHI BRASIL. **Home - Rede PHI Brasil**. Disponível em: <<https://redephibrasil.com.br/>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

SILVA, V. DE F. B. DA; AMARAL, M. F.; OLIVEIRA, A. L. C. DE. PROJETO REDE PHI: ANÁLISE DA FICHA CADASTRAL DE POSTAGEM E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A INFORMAÇÃO NA PLATAFORMA. In: **19ª MOSTRA DA PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA**, Rio Grande, 2020, **Anais MPU 2020 - Salão de Indissociabilidade**. Rio Grande: 2020. Disponível em: <<https://mpu.furg.br/anais1?layout=edit&id=166>>. Acesso em: 20 jun. 2021

SILVA, V. DE F. B. DA; OLIVEIRA, A. L. C. DE. Rede PHI: a Plataforma de Patrimônio Histórico e Cultural Ibero-americano. In: **II CONGRESSO NACIONAL PARA SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL**, Cachoeira do Sul, 2019, **Anais...** Cachoeira do Sul: 2019. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/221/2020/03/II_CNSPC_2019__Anais_Volume-1.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021

SILVEIRA, A. M. DA et al. A Extensão Universitária em Tempos de Pandemia: A Divulgação da Rede PHI - Patrimônio Histórico + Cultural Iberoamericano. **Expressa Extensão**, v. 26, n.1, p. 259–273, abr. 2021.

SARAU DANÇANTE: VERSOS E PROSAS NUMA POÉTICA TEÓRICO-PRÁTICA DE CORPOS MADUROS EM CENA

NATALIA CRISTINA DE CAMARGO¹; CLAUDILENE CASTRO DE LIMA²;
DANIELA LLOPART CASTRO³

¹Universidade Federal de Pelotas – nataliacmg@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – di-dancaufpel@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – danielallopcastro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui descrito é fruto de uma ação realizada no Projeto de Extensão Bailar: Núcleo de Dança na Maturidade da Universidade Federal de Pelotas, coordenado pela professora Dr^a Daniela Castro, acompanhado pelas discentes do curso de Dança Licenciatura Natália Camargo e Claudilene Lima. Tem como objetivo discorrer sobre a proposta de criação do Sarau Dançante, que traz como escopo promover encontros teórico-práticos com artistas da dança, possibilitando performances e reflexões sobre os corpos maduros em cena. Serão descritas atividades realizadas durante os preparativos da ação, percepções individuais mais relevantes, bem como dados quantitativos desta primeira edição. Escrita versada com pensamentos de Prado e Goettems (2009) na questão de espacialidade e na maturidade do corpo baseado em Vianna (2016).

2. METODOLOGIA

A ideia do Sarau Dançante surgiu em meados de junho de 2020. Neste período já vivenciávamos a pandemia e por conta disso o modo on-line tornou-se uma constante. Diante disso, percebemos como as pessoas em geral estavam saturadas das numerosas lives de famosos, cursos online, videoaulas e tantos outros conteúdos virtuais. Dessa forma sobrepunha-se o sentimento da necessidade de executar algo prático, que suprisse nossa carência e das pessoas ao nosso redor, em estar no palco apresentando algo preparado para um público com o intuito de levar uma poética teórico-prática com e para corpos maduros. Porém, impossibilitados pelo isolamento social exigido pelo momento, utilizamos as ferramentas disponíveis para requalificar o conceito de apresentação que estávamos acostumados, transformando espaços e ambientes corriqueiros em palcos para nossos artistas. Como colocam Prado e Goettems (2010):

[...] o espaço capaz de ser sentido, pensado, construído e vivido através e pelos corpos. Nesse sentido, o espaço não existe a priori, ele se constitui e é criado a partir das interações e das relações humanas. Podemos nos questionar, desta maneira: precisamos de um espaço (lugar físico) para as propostas em dança, ou podemos atribuir esse valor a um espaço qualquer? (PRADO; GOETTEMS, 2019, p. 45).

Mantendo o foco do projeto Bailar - a dança com a maturidade, cada live do Sarau foi estruturada pensando nos convidados, temas que seriam abordados e apresentação dos artistas. O primeiro passo foi definir dia e horário para alcançar maior público, criar uma identidade visual para o Sarau e estabelecer um cronograma de divulgação. Todo o material foi pensado e criado pelas alunas participantes do projeto, juntamente com a coordenadora. Foram elaborados dois tipos de cartazes, um para divulgação inicial constando dia, hora, link de acesso, tema, fotos, nomes dos convidados e o título 'Versos e Prosas', numa alusão poética às apresentações seguidas de conversas afetivo-reflexivas. Depois um banner para cada convidado, reforçando a chamada ao público e enaltecendo os artistas que estariam presentes com foto e breve biografia.

Em cada live, temas específicos relacionados à maturidade e aos corpos maduros em cena, previamente selecionados, foram abordados. Os artistas escolhidos receberam o roteiro da edição, com perguntas e temas que seriam tratados durante a conversa, além de tempo para se programar, criar e ensaiar sua performance. Como todo bailarino gosta de marcar palco antes de uma apresentação, fazíamos uma sessão teste, onde os participantes desenvolviam habilidades com o sistema virtual utilizado, ficando à vontade para realizarem uma participação leve, tranquila e com um bom desempenho. Durante esses testes, era demarcado o posicionamento da câmera de cada participante para a performance e bate papo, estabelecida a ordem de apresentação de cada convidado e passadas as instruções de como a plataforma funcionava, ressaltando que, se porventura surgissem dúvidas, as mesmas eram prontamente elucidadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Sarau Dançante contou com cinco lives no segundo semestre de 2020, onde foram abordadas diferentes temáticas, cada uma delas trazendo a sua poética, mas todas com o mesmo intuito, performar e teorizar as diversas relações e reflexões sobre os corpos maduros em cena, mantendo a dinâmica de performances e questionamentos a serem versados. Começando pelas apresentações artísticas, trazendo para o público que assistia as lives, uma linguagem poética de acordo com o tema abordado, em seguida a mediadora da live iniciava o bate papo com os convidados através de questionamentos provocadores onde o público também podia interagir pelo chat. Dessas conversas surgiram muitas reflexões sobre o caminho que cada participante percorreu até aquele momento, trazendo percepções sobre o seu corpo maduro na dança.

Na primeira live, que teve como tema "Corpo maduro no ballet clássico", as performances apresentadas pelos convidados já carregaram em si algumas respostas para a conversa que se daria após, como por exemplo, de que corpos maduros podem sim dançar ballet clássico, mantendo vivos em si toda a técnica apreendida, adaptada à nova realidade e limites corporais.

Na segunda live “Produções audiovisuais em Dança com corpos maduros”, o público foi agraciado com três performances carregadas de toda individualidade de caminhos cênicos percorridos. A discussão foi em torno da dificuldade que é a produção de dança totalmente virtual diante do cenário em que vivemos de isolamento social, porém, um desafio necessário para todos.

“O ensino e as produções em dança na maturidade”, foi tema da terceira live. Performances singulares apresentadas por bailarinos e professores de grupos da maturidade entregaram ao público a sensação do quanto nossos corpos podem se movimentar e do quanto a dança traz mais vida aos corpos. Relataram os desafios em desenvolver atividades dançantes com esses grupos, falando também sobre as produções de obras dentro desse momento atípico que o mundo todo está vivendo.

Para a quarta live o tema escolhido foi “Um olhar para a maturidade na formação do professor de dança”, temática de extrema importância, tanto para quem já vive a docência em dança, como para quem ainda está percorrendo esse caminho de formação. Versamos muito sobre como eles, sendo professores de cursos de graduação em Dança, contribuem na formação de seus alunos, no que tange o tema maturidade.

O assunto para a última live foi a “Trajetória artística do Grupo Baila Cassino”. Neste encontro, bailarinas e integrantes de um grupo de maturidade trouxeram com suas performances, movimentos dançantes que traduzem a memória corporal de cada uma. Foram exaltadas pelo público que assistia e relataram as experiências de mulheres maduras e bailarinas de um grupo de dança. Concordando com VIEIRA (2016, p.161), “na dança o corpo maduro quando animado se põe a dançar. Posso exemplificar que para essa manifestação artística o corpo não tem validade de “aposentadoria da dança”.

Ademais, obtivemos como resultados também alguns dados quantitativos das edições realizadas a cada encontro:

Data	Tema do Sarau Dançante	Visualizações	Duração
27/08/20	Corpo maduro no ballet clássico	319	1h27min
09/09/20	Produções audiovisuais em Dança com corpos maduros	221	1h31min
01/10/20	O ensino e as produções em dança na maturidade	310	1h37min
15/10/20	Um olhar para a maturidade na formação do professor de dança	266	1h39min
29/10/20	Trajetória artística do Grupo Baila Cassino	197	1h28min

Tabela 1: Dados quantitativos da 1ª edição do Sarau Dançante

4. CONCLUSÕES

O que vocês enxergam de possibilidades nestes corpos mais experientes que pode ser colocado em cena? Questionamento feito aos convidados que ainda reverbera em nós. Podemos dizer que a resposta para essa pergunta deu-se nas poéticas performáticas que cada convidado trouxe. Suas manifestações corporais, trazidas cenicamente, mostraram todas as possibilidades de movimentos que cada corpo maduro possui. Desta forma, indo ao encontro do filósofo Nietzsche,

quando fala sobre a potência do corpo, “[...] o mais surpreendente, é antes, o corpo; não podemos deixar de nos maravilhar com a ideia de que o corpo se tornou possível”. (DELEUZE *apud* VIEIRA, 2016, p. 164). Apreciar tais potencialidades e possibilidades, como coloca Nietzsche, nos dá a certeza de que a maturidade não é razão para que se fechem as cortinas para esses corpos.

Como bolsista e monitora, relatamos que este projeto funcionou como uma fênix, causando o efeito de renascimento para os artistas convidados que se dispuseram a compartilhar um pouco de sua história e arte, e também para o público, que pôde, de uma maneira diferente, interagir com obra e criador. Assim, como diz Vianna (2006, p.71), “quando podamos a expressividade de nosso corpo, impedindo que respire, estamos cortando nosso cordão umbilical com o mundo”. Além disso, participar de todo o processo dessa ação foi muito enriquecedor, seja como um enorme contribuinte para nossa formação, seja como um deleite aprazível que a poética da dança provocou em nosso ser. Pontuamos ainda que a reação do público participante, pelas palavras eufóricas que transmitiam aos convidados através do chat, fizeram toda a diferença para o sucesso do Sarau Dançante.

Acreditamos que nosso objetivo principal foi alcançado. Possibilitamos artistas da maturidade se expressar verbal e subjetivamente com a poética de sua expressão e arte, além de proporcionar a fruição e deleite do público e interação com os convidados durante as lives, deixando como aspiração a continuidade das edições do Sarau Dançante.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PRADO, Patrícia D.; GOETTEMS, Milene B.. Educação Infantil: tempos e espaços para danças e infâncias. **Revista Chilena de Pedagogía**. v.1, n.1, p.36-53, 2019. Disponível em: <https://revistadepedagogia.uchile.cl/index.php/RCHP/article/view/55631>.

VIANNA, Klauss. **A dança**. 2006. Separata de: 6, Estar no mundo, 2006. p.69-72. Disponível em: < <http://www.klaussvianna.art.br/Arquivos/2642/900800-SP-TKV-LIV1.pdf> > Acesso em: 13/07/2021

VIEIRA, Marcílio. A memória gruda na pele ou a dança madura do corpo. **Art Research Journal**. v. 3, n. 2, p. 160-177, Brasil, jul/dez, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/download/9525/7812>> Acesso em: 18/07/2021

BARRAGEM-ECLUSA DO CANAL SÃO GONÇALO: PERSPECTIVAS A PARTIR DO ACERVO HISTÓRICO DA AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA LAGOA MIRIM.

NATHALIA LIMA ESTEVAM¹; BETHÂNIA LUISA LESSA WERNER²; GEORGE MARINO SOARES GONÇALVES³; LUKAS DOS SANTOS BOEIRA⁴; GILBERTO LOGUERCIO COLLARES⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – nathaliaestevaml@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bethaniawerner@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – george.marino.goncalves@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – lukasdossantosboeira@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – gilbertocollares@gmail.com

1. Introdução

A Barragem-Eclusa do Canal São Gonçalo foi inaugurada em 1977, e é fruto das atividades desenvolvidas pela Comissão Mista brasileiro-uruguaia (CLM) em apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e da Food and Agriculture Organization (FAO), para a criação do projeto CLM/FAO/PNUD de Desenvolvimento da Bacia da Lagoa Mirim (VIANNA, 2012). A CLM foi criada em 1963 com objetivo de elaborar ações para o desenvolvimento da bacia hidrográfica Mirim-São Gonçalo (BHMSG). Localizada na região da fronteira entre Brasil e Uruguai, a bacia compreende 62.250 Km² de área de superfície, sendo 29.250 km² (47%) em território brasileiro e 33.000 km² (53%) em território uruguaio (SOSINSKI, 2009), além disso, promove irrigação para diversas cidades de ambos países.

Em 1971, por meio do Decreto n° 69.612¹, a Seção Brasileira da Comissão Mista foi transferida para a então Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul (SUDESUL). Na mesma década, em 1977, foi assinado o Tratado para o Aproveitamento dos Recursos Naturais e para o Desenvolvimento da Bacia da Lagoa Mirim, que possibilitou concepção de vários projetos, entre eles a Barragem- Eclusa.

A partir da dissolução da SUDESUL, em 1994, a cessão do acervo histórico e a administração que estavam sob a responsabilidade do Departamento da Lagoa Mirim, são conferidos à Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) por meio da criação da Agência de Desenvolvimento da Lagoa Mirim (ALM). O acervo histórico da ALM, é composto por diversos tipos documentais, entre eles, relatórios de campo, livros, aerofotografias, fotografias convencionais, documentos oficiais e mapas, que fizeram parte do desenvolvimento de projetos como Chasqueiro, Rio Jaguarão, entre outros de âmbito nacional e internacional.

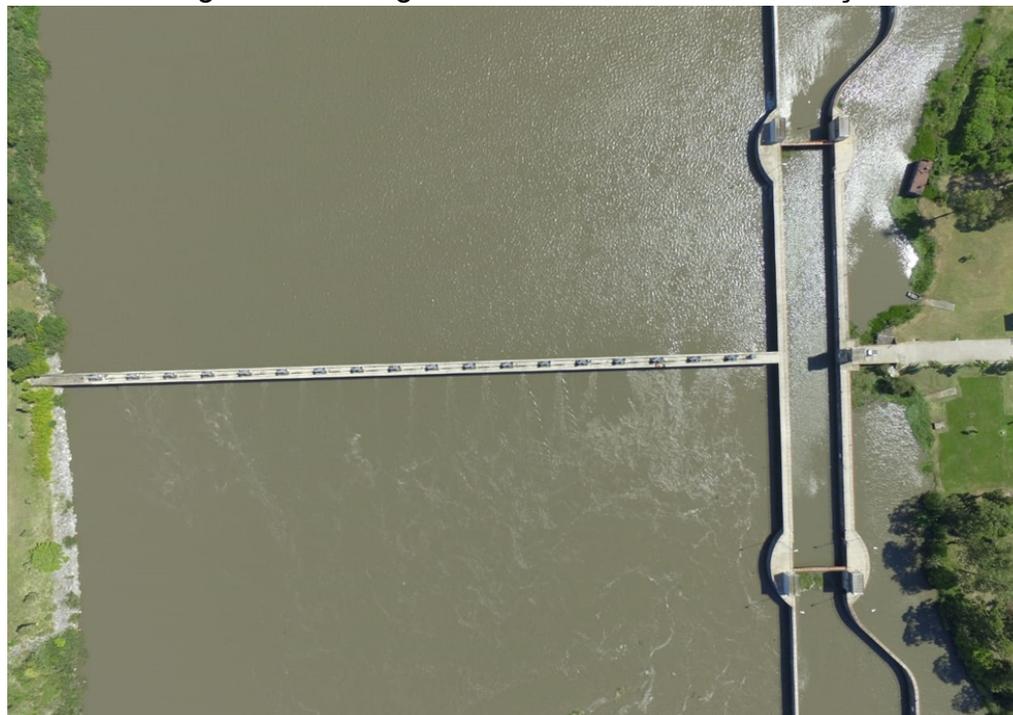
O presente trabalho tem por objetivo analisar, a partir do acervo histórico da Agência de Desenvolvimento da Lagoa Mirim, a importância da Barragem-Eclusa do Canal São Gonçalo para a região Sul do estado do Rio Grande do Sul (RS).

A barragem e a eclusa são estruturas hidráulicas localizadas no Canal São Gonçalo (Figura 1), na qual, a eclusa possui 120 metros de comprimento e está localizada no canto esquerdo do Canal e, por sua vez, a barragem, feita

¹ Senado Federal. Decreto n° 69.612, de 29 de novembro de 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-69612-29-novembro-1971-417992-publicacaooriginal-1-pe.html>

transversalmente ao Canal São Gonçalo, tem 245 metros. A função da barragem é impedir que as águas salinizadas advindas do mar e conduzidas pela Laguna dos Patos entrem na porção sul do Canal. Já a Eclusa, tem como principal finalidade, a possibilidade de manter o tráfego de embarcações pelas águas do canal.

Figura 1 - Barragem-Eclusa do Canal São Gonçalo



Fonte: ALM (2021)

2. Metodologia

O acervo da Agência de Desenvolvimento da Lagoa Mirim está em processo de organização. Sua catalogação é elaborada a partir dos diversos projetos que a instituição e suas antecessoras estiveram envolvidas nas últimas oito décadas. A metodologia preza pelo princípio da proveniência definido por BELLOTTO (2004) e que define que documentos da mesma origem devem permanecer reunidos para melhor acesso.

Atualmente as mapotecas estão em foco para o processo de catalogação (Figura 2). A ação é realizada a partir da alimentação de uma tabela digital e visa acelerar o acesso ao acervo para pesquisas já em andamento, além de sua consequente conservação para futuras consultas no acervo. Além disso, outros materiais também estão sendo revisitados para organização, entre eles, as fotografias de projetos como o da Barragem-Eclusa que demonstram o empenho entre Brasil e Uruguai para o desenvolvimento da região. O processo de organização ainda dá seus primeiros passos, entretanto já é possível observar mudanças substanciais para o acesso.

Figura 2 - Mapoteca do Acervo da ALM.



Fonte: Acervo ALM (2021).

3. Resultados e Discussão

A Barragem-Eclusa do Canal São Gonçalo tem um importante papel social, pois contribui para a qualidade da água doce da região, e auxilia seus múltiplos usos como na agricultura, e o consumo humano das cidades de Rio Grande, Capão do Leão e Pelotas, além da captação de água para atender significativas áreas de arroz irrigadas por inundação (ALM, 2021).

Com base na pesquisa elaborada, a partir do conjunto documental presente no acervo, é possível compreender que os processos de desenvolvimento da região Sul do Rio Grande do Sul e das cidades banhadas pela BHMSG estão, em grande parte, relacionados à Comissão Mista Brasileiro-Uruguiaia. Da mesma forma que instituições como a ALM, que promovem a manutenção e operação de projeto e estruturas, como no caso da Barragem-Eclusa, assim como os programas de monitoramento ambiental, análise de águas para adequação para o consumo humano e de efluentes para observar o estado dos dejetos, industriais e urbanos. A partir daí é possível notar que estas ações trazem mudanças significativas para a população local.

4. Conclusões

O presente trabalho entende que a articulação entre pesquisa e extensão são extremamente necessárias para o desenvolvimento e preservação do patrimônio histórico regional. Além disso, busca compreender que o acesso facilitado à acervos como o da ALM, e a colaboração na democratização de espaços que contam a história desse patrimônio são de suma importância para a preservação da memória coletiva.

5. Referências

ALM, **Agência de Desenvolvimento da Lagoa Mirim**. Disponível em:
<https://wp.ufpel.edu.br/alm/>. Acesso em 11/07/2021.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**. Tratamento documental.
Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

SOSINSKI, L. T. W. **Caracterização da Bacia Hidrográfica Mirim** - São Gonçalo
e o uso dos recursos naturais. Embrapa Clima Temperado, Pelotas, 35p. 2009.

VIANNA, Manoel Luiz. **Extremo Sul do Brasil: um lugar esquecido**. Pelotas:
Editora Textos, 2012.

EXTROVERSÃO DAS ATIVIDADES DO PROJETO DOCUMENTAÇÃO, RESTAURAÇÃO E EXPOSIÇÃO DA OBRA "SENHORAS TOMANDO CHÁ"

OLGA GENI PINTO JECK CABRAL¹; BRUNA DE OLIVEIRA AVILA²; FILIPE
CASTRO ALVES WESSELY³; KELI CRISTINA SCOLARI⁴; ANDRÉA LACERDA
BACHETTINI⁵

¹Universidade Federal de Pelotas –cabral.potter@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas –brunaoliveira.avila@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – wesselyfilipe@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – keliscolari@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas –andreabachettini@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo se destina a apresentação das atividades de Extroversão do Projeto Documentação, Restauração e Exposição da Obra “Senhoras Tomando Chá”, pertencente à Pinacoteca Matteo Tonietti, da cidade de Rio Grande, RS.

Algumas ações extensionistas, foram pensadas e planejadas para a divulgação do projeto e estão em andamento. Primeiramente, a editoração de um livro referente a obra, que está sendo confeccionado tanto para versão impressa como para e-book. O livro que irá apresentar o processo de intervenção restaurativa pelo qual a pintura passou, traz informações importantes sobre a obra e sua autoria. Ainda estão previstas uma linha de produtos para divulgação do projeto: marcadores de livros, camisetas, canecas, lápis, canetas e ecobags que ficarão à disposição para comercialização durante a realização das duas exposições que estão planejadas para 2022. As exposições ainda não tem uma data definida para acontecer devido a pandemia de COVID-19. Em segundo, as exposições que deverão ocorrer nas cidades de Pelotas no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) e em Rio Grande na reabertura da Pinacoteca Matteo Tonietti da Secretaria Municipal da Cultura. Durante as exposições está prevista a montagem do cosplay referente a cena da obra, com reprodução das vestimentas e da mesa do chá, assim como ações educativas com escolas que agendarem a visita à exposição. Em terceiro, um documentário que irá apresentar depoimentos das pessoas envolvidas no projeto junto com informações referentes a restauração da pintura.

Mesmo com as atividades paralisadas devido a pandemia que assola o mundo, os alunos participantes do projeto, juntamente com sua orientadora e co-orientadora, continuam com atividades remotas dando andamento a Extroversão Das Atividades do "Projeto Documentação, Restauração e Exposição da Obra 'Senhoras Tomando Chá' ", que visa fazer a divulgação deste trabalho, assim como a aproximação da comunidade em geral com o campo científico. Também foram confeccionadas durante a pandemia, máscaras com a estampa da pintura como uma forma de divulgação do projeto e incentivando o uso da máscara como forma de proteção da COVID-19.

O projeto tem como objetivo geral a divulgação do processo que envolveu a restauração da pintura, e permite a aproximação com a comunidade em geral e das escolas da rede pública, e privada através das ações de educação patrimonial. A comunidade adquire conhecimentos relacionados ao patrimônio

histórico/artístico/cultural, através da história e das memórias que envolvem este bem cultural pertencente à cidade do Rio Grande.

O projeto teve uma ação de educação patrimonial antes da pandemia, momento em que foi testado a aplicação do manual didático, elaborado por uma das integrantes do projeto, em uma escola da rede municipal da cidade de Pelotas. Os resultados dessas atividades mostraram o quão importante é aproximarmos as escolas de atividades ligadas ao patrimônio cultural. Portanto, estas atividades serão replicadas com as escolas da rede pública e privada da cidade de Pelotas e Rio Grande.

2. METODOLOGIA

A metodologia seguiu critérios de organização para realização das atividades e ações. Durante a pandemia, a equipe do projeto tem se reunido semanalmente, virtualmente, através de uma sala do projeto na Webconf da UFPEL e a comunicação dos integrantes é estabelecida em um grupo no WhatsApp.

Criação de um drive para colocação das imagens fotográficas e filmes gerados ao longo da restauração da pintura; coleta e seleção de imagens para o material de divulgação, livro e audiovisual; produção de textos tanto para os capítulos do livro como para resumos de eventos e artigos para anais e revistas; ainda a preparação de um roteiro para o documentário; entrevistas com participantes e pesquisadores envolvidos no projeto; curadoria das duas exposições que irão ocorrer nas cidades de Pelotas e Rio Grande; planejamento das atividades no âmbito da educação patrimonial com a participação das escolas da rede pública e privada da cidade de Pelotas e Rio Grande.

O projeto conta com a participação de outras instituições e cursos de graduação da UFPEL, como: Cinema e Audiovisual, Design Gráfico, Museologia e Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPEL, juntamente com o curso de moda do Instituto Federal Sul-Rio Grandense (IFSUL), a Prefeitura da cidade de Rio Grande (RS), e também a participação da Universidade Sorbonne de Paris, todos têm um papel de relevância, na realização das ações extensionistas, de ensino e pesquisa.

A partir das atividades extensionistas aqui relatadas, sentiu-se a necessidade do desenvolvimento de uma ação de pesquisa para fazer o mapeamento de outras pinturas de autoria do mesmo artista em instituições culturais na América do Sul.

O material gerado pelo projeto será disponibilizado na página do Laboratório de Conservação e Restauração de Pintura que está sendo criado para este fim, lá ficarão trabalhos acadêmicos e a documentação gerada pelo projeto ao longo de todos esses anos e ainda material referente às exposições nas instituições parceiras, ações extensionistas que irão ocorrer em breve, assim que as condições sanitárias permitirem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades deste projeto extensionista, vem propiciando ao longo do tempo, aos acadêmicos e docentes da equipe envolvida maior entrosamento, gerando discussões tanto teóricas como práticas, assim como a participação da

comunidade através dos estudantes da rede pública, no foco da educação patrimonial.

A participação de acadêmicos e docentes de outros cursos e de instituições parceiras envolvidas no projeto, estabelece troca de conhecimentos, e a oportunidade de conhecer e trabalhar no âmbito da extensão, do ensino e da pesquisa, produzindo material qualificado, como elaboração e confecção do livro, a preparação do documentário, e ainda a produção de maquetes táteis para ser utilizada como um recurso de acessibilidade durante as exposições que estão previstas, para ocorrer em Pelotas no MALG e em Rio Grande na Pinacoteca.

Durante o momento em que passamos por essa pandemia sem precedentes, foram produzidas máscaras com a imagem da pintura “Senhoras Tomando Chá”, e nas redes sociais foram realizadas postagens, onde as imagens das senhoras representadas na pintura receberam máscaras e nas comemorações natalinas receberam toucas de Papai Noel. Estas postagens foram possíveis com a utilização de programas gráficos utilizados por acadêmicos do curso de Design Gráfico.

Além de divulgar o projeto, foi uma maneira de fazer alusão e incentivar o uso da máscara como forma de prevenção para a doença COVID-19.

É importante registrar que depois da restauração da pintura ter sido finalizada, descobriu-se a autoria e o verdadeiro nome pintura, que serão divulgados no conteúdo que compõe o livro.

4. CONCLUSÕES

Finalizado este resumo é importante salientar que todas as ações extensionistas que têm sido pensadas e organizadas pela equipe participante do projeto, tem apresentado excelentes resultados, mesmo com o trabalho sendo feito remotamente devido a pandemia de COVID-19.

O projeto aqui apresentado, mostra o quão interessante é a história da obra “Senhoras Tomando Chá”, e o quanto esta obra representa para a comunidade riograndina, e para todas as pessoas que fizeram parte deste projeto. A participação no projeto tem sido muito gratificante, as atividades de extensionistas tem uma ligação direta com a formação dos alunos envolvidos.

As ações aqui apresentadas, mostram todo o potencial das atividades de extensão do projeto, o seu envolvimento com o ensino, a pesquisa e a extensão. É principalmente a importância da preservação do Patrimônio Cultural, registradas através das atividades desenvolvidas por todos os participantes do projeto.

A interdisciplinaridade é uma marca do projeto, participam vários acadêmicos e professores de diversas áreas do conhecimento, o que ajuda na investigação e no preenchimento das lacunas que surgiram ao longo do processo de desenvolvimento das ações de extensão, de pesquisa e de documentação.

Espera-se que em breve, os museus possam abrir suas portas, e o projeto possa fazer o lançamento do seu livro, as exposições, apresentar o documentário, e finalmente entregar a obra restaurada para a comunidade de Rio Grande.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA. K. (organização). Moema: Restauração = Restoration. São Paulo: Comuniquê Editorial, 2013.

CURIE. Pierre. Poussin: Restauração: Hymeneus travestido assistindo a uma dança em honra a Príapo: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo / Cultural, 2009.

CORRÊA. A. R. Senhoras tomando chá: Documentação e acesso ao público de uma pintura do século XIX. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis) - Universidade Federal de Pelotas. Orientador: Andréa Lacerda Bachettini.

FURASTÉ. P, A. Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das Normas da ABNT, - 17. Ed. - Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2014.

“ACERVOS VIRTUAIS DA REDE DE MUSEUS DA UFPEL”: O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA IDENTIDADE VISUAL

OSCAR PEREIRA GOULART NETO¹; CHRIS DE AZEVEDO RAMIL ²;
ANDRÉA LACERDA BACHETTINI³

¹Universidade Federal de Pelotas – oscarpereiragoulartneto@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – chrisramil@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – andreabachettini@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o resultado do processo de criação da identidade visual para os “Acervos virtuais da Rede de Museus”, uma atividade por mim desenvolvida, através da bolsa de Extensão (PBA/Extensão/UFPe) junto ao projeto de extensão “Rede de Museus da UFPe: ações e divulgação”, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas (PREC/UFPe), sob orientação da profa. Dra. Andréa Bachettini e coorientação da 000

A Rede de Museus da UFPe, órgão suplementar da PREC/UFPe, foi criada em 2017, com o objetivo de

[...] unir as instituições, projetos museológicos, acervos e coleções existentes na Universidade, visando a implantação e manutenção de uma política para a área, de forma a desenvolver ações de gestão, valorização do patrimônio museológico e de aproximação com a comunidade (REDE DE MUSEUS - UFPe, 2021).

Com isso, atualmente, são 22 as representações que compõem esse grupo. Muitos desses museus, projetos e acervos e coleções detêm a salvaguarda de inúmeros materiais, de diferentes especificidades, de acordo com a temática a qual se vinculam, que estão organizados em seus espaços físicos. Para além disso, uma demanda comum entre vários dos integrantes tem sido a de poder viabilizar a divulgação desses acervos de forma *online*, aproveitando-se da internet como ferramenta de visibilidade, e viabilizando assim uma nova forma de acesso e pesquisa de informações sobre os esses locais e seus materiais, aos interessados de qualquer parte do mundo.

Neste sentido, sabe-se que os museus *online* têm se tornado uma realidade cada vez mais presente, ampliando o alcance das informações ao público em geral. Esta nova noção de museus é recente e tem sido ainda mais procurada durante a pandemia de Covid-19, diante do interesse e preocupação das instituições em se manter próximas, de certa forma, à comunidade em geral, buscando assim, explorar alternativas para as ações museológicas e de fomento ao reconhecimento do patrimônio, de forma virtual.

Diante dessa demanda crescente, os museus necessitam de um cuidado muito grande com a curadoria do que será mostrado no ambiente virtual e com a estrutura do próprio *site*, bem como na organização do seu repositório de dados, para transmitir profissionalismo e também ser interessante, fazendo com que quem acesse consiga encontrar o que busca de forma fácil e estimulante.

Por isso, a Rede de Museus recentemente implementou um repositório institucional, junto à UFPe, para fomentar a disponibilização dos acervos de forma virtual, para consulta aberta de qualquer interessado nos temas. Intitulado “Acervos Virtuais da Rede de Museus”, esse projeto busca contemplar a

necessidade de reforçar a presença digital deste setor junto ao seu público, tendo como objetivo:

[...] a divulgação dos acervos e coleções que compreendem o conjunto de bens culturais, de caráter material ou imaterial, móvel ou imóvel, integrantes do campo documental de objetos/documentos que corresponde ao interesse e objetivo de preservação, pesquisa e comunicação dos museus e processos museológicos das instituições vinculadas à Rede de Museus da UFPel (ACERVOS VIRTUAIS DA REDE DE MUSEUS, 2021).

Com um *site* recentemente disponibilizado, para agregar os acervos que ainda estão em fase de organização e que têm sido armazenados no repositório da UFPel, era necessário criar uma identidade visual para apresentação desse ambiente virtual ao público. Este tema será tratado, então, de forma mais específica, na continuidade deste texto. Na sequência, será exposto o processo de desenvolvimento da marca e da identidade visual para os “Acervos virtuais da Rede de Museus da UFPel”, assim como as análises e os estudos realizados como embasamento à criação, além da exibição do projeto aplicado e finalizado.

2. METODOLOGIA

Segundo Koch, “o planejamento de uma pesquisa depende tanto do problema a ser estudado, da sua natureza e situação espaço-temporal em que se encontra, quanto da natureza e nível de conhecimento do pesquisador” (2007, p. 122). Levando isso em consideração, para o desenvolvimento da marca e da identidade visual dos “Acervos Virtuais da Rede de Museus da UFPel”, primeiramente foi necessário compreender o contexto e as informações pertinentes a esses projetos, destacando-se as características extensionistas mais relevantes.

A partir disso, escolheu-se trabalhar com dois focos principais. Na primeira etapa se estudou a marca da Rede de Museus, para encontrar aspectos que pudessem ser associados na criação de uma marca para os “Acervos Virtuais”, buscando uma unidade e relação entre ambas, para reforçar também visualmente um vínculo entre elas. Vale destacar que a marca da Rede de Museus (Figura 01) é composta por um símbolo (Figura 2) que remete a pontos de conexão em rede, sobreposto por uma tipografia com o seu título, dando destaque para a palavra “Rede” em relação às demais, sendo de família tipográfica sem serifa e bastonada. A informação textual dá uma ideia de interação e parece estar entrelaçada com os referidos elementos gráficos, sendo que estão todos em apenas uma única cor, o vermelho.



Figura 01 - Marca da Rede de Museus da UFPel.
Fonte: Acervo da Rede de Museus da UFPel

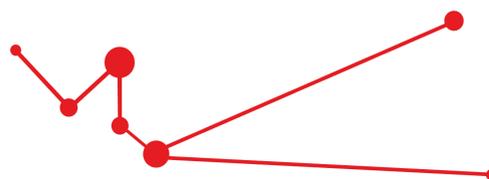


Figura 02 - Símbolo da marca da Rede de Museus.
Fonte: Acervo da Rede de Museus da UFPel

Já na segunda etapa, após esses estudos terem sido realizados, partiu-se para a criação da marca dos “Acervos Virtuais da Rede de Museus da UFPel”. Nesta fase, já se havia determinado que para os “Acervos Virtuais” se deveria unir

o passado com o presente de forma subliminar, aproveitando elementos das tipografias que representassem esses tempos. Além disso, a cor vermelha da marca da Rede de Museus se manteve nessa nova proposta, para uma associação entre ambas, assim como o símbolo supracitado (Figura 2), formado com linhas e pontos que as unem e que passaram por algumas alterações de posição, para uma melhor conexão nos dados da nova marca criada. A partir dessas decisões, procedeu-se então ao processo de desenvolvimento da marca, cujos resultados serão expostos, a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como comentado anteriormente, a marca dos “Acervos Virtuais” tem como referência a marca da Rede de Museus da UFPel, a partir da qual se trabalhou para encontrar a melhor alternativa, que fosse interessante visualmente, mantendo o vínculo mas apresentando um diferencial, para determinar a sua identidade visual. Inicialmente, pensou-se em usar tons mais distantes do vermelho, como algumas tonalidades de verde e marrom, na tentativa de encontrar nessa variação uma boa solução gráfica. Entretanto, essa alternativa não foi bem sucedida e foi descartada, pois se percebeu que manter a unidade entre a Rede de Museus e os “Acervo Virtuais” também pelas cores seria interessante para reforçar o vínculo entre ambas. A partir disso, restava buscar quais tipografias passariam a ideia de passado e presente ao mesmo tempo, mas foi observado, nos testes, que nenhuma família tipográfica usada exclusivamente em toda a informação textual conseguiria explorar efetivamente esse conceito. Foi realizada uma nova pesquisa em relação às possibilidades tipográficas e se optou, então, por usar duas tipografias diferentes, uma serifada para a palavra “Acervos”, buscando evidenciar um aspecto mais antigo e clássico, e para a palavra “Virtuais” se trabalhou com uma tipografia sem serifa, mais quadrada e moderna, remetendo à uma ideia de algo mais contemporâneo. Com os estudos realizados, foram desenvolvidas para os “Acervos Virtuais”, três assinaturas da marca, apresentadas na Figura 03, sendo a de cima a principal e as outras duas, no meio e abaixo, de apoio para serem usadas quando a principal não puder ser aplicada, com algumas variações entre dois tons de vermelho e com o preto.



Figura 03 - Marca e aplicações dos “Acervos Virtuais da Rede de Museus da UFPel”.

Fonte: Arte realizada pelo autor para a Rede de Museus da UFPel.

Como pode ser conferido na marca criada, enquanto a tipografia serifada em “Acervos” remete à classe, a palavra “Virtuais” e a expressão “Rede de Museus UFPel” constam com uma tipografia mais reta, relacionando-se à modernidade. Assim como na marca da Rede de Museus, o símbolo mostra a

união entre as duas principais partes, além de adquirir mais um significado, pois a teia que remete à uma rede passou também a representar a teia que é associada à internet, que é o suporte pela qual esses acervos podem ser encontrados. Além disso, explorou-se os pontos do símbolo, de forma que um une as informações, pela sua posição na extremidade levar o olhar do espectador para a leitura da informação complementar “Rede de Museus”, enquanto o outro, intermediário, também assume a função de se unir à informação tipográfica, ao valer como ponto do “i” de “Virtuais”. Nota-se que o destaque é maior para “Acervos Virtuais”, apresentado em tipografia em caixa alta, enquanto que “Rede de Museus - UFPel” passou, neste caso, a ser uma informação complementar na marca.

A partir desses resultados, elaborou-se algumas possibilidades de aplicações e padronagem dos elementos gráficos da identidade visual, para aplicação no *site* dos “Acervos Virtuais”, que já se encontra à disposição do público, conforme mostra a Figura 4, com a visualização da tela inicial, identificada com a marca e com o símbolo sendo explorado a partir de repetições.



Figura 04 - Trecho da página inicial do *site* “Acervos Virtuais da Rede de Museus da UFPel”.
Fonte: Imagem do *site*. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/>

4. CONCLUSÕES

Desenvolver esse projeto para a Rede de Museus da UFPel foi muito proveitoso, por vários aspectos. Acredita-se que o resultado foi eficiente, pois a criação da identidade visual para o projeto dos “Acervos virtuais” do referido órgão além de colaborar com a relevância dessa iniciativa e de fortalecer a sua imagem, mantendo o vínculo entre ambos, tornou o *site* mais interessante pela estética que apresenta, valorizando a proposta e fazendo com que a comunidade possa se relacionar melhor com o conteúdo disponibilizado. Outro ponto que merece destaque neste trabalho foi a possibilidade de, enquanto aluno do curso de Design Gráfico, colocar em prática os aprendizados específicos dessa área e poder realizar isso em um projeto interdisciplinar, que agrega várias áreas do conhecimento. Esta oportunidade foi bastante gratificante, pois contribuiu para o meu aperfeiçoamento e na minha formação como profissional na área de design.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACERVOS VIRTUAIS DA REDE DE MUSEUS. **Sobre o projeto**. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- REDE DE MUSEUS DA UFPEL. **A rede**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel>. Acesso em: 13 jul. 2021.

SUBVERSÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO: O POETA E A MUSA EM LÉSBIA, DE MARIA BENEDITA BORMANN

PAULA SIGRIST CICILIATO¹; ANGÉLICA GONÇALVES², RÔMULO SCHWANZ DIEL², JÚLIA MELO DOS SANTOS², TALITA SANTOS PANTALEÃO DA SILVA², GABRIELE OLIVEIRA DA CUNHA²; GABRIELA SEMENSATO FERREIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – paula.ciciliato@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – angelicagonsalves36@outlook.com, romulo.diel@gmail.com, juliasantos.melo1302@gmail.com, talitas561@gmail.com, gabsacunha@yahoo.com.br

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul – gabisemensato@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Maria Benedita Bormann (1853-1895), também conhecida como Délia, foi uma autora controversa do século XIX. Ela publicou diversos romances, além de crônicas, folhetins e contos em importantes jornais do Rio de Janeiro. Sua escrita abordava questões de gênero, raça e classe, e definia suas protagonistas por elas mesmas, e não em relação a um homem, desafiando os padrões patriarcais da época. Bormann faz parte de um conjunto de escritoras brasileiras omitidas da nossa história literária no passado, mas que vêm sendo resgatadas na atualidade.

Com o intuito de contribuir com esse resgate, surgiu a iniciativa, por parte de estudantes de Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), da abertura de um espaço de leitura e discussão de obras literárias brasileiras escritas por mulheres, em especial por aquelas deixadas de lado pela história, levando à criação do Projeto de Ensino “(Re)conhecendo as mulheres da literatura brasileira: um resgate das escritoras apagadas da história”, coordenado pelo Prof.º Dr. Alfeu SpareMBERGER. Após uma seleção de textos e autoras, foram organizados encontros remotos semanais voltados à comunidade acadêmica que ocorreram durante o primeiro semestre de 2021. Em um desses encontros, direcionado à apresentação da escritora Maria Benedita Bormann, foram propostas ao grupo a leitura e a discussão do romance *Lésbia*, publicado em 1890.

Considerada sua obra mais importante, *Lésbia* trata-se de um *Künstlerroman*, ou seja, um romance de artista, e narra o processo de crescimento artístico da protagonista autora Arabela. Ele conta com um protagonismo feminino que subverte os papéis de gênero de muitas maneiras diferentes ao longo da obra, como na relação poeta/musa, ao adotar *Lésbia* como seu pseudônimo e nomear seu amante de Catulo, tornando-o a “musa”. O objetivo desta pesquisa é, a partir das discussões proporcionadas pelo projeto mencionado, explorar mais profundamente essa subversão trazida por Délia, não só em seu romance, mas também em sua própria carreira artística ao se nomear Délia, tendo como principal base teórica a crítica de NORMA TELLES (2013) sobre a obra.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi pensada e elaborada a partir da minha participação e experiência como ministrante no Projeto de Ensino “(Re)conhecendo as mulheres da literatura brasileira: um resgate das escritoras apagadas da história”. Primeiramente foram feitas a leitura do romance *Lésbia* (1890) e uma pesquisa bibliográfica, abrangendo as poucas fontes sobre o assunto, utilizando-se como fundamentação teórica a crítica da principal autora que é referência para estudos

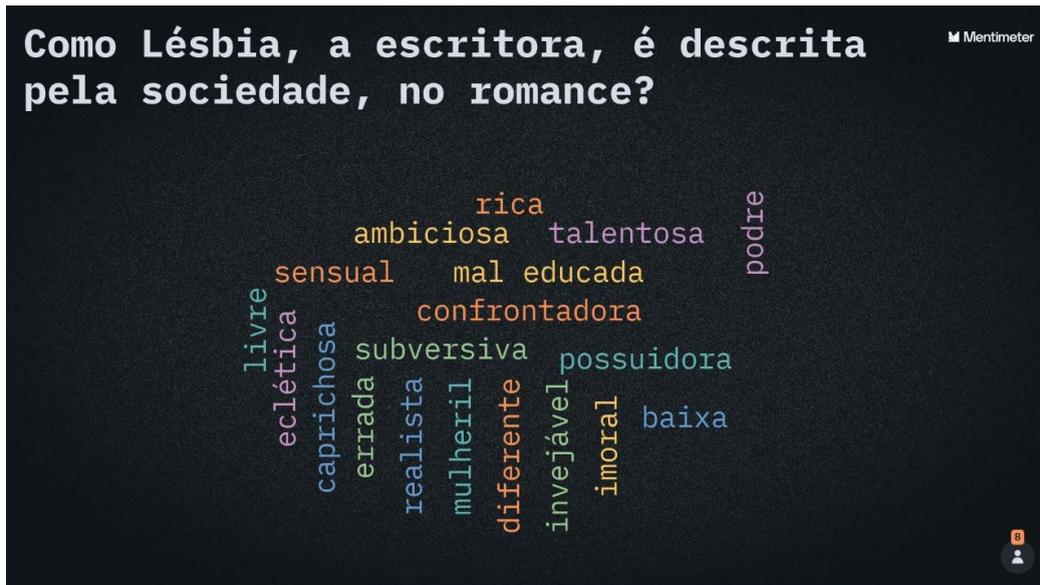


FIGURA 2

Na Figura 1, dentre as várias características mencionadas, as de maior destaque foram “submissão” ou “submissa”, “dona de casa”, “mãe” e “recatada”. Em contraste, na Figura 2, não houve nenhuma característica se destacando mais do que as outras, entretanto, a diferença entre as respostas da primeira e da segunda pergunta é evidente. Lésbia é, de muitas maneiras, retratada como o completo oposto do que se esperava das mulheres da época, se separando de seu esposo, se sustentando sozinha, se educando e seguindo sua carreira de escritora. Essa rejeição à norma vai se refletir também na sua escolha de pseudônimo.

De acordo com TELLES (2013), tanto o nome Délia quanto Lésbia fazem referência à antiguidade clássica. Délia foi um dos nomes pelo qual os gêmeos Ártemis e Apolo eram chamados, assim como o nome que Tibulo, um poeta famoso na época, usou para cantar sua amada. Enquanto Lésbia, que aparecia nos versos de Catulo, foi uma das personagens femininas mais conhecidas criadas por poetas para cantarem suas amadas.

Essa escolha do nome de musas como pseudônimo, como indica TELLES (2013), mostra uma apropriação por parte de Délia do protagonismo masculino. Ela inverte os papéis de poeta e musa, dando autonomia à personagem Lésbia, que antes era apenas o interesse romântico, tornando-a a personagem principal da história. Ao mesmo tempo, tira o protagonismo de Catulo, tornando ele o interesse romântico, aparecendo na narrativa apenas sob o ponto de vista de Lésbia. Além disso, TELLES (2013) aponta que a escolha desses pseudônimos mostra como Délia rejeitava noções tradicionais de conhecimento, se apropriando justamente do conhecimento gerado por homens intelectuais e os incorporando em seus escritos.

4. CONCLUSÕES

Maria Benedita Bormann foi uma grande escritora da sua época que, como as demais escritoras do século XIX, foi apagada da nossa história literária. Resgatar os textos de mulheres como Délia são de extrema importância para nos fazer refletir, expandir nossa visão sobre o que é e o que foi a literatura brasileira, além de quebrar os padrões patriarcais estabelecidos no cânone nacional. Essas vozes

apagadas evidenciam uma outra realidade, um outro Brasil, apresentando as múltiplas perspectivas geradas por vivências tão diversas.

Délia, dentre muitas outras escritoras do século XIX, contribui com essa diversificação, mostrando que mesmo numa época tão distante existiam mulheres que questionavam os papéis de gênero impostos pela sociedade e exploravam as desigualdades presentes neles da forma que podiam, como na escrita. Délia é uma dessas mulheres ao se apropriar tanto do protagonismo dos homens, quanto do conhecimento gerado por eles. A subversão trazida pela autora na relação poeta/musa a partir do uso de pseudônimos — tanto dela mesma quanto de sua protagonista em *Lésbia* — é apenas um exemplo do magnífico trabalho de Délia abordando questões de gênero.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORMANN, M. B. C. **Lésbia**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

TELLES, N. **Délia**. Memorial da pesquisa. Site pessoal de Norma Telles. 2013. Acessado em 1 jun. 2021. Online. Disponível em: https://www.normatelles.com.br/delia_a_intuicao_do_instante/

_____. Introdução, atualização do texto e notas. In: BORMANN, M. B. C. **Lésbia** (1890). Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p. 5 - 22.

_____. Maria Benedita Câmara Bormann (Délia). In: MUZART, Z. L. **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia**, vol. 1. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 567 - 590.

REFLEXÕES SOBRE ANTROPOLOGIA COMPARTILHADA A PARTIR DA “MOSTRA ARTÍSTICA DO PROJETO TERRA DE SANTO”

PEDRO HENRIQUE GUATURA DARLAN¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – pedrodarlan01@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A proposta desse trabalho surge das minhas contribuições como bolsista do Projeto de Extensão Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas no evento Pré-Cidades em Transe, realizado no âmbito do projeto de pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas” em parceria com Arq Urb/Uniritter. A pergunta norteadora que guiou as atividades aqui apresentadas foi: de que modo as produções audiovisuais contribuem com as áreas de atuação da antropologia?

O Projeto de Pesquisa “Margens” é desenvolvido no Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e articula três projetos de extensão que estão ativos atualmente: “Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas”, “Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para antropólogos(as) em formação” e “Mapeando a noite: o universo travesti”.

O “Margens” organiza anualmente um evento denominado “Cidades em Transe”. Neste ano de 2021, como uma prévia do evento maior que aconteceu em agosto, foi organizado o evento “Pré-Cidades em Transe: Entre planejar e viver a cidade”, que ocorreu em 18 de junho 2021, com a proposta de ser uma edição comemorativa dos 5 anos do evento “Cidades em Transe”, promovendo debates sobre planejamento urbano, gestão urbana, regulamentação fundiária e patrimônio nas cidades. Cada projeto de extensão que compõe o “Margens” ficou responsável por parte da organização do evento. O Projeto de extensão “Terra de Santo” foi responsável pela realização do vídeo “Mostra Artística Projeto Terra de Santo”.

No evento Pré-Cidades em Transe, enquanto bolsista, fiquei encarregado da edição dos vídeos da “Mostra Artística” e do “Sarau LGBTQIA+, vinculado ao Projeto Mapeando a Noite”. Após o evento tive a curiosidade de entender como produções audiovisuais poderiam contribuir com a antropologia e seu papel junto às comunidades. Assim, utilizando os conceitos de “Antropologia Compartilhada” de Jean Rouch, me deparo com outras possibilidades narrativas de se construir conhecimento.

2. METODOLOGIA

Desde a organização do evento e a produção das atrações, o processo foi inteiramente virtual. Através de encontros semanais online, cada projeto de extensão do “Margens” foi responsável por parte da programação do evento “Pré-Cidades em Transe”. Assim surge a proposta de elaboração do vídeo “Mostra artística Projeto Terra de Santo”, vinculado ao Projeto de Extensão Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas.

Sobre o vídeo “Mostra Artística Projeto Terra de Santo”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q31nDsZZpLM&t=837s>, todo o conteúdo

presente, exceto o áudio da leitura dos artigos de Isabel Campos na voz de Ingrid Santana e da leitura do artigo do Babalorixá Juliano D'Oxum na minha voz, foram todas contribuições feitas através do formulário virtual *Google Forms*. A divulgação do formulário foi feita nas redes sociais, *instagram* e *facebook*, por meio de publicações nos perfis oficiais do @geeurbano. Sendo as contribuições expressões artísticas variadas, dentre elas, vídeos, textos e imagens (Fotografias e Ilustrações). As contribuições foram enviadas por lideranças das religiões de matrizes africanas da região, muitas delas interlocutoras do projeto de extensão. Após respondido o formulário, as contribuições eram alocadas na plataforma *GoogleDrive*. Todos os arquivos mencionados foram disponibilizados à equipe via ferramenta *link* compartilhado do *GoogleDrive* e editados através do programa *VEGASPro14 Edit Steam Edition*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Falando sobre a contribuição dos conceitos de Jean Rouch para antropologia; aqui é proposta uma etnografia alternativa à tradicional, uma etnografia em que a/o antropóloga/o não precisa condensar tudo aquilo que enxergar em texto. Deste modo, o que se propõe é uma etnografia visual que permita a experiência compartilhada de modo mais democrático, que ultrapasse as barreiras da compreensão textuais para compreensão audiovisual. Escrever sobre as comunidades de Terreiros ou sobre as religiões de matrizes africanas em Pelotas para um público não familiarizado com o assunto, cria barreiras de acesso que são mais difíceis de transpor pelas narrativas textuais. Essas barreiras podem ser mais facilmente superadas através de produções audiovisuais. Por exemplo, Debora Diniz em algum dos seus documentários etnográficos como, “A Casa dos Mortos” e “Uma História Severina”, consegue demonstrar conceitos antropológicos em suas produções audiovisuais que ultrapassam as barreiras de uma etnografia tradicional, as sensações ali são dificilmente expressas em um texto escrito. Poderíamos descrever como é parte do funcionamento de um Terreiro através das produções dos/as interlocutores/as ou vivenciar elementos da religiosidade das religiões de matrizes africanas, mas através de produções audiovisuais. Nos possibilitado uma “Antropologia Compartilhada” e o conteúdo mais democrático, uma vez que é ofertado ao interlocutor ou interlocutora, interagir e decidir sobre o que vai fazer parte do produto final, o que em narrativas textuais nem sempre acontece.

O que me faz lembrar do meu primeiro contato com antropologia na universidade. Professores/as demonstravam conteúdo das aulas e o “Código de Ética” do/a antropólogo/a, compromisso que devemos ter diante de nossos/as interlocutores/as.

Constituem direitos dos antropólogos e das antropólogas, enquanto pesquisadores e pesquisadoras: Direito ao pleno exercício da pesquisa, livre de qualquer tipo de censura no que diga respeito ao tema, à metodologia e ao objeto da investigação. Direito de acesso às populações e às fontes com as quais o/a pesquisador/a precisa trabalhar. Direito de preservar informações confidenciais. Direito de autoria do trabalho antropológico, mesmo quando o trabalho constitua encomenda de organismos públicos ou privados. O direito de autoria implica o direito de publicação e divulgação do resultado de seu trabalho. Direito de autoria e proteção contra o plágio. Os direitos dos antropólogos devem estar subordinados aos direitos

das populações que são objeto de pesquisa e têm como contrapartida as responsabilidades inerentes ao exercício da atividade científica. (ABA,2011,2012)

Assim, as lideranças que compartilharam sua produção para o vídeo “Mostra Artística Projeto Terra de Santo”, escolhe o que deseja compartilhar e como deseja fazê-lo. Como exemplo, Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô de Jaguarão/RS em sua contribuição “AFROTUR” (fazendo referência ao continente Africano e a palavra inglesa *Tour*, comumente usada a passeios turísticos) propõem um espaço de compartilhamento dos saberes e dos locais sagrados dentro da religiosidade de matriz africana na cidade de Jaguarão. Devo respeitar sua escolha, não podendo retirar nem acrescentar nada além daquilo que foi decidido por ela, pois se fosse alterada sua contribuição estaria indo contra o conceito da antropologia compartilhada. Quando um colaborador ou colaboradora expõe sua produção na Mostra, ali já está presente o que ele/ ela escolheu compartilhar, sendo ele/ ela o/a único/a detentor/a do direito do que mostrar, devo eu respeitar tudo aquilo presente, a subjetividade da produção e o seu teor cultural, religioso.

Sobre o evento “Pré-Cidades em Transe”, o vídeo da “Mostra Artística projeto Terra de Santo” acaba por se tornar um espaço de visibilidade para artistas esporem suas obras em um momento em que o distanciamento se torna uma medida de saúde pública e, também um lugar onde lideranças possam expressar sua religiosidade, cultura e costumes. No presente momento o vídeo “Mostra Artística Projeto Terra de Santo” se encontra hospedado no *Youtube* com 166 visualizações e em sua estreia no formato de *live* pelo *Youtube*, o público demonstrou de forma geral boa recepção e grande afeto pelo conteúdo audiovisual.

4. CONCLUSÕES

Sendo o Projeto de extensão um processo educativo, cultural e científico ela proporciona um ganho na qualidade da formação universitária, pois me possibilita contato com as comunidades locais e elas com a universidade. Através da antropologia compartilhada é possível abrir um leque de opções para outras formas de produções na área de antropologia, que permitirá interlocutores ou interlocutoras a liberdade para expor aquilo que deseja.

Os conceitos aqui apresentados sobre uma forma mais democrática de se fazer etnografia e de antropologia compartilhada irão auxiliar e ampliar o meu universo de referências em minhas futuras atividades enquanto bolsista do Projeto de Extensão Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas, bem como auxiliar minhas futuras produções acadêmicas e profissionais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Código de Ética, ABA. 2011,2012. Disponível em:
<http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>

ESTRELA DA COSTA, Ana Carolina. 2016. "Jean Rouch". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/autor/jean-rouch>>

Imagens Livres. Uma História Severina. **Youtube**, 16/10/2010. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=65Ab38kWFhE>

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de; SILVA, Érica Quinaçlia. "Interview with Debora Diniz about the film *The House of the Dead*".in: *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 9, n. 2. July to December 2012. Brasília, ABA. Available at <http://www.vibrant.org.br/issues/v9n2/rosana-m-de-oliveira-erica-q-silva-interview-with-debora-diniz-about-the-film-the-house-of-the-dead/>

Relatório Pré-Cidades em Transe: Entre planejar e viver a cidade (2021). No prelo.

CINE UFPEL NA PANDEMIA: MOSTRA CINEMA COLETIVO

REBECA FRANCO FONSECA DE FREITAS¹; CÍNTIA LANGIE ARAÚJO²

¹Universidade Federal de Pelotas – rebecafrancoff@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cintialangie@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Cine UFPel é a sala de cinema digital da universidade, um projeto estratégico que busca levar cinema gratuito e de qualidade para a população. O projeto realiza sessões desde 2015 e sua curadoria prioriza filmes contemporâneos, sobretudo brasileiros e latino-americanos. O presente artigo visa refletir sobre as possibilidades para os projetos de exibição audiovisual durante o período de distanciamento social. Investimos em uma metodologia descritiva, com foco nas relações entre arte e educação. A problematização que especifica o estudo busca refletir sobre como realizar a mostra *Cinema Coletivo: diálogos com funções motores do audiovisual*, durante a crise pandêmica do Coronavírus, em 2021.

Durante o período da pandemia, acompanhando a diretriz da universidade, o projeto parou as sessões presenciais na sala da Lagoa Mirim. As atividades do Cine UFPel continuaram, porém foram realizadas de forma online. Esse ano, no primeiro semestre de 2021, foi realizada a mostra online *Cinema Coletivo* com sessões e debates compostos por profissionais do mercado audiovisual. A agenda com a programação foi divulgada nas redes sociais do projeto, instagram e facebook. Além disso, todos os diálogos estão disponíveis na plataforma do youtube do Cine UFPel.

A ideia da nova mostra online do Cine UFPel, que se iniciou em abril de 2021, é de dar destaque àquelas funções de uma equipe de cinema que nem sempre estão nos tradicionais debates sobre os filmes. Com o objetivo de dar um panorama do campo do Cinema, a mostra tem como proposta convidar àqueles profissionais imprescindíveis nas equipes, como assistente de direção, assistente de câmera, platô, assistente de montagem, entre outros.

A mostra ocorreu quinzenalmente, nas quintas-feiras, às 19h30, com transmissão via youtube, aberta ao público em geral. A dinâmica pressupõe que cada convidado indique um filme em que atuou, para a equipe do Cine UFPel disponibilizar o link ao público sete dias antes do debate. As conversas não centram-se especificamente sobre o filme indicado, e sim sobre a experiência profissional do convidado. Cada debate é mediado por um professor ou professora dos cursos de Cinema da UFPel.

De acordo com a publicação da Fundação Joaquim Nabuco, em 2020, o coordenador do Cedist da Fundaj, Neison Freire, menciona que as salas de projeção de cinema sofreram impactos por conta das paralisações e do isolamento social. Nesse sentido, pelo projeto estar vivenciando a adaptação da sala presencial para um cinema virtual, acreditamos ser fundamental discutirmos a respeito dos seus embates durante a pandemia.

Assim, vamos discorrer nesse artigo sobre o projeto Cine UFPel, suas formas de sobrevivência, continuidade e possíveis caminhos esboçados durante o isolamento social com a criação da mostra *Cinema Coletivo*. Pois, com a

utilização da internet, foi possível continuarmos com a disponibilização de conteúdos sobre o cinema latino-americano e também de discussões e exibições acerca da cinematografia nacional ao público interessado na arte audiovisual.

2. METODOLOGIA

Em 2021, o Cine UFPel teve no total 6 debates ao vivo com a mostra *Cinema Coletivo: diálogos com funções motores do audiovisual*. Os bate-papos foram transmitidos simultaneamente pelo Stream Yard para o Youtube do Cine UFPel. A programação desta mostra online foi escolhida de maneira democrática entre a equipe de bolsistas do Cine UFPel e a professora orientadora do projeto. Buscou-se um levantamento de profissionais imprescindíveis na execução de filmes que nem sempre aparecem nos debates sobre obras cinematográficas brasileiras.

O projeto partiu com a ideia de que os diálogos contassem com a presença virtual de trabalhadores que atuam no mercado audiovisual. As funções escolhidas foram: platô, assistente de montagem, assistente de direção, assistente de animação, assistência de câmera, entre outros. O Cinema da UFPel, desde o seu início, conquistou credibilidade com o respeito e o profissionalismo de seu trabalho e por isso, os convites feitos para os profissionais elencados, em maioria, foram aceitos com rapidez e facilidade. O contato com os convidados se deu através de e-mail, telefone e redes sociais.

A partir disso, os profissionais foram motivados a escolherem uma obra de sua trajetória que gostariam de compartilhar suas experiências dentro da função debatida. As sessões foram intercaladas entre uma semana para divulgação das obras e um dia na semana para o debate no ao vivo com um profissional: o desejo da mostra era de que os trabalhadores pudessem falar sobre suas experiências no filme escolhido e explicar o que se faz na função tema. Depois de escolhida a obra, os próprios convidados buscaram os direitos dos filmes para o Cine UFPel.

Vale ressaltar que algumas obras escolhidas pelos trabalhadores convidados foram disponibilizadas pelo Cine UFPel e outras foram divulgadas para serem assistidas nas plataformas de streaming. Todas elas tiveram a autorização para divulgação de link e senha, como também divulgação para serem assistidas nas plataformas online, como por exemplo a Netflix e o Vimeo.

Após isso, a divulgação foi feita via e-mail com a publicação da programação semanalmente tanto para o mailing de espectadores do Cine, quanto para veículos da imprensa local, notificados através de releases. No Facebook e no Instagram, a programação foi divulgada semanalmente. Foram criados eventos e posts semanais relacionados a programação, a biografia dos convidados e a apresentação das obras exibidas.

Os diálogos duraram em média uma hora. Ocorreram quinzenalmente, nas quintas-feiras, às 19h30. A transmissão foi feita pelo Youtube do Cine UFPel e aberta ao público. Durante as *lives* houveram interações e participações dos espectadores pelos comentários da plataforma. Nesse sentido, mesmo com a sala de cinema impossibilitada de receber espectadores, a mostra *Cinema Coletivo* teve a participação ativa dos alunos, ex- alunos e sociedade. Desse modo, esse projeto de extensão continuou a ter impacto coletivo. A internet contribuiu para que o Cine UFPel ultrapassasse os limites geográficos, chegando em diversas regiões do Brasil e do mundo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, nesse primeiro semestre de 2021, já foram feitos 6 diálogos no ao vivo e divulgados 6 filmes. Tudo virtualmente pelo Cine UFPel. Importante falar que todos os diálogos foram mediados por professores dos cursos de Cinema da UFPel. O que configura a presença e conexão da academia dos cursos Cinema com o projeto.

A programação começou com uma conversa sobre assistência de direção com Caroline Silvestrin. O filme escolhido pela convidada foi *Legalidade* (Zeca Brito, 2019). Continuamos a mostra e o tema foi assistência de câmera e *video assist*, com Nicolau Saldanha e Eloisa Soares. O filme sugerido por eles foi *Domingo* (Clara Linhart e Felipe Barbosa, 2019). A terceira live teve como tópico a função de assistência de animação com a profissional Clara Trevisan. Ela indicou o curta-metragem *Subsolo* (Erica Maradona e Otto Guerra, 2020).

O projeto seguiu com o quarto bate-papo onde foi discutido sobre as funções de platô e assistente de produção. O trabalhador dessa vez foi o Marcos Perello. Ele leu o longa-metragem *Beijo no Asfalto* (Murilo Benício, 2018). A mostra continuou com assistência de montagem. Jaqueline Almeida optou por falar sobre suas experiências no filme *Democracia em Vertigem* (Petra Costa, 2019). Encerramos os diálogos com os supervisores de distribuição e gerentes de lançamentos, Letícia Santinon e Bernardo Lessa. Os dois compartilharam com o público sobre suas vivências no filme *Nona - Se me molham e os queimo* (um drama experimental de 2021, dirigido pela Camila José Donoso).

Assim, o primeiro resultado obtido refere-se à expansão do conhecimento sobre áreas pouco aludidas no ramo do trabalho audiovisual: tanto para a comunidade interna como externa. Os filmes e os debates foram amplamente divulgados e ficarão disponíveis na internet para serem assistidos posteriormente. Ficando desse modo, como um rico acervo que pode ser utilizado pelos professores dos cursos de Cinema da UFPel como também pode ser material de estudo para qualquer pessoa ou espaço que desejar conhecer e fazer pesquisas sobre as áreas trazidas pelo Cine UFPel na mostra.

Vale mencionar que o projeto acontece com a atuação de professores, estudantes e bolsistas dos cursos de Cinema da universidade. Por este motivo, o constante aprendizado é peça fundamental para instigar os trabalhos do Cine UFPel com a movimentação do ensino prático de distribuição e exibição em sala de cinema.

Outro fator resultante: a contribuição para a visibilidade do trabalho feminino. A mostra online deu espaço para mulheres do mercado de produção audiovisual. Entre os 6 filmes exibidos, 4 foram obras dirigidas por mulheres. Além disso, dos 6 convidados, 5 foram mulheres. Além disso, em 2021, o Cine UFPel conta com o trabalho de dois estudantes, sendo que um deles é do sexo feminino. Além da professora orientadora também ser mulher – o que atesta o projeto como um espaço que se preocupa com a equidade de gênero.

4. CONCLUSÕES

A mostra *Cinema Coletivo* teve um retorno positivo por parte dos espectadores e por isso terá sua continuidade no segundo semestre de 2021. O partilhar de conhecimentos oportunizou o contato dos alunos dos cursos de Cinema da UFPel e demais comunidades com profissionais consolidados na grande indústria audiovisual. Nos encontros ao vivo, os trabalhadores convidados falam sobre o mercado de trabalho, explicam e tiram dúvidas sobre suas respectivas funções. Com a divulgação e reflexão sobre os processos das obras, o cinema brasileiro é incentivado. Nesse sentido, ainda que o projeto seja feito nos modos virtuais, continua a provocar movimentações na sociedade e na arte.

O projeto é responsável por difundir a arte audiovisual disponibilizando gratuitamente sessões à comunidade. Este foi um dos resultados mais importantes: o projeto não parou suas atividades. Continuou a levar cinema de graça aos seus espectadores. Nesse sentido, o Cine UFPel continua a ocupar um lugar de destaque no que se refere à democratização do acesso à cultura.

O Cine UFPel oferece a mediação das obras e dos profissionais com os espectadores e alavanca as mais diversas interpretações e leituras sobre os modos de produção dos filmes. Desperta a sensibilidade para a arte cinematográfica; confronta, conecta e informa sobre a cultura audiovisual gestada nacionalmente e na latinoamérica, ampliando a significação sobre o fazer cinema.

A experiência de encontros online, apesar de não substituir o poder das sessões presenciais, possibilitou inovação com a reflexão sobre a difusão das obras e dos conhecimentos territorialmente. Dessa forma, o Cine UFPel, cumpre então um papel relevante na formação e provocação dos gostos e na aprendizagem artística e estética, agregando conhecimento à vivência escolar e à sociedade (JOHANN; BERNARDI RORATTO, 2011).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBALHO, Alexandre. **Política cultural e desentendimento**. Fortaleza: IBDCult, 2016.

JOHANN, Maria Regina; BERNARDI RORATTO, Luciara Judite. A dimensão educativa da mediação artística e cultural: a construção do conhecimento através da apreciação na presença da obra. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**, Santa Maria, v.1, n. 7, p. 1-12, 2011. Acessado em 28 set. 2020. Online. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/3071>.

LANGIE, Cíntia. **As potencialidades estéticas e políticas do Cine UFPel**. Expressa Extensão, Pelotas, v.20, n.2, p.117-129, 2015.

NABUCO, Fundação Joaquim. **Os impactos da pandemia no cinema brasileiro**. Digital, Recife, PE, 21 de agosto. 2020. Especiais. Acessado em 13 julho. 2021. Online. Disponível em:

<https://www.fundaj.gov.br/index.php/area-de-imprensa/12311-impactos-da-covid-19-nas-atividades-de-cinema-no-brasil-sera-tematica-da-7-edicao-da-serie-pandemia-e-sociedade-da-fundaj>

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

EXPOSIÇÃO VIRTUAL “VIVA A NOSSA (RE)EXISTÊNCIA” NA GIM DIGITAL: FORTALECIMENTO E AMPLIAÇÃO DAS VOZES NO CONTEXTO DE PESSOAS LGBTQIAP+

RENATO VIEIRA DE LIMA¹; PAMELA CRISTINA SANTANA PINTO²; PATRICIA
SCHNEIDER SEVERO³

¹Universidade Federal do Pampa – renatolima.aluno@unipampa.edu.br

²Universidade Federal do Pampa – pamelapinto@unipampa.edu.br

³Universidade Federal do Pampa – patriciaschneider@unipampa.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre um programa de extensão idealizado no ano de 2020 na Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, denominado “GIM Digital”. Trata-se de um espaço virtual, de caráter permanente e complementar à Galeria Intercultural Magliani, também programa de extensão, espaço físico inaugurado em 2017 no Campus Jaguarão desta Universidade.

A Galeria Intercultural Magliani tem como um de seus objetivos facilitar o diálogo entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa à Universidade, através das artes visuais, promovendo, assim, uma maior integração cultural (SILVA et al., 2017). Em um contexto pandêmico e de ensino remoto emergencial, onde a necessidade de isolamento social acentuou a importância de acessos a iniciativas culturais em ciberespaços, a GIM Digital foi projetada para suprir o papel antes desempenhado pela Galeria Intercultural Magliani, através da promoção de atividades que integrem as comunidades internas e externas da Universidade.

LARA; DA SILVA (2017) corroboram com a importância destas iniciativas através do relato do desenvolvimento de um espaço virtual destinado à Galeria de Arte, um site específico da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Este projeto tem como objetivo propor uma alternativa para a comunidade da região de adquirir informações de maneira rápida e fácil, com imagens do acervo e de exposições passadas, além da vasta divulgação de locais destinados à cultura.

Segundo COSTA (2020), com o fechamento dos museus e das galerias de arte na pandemia de COVID-19, se observou a necessidade de tornar a fruição da arte acessível remotamente, de forma a encorajar as instituições culturais a adotarem novas estratégias de relacionamento com o público e acelerar a adaptação dos espaços de exposição de obras de arte à Era Digital.

Ressalta-se, ainda, que neste período de pandemia, conforme o SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS DE SÃO PAULO - SISEMSP (2021), as buscas por museus virtuais cresceram 50% no Brasil. Sendo assim, a GIM Digital, através da constituição de um site e das redes sociais, propõe a virtualização de suas exposições, além de possibilitar o diálogo com artistas visuais de diversas linguagens e regiões do Brasil.

Inaugurada em 20 de novembro de 2020, teve a sua primeira exposição virtual em junho de 2021, a qual foi alusiva a data comemorativa de 28 de junho, onde se celebra mundialmente o dia do orgulho LGBTQIAP+. Na oportunidade, foram expostas obras de artistas de diversas localidades, primando pela diversidade de gênero e pelo recorte racial, através dos artistas escolhidos para

esta exposição. Entende-se que o Brasil, em sua pluralidade, precisa discutir tais assuntos da sociedade que estão em voga, não esquecendo de citar as minorias, como de costume (TIBURI, 2017).

A GIM Digital marcou o início de suas atividades neste mês comemorativo que, ao mesmo tempo, é um período de luta e de resistência e buscou trazer para o protagonismo quem está à margem na sociedade. Através desta exposição, intitulada “Viva a nossa (re)existência” trouxe para o centro da discussão, pessoas que resistiram e resistem nos tempos atuais e, através das artes, celebra o orgulho, a existência e a resistência dos que, constantemente, sofrem ataques por serem apenas quem são.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivos apresentar aspectos da gestão e do processo curatorial da primeira exposição da GIM Digital, “Viva a nossa (re)existência”, além de avaliar o seu engajamento nas redes sociais e alcance de público no site.

2. METODOLOGIA

A partir de meados de junho de 2021, após a seleção dos (as) discentes bolsistas iniciaram-se as discussões a respeito da temática da primeira exposição da GIM Digital. Tendo em vista a proximidade com a data alusiva ao orgulho LGBTQIAP+, o grupo propôs uma exposição que pudesse compor a IV Semana LGBTQIA+ da UNIPAMPA, campus Jaguarão. Importante ressaltar que desde 2017, através da I Semana LGBTQ+, a Galeria Intercultural Magliani participa ativamente das atividades propostas por este importante evento para o campus e, desde então, cede seu espaço físico para a equipe organizadora do evento aborde temáticas expositivas alusivas às questões de gênero e sexualidade. Neste ano, em período pandêmico, e com o lançamento da GIM Digital, não poderia ser diferente, no que tange contribuir com esta data emblemática.

O evento é realizado por discentes, assim como a construção e gestão do site da GIM Digital, sendo majoritariamente composto por alunos e alunas dos cursos de Produção e Política Cultural e Gestão de Turismo, sob orientação de uma professora. A primeira exposição oferecida pelo projeto tem como pano de fundo, conforme dito anteriormente, o dia 28 de junho, o mês em que se comemora mundialmente o orgulho LGBTQIAP+.

A curadoria foi composta por dois discentes, houve, ainda, a participação colaborativa de outros bolsistas, os quais foram responsáveis pelo designer e desenvolvimento do site. Como inauguração, apresentou-se uma exposição intitulada “Viva a nossa (re)existência” que tem, em sua dimensão, o fortalecimento e a ampliação das vozes no contexto de pessoas LGBTQIAP+.

Durante o processo de curadoria, os (as) alunos (as) realizaram pesquisa de artistas em âmbito nacional. Cada discente buscou, em um primeiro momento, dez artistas. Posteriormente, de forma democrática, devido especialmente à representatividade da arte e a pouca visibilidade em suas regiões de origem, foram escolhidos quatro artistas para composição deste trabalho, sendo estes: duas pessoas trans de Belém/PA e de São Paulo/SP, além de duas pessoas cisgêneros - um homem gay, também de Belém/PA, e uma mulher lésbica, como representante da cidade de Jaguarão/RS.

Para difusão deste trabalho, utilizaram-se como recurso as redes sociais Facebook e Instagram, com criação de cards promocionais divididos entre card principal, que consiste no título da exposição e informações de data e horário de lançamento, e cards dos artistas expositores, com intuito de promover os artistas,

a exposição, bem como o próprio site que, futuramente, fará uso de seu espaço para outras exposições. As obras selecionadas puderam ser contempladas no período de 28 de junho a 28 de julho de 2021. A seguir o cartaz da exposição e exemplo de um card publicado nas redes sociais, artista Vi Sabino.



Figura 1: Card Principal.
Fonte: Acervo GIM Digital (2021)



Figura 2 Card Artista.
Fonte: Acervo GIM Digital (2021)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diferentemente das exposições de anos de 2017 e 2018 em que a Galeria Intercultural Magliani expôs como temática, em sua maioria, casos relacionados à iminente homofobia e de 2019, ao qual exibiu cartazes do jornal Lampião da Esquina, a proposição do ano de 2021 da GIM Digital foi de celebração e de orgulho, com intuito de protagonizar os atores sociais desta exposição, expondo nomes de artistas visuais com diferentes linguagens artísticas. Cada um e cada uma com sua particularidade, individualidade e singularidade, dentro de toda a diversidade de gêneros existentes. A exposição trouxe os nomes de pessoas LGBTQIAP+ de diferentes territórios, mas que se entrecruzam pelas temáticas raciais. Homens e mulheres, negros, negras e afro-ameríndio, com seus distintos olhares sobre o fazer artístico visual no Brasil.

Observa-se a importância da produção cultural com acesso irrestrito e gratuito para diversos públicos. Para tanto, a exposição disponibilizada pelo site teve acessos em caráter gratuito, podendo ser acessado de diversas localidades e dispositivos. Os acessos à plataforma vieram de localização distintas. Isto se deu por empenho de divulgação de todos (as) bolsistas, e também dos próprios artistas que tiveram seus cards individuais, o que possibilitou a divulgação em suas redes sociais pessoais.

A exposição em questão ficou disponível por 30 dias corridos e recebeu em sua plataforma, segundo informações disponíveis pelo hospedeiro do site, 269 (duzentos e sessenta e nove) acessos, sendo 137 (cento e trinta e sete) provenientes do Brasil, 112 (cento e doze) oriundos da Argentina, 17 (dezesete) dos EUA, 2 (dois) da Alemanha e 1 (um) de Portugal.

4. CONCLUSÕES

Diante dos desafios encontrados no processo de gestão curatorial, no que tange às escolhas dos artistas, bem como de aspectos relacionados à pandemia, a exposição foi aberta ao público no período programado. Pode-se dizer que os acessos a este trabalho foram satisfatórios, tendo em vista tratar-se de uma ação acadêmica realizada por discentes, sob orientação de uma docente.

Neste sentido, entende-se que os acessos para sua primeira exposição foram representativos, uma vez que a atividade extrapolou os muros institucionais e superou os objetivos iniciais. A ideia de abranger a comunidade externa se fez presente em vários aspectos, e destacam-se para isto, os acessos internacionais desta página, que ainda está em seu início de atividades, mas que espera ampliar seus trabalhos, de forma a proporcionar que artistas, ainda invisibilizados, tenham a oportunidade de trazer seus trabalhos para uma galeria de arte.

Ressalta-se, ainda, o papel desenvolvido pela produção cultural mesmo em âmbito virtual. Durante a pandemia podemos atestar a importância significativa do fazer cultural, visto que é necessário entendermos a arte como válvula de escape para os pensamentos e às mazelas da atualidade.

Por fim, entende-se que a GIM Digital cumpre seu papel, não apenas acadêmico, mas, também, enquanto equipamento cultural, sendo uma ferramenta de difusão do trabalho de artistas e de produtores culturais, com respeito à diversidade étnico racial e de gênero. Ademais, busca também potencializar as inúmeras ações e discussões ora desenvolvidas na Galeria Intercultural Magliani e que, em tempos de isolamento social, tendem ao esquecimento e ao sucateamento. Nas conclusões o autor deve apresentar objetivamente qual a inovação obtida com o trabalho, evitando apresentar resultados neste espaço.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, M. J. P. R. G. da. **A Realidade Virtual e a Realidade Aumentada na Exposição de Obras de Arte: A Pandemia de COVID-19**. 2020. Dissertação (Mestrado em Mercados da Arte) – Instituto Universitário de Lisboa, Universidade de Lisboa.

LARA, P. M.; DA SILVA, J. A. P. A criação de um espaço virtual para a Galeria de Arte da Proex-UEPG. In: **VI ENEIMAGEM, III EIEIMAGEM**, Londrina, 2017 **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. v.1. p.66.

SILVA, B; ÁVILA, H; CALDEIRA, A; BRITO, B; SEVERO, P; ESCOBAR, G. Galeria Intercultural Magliani: Implementação de um espaço multiuso e de apoderamento de culturas diversas. In: **SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIPAMPA**, 9. Santana do Livramento, 2017, **Anais...** Santana do Livramento: Universidade Federal do Pampa, 2017, v. 9. n. 3.

SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS DE SÃO PAULO. **Pandemia**: buscas por museus virtuais crescem no Brasil, mostra Google. Acessado em 01 ago. 2021. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/pandemia-buscas-por-museus-virtuais>.

TIBURI, Marcia. **Dossiê - Arte e autoritarismo**. Revista Cult, São Paulo, 06 Dez. 2017. Acessado em 01 ago. 2021. Online. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-arte-e-autoritarismo/>.

O DESAFIO DE INTERVIR NOS CENTROS HISTÓRICOS

RICARDO PAVÉGLIO SOMMER¹; MELINA MONKS DA SILVEIRA²; LOUISE PRADO ALFONSO³

¹ Centro Universitário Ritter dos Reis - ricardopaveglio.sommer@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - melimonks@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo abrange as ideias discutidas na mesa “(Re)pensando os patrimônios das cidades”, realizada em transmissão online, no dia 18 de junho de 2021, da Mesa 3 do Primeiro Pré-Cidades em Transe, abordou a temática “Entre planejar e viver a cidade”, promovido pelo projeto de extensão “Narrativas do Passo dos Negros”, vinculado ao projeto de pesquisa “Margens: Grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”, desenvolvido no Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos- GEEUR da UFPEL e pelo projeto de extensão “ArqUrb Comunidades”, do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter). O evento estimulou debates sobre planejamento urbano, gestão urbana, regularização fundiária e patrimônio nas cidades, tendo como palestrantes os professores Ana Lúcia Costa de Oliveira, Sidney Gonçalves Vieira e Alicia Castells.

De forma minuciosa, os debatedores pormenorizaram o caminhar das cidades contemporâneas, dando destaque aos conceitos de impermanência, do cenário desintegrado, da ausência de robustez histórica - produzindo projetos arbitrários, sem continuidade de formas – e da banalidade da inconsistência de conexão com a sociedade como bem social e cultural.

2. METODOLOGIA

A compilação argumentativa foi resgatada da mesa “(Re)pensando os patrimônios das cidades”, com os professores Ana Lúcia Costa de Oliveira, Sidney Gonçalves Vieira e Alicia Castells. O evento foi organizado pelo Projeto de extensão “ArqUrb Comunidades”, do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), ao longo do primeiro semestre de 2021, tendo sido realizado de forma online, com a transmissão da mesa ao vivo pelo canal do Youtube do Evento “Cidades em Transe”.

A proposta da mesa foi de realizar um diálogo entre os palestrantes a partir de suas experiências e vivências relacionadas ao debate sobre as intervenções governamentais em centros históricos urbanos. O fórum buscou relacionar as atividades de ensino, pesquisa e extensão dos projetos envolvidos na organização, com o objetivo de ser um espaço de diálogo entre universidade e comunidades. A mesa teve duas etapas distintas: a primeira foi uma exposição individual de cada um dos palestrantes sobre o tema, e a segunda foi um bloco aberto para questionamentos do público virtual e comentários dos debatedores.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Os trabalhos da mesa foram abertos pela professora Ana Lúcia Costa de Oliveira. A debatedora citou a evolução do conceito de Inventário no campo do Patrimônio Cultural. Os inventários surgem como um instrumento tanto à proteção

quanto ao estudo de um acervo de bens e a sua aplicação nas últimas décadas no Brasil vem gerando seu constante aprimoramento, especialmente com a inclusão de geoprocessamento e com a atribuição de valores culturais aos bens (LUCKOW; NEUTZLING; OLIVEIRA, 2021). A professora Ana Lúcia Costa de Oliveira narra ainda particularidades da sua pesquisa atual “Inventário da Patrimônio Arquitetônico da Cidade de Herval/RS”, com previsão de término em 2023, ressaltando a importância de coletar a história da cidade através de diferentes narrativas e ouvindo diversos grupos. O projeto da Cidade de Herval tem utilizado o método de inventário de conhecimento – ou de varredura, com o fim de apontar os bens integrantes do patrimônio arquitetônico da área de estudo passíveis de preservação, a delimitação das áreas de preservação e seus níveis, bem como os graus de descaracterização das edificações, pretendendo assim fundamentar as justificativas para sua preservação e conservação (SILVEIRA et al., 2020).

Na sequência, foi a vez do professor Sidney Gonçalves Vieira. Ele apresentou as características da urbanização pós-industrial, e prosseguiu até alcançar a atual sociedade hiper moderna contemporânea. Foram analisadas as características do processo de urbanização experimentado pela sociedade ao longo do tempo, debatendo a necessidade do patrimônio como a efetivação de valores comunitários na identificação da preservação da cultura. O professor Sidney Vieira defende a necessidade de entender a cidade que temos no presente e a sua produção (a partir do passado), para finalmente podermos apontar para um projeto futuro (VIEIRA, 2020). Nesse contexto, o exemplo da região norte americana conhecida por *Sun Belt* foi apresentado como um experimento cultural e político que retrata um estilo de vida tipicamente ianque no qual o conceito de urbanidade (das cidades que compõe o cinturão) é contrariado. A urbanidade é um sistema de valores que se apoia em quatro pilares: a permanência, a diversidade, a memória e a consistência. Uma cidade que contraria tais pilares torna-se instável, indiferenciada, insubstancial e inconsistente, não respondendo aos padrões físicos, funcionais, sociais e culturais herdados. A instabilidade dessas cidades altera a função da cultura e converte em instável o que era transitório. A substituição da estabilidade ocorre pela flexibilidade das construções - conceitos arquitetônicos impermanentes - e ao mesmo tempo pela precariedade do trabalho - vulnerabilidade das pessoas (VIEIRA, 2021)

O professor Sidney Viera finaliza sua exposição fazendo uma crítica aos condomínios fechados das cidades contemporâneas, os quais formam uma cidade descontínua, com espaços de vazios urbanos, que resultam em ilhas que não se comunicam. Nesta seara, a própria discussão conceitual de condomínios fechados – ou *gated communities* – pode preceder ao julgamento de suas influências, positivas ou negativas, sobre a cidade (MOURA, 2010).

A última palestrante foi a professora Alicia Norma Gonzalez de Castells. Sua exposição inicia com uma crítica à higienização dos espaços históricos. Alicia Castells questiona os centros históricos atuais, que são redefinidos com as pressões das novas intervenções urbanas culminando na gentrificação dos espaços, substituindo um contexto histórico por um viés comercial e de especulação imobiliária. A professora sugere novas relações de conexões construídas com os bens imateriais historicamente reconhecidos, tais como vestimentas, comidas, músicas e narrativas – a grande maioria pertencente ao período colonial brasileiro – e, dessa forma, multiplicar as formas dos seus usos, enfatizando a prática social.

O essencial seria mudar o olhar em relação ao centro histórico, transformando-o de uma categoria estática para uma categoria dinâmica e, como

consequência, afastá-lo de seu passado para interagir com o presente (CASTELLS, 2018).

Encerrada a fase de exposições individuais, os palestrantes tecem considerações a respeito de experiências bem sucedidas.

O Programa Sirchal, idealizado pelo arquiteto chileno-francês Léo Orellana, em 1997, é apresentado como uma proposta de ações sobre a revitalização dos centros históricos da América Latina e Caribe. Alguns pontos de destaque são a relação do homem com a água; as construções horizontalizadas; a preservação da paisagem e proposta de novos eixos paisagísticos; a participação da comunidade na preservação patrimonial; a valorização do bem estar social (ORELLANA, 2000).

O desafio que se impõe na revitalização dos centros históricos é escolher qual o passado que será preservado, tendo o cuidado de não manter apenas a história do povo vencedor - a elite dominante, mas igualmente dar um justo espaço a cultura do povo dominado - trabalhadores escravizados (MESA 3, 2021).

O turismo tem sido pensando como um turismo massificante, destrutivo, que acaba levando as pessoas para os mesmos lugares e ocasiona a destruição do patrimônio histórico-cultural. Os debatedores lançam uma visão diferente, propondo pensar o turismo não apenas como patrimônio, mas também como valor político. A ênfase no turismo de patrimônio (usado como cenário, sem as pessoas), precisa ser substituído pelo regaste da memória, através da divulgação do conhecimento – do saber. Um ponto ressaltado foi a valorização da memória oral das comunidades para mostrar a sua realidade, a sua cultura (MESA 3, 2021).

Citado como exemplo de intervenção mal sucedida em centros históricos, o Pelourinho, região central de Salvador, teve sua população nativa expulsa para a criação de cenários turísticos, valendo-se de uma estética urbana exibicionista, e que desconstruiu parte da memória da comunidade, sendo a experimento muito bem relatado por Sílvia Zanirato (2007).

Os professores Ana Lúcia Costa de Oliveira, Sidney Gonçalves Vieira e Alicia Castells (MESA 3, 2021) concluem deixando uma pergunta: qual a imagem queremos ter das cidades? Esse é o questionamento a ser levantado quando ocorrem substituições das memórias e da própria história nos ambientes urbanos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema proposto para debate na mesa pretende repensar o modo como os governos tem intervindo ao longo dos anos nos centros históricos das cidades, especialmente as latino americanas.

Percebe-se uma intervenção do Estado de forma vertical, de cima para baixo, no qual as diretrizes do projeto são primeiramente definidas e, posteriormente, impostas a comunidade já residente na região histórica. Sendo assim, o interesse público em intervir nos centros históricos é salutar e deve ser incentivado por todos os nichos comunitários, mas de forma parcimoniosa, possibilitando o controle e sanando os eventuais vícios do processo. Nesse sentido, a extensão universitária se faz importante e pode criar condições para a participação da Universidade na elaboração das políticas públicas voltadas para a maioria da população, bem como para que ela se constitua como organismo legítimo para acompanhar e avaliar a implantação das mesmas (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2012).

A partir da experiência realizada no evento entre dois projetos de extensão de duas Universidades em cidades diferentes, pode-se pensar na articulação entre outros projetos de extensão, desenvolvendo uma rede de debates que possibilite

repensar e ampliar as discussões sobre planejamento urbano e a preservação histórica e patrimonial do Estado do Rio Grande do Sul, com atividades voltadas para o intercâmbio e a solidariedade. Também se faz importante a inclusão das comunidades nos debates, estimulando as atividades de Extensão cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2012).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, ANG. O Paradoxo dos Centros Históricos – O Caso de Florianópolis. *ILHA* v. 20, n. 2, p. 27-51, dezembro de 2018.

LUCKOW, DB; NEUTZLING; SR; OLIVEIRA, ALC de. Experiências de inventários do Patrimônio Cultural no Rio Grande do Sul. RCT Edição Especial (2021): Revista de Ciência e Tecnologia Edição Especial: Dossiê Documentação do Patrimônio Cultural. 2021. ISSN 2447-7028

MESA 3. (Re)pensando os patrimônios das cidades. [Produzido por] Cidades em Transe. Youtube. 18 jun. 2021. 1 vídeo (2:30:14 min). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=juuezxp0kdY> . Acesso em 31 jul. 2021.

MOURA, CP. Condomínios e Gated Communities: por uma antropologia das novas composições urbanas. *Anuário Antropológico*, v 35, n. 2, 2010, 209-233.

ORELLANA, L. (2000). El programa Sírchal. Una aportación a la revitalización de centros históricos en América Latina y el Caribe. *Gestión Y Análisis De Políticas Públicas*, (19), 135–139. <https://doi.org/10.24965/gapp.vi19.238>

SILVEIRA, AM; OLIVEIRA ALC et al. Inventário do Patrimônio Arquitetônico da Cidade de Herval, Rio Grande do Sul – Brasil. Projeto de Pesquisa. Universidade Federal de Pelotas. 2020. Disponível em <<https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u3115>> [consultado em 27-07-2021]

VIEIRA, SG. A Cidade e seu Centro. Editora Appris, Curitiba, 2020.

VIEIRA, SG. In MESA 3 (palestrante). (Re)pensando os patrimônios das cidades. [Produzido por] Cidades em Transe. Youtube. 18 jun. 2021. 1 vídeo (2:30:14 min). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=juuezxp0kdY> . Acesso em 31 jul. 2021.

ZANIROTO, SH. A restauração do Pelourinho no Centro histórico de Salvador, Bahia, Brasil. Potencialidades, limites e dilemas da conservação de áreas degradadas. *História, Cultura e cidade. Historia Atual Online (HAOL)*, Núm 14 (Outono, 2007), 35-47. ISSN 1696-2060.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras / Política Nacional de Extensão Universitária. 2012. Partes 4 e 5, p. 28 a 36.

PROJETO “CONVERSAS SOBRE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL”: O USO DE AMBIENTES DIGITAIS PARA A PROMOÇÃO DE ATIVIDADES EXTENSIONISTAS

ROGER FELIPE ROCHA VILELA¹; ANDRÉA LACERDA BACHETTINI²;

¹Universidade Federal de Pelotas – rogervilela5@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – andreabachettini@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em 2020, a pandemia de COVID-19 e a necessidade de distanciamento social para conter o novo coronavírus fizeram muitas instituições ao redor do mundo buscarem novos meios de se conectar com suas comunidades. Foi nesse contexto que a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas (PREC/UFPeL), com o objetivo de agregar e disponibilizar ao público uma série de atividades virtuais de extensão e cultura, criou o site “Tão Longe, Tão Perto”.

Na seção do site “Salas de conversa”, o público pôde acompanhar diversas palestras sobre diferentes temas nas 10 salas virtuais disponíveis.

Nas palestras da “Sala 10 - Conservação em Pauta”, coordenada pela Rede de Museus da UFPeL em parceria com a Associação de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais do Rio Grande do Sul (ACOR-RS), foram apresentados profissionais, trabalhos e instituições envolvidas com a preservação do patrimônio material e imaterial.

As atividades do site “Tão Longe, Tão Perto” foram paralisadas no fim de 2020. Com isso, a “Sala 10 - Conservação em Pauta” também encerrou suas ações. Sua última palestra foi realizada em 7 de dezembro daquele ano.

Em 2021, a Rede de Museus da UFPeL e a ACOR-RS decidiram reeditar a parceria, dessa vez ao lado do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPeL. Assim, a partir da união de esforços dessas três instituições, nasceu o tema deste trabalho: o projeto de extensão “Conversas sobre Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural”.

O projeto, através de suas palestras, busca oportunizar o encontro de sujeitos interessados na preservação do patrimônio cultural, e reunir profissionais autônomos e de instituições museológicas e culturais, professores e estudantes de cursos da área de conservação e restauração de bens culturais.

2. METODOLOGIA

O projeto de extensão “Conversas sobre Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural” é composto por palestras on-line realizadas mensalmente por meio do serviço de webconferência da UFPeL.

Até o momento da produção deste trabalho quatro palestras já foram realizadas. Outra está marcada para acontecer no dia 17 de agosto.

A primeira palestra, intitulada “*Los libros de coro: características y conservación*”, aconteceu no dia 28 de abril e foi proferida pelo professor Dr. Javier Bueno-Vargas, da Universidade de Sevilha. Na segunda conversa, realizada em 31 de maio, a restauradora Cláudia Guanais Fausto apresentou o Setor de Conservação e Restauração do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (UFBA), do qual é coordenadora. No dia 21 de junho, durante a

terceira palestra, o conservador-restaurador Antonio Sarasá expôs o trabalho de sua empresa na centenária sede do Poder Executivo do estado do Rio Grande do Sul. A quarta conversa promovida pelo projeto ocorreu em 12 de julho, na qual a conservadora-restauradora Thais Helena de Almeida falou sobre a construção social do conservador-restaurador no âmbito da Biblioteca Nacional entre os anos de 1880 e 1980.

A quinta palestra do projeto será realizada em 17 de agosto, Dia Nacional do Patrimônio Cultural. Na ocasião, o professor Dr. Andrey Rosenthal Schlee vai explorar em sua fala um conjunto de iniciativas que, antes da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN), contribuíram para a construção de uma ideia de patrimônio nacional no Brasil, e para a proteção de um significativo conjunto de bens culturais.

A escolha dos palestrantes e das temáticas é feita em conjunto pelas três instituições responsáveis pelo projeto: Rede de Museus, ACOR-RS e o Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPel. É atribuição de uma delas encaminhar o convite ao profissional escolhido.

Com o aceite, o material de divulgação é produzido. Nas redes sociais – Facebook e Instagram – da Rede de Museus da UFPel, a primeira publicação informando ao público a realização da palestra é feita 14 dias antes da data do evento.



Figura 01 - Publicação da palestra “A Construção Social do Conservador-Restaurador no Âmbito da Biblioteca Nacional entre 1880 e 1980” no Facebook. Fonte: Rede de Museus da UFPel/Reprodução.

O engajamento do público – formado, principalmente, por pesquisadores, profissionais e entusiastas da área de conservação e restauração do patrimônio cultural – com as publicações é o que as impulsionam. Por meio de curtidas, compartilhamentos, comentários, etc., as informações das palestras alcançam mais e mais pessoas nas redes sociais de forma totalmente orgânica, ou seja, sem o uso de impulsionamentos pagos.

As salas virtuais do sistema de webconferência da UFPel suportam um público de cerca de 100 pessoas. As palestras do projeto são gratuitas e qualquer um pode assistir. Não é exigida inscrição prévia para participar. A presença é registrada por meio do preenchimento de um formulário disponibilizado durante a realização das conservas.

O preenchimento do formulário é de responsabilidade do participante. É através dele que as informações necessárias para a certificação são obtidas pelos organizadores.

Cada palestra possui um mediador – ligado a uma das três instituições responsáveis pelo projeto – e dura, em média, 1h30 (com uma hora para o palestrante e 30 minutos para discussões e perguntas).

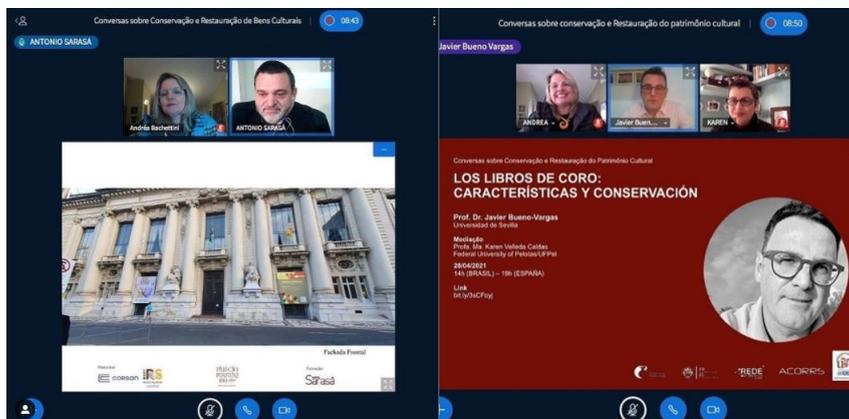


Figura 2 - Capturas de tela de duas palestras do projeto realizadas no sistema de webconferência da UFPel. Fonte: Reprodução.

Após a palestra, os dados dos participantes que preencheram o formulário são verificados, organizados em uma planilha e enviados para o setor da UFPel responsável pela produção dos certificados.

Depois de prontos, os certificados são enviados aos participantes por meio dos *e-mails* informados no formulário.

Dias após a realização de uma palestra, sua gravação é disponibilizada no canal da PREC/UFPEL no YouTube.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Facebook, as publicações das quatro palestras já realizadas obtiveram juntas um alcance – número total de usuários da rede social que viram os *posts* – de aproximadamente 9.280 pessoas (média de 2.320). O total de interações (curtidas, compartilhamentos e comentários) foi de 213.

No Instagram, o alcance foi de cerca de 1160 pessoas (média de 290). O número de interações – curtidas, comentários, compartilhamentos nos *stories* e salvamentos – foi de 296. As impressões (total de vezes que as pessoas viram as publicações) chegaram a 1269, uma média de aproximadamente 317 visualizações por *post*.

A publicação da quinta palestra, marcada para acontecer no dia 17 de agosto, obteve, até o momento da produção deste trabalho, um alcance de 4165 pessoas e 96 interações no Facebook. No Instagram, o *post* alcançou 460 usuários e chegou a 196 interações e 489 impressões.

Os formulários das quatro primeiras palestras receberam um total de 212 respostas. O número real de participantes pode ser superior ao total de respostas recebidas, já que não é possível afirmar que todos os presentes preencheram os formulários disponibilizados pela organização.

Até agora, participaram das palestras pessoas de 29 cidades – Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre, Canoas, Charqueadas, São Leopoldo, Cachoeira do Sul, São Paulo, São José dos Campos, Campinas, Peruíbe, Praia Grande, Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis, Rio Bonito, Belo Horizonte, Abaeté, Ouro Preto, Juiz de Fora, Boa Esperança, Rio Casca, Salvador, Feira de Santana, Recife,

Fortaleza, Belém, Cidade de Goiás, Florianópolis – de 10 estados brasileiros – Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Ceará, Pará, Goiás e Santa Catarina. Também houve participantes de duas cidades da Espanha: Sevilha e León.

4. CONCLUSÕES

Ao realizar discussões sobre a conservação e restauração do patrimônio cultural – material e imaterial – em um ambiente digital, o projeto oportuniza o contato de diversos profissionais, pesquisadores e estudantes com trabalhos de grande relevância para a área, tanto no que tange o mundo acadêmico quanto o mercado de trabalho.

Por último, ao observarmos a amplitude do público, composto por pessoas de diferentes cantos do Brasil e até do mundo, percebemos como ambientes virtuais possibilitam encontros que não seriam possíveis fora deles.

Uma palestra on-line tem o poder de reunir, em um mesmo instante e sem a necessidade de deslocamento, um público com origens e culturas diversas. Algo que, conseqüentemente, amplia as visões presentes nos debates, seja qual for o assunto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Coordenação de Comunicação Social da UFPel. **“Conversa sobre Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural” terá atividade dia 12**. Pelotas, 30 jun. 2021. Acessado em 07 ago. 2021. Online. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2021/06/30/conversas-sobre-conservacao-e-restauracao-do-patrimonio-cultural-tera-atividade-dia-12/>

Coordenação de Comunicação Social da UFPel. **Conversa sobre Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural terá edição especial**. Pelotas, 30 jul. 2021. Acessado em 07 ago. 2021. Online. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2021/07/30/conversas-sobre-conservacao-e-restauracao-do-patrimonio-cultural-tera-edicao-especial/>

Coordenação de Comunicação Social da UFPel. **Rede de Museus promove palestra sobre zeladoria das esculturas do Palácio Piratini**. Pelotas, 16 jun. 2021. Acessado em 07 ago. 2021. Online. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2021/06/16/rede-de-museus-promove-palestra-sobre-zeladoria-das-esculturas-do-palacio-piratini/>

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel. **Tão Longe, Tão Perto - Agenda PREC em apoio ao combate à pandemia Covid-19**. 2020. Página Inicial. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/prectaolongetaoperto/>

Rede de Museus da UFPel. **Palestra aborda o Setor de Conservação e Restauração do Museu de Arte Sacra da UFBA**. Pelotas, 27 mai. 2021. Acessado em 07 ago. 2021. Online. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/2021/05/27/palestra-aborda-o-setor-de-conservacao-e-restauracao-do-museu-de-arte-sacra-da-ufba/>

(RE)CONHECENDO AS MULHERES NA LITERATURA BRASILEIRA: UM PROJETO DE ESTUDO SOBRE AS ESCRITORAS APAGADAS DO CÂNONE.

RÔMULO SCHWANZ DIEL¹; ANGÉLICA GONÇALVES, PAULA SIGRIST CÍCILIATO, JÚLIA MELO DOS SANTOS, TALITA SANTOS PANTALEÃO DA SILVA, GABRIELE OLIVEIRA DA CUNHA²; GABRIELA SEMENSATO FERREIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas – romulo.diel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – angelicagonsalves36@outlook.com, paula.ciciliato@gmail.com
juliasantos.melo1302@gmail.com, talitas561@gmail.com, gabsacunha@yahoo.com.br

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul – gabisemensato@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As mulheres sempre foram apagadas na história, e na literatura não foi diferente. Mesmo muitas tendo produzido um trabalho excepcional em diversas áreas, existe um vasto conjunto de escritoras brasileiras que foram e ainda são omitidas no nosso campo literário por conta de serem mulheres numa sociedade patriarcal.

Com o intuito de mudar esta situação, surgiu a iniciativa, por parte de estudantes de Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), da abertura de um espaço de leitura e discussão de obras literárias brasileiras escritas por mulheres, em especial por aquelas deixadas de lado pela nossa historiografia oficial, como forma de resistência e reconhecimento, levando à criação do Projeto de Ensino “(Re)conhecendo as mulheres da literatura brasileira: um resgate das escritoras apagadas da história”, coordenado pelo Prof.º Dr. Alfeu Sparemberger e com a Profª. Dr. Gabriela Semensato Ferreira como colaboradora externa.

Após uma seleção de textos e autoras, foram produzidos e realizados, de maneira remota, encontros semanais voltados à comunidade acadêmica durante o primeiro semestre de 2021. O projeto, construído em 12 encontros, foi direcionado à apresentação e ao reconhecimento de escritoras do séc XIX e XX, propondo ao grupo a leitura e a discussão de suas obras, englobando diferentes gêneros literários para uma análise mais ampla e variada.

Baseando-nos teoricamente na antologia organizada por MUZART (1999), em que encontramos as escritoras e suas histórias e nos estudos feministas de SCHMIDT (2000), justificando a importância do resgate dessas obras para o rompimento da tradição patriarcal, propomos agora relatar a experiência deste projeto que visou ao reconhecimento das obras dessas escritoras apagadas, uma vez que seus escritos problematizam as vivências e lutas das mulheres diante de períodos de extrema misoginia no país.

O projeto foi construído para ser aplicado na UFPEL pela primeira vez no ano de 2020 de forma presencial, porém devido à pandemia da COVID-19, optamos por não aplicar neste ano e reconstruir de forma remota no primeiro semestre de 2021. Com aulas dinâmicas partindo de metodologias ativas de ensino remoto pela plataforma digital webconf da UFPEL, teve-se adesão de pessoas de diversas idades, cuja participação proporcionou uma grande troca de conhecimentos.

2. METODOLOGIA

Primeiramente, as escritoras foram escolhidas em reunião com o professor coordenador do projeto, com a professora substituta, que posteriormente se tornou colaboradora externa, e pelos ministrantes, estudantes voluntários de Letras do Centro de Letras e Comunicação da UFPel. A seguir, os textos literários e teóricos foram lidos e o planejamento iniciou.

Em linhas gerais, o projeto busca selecionar e pensar no resgate e reconhecimento dessas mulheres segundo SCHMIDT (2000), pela importância da circulação e visibilidade dos seus escritos de forma a trazer uma reflexão histórica das críticas das premissas concretizadas do cânone brasileiro, pressionando por mudanças nas representações dominantes de um sujeito nacional baseado predominantemente nos escritos masculinos, gerando exclusão de diferentes vozes no processo de construção da nacionalidade.

Além disso, é importante ressaltar que, desde sempre, as mulheres foram privadas da sua condição como sujeito histórico, político e cultural, visto que jamais foram imaginadas e sequer convidadas a se imaginarem como parte da construção da nação, tendo seu valor atrelado ao seu gênero.

Partindo desses pressupostos, foi feita uma pesquisa a partir da antologia organizada por MUZART (1999) para a escolha das escritoras para compor os encontros do projeto. De forma a englobarmos uma variedade de gêneros literários, uma diversidade de temas e constituir uma cronologia de publicação de obras, escolhemos as escritoras Delfina Benigna da Cunha (Poemas selecionados, 1834¹), Dionísia Gonçalves Pinto (Direitos das mulheres e injustiça dos homens, 1853), Maria Firmina dos Reis (a escrava, 1887), Narcisa Amália (Nebulosas, 1872), Maria Benedita Bormann (Lésbia, 1890), Júlia Lopes de Almeida (Os porcos, 1906), Emília Bandeira de Melo (A luta, 1909), Patrícia Galvão (Parque industrial, 1933), Míriam Alves (Olhos verdes de esmeralda, 1970) e Conceição Evaristo (Poemas da recordação, 2008).

As aulas do projeto foram expositivo-dialogadas e foram divididas em momentos síncronos com duração de 2 horas e com as leituras das obras e dos textos teóricos de forma assíncrona. Os encontros ao vivo ocorrem na plataforma de Webconferências da UFPel e no Google Meet com a utilização de atividades interativas preparadas pelos ministrantes em aplicativos como Canva, Padlet, Mentimeter, Gartic, Kahoot, entre outros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Projeto de Ensino “(Re)conhecendo as mulheres da literatura brasileira: um resgate das escritoras apagadas da história” contribui não só no reconhecimento das escritoras e aprendizado da comunidade acadêmica, mas também na formação dos estudantes de Letras na área de estudos literários. Este projeto tem como objetivo ampliar a perspectiva dos estudantes em relação às obras de escritoras brasileiras, partindo do pressuposto de que é necessária uma reflexão histórica sobre a importância dessas obras para a construção do país numa perspectiva descentralizada do cânone moldado pela estrutura patriarcal.

As aulas têm o intuito de ensiná-los a reconhecer as características literárias desses escritos, mas também fazer com que os alunos reflitam sobre a

¹ Nome da obra e ano de publicação.

importância do reconhecimento dessas mulheres na comunidade literária brasileira através de discussões sobre a vida das autoras e o seu contexto histórico, explorando esses aspectos através de leitura e discussão.

O projeto foi ofertado de maneira online, o que possibilitou a interação através de diferentes plataformas virtuais com os estudantes, porém alguns problemas como perda de conexão foram recorrentes durante a aplicação dos encontros. Às vezes ocorria instabilidade com a internet dos alunos e professores ou as plataformas ficavam sobrecarregadas, o que resultou em falas cortadas, alunos entrando várias vezes na aula, imagens travadas, entre outros problemas.

Por fim, pode-se afirmar que essa experiência foi muito positiva para ambos os grupos (discente e docente), pois possibilitou a formação dos ministrantes através de recursos digitais e ainda possibilitou aos alunos adquirir autonomia em plataformas digitais e maior senso crítico na leitura de literatura. Sobretudo, todos puderam discutir sobre as obras através da diversificação de abordagens baseadas em metodologias mais ativas.

4. CONCLUSÕES

Pretende-se continuar com o projeto semestralmente mantendo algumas escritoras e apresentando outras que ainda não foram discutidas. Sendo assim, com esses encontros intencionamos ampliar os horizontes reflexivos dos aprendizes, colaborando com a análise de obras de diferentes gêneros literários e não apenas reconhecendo essas escritoras apagadas da história, mas questionando as razões para isso. Com esta experiência, ainda proporcionamos a formação dos alunos de Letras do CLC como professores e pesquisadores de literatura.

Dessa forma, o projeto contribui com uma reflexão histórica e crítica das premissas concretizadoras do cânone brasileiro, visando a leitura dessas obras, uma vez que seus escritos problematizam as vivências e lutas das mulheres para a construção da história da nação.

Em suma, apesar de todas as dificuldades durante esse período remoto, os alunos apresentaram uma boa progressão durante os encontros. Além disso, os estudantes de Letras aprenderam a usar outras ferramentas tecnológicas e as implementaram nas suas aulas, tornando-as mais comunicativas e dinâmicas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia**, vol. 1. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Mulheres reescrevendo a nação**. Estudos feministas, vol. 8, n. 1, 2000, p. 84-97. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9858>>. Acesso em 21 junho. 2021.

TEMPORADA 2021 DO ZERO4 CINECLUBE: PROGRAMAÇÃO CINEMATOGRAFICA DURANTE A PANDEMIA

RUBENS FABRICIO ANZOLIN¹; ANDRÉ DE LIMA BERZAGUI²; LAUREN
MATTIAZZI DILLI³; ROBERTO RIBEIRO MIRANDA COTTA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas - rubensfabricioanzolin@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - a_berzagui@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - laurenmdilli@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - robertormcotta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Zero4 Cineclube é um projeto de extensão do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Foi fundado em 2010 pelos estudantes Renato Cabral, Geisi Xavier e Eduardo Resign, sob coordenação da Profª Ivonete Pinto. Em 2020 passou a ser coordenado pelo Prof. Roberto Cotta, com a colaboração dos estudantes André Berzagui, Lauren Mattiazzi Dilli e Rubens Fabricio Anzolin. Nos últimos 11 anos tem realizado mostras e sessões cinematográficas regulares, que visam contribuir com a formação de repertório da comunidade pelotense. O acesso aos filmes acontece de forma gratuita.

O cineclubismo nasceu no começo do século XX, na França, e só chegou ao Brasil no final dos anos 1920, quando o Chaplin Club foi fundado no Rio de Janeiro (BUTRUCE, 2003). Entretanto, na cidade de Pelotas tal prática só foi consolidada nos 1950, época em que Luis Fernando Lessa Freitas organizou as sessões do Círculo de Estudos Cinematográficos (RUBIRA, 2020). Desde então vários cineclubes foram promovidos, fomentando o contato do público com a produção cinematográfica mundial.

O Zero4 Cineclube possui uma posição estratégica no circuito exibidor local. O projeto tem como intuito levar aos espectadores um cinema não hegemônico, distante das salas de *shopping centers* e das plataformas de *streaming*. Em geral, são exibidas obras independentes que não recebem a devida atenção do circuito comercial, especialmente filmes brasileiros.

Antes da pandemia, as exibições ocorriam no Cine UFPEL, sala de cinema da instituição. Porém, desde o ano passado as atividades têm sido promovidas de maneira remota. No primeiro semestre de 2021 foram realizadas três mostras temáticas e nove sessões, sempre acompanhadas por debates com críticos, pesquisadores e cineastas de diversas partes do país. Toda a programação pode ser acessada através do site oficial <www.zero4cineclube.wordpress.com>.

2. METODOLOGIA

A primeira temporada deste ano cobre um período de exibições entre 6 de abril e 22 de junho. Considerando o pensamento de Servano (s.d), que destaca o papel político e formador dos cineclubes, a curadoria do Zero4 viabilizou mostras temáticas que conectam o cinema brasileiro independente à produção cinematográfica alternativa mundo afora. Nesse viés, as atividades contêm um cunho artístico que coloca em discussão pautas importantes, tais como o feminismo, o abuso trabalhista, a memória e a religião, desenvolvidas através de obras realizadas em países distintos como Brasil, Tailândia, Camboja, Estados Unidos,

França e Japão.

A escolha dos filmes decorreu de um processo colaborativo entre orientador, bolsista e voluntários, mediante reuniões virtuais semanais. Tais encontros permitiram a concepção dos temas, a seleção dos filmes e a distribuição de tarefas, dentre elas a obtenção de direitos de exibição, o convite aos debatedores, a divulgação das atividades e o contato com os espectadores.

Ao todo, cada integrante sugeriu uma temática específica, elencando indicações de obras para comporem as sessões. Cada uma das mostras seguiu à risca pressupostos de inclusão, como a diversidade de raça, gênero e localidade dos cineastas e convidados, no intuito de exercer a função formadora que cabe aos cineclubes (SERVANO, s.d.). Depois da análise das propostas, os curadores discutiram os filmes, chegando ao total de três mostras, sendo cada uma delas formada por três sessões.

Às quartas-feiras a equipe do Zero4 enviava mensagens para a lista de e-mails dos espectadores cadastrados, com informações sobre os filmes da semana, acesso às obras e ao debate. Às terças foram promovidas discussões ao vivo sobre os filmes semanais, com a presença de convidados especiais.

O cineclube também colaborou com a Semana Acadêmica das Artes Visuais da UFPel, participando de um cine-debate sobre o filme *Construção* (2020), curta universitário feito na própria instituição. A temporada contou ainda com a realização da mostra *Só quem vive sabe*, a convite do festival de cinema carioca Semana de Cinema. Nela foram exibidos dois curtas-metragens brasileiros contemporâneos: *As mulheres pensam* (2015), de Talita Araújo, e *Estado itinerante* (2016), de Ana Carolina Soares. Ambos trazem à tona experiências de opressão sofridas por mulheres e as dificuldades enfrentadas por elas em casa e no trabalho, confirmando as preocupações políticas e educativas do cineclube.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Zero4 Cineclube exibiu 18 obras nesta temporada, advindas dos mais variados continentes, divididas em três mostras específicas. Além disso, a presença da comunidade pelotense foi uma constante nos debates, ajudando a estabelecer um elo entre a universidade e as ações extensivas do projeto. Por fim, os debates virtuais foram transmitidos em tempo real e contaram com 624 visualizações até o dia 27 de julho de 2021. O trabalho de divulgação fez com que o cineclube alcançasse 210 inscritos em seu canal remoto. A maioria desses espectadores é formada por estudantes da UFPel e demais moradores de Pelotas.

Assim como em 2020, a programação do Zero4 Cineclube continuou de forma online. A primeira mostra foi denominada *Diante do outro*, composta por documentários que se debruçam sobre a relação entre quem filma e quem é filmado. De modo singular, cada obra revela a intensidade de partilhas e confrontos que brotam do processo criativo dos cineastas e seus entrevistados. As sessões ocorreram entre 21 de abril e 11 de maio. A primeira exibiu os filmes brasileiros

Jardim Nova Bahia (1971), de Aloysio Raulino, e *Theodorico, o imperador do sertão* (1978), de Eduardo Coutinho. O debate recebeu o crítico Eduardo Scorel. Dando sequência, os filmes exibidos foram o britânico *Meeting the man – James Baldwin in Paris* (1970), de Terence Dixon, e o americano *Retrato de Jason* (1967), de Shirley Clarke, acompanhados pelos comentários da pesquisadora Carla Italiano. A mostra foi encerrada com o brasileiro *Di* (1970), de Glauber Rocha, e o alemão *Um filme para Nick* (1980), de Wim Wenders e Nicholas Ray, discutidos pelo professor e crítico Fábio Feldman.

Logo depois, foi iniciada a mostra *A fé é cega*. Entre 12 de maio e 1 de junho foram promovidas três sessões. As exposições trouxeram obras que possuem como ponto de partida a crença na narrativa, sendo ela histórica, oral ou religiosa. O primeiro debate contou com o crítico Adriano Garrett, que discutiu o senegalês *Mossane* (1999), de Safi Faye, e o brasileiro *O viajante* (1999), de Paulo César Saraceni. Já o português *Branca de Neve* (2000), de João César Monteiro, e o americano *A dama na água* (2006), de M. Night Shyamalan, compuseram a segunda exibição e foram comentados pelo cineasta Rodrigo de Oliveira. Por último, a terceira sessão apresentou o tailandês *Objeto misterioso ao meio-dia* (2000), de Apichatpong Weerasethakul, e o japonês *Shara* (2003), de Naomi Kawase, debatidos pela professora Ursula Rösele.

A terceira e última mostra do semestre foi *Criar para não esquecer*. Realizada entre os dias 2 e 22 de junho, trouxe filmes que colocam a memória em primeiro plano e visam pensar o cinema como uma ferramenta de reescrita da história. A crítica Isabel Wittmann comentou a primeira sessão, composta pelo americano *A mulher melancia* (1996), de Cheryl Dunye, e o japonês *Depois da vida* (1998), de Hirokazu Kore-eda. A exibição seguinte apresentou o americano *Capitalismo: trabalho infantil* (2006), de Ken Jacobs, e o francês *Todas as histórias* (1988), de Jean-Luc Godard, comentados pelo crítico João Campos. Encerrando a mostra, a crítica Ana Júlia Silvino discutiu o brasileiro *Konãgxeka: o dilúvio Maxakali* (2016), de Charles Bicalho e Isael Maxakali, e o cambojano *A imagem que falta* (2013), de Rithy Panh.

Ao lidar com um passado composto por lacunas e apagamentos, a invenção se faz presente em todas as obras selecionadas. De acordo com SERVANO (s.d.), “os cineclubes são espaços democráticos, educativos, políticos [...] que contribuem na formação de público, porque não só estimulam as pessoas a assistirem a obras audiovisuais, como também promovem rodas de discussões” (Online). Sendo assim, as exposições e os debates permitiram a ampliação de repertório do público. Através de comentários em tempo real, os espectadores puderam emitir opiniões, lançar perguntas e partilhar ideias com a equipe do Zero4 e os convidados especiais. Tal participação proporcionou o intercâmbio necessário à prática cineclubista e contribuiu para a formação de todas as partes envolvidas.

4. CONCLUSÕES

Em um cenário no qual a ciência tem sido cada vez mais negada, a educação pública sucateada e a produção cultural brasileira desvalorizada, o Zero4 Cineclube permanece exercendo seu papel de incentivo ao debate e à reflexão acerca do cinema e de seus modos de fazer e pensar. Além de atuar na formação dos estudantes de Cinema e Audiovisual da UFPel, o caráter extensionista cria um diálogo com a comunidade pelotense, proporcionando um intercâmbio de perspectivas sobre os filmes assistidos e debatidos.

O funcionamento *online* do projeto permitiu a participação de cineastas, pesquisadores e críticos de cinema de outras instituições e estados do Brasil, concedendo maior visibilidade ao projeto e à própria UFPel. Essa possibilidade auxilia na formação do olhar de cada um dos espectadores, uma vez que a interação abre espaço para a partilha de experiências e pontos de vista diversificados. Ademais, a gravação dos debates tornou-se um material de pesquisa, tendo relevância para a memória do projeto e sendo acessível aos estudos realizados na área.

A proposta de acesso a obras pouco conhecidas pela comunidade pelotense também favorece uma programação com diversidade de raça, gênero e nacionalidade. Essa pluralidade é cada vez mais necessária para perceber como as desigualdades sociais ainda se fazem presentes no meio cultural e o quão rico é o encontro com modos não hegemônicos de realização cinematográfica.

Sendo assim, o Zero4 Cineclube mantém seu compromisso com o papel educacional da Universidade Federal de Pelotas, gerando uma aproximação com a comunidade local. Ao promover sessões de cinema e debates gratuitos, as atividades do projeto são uma oportunidade de formação curatorial dos alunos envolvidos e uma forma de discussão coletiva sobre a arte como um fator de reflexão social e política.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTRUCE, D. **Cineclubismo no Brasil: esboço de uma história**. Revista do Arquivo Nacional, v. 16, n.1, p.117-124, 2003. Acessado em 27 jul. 2021. Online. Disponível em: encurtador.com.br/bcswU.

RUBIRA, L. **O Círculo de Estudos Cinematográficos (parte 1)**. Diário Popular, Pelotas, 11 jan. 2020. Acessado em 27 jul. 2021. Online. Disponível em: encurtador.com.br/arIZ5.

SERVANO, M. **Cineclube: um espaço político, educativo e de formação de público**. Instituto de Cinema, s.d. Acessado em 27 jul. 2021. Online. Disponível em: encurtador.com.br/kpruS.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E PLATAFORMAS DIGITAIS: ALIADAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

TAMIE SOFIA FRONZA CRONST¹; VITORIA RABELO D'AVILA²; LUCIANA BOOSE PINHEIRO³

¹Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – tamiec@ufcspa.edu.br

²Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – vitoriaa@ufcspa.edu.br

³Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – lucianabp@ufcspa.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Os projetos extensionistas presentes nas universidades são desenvolvidos através do contato dialógico entre corpo docente, discente e comunidade, e visam desenvolver ações sociais e de educação. As atividades desenvolvidas tem por intuito cumprir o compromisso de melhorar a qualidade de vida e o bem estar dos cidadãos, ultrapassando as barreiras da sala de aula, ou seja, extrapolando o ambiente restrito da universidade ou da faculdade, o que possibilita uma troca de informações provenientes dessa interlocução (SILVA, 2019).

Nesse panorama, o programa “Contação de Histórias na Promoção da Saúde” da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), existente desde 2009, atua em distintas esferas atingindo diferentes sujeitos. Em primeira instância, no âmbito cognitivo, ao fomentar o imaginário e outras capacidades dos sujeitos atingidos pela ação; em segunda instância, no âmbito cultural, ao oportunizar o acesso à literatura; e, em terceira instância, no âmbito emocional, facilitando a compreensão de sentimentos individuais, ao sentir a arte literária; e, por fim, no âmbito da saúde, fazendo uso dos benefícios gerados pelas artes, tanto para a saúde física quanto mental dos indivíduos atingidos pelas ações.

Por meio da arte e da literatura, o Programa objetiva difundir a perspectiva humanista de cuidado, estimulando a criação de vínculos de confiança entre cuidador (contador) e paciente (ouvinte), fundamental no enfrentamento das situações de doença-tratamento. As ações de contação de histórias relacionam as esferas da saúde e da literatura, enfatizando aquilo que é comum e inerente a ambas: o aspecto humano.

A realidade imposta a todos pela pandemia do novo coronavírus e todas as suas implicações, que incluem a implementação de medidas de distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais nas instituições de ensino, exigiu do Programa diversas reformulações. A principal transformação vivenciada diz respeito à metodologia e ferramentas utilizadas para as contações de histórias, o que fez o Programa expandir seus horizontes, alcançando novos vãos, mas mantendo sempre seu cunho extensionista.

Os seres humanos são capazes de expressar, através da arte, todas as suas individualidades, sejam elas características físicas, sociais ou concepções de mundo. Nesse sentido, a utilização de livros, elementos visuais e de áudio, além de outros recursos artísticos, contribuem para a continuidade da realização do trabalho extensionista à distância.

O principal objetivo do Programa, desde sua criação, é desenvolver ações de extensão que promovam a humanização em saúde, tanto do profissional quanto do paciente, por meio da literatura e da narrativa. As inovações desenvolvidas para o período de enfrentamento à pandemia, com contações gravadas e disponibilizadas

em formato online através do canal Youtube fez o programa expandir sua atuação, oferecendo contações para todos os públicos, tendo como único requisito o acesso à internet.

No último ano, as contações antes realizadas de forma presencial nas instituições de acolhimento parceiras da UFCSPA, passaram a ser realizadas de forma virtual, por meio de encontros síncronos com essas mesmas instituições e, além disso, por meio de vídeos gravados disponibilizados na internet.

Todos os vídeos foram desenvolvidos pelos alunos das disciplinas eletiva e optativa ofertadas pelo Programa e, posteriormente, publicados na plataforma YouTube, estando disponíveis para livre acesso de toda a população. A produção dos vídeos instigou os alunos a aguçar sua criatividade e curiosidade para adequar as histórias ao público escolhido. Nesse sentido, o exercício da curiosidade, segundo Paulo Freire, convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” (FREIRE, 2013).

Diante do exposto, o intuito de acolher as angústias e inquietações dos pacientes e dos familiares em tratamento, acrescido ao atual momento de isolamento social, fez com que o objetivo da nova metodologia fosse focado em proporcionar, aos pacientes e familiares, momentos promotores de conforto e bem-estar, através da contação de histórias. Mesmo diante das dificuldades impostas, o Programa ultrapassou os limites físicos da instituição de ensino, mantendo a missão extensionista: um vínculo benéfico entre a academia e a comunidade.

2. METODOLOGIA

O Programa Contação de Histórias na Promoção da Saúde teve seu início no ano de 2009, atuando principalmente na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Dentre os objetivos do Programa, o principal é desenvolver ações de extensão que promovam a humanização em saúde, tanto do profissional quanto do paciente, por meio da literatura e da narrativa.

Desde sua gênese, o Programa desenvolve atividades acadêmicas presenciais, sendo incluídas nessas: disciplinas eletivas, disciplinas optativas, cursos de formação de contadores de histórias e cursos formadores de voluntários em parceria com o SESC/RS. Ao surgir o cenário pandêmico mundial, o Programa precisou se adequar aos novos protocolos de saúde para que pudesse dar continuidade ao trabalho extensionista.

O ano de 2020 foi marcado por inúmeras readequações no âmbito universitário, fazendo com que o Programa começasse a realizar suas atividades de maneira remota e virtual, via plataformas Moodle e Google Meet. Acrescido as atividades já realizadas, foi desenvolvida uma conta na rede social Instagram, na qual as publicações visam à disseminação e acessibilidade de conteúdos culturais e literários, além da produção de vídeos, realizando contações de histórias para publicação no canal do YouTube intitulado “Contação de Histórias UFCSPA”.

As reformulações ocorridas no Programa proporcionaram uma metamorfose na sua metodologia e na maneira de manter vigente o seu objetivo: proporcionar, aos pacientes e familiares, momentos promotores de conforto e bem-estar através da contação de histórias. A contação de histórias, carro chefe do Programa, assegura a promoção da saúde de forma humanizada e integral, fator de extrema importância diante do momento incerto e vulnerável em que o mundo se encontra. Cabe ressaltar que o ato de contar histórias se caracteriza como uma via de mão dupla, havendo a participação tanto do contador quanto do paciente.

No panorama hodierno, os encontros presenciais deram espaço aos momentos síncronos realizados através da plataforma Google Meet, ministrados pela coordenadora do Programa, Luciana Boose Pinheiro. No decorrer das aulas, diferentes temas são abordados, como: a relação interpessoal entre o contador e o público-alvo; as fases do desenvolvimento humano; os elementos, técnicas e escolha dos livros para contação de histórias; os impactos da pandemia tanto na saúde física quanto mental dos sujeitos e a importância da arte e da literatura na vida de cada indivíduo.

O uso das plataformas digitais, incluído no novo formato do Programa, prevê que os alunos das disciplinas optativa e eletiva desenvolvam vídeos para serem disponibilizados no canal do YouTube. Cada aluno deve gravar, no mínimo, 2 vídeos destinados para cada público: maternidade, pediatria e geriatria. Previamente, ao longo dos encontros síncronos, os alunos realizam planejamentos que posteriormente serão aprovados pela professora ou pelas bolsistas.

A escolha das histórias a serem gravadas devem seguir alguns critérios como: estar disponível na Plataforma Domínio Público, respeitando o direito autoral intrínseco às obras; evitar a estigmatização das personagens, como a beleza das princesas de contos de fadas e os superpoderes dos heróis; e também temas que podem ser sensíveis aos pacientes, como doença e morte. Para além disso, as histórias devem sempre gerar algum aprendizado, seja ele racional ou emocional, tanto para o paciente (ouvinte) como para o graduando (contador).

Ao desenvolver a criatividade e a curiosidade, os alunos podem fazer uso de variados elementos visuais, livros literários, vídeos interativos, fantoches, dedoches, desenhos, marionetes, sacola de histórias, etc. A utilização desses recursos possibilita o estabelecimento de um maior vínculo entre a história, o ouvinte e o contador, aguçando a abstração e o entusiasmo objetivado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades do Programa Contação de Histórias são desenvolvidas desde o ano de 2009 na UFCSPA. Iniciou sua trajetória com o “Curso de Extensão Contação de Histórias em ambiente hospitalar”. Em 2010 foi contemplado com o Edital MEC PROEXT, oferecendo o “Projeto Contação de Histórias em Ambiente Hospitalar: a capacitação do profissional da saúde”. No ano de 2011 foi novamente contemplado com o Edital MEC PROEXT. E em 2012 tornou-se Programa de extensão – Disciplina Eletiva “Contação de Histórias em Ambiente Hospitalar”. Para todas suas atividades, a metodologia é composta por dois momentos: parte teórica e parte prática. A parte teórica é destinada para o entendimento sobre a relação entre Literatura e Saúde, técnicas de contação de histórias, entre outras práticas de humanização em saúde, ministradas nas dependências da UFCSPA e, atualmente, também no formato de ensino à distância. A parte prática, é realizada nos hospitais, Santo Antônio e Santa Clara, do Complexo Hospitalar Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, tendo como público alvo a pediatria, a maternidade e adultos, assim como nas dependências da Casa de Apoio Madre Ana, um vínculo existente desde 2013 e de extremo valor para ambos.

Durante o ano de 2020, foram desenvolvidos projetos de fomento à leitura e divulgação de plataformas de artes gratuitas, para acolher as ansiedades dos indivíduos em situação de isolamento e contribuir para o combate às situações estressoras do confinamento. O projeto intitulado “Me conta qual livro te encanta?” se caracteriza pela divulgação de dicas de livros nas redes sociais do programa Contação de Histórias UFCSPA, no qual foram convidados indivíduos da

comunidade interna e externa da UFCSPA para responder um formulário auto preenchível, com perguntas abertas e fechadas, referentes ao gosto literário e à identidade dos participantes, para posterior divulgação de dicas literárias nas redes sociais do Programa.

Como resultado no âmbito acadêmico, até o momento, 289 alunos de graduação da UFCSPA participaram das disciplinas ofertadas pelo Programa, sendo elas eletivas ou optativas, obtendo êxito em todos os critérios avaliados. No ano de 2020, já no formato de ensino remoto Ead-Em adotado pela Instituição, foram oferecidas duas disciplinas, sendo uma eletiva e uma optativa, atingindo um total de 17 acadêmicos.

Os acadêmicos do ano de 2020 desenvolveram suas atividades virtualmente, por meio de contações de histórias síncronas para a Casa de Apoio Madre Ana e vídeos, desenvolvidos e gravados pelos alunos, para o canal do Programa no YouTube. Atualmente, o canal possui 27 inscritos e gerou um total de 7.100 impressões. Já foram publicados 44 vídeos que atingiram 914 visualizações até o momento. Vale ressaltar que todos os dados foram retirados das estatísticas geradas pela plataforma YouTube.

4. CONCLUSÕES

Baseado nos dados obtidos, é possível constatar que o Programa tem cumprido e ampliado os objetivos criados desde sua gênese, a despeito de todas as dificuldades geradas pelo isolamento social imposto pela pandemia do novo coronavírus. Os resultados foram alcançados principalmente pela inserção de novas tecnologias, que modificaram a estrutura do histórico ato de contar histórias, contudo, sem modificar sua simbologia e efetividade.

Os intuitos principais: proporcionar conforto nas situações de saúde-doença e promover o acesso a literatura e cultura, têm sido cumpridos com êxito, por meio do incremento diário do alcance dos produtos gerados que objetiva atingir o maior número de pessoas possível, afinal, a arte deve ser acessível a todos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

SILVA, I.A. Contribuições da Extensão Universitária na formação dos alunos em faculdades privadas de Teresina-PI. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN CIENTÍFICA EN LA EDUCACIÓN**, 3., Assunção, 2019. Anais eletrônicos. Asunción, Paraguay.: Facultad de postgrado, 2019. p.10.

ESTUDO SOBRE OS CÓDIGOS CULTURAIS POMERANOS: EXPERIENCIANDO A PESQUISA NO LABORATÓRIO DE ESTUDOS AGRÁRIOS E AMBIENTAIS-LEAA

TIEISSA FONSECA DA SILVA¹; GIANCARLA SALAMONI²

¹Universidade Federal de Pelotas – tieissa_3@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gi.salamoni@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA) ancora projetos e ações de ensino, pesquisa e extensão e é constituído por uma equipe de professoras-pesquisadoras e estudantes – bolsistas e não bolsistas –, orientandos/as de graduação e de pós-graduação, especialmente dos cursos de Geografia e de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. A principal marca da produção acadêmico-científica do grupo envolvido neste projeto está em sua associação a temáticas pertinentes ao mundo rural (MENASCHE; SALAMONI, 2020).

Nesse contexto, vem sendo construída a presente pesquisa que trata de integrar as relações entre a investigação acadêmica, em sua interface com a comunidade, a partir do diálogo e trocas de saberes e experiências sobre os códigos culturais pomeranos na Serra dos Tapes e no Município de Canguçu.

O trabalho se propõe a analisar o processo de imigração pomerana na tentativa de caracterizar os códigos culturais – materiais e imateriais – e as expressões desses sobre o território.

Atualmente, os códigos da cultura pomerana fazem parte da configuração do território canguçuense devido à presença de número expressivo de descendentes e de suas famílias, tanto nos distritos rurais do município, quanto em sua sede urbana. Historicamente, devido à extensão territorial do município e da baixa ocupação populacional, os descendentes de pomeranos acabaram se instalando de forma mais isolada de outros grupos étnicos, principalmente, nas áreas rurais. Esse contexto histórico e geográfico, possibilitou a permanência de códigos culturais entre as famílias de descendentes de pomeranos, pois a organização espacial em pequenas propriedades, marcadas pelo trabalho familiar e pelas relações de parentesco e vizinhança representam características de continuidade na cultura.

Diante do exposto, justifica-se o estudo sobre os marcadores culturais da etnia pomerana no município de Canguçu, para a compreensão da construção e da caracterização territorial, com ênfase nas singularidades dos territórios a partir dos processos construídos por intermédio da imigração e colonização ao longo do tempo e no espaço.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada a a pesquisa bibliográfica e documental, principalmente em livros, teses, dissertações e monografias, que fazem parte do acervo do Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais. e serviram de fonte de consulta para

construção do referencial teórico da pesquisa. Em etapa posterior será realizada pesquisa de campo, para realização de entrevistas, levantamento fotográfico e georreferenciamento de marcadores culturais materializados no território. Esta pesquisa está em andamento e faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de colonização da região da Serra dos Tapes foi dificultado por conta de suas áreas de vegetação de mata e terreno irregular, com presença de rochas, sendo uma área de difícil acesso e poucos meios de sobrevivência.

A partir de 1850, o Governo Brasileiro procurou uma maneira de povoar as terras inóspitas da região da Serra dos Tapes, como forma de resolver conflitos com os indígenas que existiam no território e consolidar fronteiras internacionais, por se tratar de uma área de divisa com outros países. Segundo Bahia (2011, p.08), "[...] a colonização estrangeira era imaginada como um tipo de processo civilizador que podia pacificar os índios e transformá-los em mão de obra útil [...]".

Como uma tentativa de fugir da crise econômica que assolava seu país, famílias de pomeranos migraram para o Brasil, para estados como Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A imagem de uma terra de fartura, que podia proporcionar uma vida boa e tranquila, propagada pelo governo imperial brasileiro e pelos agentes colonizadores estimularam os imigrantes a deixar sua terra natal, a Pomerânia, para recomeçar um novo projeto de vida no Brasil.

Ao chegarem nas terras prometidas a eles, os colonos perceberam que a situação não era como se esperava. As terras da colônia ficavam localizadas em áreas de relevo acidentado e de mata virgem, dando poucas condições para que eles trabalhassem nelas. As colônias foram se formando lentamente com a mão de obra dos imigrantes e as poucas ferramentas que possuíam. Os lotes eram divididos em 48 hectares, ficando as famílias mais pobres e as viúvas com seus filhos com lotes de metade do tamanho.

No início, os imigrantes plantavam apenas para o autoconsumo, pois tinham pouca terra para plantio e ferramentas. Com o tempo, eles foram desmatando mais áreas para plantar, e conseguiram produzir o suficiente para fazerem troca por ferramentas, vestuários, objetos de uso pessoal e doméstico e alguns outros alimentos que não produziam

Os imigrantes pomeranos implantaram na região da Serra dos Tapes um tipo de organização agrária diferente da grande propriedade monocultora. O espaço agrário das colônias esteve marcado pela presença da agricultura familiar, produzindo vários tipos de cultivos e criatórios animais, em pequenas áreas. Isso demonstrava um caráter independente dos colonos, pois não utilizavam mão de obra externa e possuíam uma certa autonomia econômica.

O sentimento de que pertenciam a uma mesma comunidade, por causa do parentesco ou por terem o mesmo passado e origem, levou a criação de várias associações que visavam a manutenção da cultura pomerana no território colonizado, onde foram construídas várias igrejas, escolas e outras associações, como coral comunitário, grupos de danças folclóricas e clubes de tiro para manter o convívio e a transmissão recorrente de seus traços culturais. (SALAMONI, 2001)

O território da Serra dos Tapes foi intensamente modificado após a colonização europeia não portuguesa, devido a necessidade de adaptação para que os colonos pudessem habitar e produzir neste território que ainda era de mata

virgem. Os imigrantes e seus descendentes imprimiram no território suas particularidades de organização social, cultural e econômica, como o tipo de propriedade e produção e até mesmo o seu modo de vida.

Canguçu é caracterizado pela forte presença da cultura pomerana que ainda hoje perpassa de geração em geração entre os descendentes e se difunde sobre todo o território e população canguçuense. E, nos dias atuais, devido às heranças culturais pomeranas, o município se organiza em pequenas propriedades rurais características da agricultura familiar com a prática da policultura, sendo hoje reconhecido como Capital Nacional da Agricultura Familiar (SENADO NOTÍCIAS, 2020).

Assim como a organização espacial, há outros elementos herdados do povo pomerano e que ainda estão presentes no município de Canguçu e na região da Serra dos Tapes. As festas, os ritos de passagem, a culinária, a arquitetura, a religiosidade e a língua são alguns exemplos de códigos culturais pomeranos que permanecem no território.

A língua pomerana, que antes era falada no seio das famílias e nas escolas, estava desaparecendo. Foi necessário que as escolas também buscassem resgatar este importante código da cultura pomerana para que ele não sumisse de vez. Hoje em dia, já existem escolas que oferecem esta língua como disciplina obrigatória, como a escola E.E.E.M. João de Deus Nunes, no município de Canguçu, que também possui um grupo de dança que reproduz as manifestações artísticas da cultura pomerana.

O código cultural sobre as práticas culinárias permanece como importante marcador identitário nos territórios onde residem os descendentes de pomeranos. São receitas passadas de geração em geração, sendo absorvidas também pelos descendentes de outras etnias

Alimentos como a batata, carne de porco, ovos, pão caseiro e cuca eram muito utilizados na cultura pomerana. A batata era muito valorizada, sendo preparada de diversas formas. Uma das principais formas é o "Rievelsback", bolo frito feito com batatas raladas bem finas e misturada com farinha de trigo e ovos (KRONE e MENASCHE, 2018).

4. CONCLUSÕES

A cultura pomerana se preservou até os dias de hoje pelo fato deste povo ter vivido isoladamente por várias décadas, não tendo influência de outras culturas sobre a sua. Sendo residentes de áreas rurais, as novas tecnologias e meios de comunicação demoraram mais até chegar nas suas comunidades. Ao adquirirem acesso aos meios de comunicação, estes começaram a influenciar principalmente os jovens, que deixaram de se interessar pelos códigos e valores culturais que lhe eram passados pela família e começaram a adotar novos valores.

Nos últimos anos, percebeu-se como a cultura pomerana estava invisibilizada, pois as novas gerações de descendentes deixaram de reproduzir vários dos marcadores culturais dessa etnia. Diante disso, torna-se necessário aprofundar os estudos sobre os códigos culturais pomeranos, como tentativa de valorização da cultura pomerana para que esta siga viva e sendo passada de geração em geração, preservando o sabor de sua comida e a alegria das festas, o uso da língua pomerana no ensino formal e informal, a religiosidade e sociabilidade das famílias na Serra dos Tapes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, Joana. **O tiro da Bruxa**: Identidade, magia e religião na imigração alemã. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

KRONE, E. E.; MENASCHE, R. Em busca dos valores culturais pomeranos: patrimônio, turismo e consumo ao sul do Brasil. **Studium**. Revista de Humanidades, v. 24, p. 217-242.

MENASCHE, R.; SALAMONI, G. ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO RURAL: A experiência do Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais – LEAA. In: MICHELON, F. F.; BANDEIRA, A. R. **A extensão universitária nos 50 anos da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: UFPel, PREC, 2020.

SALAMONI, Giancarla. A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL – O CASO DA COMUNIDADE POMERANA DE PELOTAS. **Revista História em Revista**, v. 7, p. 25-42, 2001. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/11888/7552>

SENADO NOTÍCIAS. **Projeto reconhece Canguçu como Capital Nacional da Agricultura Familiar**. Redação, 2020. Disponível em:
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/01/13/projeto-reconhece-cangucu-como-capital-nacional-da-agricultura-familiar/#conteudoPrincipal>

A DEMOCRATIZAÇÃO DO CINEMA NO EXTREMO SUL DO BRASIL

VICTOR PINHEIRO RIBEIRO DA SILVA¹; GABRIELLE RODRIGUES PERES²;
TAÍS DOS SANTOS MIGUEL³; GIANLUCCA COELHO COZZA⁴;
RAQUEL ANDRADE FERREIRA⁵

¹Universidade Federal do Rio Grande – victor.pinheiro.798@gmail.com

²Instituto Federal do Rio Grande do Sul – gabrielle.peres@aluno.riogrande.ifrs.edu.br

³Instituto Federal do Rio Grande do Sul – tais.miguel@aluno.riogrande.ifrs.edu.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – gianlucacozza@gmail.com

⁵Instituto Federal do Rio Grande do Sul – raquel.ferreira@riogrande.ifrs.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo “A Democratização do Cinema no Extremo Sul do Brasil”, versa sobre as ações realizadas nos projetos de extensão e cultura do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) - campus Rio Grande, vinculados ao Núcleo de Produção Audiovisual (NPA-OfCINE-IFRS). O NPA surge como um dos resultados do incentivo à produção audiovisual local na instituição que visa acolher tanto a comunidade interna, como, também, o público externo. Sendo separados em três ações: Oficina de Cinema - OfCine, Cine Clube - OfCine e a Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande; os projetos funcionam de maneira conjunta, formando o Núcleo de Produção Audiovisual do IFRS, campus Rio Grande. O Grupo é formado pela professora/coordenadora Raquel Ferreira, dos bolsistas Victor Pinheiro, Gabrielle Peres, Taís Miguel (IFRS) e do bolsista Gianluca Cozza (FAPERGS/IFRS).

O acesso ao cinema, seja ele estrangeiro ou nacional, é de suma importância na formação educacional para o desenvolvimento de estudos culturais, no crescimento de aspectos sensíveis e criativos dos estudantes e também como uma forma de conhecimento didático da sociedade. Desta forma, “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2002, p. 17). Visto que, os variados estilos de produção cinematográfica estimulam a conexão das imagens reproduzidas, dos sons e de contextos sociais, reais ou fictícios. No Brasil, a Lei nº 13.006, de junho de 2014, determina a exibição de filmes nacionais como parte da proposta pedagógica das escolas, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais. Todavia, a esmagadora maioria dos estudantes brasileiros da rede pública não possuem acesso a esse conteúdo, na medida em que a infraestrutura dos locais de aprendizado e a falta de recursos voltados ao incentivo da educação artística, não permitem que isto ocorra.

Portanto, o Núcleo tem como objetivo proporcionar ambientes acolhedores que construam uma relação da educação pública brasileira com o cinema. À vista disso, organizando oficinas de formação, sessões de filmes seguidas de debates críticos e mostras de cinema, facultando aos membros da comunidade o acesso a produções audiovisuais. Consequentemente, fomentando o olhar crítico e artístico dos participantes, além de estimular a participação da comunidade local, democratizando o acesso ao cinema na região.

2. METODOLOGIA

Os projetos de extensão que constituem o núcleo de audiovisual são oriundos de um longo processo de experimentação e formação no IFRS, campus Rio Grande. No ano de 2016, iniciou-se uma convocação à comunidade acadêmica interessada em obter conhecimento acerca de técnicas cinematográficas, este movimento foi desempenhado pelo projeto de extensão intitulado “Oficina de Cinema (Of-Cine)”. Neste processo, são ofertados aulas teóricas e práticas sobre a produção audiovisual, capacitando os estudantes a produzirem filmes independentes e, com isso, propiciando a organização de grupos voltado à criação cinematográfica, popularizando as práticas de cinema no município. Conforme MARQUES; AÍDA (2007, p.57), “o filme é um produto fabricado por pessoas e máquinas. Fazer um filme é, ao mesmo tempo, fabricar um objeto e utilizá-lo como meio de expressão pessoal e propagação de ideias”. Tal citação corrobora com a proposta deste curso de cinema independente, uma vez que une a visão de um papel social do cinema ao seu formato de execução técnica.

A partir dessa iniciativa criou-se uma demanda por um espaço de exposição e debate das obras criadas pelos estudantes e, assim, surgiu o Cine Clube. Realizando sessões de exibições dos curtas metragens produzidos nas Oficinas de Cinema e também de realizações cinematográficas nacionais (curtas e longas metragens). O projeto concede a comunidade um ambiente para discussão dos significados artísticos que cada obra reproduz, acompanhados sempre de estudiosos da área a ser debatida, para maior compreensão e qualificação do evento. Segundo DUARTE; ROSÉLIA (2002), em *Educação & Cinema*:

O contato com filmes produz, num primeiro momento, apenas *imagos* - entendidos aqui como marcas, traços, impressões, sentimentos - significantes que serão lentamente significados depois, de acordo com os conhecimentos que o indivíduo possui de si próprio, da vida e, sobretudo, da linguagem audiovisual.

Sendo assim, potencializando a importância do uso do cinema em um ambiente escolar como meio de narrativa e construção de valores sociais. O projeto ainda conta com o apoio da Universidade Federal de Rio Grande - FURG, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL e com a Secretaria Municipal de Cultura - SeCult.

Por fim, em busca de expandir o alcance dos projetos e intensificar ainda mais a popularidade do audiovisual na região local, formou-se a Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande - que atualmente já está em sua terceira edição. Dentro desta ação, desenvolvida pelo IFRS - campus Rio Grande, acrescenta-se a realização em parceria com a Universidade de Federal do Rio Grande (FURG) e o Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (PPGAV/UFPEL), integrando o projeto 'Narrativas Audiovisuais Contemporâneas: enquadramentos, poéticas e convergências Latino-americanas' (PPGAV/UFPEL) do Grupo de Pesquisa Narrativas Contemporâneas e Estudos Culturais (URI/CNPq), coordenado pela professora doutora Rosângela Fachel. Assim, o projeto é entrelaçado ao Cinemário - Seminário de cinema, construindo um processo de internacionalização com foco no audiovisual da América Latina e em seus

imbricamentos com a indústria audiovisual brasileira, visando dar destaque à produção audiovisual da região, promovendo a exibição de produções latino-americanas (na Mostra) e oportunizando o intercâmbio com artistas e realizadores da região (no Cinemário). Contando com a participação de realizadores e críticos de outros países da América Latina realiza-se sessões comentadas de produções audiovisuais, bem como palestras e mesas, buscando perpetuar a historiografia do cinema de cada país, chegando à produção contemporânea e aos novos formatos audiovisuais, discutidos em suas relações com o contexto regional e global.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira ação iniciou-se com o projeto de extensão “Oficina de Cinema”, em 2016, com o objetivo de fomentar produções audiovisuais na cidade de Rio Grande. Nessa primeira edição, a oficina certificou 11 alunos em uma cerimônia realizada no final daquele ano, a “I Mostra de Cinema OfCine”. A mostra contou com um público de aproximadamente 70 pessoas, na sua maioria, alunos da instituição. No ano seguinte, a oficina encerrou com a criação de 2 curtas-metragens. A produção dos filmes contou também com participantes externos ao IFRS - Campus Rio Grande, sendo colaboradores da Universidade Federal de Rio Grande e da Universidade Federal de Pelotas.

Em 2018, foram certificadas 42 pessoas como alunos que concluíram a oficina. E, no final do ano, foi realizada a “III Mostra de Cinema OfCine e I Cinemário”, sendo este, um espaço de capacitação para os alunos recém formados e a possibilidade de exibir de forma pública suas primeiras produções cinematográficas. O projeto, além de alcançar seu objetivo embasando a importância da produção audiovisual brasileira, também vem estimulando a atuação dos alunos egressos em produções locais, como é o caso do filme “Um Lugar ao Sul” (2018) de Gianluca Cozza (membro da equipe do OfCine), reconhecido em festivais de cinema. Outro exemplo é o ex-aluno Lucas de La Rocha ganhador do prêmio de “Melhor Ator”, em 2019, no *Hollywood Dreams Film Festival III*, festival internacional de cinema ocorrido em Las Vegas, pelo protagonismo no curta-metragem “Levítico 20:13 - A Cura”.

Ainda no ano de 2018, como resultado do OfCine, houve a criação do projeto de extensão Cine Clube, que em sua primeira edição contou com um público de aproximadamente 150 pessoas. Deste então, o projeto passou a promover diversas sessões de cinema seguidas de debates. Dentre as ações mais recentes está a “I Mostra Cine Clube - Cinema e Ditadura”, em 2019, que proporcionou reflexões acerca desse período conturbado da história brasileira. Em 2020, devido a pandemia da COVID-19, foi preciso reinventar a estrutura do projeto, fazendo com que ele ocorresse de maneira totalmente online. E, desta forma, em 2020 foi realizada a “Mostra Existir”, tendo como objetivo, explorar a luta e cotidiano das variáveis existências e realidades brasileiras.

No ano de 2019, com intuito de internacionalizar e ampliar o acesso ao cinema Latino Americano, como já descrito neste trabalho, realizamos a 1ª Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande. Concentrando-se no audiovisual sob a perspectiva decolonial, que tem como marco o manifesto “*Hacia un tercer cine*”, lançado em 1969, pelos cineastas argentinos Fernando Solanas e Octavio Getino. No qual, imbuídos das ideias de Franz Fanon, clamavam pela descolonização do olhar de produtores e espectadores cinematográficos latino-americanos, e

propunham um enfrentamento estético, narrativo e educativo à linguagem hollywoodiana, partindo de perspectivas nacionais e regionais.

Recentemente, no ano passado (2020), o evento precisou ser repensado a fim de adequar-se ao cenário pandêmico. O desenvolvimento de um *website* e a utilização das mídias sociais, foram os caminhos encontrados para a realização da “2ª Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande”. Com isso, o objetivo principal da Mostra naquele ano foi se aproveitar do espaço virtual, para dar visibilidade ao evento, que acontece fora do eixo das grandes cidades. A Mostra teve como abertura o primeiro *Cine Drive-In* de Rio Grande e contou com 12 filmes selecionados pela curadoria do evento, exibidos no *site* da Mostra. Ao mesmo tempo, perpassando todos os dias do evento, aconteceram mostras paralelas com a exibição das produções de apoiadores de diferentes lugares: FRESTA Vídeo Arte, FURG; Vídeo Entre-Linhas, UFSM; CineVersatil, Argentina; FestVerd, Venezuela; Mostra Curtas do Fim do Mundo, Tierra del Fuego (Argentina). O evento que aconteceu entre os dias 9 e 13 de dezembro de 2020, registrou um total de 780 visualizações em suas 3 *lives*, 156 inscrições no *site*, além de aproximadamente 35 carros no *Cine drive-in*.

4. CONCLUSÕES

O Núcleo de Produção Audiovisual pontua como um agente social, oportunizando novas experiências culturais à comunidade, além da valorização do cinema para a cidade de Rio Grande. A disposição de ambientes qualificados voltados às escolas da rede pública com o objetivo da interligação do cinema e da educação, viabiliza um novo patamar ao entendimento do audiovisual como uma fonte de registros históricos e culturais da sociedade. Permitindo uma integração de estudantes em diferentes estágios de suas formações e o crescimento mútuo nas trocas de aprendizado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACERDA, I.; FOLLIS, R. O Cinema como forma de compreender a sociedade e os simulacros de Baudrillard. In: **Congresso de ciências da comunicação da região sudeste**, 21., Salto, 2016.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. Autêntica, 2002.

SILVA, F.B.; ARAÚJO, H.E.; SOUZA, A.L. Consumo cultural das famílias brasileiras. In: SILVEIRA, F.; SERVO L.; MENEZES, T.; PIOLA, F. **Gastos e consumos das famílias brasileira contemporânea**. Brasília, Ipea, 2007. Cap.3, p. 106-141.

MARQUES, Aída. **Ideias em movimento: produzindo e realizando filmes no Brasil**. São Paulo: Rocco. 2007.

GERINO, O.; SOLANAS, F. Hacia un Tercer Cine. **Colección Textos Breves: A diez años de “Hacier un Tercer Cine”**. Primera Edição México: Editado por La Filmoteca de la UNAM, 1982. Disponível em: <https://www.csub.edu/~tfernandez_ulloa/TERCERCINE.pdf>

FORCULTSUL: O SITE COMO FERRAMENTA DE FORTALECIMENTO DAS AÇÕES DE INCENTIVO À CULTURA

YASMIN DE OLIVEIRA GUIDOTTI¹; ADRIANA FELIX DA SILVA²; ANA CAROLINA OLIVEIRA NOGUEIRA³; ELEONORA CAMPOS DA MOTTA SANTOS⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – yasminguidottis@gmail.com

²Universidade Estadual do Oeste do Paraná – adrianafelixsfa@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – anaconogueira@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – eleonoracamposdamottasantos2@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária é de extrema importância para a formação dos estudantes, pois é através das atividades extensionistas que os alunos colocam em prática o conhecimento adquirido dentro da universidade. Além disso, a extensão é responsável por criar o dialogismo entre comunidade e universidade, democratizando o conhecimento obtido na universidade e fazendo com que esse alcance, de forma efetiva, aqueles que não fazem parte do meio acadêmico. Segundo Santos (2010),

Como atividade acadêmica, a extensão distingue-se das demais por constituir um processo metodológico que pergunta pela relevância social do ensino e que procura, por meio da pesquisa, referências objetivas aos problemas reais que envolvem a sociedade.

Porém, por conta da pandemia de COVID-19, as atividades presenciais nas universidades e escolas foram suspensas por tempo indeterminado, o que ocasionou várias mudanças no meio acadêmico. No eixo de extensão, essas modificações aconteceram de maneira significativa, alterando e adaptando o modo como as atividades eram realizadas anteriormente. Dessa maneira, as redes sociais e recursos online surgiram como ferramentas importantes no processo de garantia da continuidade das atividades realizadas pelo núcleo extensionista.

O Fórum de Gestão Cultural das Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras (FORCULT), que atua como uma entidade com o objetivo de promover a articulação entre agentes culturais para propor reflexões, orientações e realização do acompanhamento de políticas culturais e da gestão de cultura nas Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras (IPES), também precisou readaptar seus meios de ação e, dessa forma, o evento regional (ForcultSul) que ocorreu em 2020, foi integralmente realizado na modalidade online. Além disso, foi desenvolvido um site para informar e divulgar acerca do evento.

O site em questão estava hospedado no servidor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Através desse evento, consolidou-se uma maior articulação entre as Instituições Públicas de Ensino Superior da região Sul, fortalecendo também o Forcult em nível nacional. No âmbito regional, as ações pós evento promoveram a consolidação da agenda de reuniões periódicas entre as IES, o que fez com que o grupo identificasse a necessidade de haver um *site* que atuasse também como espaço de divulgação, visibilidade, registro e memória deste movimento de articulação em torno das atividades culturais universitárias no sul do país.

De acordo com Freire (1963), cultura são as formas de comportar-se, os diferentes estilos de fazer arte, as diversas maneiras de comunicar-se com o outro e com o mundo, sendo assim, cultura é toda criação humana. Dessa forma, é impossível separar o sujeito da cultura, e vice-versa, pois há um dialogismo entre ambos. Cultura e sujeito se constituem, se transformam e se acrescentam, de forma mútua e constante. Com isso, ao incentivar e fomentar as atividades culturais nas IPES, o FORCULT busca valorizar e ressaltar o caráter formador, identitário e essencial da cultura.

O presente resumo expandido tem como objetivo mostrar as alterações feitas no site do FORCULT e como esta medida é necessária no atual momento, onde as atividades estão sendo realizadas de maneira virtual.

2. METODOLOGIA

A reestruturação do site foi realizada na plataforma WordPress – sistema livre e aberto voltado para a produção de conteúdo para a internet – e, após diálogos e sugestões das IES envolvidas no processo de reformulação do site, foi identificado que deveria ser adotada uma interface mais contemporânea e característica da região. Com isso, a primeira mudança realizada foi o tema (design) do site, em que buscou-se atualizar para um modelo mais funcional – para as versões mobile e desktop. Em seguida, ocorreu uma alteração na identidade visual do site, retirando a imagem inicial que anteriormente era representada por uma praia e, após o processo de readaptação, foi alterada para a fotografia de sementes de Pinhão, alimento típico da região sul do Brasil.

Além disso, foram realizadas alterações estéticas, textuais e visuais nas principais páginas do site. Anteriormente, havia apenas duas páginas, dispostas no rodapé: uma sobre o evento de 2020 e outra com as IPES integrantes. Com a atualização, as páginas foram movidas para o cabeçalho do site e também houve o acréscimo de páginas com enfoque nos seguintes tópicos: atualização das IPES integrantes, formulário para integrar o FORCULT, retrospectiva dos eventos anteriores e registro de documentos/datas importantes. Com essa mudança, o site ganhou um aspecto mais informativo, atualizado e de fácil navegação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A arte atual foi idealizada e desenvolvida com o intuito de trazer uma identidade visual para o fórum da região sul. A paleta de cores das fontes e da imagem também foi pensada para cumprir funções estéticas e harmônicas que dialogam com a proposta da identidade visual, voltada para representações da cultura sulista. A partir dessa noção, buscou-se fazer com que, ao ter contato com a arte inicial, o receptor identificasse esses elementos que remetem ao FORCULT Sul.



Você não colocou nenhum widget na área de widgets. Vá em Aparência > Widgets e coloque alguns widgets na área de widgets chamada Widgets da Barra Lateral. Esse aviso será exibido para seus visitantes.

Figura I: Modificação realizada no cabeçalho do site
Fonte: Site do FORCULTsul

A página de apresentação das IES integrantes foi modificada em prol de dispor esse conteúdo de forma mais dinâmica e interativa, uma vez que o internauta, ao acessar o site, consegue interagir com os links que direcionam direto para o site oficial de cada uma das IES. Esse recurso faz com que seja mais fácil de obter mais informações acerca das instituições de ensino.



Figura II: Página das IES integrantes do FORCULTsul
Fonte: Site do FORCULTsul

4. CONCLUSÕES

O incentivo à cultura e as atividades culturais é de extrema importância, pois é pela cultura que o sujeito constitui um dialogismo consigo, com o próximo e com o mundo, dessa forma, as ações realizadas pelo FORCULT possuem um caráter não só educacional, mas também formador. Essa forma de encarar o impacto dessas ações se relaciona com o modo de Freire (1963) de pensar cultura, uma vez que o autor defende o ponto de que “a educação trava uma relação dialética com a cultura.”

Após as readaptações realizadas, modificando as atividades presenciais para o modelo online, em consequência da pandemia do COVID-19, os recursos virtuais tornaram-se indispensáveis como fontes informativas. Dessa forma, o site do FORCULTsul é uma ferramenta que atua nessa área, buscando informar e atualizar o público sobre o que vem sendo discutido e realizado nas universidades públicas do Brasil, com o intuito de criar e fortalecer uma cultura de qualidade nessas IES integrantes do Forcult, promovendo assim uma melhor formação aos seus estudantes e também ao público externo que participarem das atividades proporcionadas.

Assim, pretende-se dar continuidade a essas reformulações no site, sendo o próxima ação criar uma aba de inscrição e divulgação do evento regional 2021, que acontecerá entre os dias 24 e 25 de agosto, com o tema “Resistências em movimentos”. O evento acontecerá com o intuito de compartilhar e ampliar, para

as outras comunidades acadêmicas que integram o Fórum Nacional, as discussões desenvolvidas pelas universidades da região sul.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTOS, Marcos. **Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI**: um debate necessário. Revista Conexão UEPG, v. 6, p. 10-15, 2010. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3731/2622>

FREIRE, Paulo. **Conscientização e Alfabetização** – uma nova visão do processo. Revista de Cultura da Universidade do Recife, Recife, n. 4, p. 5-24, abr./jun. 1963. Disponível em: http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br.df/files/est.univ_.pdf

UFPEL. **FORCULTsul**, 2021. Fórum Regional de Gestão Cultural das Instituições de Ensino Superior. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/forcultsul/>